



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

[RE]Housing First

Projeto de adaptação da Quinta do Senhor da Serra ao habitar

GONÇALO IVAN RODRIGUES VIEIRA

(Licenciado em Estudos Arquitetónicos)

Projeto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,
especialização em Arquitetura

Orientação Científica

Professor Doutor José Miguel Mendes Freitas Silva

Júri

Presidente Doutor Pedro Manuel dos Santos Lima Gaspar

Vogal Doutor José Miguel Mendes Freitas Silva

Vogal Doutor João Miguel de Sousa Carvalho Ribeiro da Silva Leite

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, julho 2023

GONÇALO IVAN RODRIGUES VIEIRA
Junho 2023

"Não é mérito menor preservar as heranças" ¹

¹ Inscrição numa porta dentro do Paço da Quinta Senhor da Serra, autor e data desconhecidos.

RESUMO

O presente documento aborda o tema de como o património edificado pode ser adaptado a um novo uso, particularmente ao habitar. Aliado a este tema, surge um programa, existente em Portugal, que define o tipo de habitação, denominado de "Housing First". O programa vê a habitação como um elemento fulcral na reintrodução e reabilitação de pessoas sem abrigo, fornecendo-lhes uma habitação e emprego, surgindo assim o título deste trabalho, "[RE]Housing First".

A tese tem por isso, como objetivo, o de compreender como introduzir uma componente habitacional, de auxílio a pessoas sem-abrigo, em património construído, classificado e não classificado, sem nunca denegrir a sua identidade histórica.

Assim, é realizado inicialmente um estudo sobre conceitos importantes para a formulação de uma proposta arquitetónica responsável, como: memória em arquitetura; património construído, classificado e não classificado; ruína patrimonial; Cohousing, Housing first e reuso adaptativo. Os casos de estudo servem como exemplos de aplicação dos conceitos estudados numa vertente de projeto, servindo assim ponto de partida para o desenvolvimento da proposta de projeto. Os tipos de materiais, organização das habitações, e a forma adapta o património construído a um novo uso são tomados na análise dos casos de estudo.

Complementarmente, a Quinta do Senhor da Serra é o objeto eleito para o estudo e aplicação de um projeto que vá de acordo com o tema estabelecido. Espaço composto por património classificado e não classificado, edificado, em ruína e em bom estado de conservação, a Quinta faz parte de um conjunto de património construído cujas funções estão em constante evolução/mudança.

Sem ignorar o objeto de estudo, é também realizada uma pesquisa sobre a génese das Quintas de Recreio e o seu valor patrimonial atualmente.

Deste modo, o trabalho tem como finalidade demonstrar uma proposta de introdução de um tipo de habitar, de auxílio a pessoas sem abrigo, dentro de um contexto de património construído que respeite as linhas de identidade histórica, servindo-se do estudo de conceitos pertinentes e casos de estudo como base teórica para o desenvolvimento da mesma.

Palavras-Chave

Reutilização Adaptativa; Housing First; Quinta do Senhor da Serra; Memória; Património

ABSTRACT

The present document addresses the theme of how built heritage can be adapted to a new use, particularly for housing purposes. Alongside this topic, a program called "Housing First" is introduced, which defines a specific type of housing for individuals experiencing homelessness. The program views housing as a crucial element in reintegrating and rehabilitating homeless individuals by providing them with housing and employment opportunities. Hence, the title of this work is "[RE]Housing First."

For that reason, the objective of this thesis is to understand how to introduce a housing component, aimed at assisting homeless individuals, into classified and unclassified built heritage without compromising its historical identity.

A study is conducted on important concepts for formulating a responsible architectural proposal, such as: the memory in architecture, differences between classified and unclassified built heritage, heritage ruins, cohousing, Housing First, and adaptive reuse. The selected case studies serve as a starting point for the development of the project proposal. They exemplify the types of materials and housing organization within built heritage. Key concepts for the work's development are summarized at the end of the analyses.

Furthermore, Quinta do Senhor da Serra is chosen as the object of study and application for a project aligned with the established theme. The space consists of both classified and unclassified built heritage and structures ranging from ruins to well-preserved buildings. This place is part of a collection of built heritage where functions are constantly evolving and changing. Additionally, research is conducted on the origins of recreational estates (Quintas de Recreio) and their current heritage value.

Finally, the purpose of this work is to demonstrate a proposal for introducing a type of housing aimed at assisting homeless individuals within a context of built heritage, while respecting the lines of its historical identity, while relying on relevant concepts and case studies as a theoretical basis for its development.

Keywords

Adaptive Reuse; Housing First; Quinta do Senhor da Serra; Memory; Heritage

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer aos meus pais e irmãos, pelo apoio ao longo dos anos, especialmente durante as fases de exames de laboratório de projeto, onde o apoio foi indispensável.

Agradeço ao Professor José Miguel Silva, o orientador desta tese, pela paciência, disponibilidade e apoio na conceção e desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas ao longo destes cinco anos, Toni e Diana, obrigado pela amizade, apoio nos projetos trabalhos académicos.

Por fim agradeço aos meus amigos de Odivelas, pelos anos de amizade e apoio.

ÍNDICE

Resumo/Palavras-Chave	II
Abstract/Keywords	III
Agradecimentos	IV
Índice	V
Índice de Figuras	VIII
1. Introdução	01
1.1 Enquadramento	02
1.2 Objetivos	03
1.3 Questões e Hipóteses	03
1.4 Metodologia	04
1.5 Estrutura	05

2. Conceitos em Debate	07
2.1 A Memória na Arquitetura	08
2.2 Património Edificado	08
i) Definição Geral	10
ii) Organizações de Proteção e Classificação do Património	10
iii) Recomendações de Intervenção em Património	11
iv) Arquitetura e Património Industrial	12
2.3 Ruína	14
2.4 Habitar	15
2.5 Reuso	17
3. Casos de Estudo	21
3.1 Casa Aires- Habitação adaptada a Património não classificado	22
3.2 Convento das Bernardas-Habitação adaptada a Património classificado	24
3.3 La Borda- Habitação em Comunidade/Cohousing	27
4. A Quinta do Senhor da Serra	31
4.1 A Quinta de Recreio	32
i) Passado	32
ii) Presente	33
iii) Futuro	34
4.2 Enquadramento Territorial e Histórico	34
i) Belas	34
ii) Quinta do Senhor da Serra	38

iii) Paço Real de Belas	43
4.3 Estado de Conservação	52
5. Proposta	55
5.1 Área de Intervenção	56
5.2 Programa	57
5.3 Proposta Arquitetónica	58
i) O percurso pedonal	58
ii) O percurso aéreo	59
iii) Fábricas	60
iv) Paço Real de Belas	68
6. Considerações Finais	75
Bibliografia	77
Anexos	83
Anexos I. Documentação/ Registos Históricos	84
Anexos II. Registos Fotográficos	85
Anexos III. Maquetes e Desenhos de estudo	92
Anexos IV. Desenhos da Proposta	102
Anexos V. Maquetes Finais	118
Anexos VI. Paineis Finais	123

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Maquete e fachada principal do edifício (Daniel Malhão)	21
Consultar em: https://www.archdaily.com.br/br/794435/house-in-azeitao-aires-mateus	
Figura 2- Interior da habitação (Daniel Malhão)	22
Consultar em: https://www.archdaily.com.br/br/794435/house-in-azeitao-aires-mateus	
Figura 3- Convento das Bernardas atualmente. (Luís Ferreira Alves, 2012)	23
Consultar em: https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura	
Figura 4- Interior da habitação. (Luís Ferreira Alves, 2012)	25
Consultar em: https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura	
Figura 5- Plantas de habitação	25
Consultar em: https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura	
Figura 6- La Borda. (LLUC MIRALLES)	26
Consultar em: https://www.archdaily.com/922184/la-borda-lacol	
Figura 7- Habitações. (LLUC MIRALLES)	27
Consultar em: https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura	
Figura 8- Carta de Belas, 1803 (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, Direção de Infraestruturas do Exército)	35
Consultar em: https://www.exercito.pt/pt/biblioteca-digital-do-exercito	
Figura 9- Esquema do eixo Verde e Azul.	36
Consultar em: https://sintranoticias.pt/2019/02/27/oeiras-junta-se-a-sintra-na-construcao-do-eixo-verde-e-azul/	

Figura 10- Planta da Quinta com base na Carta Militar 1830, do Instituto Geográfico Português	39
Autoria própria	
Figura 11- Planta da Quinta em 1940 com base nos registos históricos	40
Autoria própria	
Figura 12- Planta atual da Quinta	41
Autoria própria	
Figura 13- Desenho da casa-torre, com base nos registos históricos. Piso térreo à esquerda e piso superior à direita	43
Autoria própria	
Figura 14- Plantas dos pisos térreo, 1 e 2, respetivamente, do Paço. A vermelho, a nova adição	44
Autoria própria	
Figura 15- Foto panorâmica da muralha do pátio interior	45
Autoria própria	
Figura 16- Plantas dos pisos térreo e 1, respetivamente, do Paço. A vermelho, a nova adição.	47
Autoria própria	
Figura 17- Registos fotográficos da Romaria ao Senhor da Serra, nos finais do século XIX.	48
Consultar em: https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico	
Figura 18- Plantas dos pisos térreo e 1, respetivamente do Paço. A vermelho, a nova adição	50
Autoria própria	
Figura 19- Registos fotográficos do piso 1 do Paço.	51
Autoria própria	

Figura 20- Registos fotográficos da Ermida (Rui Rodrigues)	52
Consultar em: http://revistatritao.cm-sintra.pt/images/ebooks/ruirodrigues/PacoBelas_web.pdf	
Figura 21- Registos fotográficos das Fábricas	52
Autoria própria	
Figura 22- Registos fotográficos das casas agrícolas	52
Autoria própria	
Figura 23- Diagrama de Funções de cada edifício da Quinta	56
Autoria própria	
Figura 24- Planta síntese do percurso térreo	57
Autoria própria	
Figura 25- Planta síntese do percurso aéreo	58
Autoria própria	
Figura 26- Implantação das fábricas	59
Autoria própria	
Figura 27- Registos fotográficos das fábricas	59
Autoria própria	
Figura 28- Planta do projeto geral de intervenção nas fábricas	61
Autoria própria	
Figura 29- Corte longitudinal do percurso	61
Autoria própria	
Figura 30- Plantas da pedreira dos pisos 0 e 1, respetivamente	62
Autoria própria	
Figura 31- Planta da pedreira do piso 2	63
Autoria própria	
Figura 32- Planta da britadeira do piso 0	63
Autoria própria	

Figura 33- Imagens conceptuais do conceito "Le Band Actif".	64
<i>Consultar em http://hiddenarchitecture.net/domus-demain/</i>	
Figura 34- Planta e corte de um contentor de habitação	66
<i>Autoria própria</i>	
Figura 35- Exemplo do interior com os mesmos materiais propostos para a habitação	66
<i>Consultar em https://www.a-martins.pt/viroc</i>	
Figura 36- Plano geral de intervenção	67
<i>Autoria própria</i>	
Figura 37- Corte esquemático das funções dos espaços do Paço	68
<i>Autoria própria</i>	
Figura 38- Corte transversal do Paço e da praça 5 de outubro	68
<i>Autoria própria</i>	
Figura 39- Planta piso 0	70
<i>Autoria própria</i>	
Figura 40- Planta piso 1	71
<i>Autoria própria</i>	
Figura 41- Planta piso 2	72
<i>Autoria própria</i>	
Figura 42- Planta piso 3	73
<i>Autoria própria</i>	

REUTILIZAÇÃO ADAPTATIVA DO PATRIMÓNIO

Proposta de introdução de habitação na Quinta do Senhor da Serra em Belas, Sintra

1

INTRODUÇÃO

- 1.1** Enquadramento
- 1.2** Objetivos
- 1.3** Questões e Hipóteses
- 1.4** Metodologia
- 1.5** Estrutura

1.1 ENQUADRAMENTO

2

O presente estudo pretende abordar o tema do reuso adaptativo do património construído, classificado ou de interesse arquitetónico reduzido, como solução à necessidade de habitação para comunidades socialmente desfavorecidas. No âmbito do programa "Housing First", pretende-se criar uma hipótese de ocupação de edifícios existentes reutilizados como espaços de habitação destinada, no contexto teórico, a pessoas sem abrigo.

A intervenção em património arquitetónico e a habitação são temas de crescente relevância e interesse. O reuso contínuo de memórias físicas do passado é visto como uma ferramenta à preservação do significado e símbolo que estes edifícios, devolutos, sem uso e muitas vezes em ruína, comportam.

"A preservação do património arquitetónico e urbanístico são hoje, na Europa, imperativos tanto culturais, como ambientais, ecológicos e económicos." ²

A Quinta do Senhor da Serra surge como um exemplo casuístico no desenvolvimento, discussão e conclusão do tema em questão. Através do seu estudo pretende-se demonstrar uma hipótese de adaptação do património edificado a um novo uso, particularmente o de habitação e mercado. Considerada imóvel de interesse público desde 1943, a Quinta do Senhor da Serra em Belas, está enquadrada no eixo verde do rio Jamor e no centro da relação entre o rio Tejo, Queluz e Belas.

A Quinta é composta por um Paço Real renascentista, uma Casa Agrícola do século XX, o remanescente de uma Ermida neoclássica, um pequeno complexo fabril em ruína e vastos recursos naturais que incluem a mata e duas ribeiras. A Quinta atualmente é utilizada como espaço para eventos, clube de ténis e habitação para os trabalhadores que tratam da manutenção da Quinta.

Para o desenvolvimento da proposta de intervenção foram escolhidas as ruínas da antiga fábrica para acolher um programa de habitação e o Paço de Belas como espaço complementar à fábrica. A ideia de diversificar as hipóteses de reuso de tipologias existentes, a oportunidade de intervir em arquitetura industrial e civil, parece ser uma escolha válida.

As ruínas das fábricas oferecem uma oportunidade única de revitalização e reutilização de um património arquitetónico industrial. A sua condição de ruína

² Aguiar, J. (2018) "Arquitetura, património e projeto de reabilitação" construcaomagazine. Consultar em: <http://www.construcaomagazine.pt/noticias/arquitetura-patrimonio-projeto-de-reabilitacao/>

confere-lhes um carácter histórico e evocativo, além de representar um desafio arquitetónico estimulante.

A ideia de intervir no Paço Real de Belas pretende abordar a dicotomia entre o novo e o antigo, aplicando um programa que deve ser compatível com o edifício existente e, simultaneamente, entregado num sistema de relação entre este espaço e a envolvente. Isto significa que o projeto para o Paço Real deve estar em harmonia com a proposta habitacional, garantindo uma integração adequada entre os diferentes espaços e funções.

Por outro lado, a proposta de intervenção na Quinta tem como objetivo a preservação da vertente pública existente, sendo aliado ao programa de adaptação de habitação o de espaço público destinado aos visitantes, com funções compatíveis com o programa habitacional, planeadas de modo a favorecer quem habita a Quinta. Desta nova intenção pública surgem dois percursos, um térreo, existente, que liga os edifícios propostos a intervenção, e outro aéreo, construído, que surge de uma intenção de tornar pedonável o percurso de abastecimento de água ao Paço. A natureza pública deste percurso construído traz uma nova implicação ao projeto, invertendo a lógica entre o público e o privado em toda a sua extensão.

É proposto o estudo de conceitos como património, memória na arquitetura, ruína, património industrial, reuso e habitar em comunidade (cohousing). Apoiados aos conceitos, são também analisados casos de estudo que os apliquem e que construam uma base teórica para a realização de uma boa intervenção. Do mesmo modo, é realizado um estudo sobre a génese das Quintas de Recreio e subsequente análise do território no qual o objeto em estudo está inserido.

1.2 OBJETIVOS

A investigação e a proposta de projeto têm como objetivo central a criação de uma proposta que introduza uma componente habitacional em património edificado, independentemente de estar classificado ou não. Esta intervenção visa atender às necessidades de pessoas sem abrigo que procuram ser reintegradas na sociedade. Além disso, propõe-se a criação de um modelo habitacional flexível e facilmente adaptável ao contexto do património construído, que cumpra os requisitos mínimos aceitáveis para habitação nos dias atuais.

É fundamental produzir uma solução que concilie a valorização do património edificado com a conceção de moradias adequadas para as pessoas em situação de reintegração. A proposta visa garantir que a intervenção respeite e se integre harmoniosamente com o existente, levando em consideração as características arquitetónicas, históricas e culturais do local.

1.3 QUESTÕES E HIPÓTESES

Será possível introduzir um projeto e programa habitacional dentro de um conjunto classificado como imóvel de interesse público, de modo que este se adapte às exigências genéricas do tempo atual e do tipo de programa proposto, sem desprezar o pré-existente?

Para isso, é necessário realizar um estudo aprofundado dos conceitos mencionados anteriormente, bem como analisar casos de estudo que sirvam de base teórica para o desenvolvimento do trabalho. O património construído deve ser encarado como um espaço em constante renovação de funções, e a proposta de introdução de habitação deve ser vista como uma nova etapa na vida desse espaço, respeitando e valorizando o existente e, acima de tudo, sem comprometer a leitura geral do conjunto.

Que regras/matrizes devem ser seguidas de forma a intervir no património edificado de forma responsável?

No que diz respeito às regras e diretrizes a serem seguidas para uma intervenção responsável no património edificado, existem diversas cartas, tratados e regulamentos estabelecidos por organizações de proteção e classificação do património, como a UNESCO, o ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) e a DGPC (Direção-Geral do Património Cultural), esta última baseada em Portugal. Estes documentos fornecem diretrizes e critérios para orientar intervenções em património, garantindo a sua preservação, valorização e integridade histórica e cultural.

1.4 METODOLOGIA

O projeto foi apresentado na cadeira de Laboratório de Projeto VI, no qual foi proposto o repensar das Quintas de Recreio com o objetivo de reabilitação dos espaços e introdução de um novo volume que represente uma possível evolução da Quinta.

Assim, o projeto desenvolve-se segundo duas componentes paralelas e complementares: a prática e a teórica. A componente teórica consiste na pesquisa de conceitos importantes para a conceção do projeto, como património, reuso adaptativo, habitar e memória na arquitetura, para o desenvolvimento do trabalho. A componente prática consiste em desenvolver um projeto para a Quinta do Senhor da Serra, apoiando-se nos conceitos e análises advindos da componente teórica.

Primeiramente é realizada uma pesquisa sobre os conceitos-chave mencionados, através do estudo de livros, artigos publicados, cartas e regulamentos de intervenção em património. Estes conceitos servem como base teórica de apoio à realização do projeto.

De seguida é realizada uma investigação histórica sobre o objeto de estudo, a Quinta do Senhor da Serra. A pesquisa é realizada a partir da análise de dissertações, artigos e livros que permitem obter um melhor conhecimento tanto da Quinta como da tipologia Quinta de Recreio. Aliada a esta análise é realizada uma visita ao local de intervenção como forma de melhor entender o espaço e a sua envolvente, resultando em desenhos à mão e registos fotográficos de momentos pertinentes para o projeto.

A realização de maquetes de estudo, desenhos de evolução, esboços e representações digitais da Quinta, servem como um ponto de partida para a materialização e melhor entender do espaço geral.

Os casos de estudo surgem como exemplos das diferentes questões teóricas e práticas apresentadas. São analisados de modo a poder retirar dos mesmos possíveis respostas à problemática inicial.

Com a informação recolhida, procede-se à definição de um programa adequado ao lugar. A partir do programa, definir uma solução arquitetónica que responda à problemática inicial, apoiada por esboços, desenhos digitais e técnicos (plantas, cortes e alçados), representações digitais e maquetes de estudo.

Simultaneamente é elaborado e finalizado o documento teórico, juntamente com a solução final da proposta de arquitetónica.

1.5 ESTRUTURA DA TESE

O trabalho está estruturado em seis capítulos complementares, sendo estes um capítulo introdutório ao tema e à problemática inicial, um capítulo de pesquisa dos conceitos pertinentes ao desenvolvimento do trabalho, um capítulo de análise do terreno e objeto de intervenção, um capítulo sobre a proposta arquitetónica e um capítulo final, de reflexão crítica sobre o trabalho desenvolvido. Cada capítulo (exceto o capítulo introdutório e a reflexão crítica) é acompanhado por uma síntese no final de modo a realçar os temas principais e fazer a conexão com o capítulo seguinte.

O capítulo "**Conceitos em Debate**" surge como apresentação e definição dos conceitos-chave usados no projeto. Definições como o que é memória na arquitetura, património e boas práticas de intervenção em património construído são analisadas. Também é explorado o que é o reuso adaptativo, o habitar dentro

de um contexto de cohousing e como este se pode relacionar com o “Housing First”.

No capítulo **“Quinta do Senhor da Serra”** é analisada a tipologia Quinta de Recreio, a sua génese e o estado atual das Quintas de Recreio em Portugal.

Esta introdução à tipologia é seguida de um estudo em maior detalhe do território de Belas, da evolução da Quinta do Senhor da Serra e a relação simbiótica com o crescimento da cidade de Belas. Também é realizada uma análise ao estado de conservação atual da Quinta.

No capítulo **“Proposta”** é definido o programa geral de intervenção proposto e o projeto para a Quinta, representados tanto por escrito como por desenhos e maquetes.

O último capítulo **“Considerações Finais”** serve de reflexão sobre o projeto, se as questões iniciais foram respondidas e se os objetivos foram atingidos.

2

CONCEITOS EM DEBATE

- 2.1** A Memória na Arquitetura
- 2.2** Património Edificado
- 2.3** Ruína
- 2.4** Habitar
- 2.5** Reuso Adaptativo

2.1 A MEMÓRIA NA ARQUITETURA

“Todo objecto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter isso na sua origem um destino memorial. Inversamente, todo artefacto humano pode ser investido de uma função de memória”³

O conceito de memória está em constante evolução. A palavra "memória", derivada do latim "memoria" e está associada à lembrança. Para Augusto Saraiva, o ser humano entende “a memória como um conjunto de funções psíquicas que envolvem fixação, evocação e reconhecimento”.⁴ Esta retenção de informações e o seu acesso permitem o reconhecimento de representações atuais como representações passadas, facilitando assim o processo de aprendizagem e a utilização dessas memórias no presente e no futuro.

Em arquitetura, a memória pode ser definida como a capacidade de um espaço ou edifício evocar uma lembrança ou experiência passada e de promover uma sensação de identificação cultural e continuidade temporal a uma comunidade. Segundo o arquiteto e teórico Christian Norberg-Schulz, a memória é uma qualidade fundamental do “genius loci”, ou “espírito do lugar”, sendo este a essência e identidade de um local. A arquitetura deve, por isso, ser capaz de capturar e expressar esta essência nos seus espaços.

Assim, para compreendermos um espaço, é necessário realizar uma leitura que seja simples e permita a percepção da sua geometria e padrões, como volumes, cheios e vazios, e o traçado presente. Ao observarmos o espaço como um todo, conseguimos formar uma imagem que revela a memória do lugar. “Nesse contexto, a memória é entendida como um instrumento que auxilia no reconhecimento do espaço arquitetónico e na compreensão do grau de abstração geométrica percebida.”⁵

A leitura e compreensão do espaço são influenciadas pela cultura, que contribui assim para a racionalização do espaço. Esse processo é complexo, mas pode ser dividido em partes para facilitar o seu entendimento geral.

No caso das ruínas, a memória do lugar torna-se um instrumento capaz de analisar o que o espaço possa ter sido quando estava completo, a partir do que resta do edificado. Dessa forma, a memória permite imaginar e reconstituir a ruína.

³ Choay, F. (2010), *ALEGORIA DO PATRIMÓNIO*, Edições 70, p. 11

⁴ SARAIVA, Augusto, *op.cit.*, p.149

⁵ PIRES, Amílcar Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal – Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, ed. da “Caleidoscópio”, Lisboa, 2013, p. 137.

De acordo com Pallasmaa⁶, as memórias da pré-infância são uma componente importante para a perceção do espaço, pois os sentimentos despertados nesta fase permitem um entender do lugar que vai para além da sua dimensão física. Ao refletirmos sobre o passado, não nos recordamos apenas das portas e janelas dos espaços que habitamos na infância, mas principalmente das experiências vivenciadas através delas e das sensações que elas nos despertavam a atenção.

De modo a preservar a memória do património construído, é necessário estabelecer limites na intervenção, como será abordado posteriormente. No entanto, é fundamental compreender que cada caso é único, e que apesar disso, existem parâmetros básicos que podem ser tomados em consideração, de uma forma geral. A luz, a cor, a forma, a textura e o ritmo são aspetos que, de forma geral, contribuem para a preservação da memória arquitetónica. O ponto crucial é considerar e avaliar esses elementos caso a caso, de modo a acompanhar as respetivas evoluções, mantendo sempre como objetivo principal a preservação da memória do construído.

Dentro deste contexto, Francisco Gracia⁷ enumera três pontos essenciais para estabelecer uma relação entre o antes e o depois, fortalecendo a memória do construído.

O primeiro ponto é a busca por correspondências métricas, geométricas e proporcionais.

O segundo ponto de grande importância é a reiteração de recursos figurativos ou estilísticos.

Por fim, surge a homologação (aprovação) das escolhas formais por meio do parentesco tipológico.

Em conclusão, a memória desempenha um papel crucial na arquitetura, permitindo o reconhecimento e a preservação do património construído ao longo do tempo. Influencia a nossa perceção dos espaços arquitetónicos e conecta-nos ao passado, ajudando-nos a compreender e a valorizar a história e a cultura que os espaços representam. Ao preservar a memória, garantimos que as gerações futuras possam desfrutar e aprender com o património arquitetónico que nos foi deixado.

⁶ PALLASMAA, J. (1996), "The Geometry of Felling, A Look at the Fenomenology of Architecture", In, Kate Nesbitt, Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory: 196-1995, New York, Ed. Princeton Architectural.

⁷ GRACIA, F. (1992) - Construir en lo construído - La arquitectura como modificacion; Madrid: Nerea,

2.2 PATRIMÓNIO EDIFICADO

i) Definição Geral

“O património arquitetónico, urbano ou paisagístico, assim como os elementos que o compõem resultam de uma dialética entre os diferentes momentos históricos e os respetivos contextos socioculturais (...)”⁸

O conceito de património tem evoluído durante os anos, estando a sua génese associada “às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo”.⁹

Originado na Europa, no século XIX, como forma de preservação de monumentos e edifícios históricos, nesta altura, apenas eram considerados critérios estéticos e históricos, com o objetivo de manter a imagem da nação e memória do passado.¹⁰

Só no século XX é que o conceito de património foi ampliado para incluir não só bens materiais, como também bens imateriais, tais como tradições, culturas e modos de vida. Os critérios de avaliação deixaram de ser somente estéticos e históricos, passando também a ter-se em consideração valores políticos e sociais, que envolvem a participação de uma comunidade na definição do valor patrimonial.¹¹

“O património arquitetónico europeu é formado não apenas pelos nossos monumentos mais importantes, mas também pelos conjuntos que constituem as nossas cidades antigas e as nossas aldeias com tradições no seu ambiente natural ou construído.”¹²

Esta ampliação do conceito de património e nova preocupação com a salvaguarda e preservação de património e bens imateriais, levou a que a UNESCO¹³ realizasse uma convenção para a salvaguarda do património cultural, em 2003.

⁸ UNESCO, Carta de Cracóvia 2000: p.6.

⁹ Choay, F. (2010), *ALEGORIA DO PATRIMÓNIO*, Edições 70, p. 11

¹⁰ Choay, F. (2010), *ALEGORIA DO PATRIMÓNIO*, Edições 70, pp. 12 -13

¹¹ Choay, F. (2010), *ALEGORIA DO PATRIMÓNIO*, Edições 70, p. 146

¹² Conselho da Europa, Carta Europeia do Património Arquitetónico, p.2.

¹³ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Consultar em: <https://conceito.de/unesco>

O património e a sua proteção têm grande importância e impacto na sociedade, como modo de:

1. Preservação da identidade cultural e histórica: O património é o reflexo de vivências e culturas diferentes cuja preservação é fundamental para o seu entendimento;
2. Valorização do espaço público: A boa intervenção em património pode revitalizar o espaço de modo a melhorar a qualidade de vida da população e consequente valorização do espaço público;
3. Desenvolvimento económico: O património pode servir como ponto de atração para turismo cultural, tratando-se este de um setor em crescimento mundialmente.¹⁴

Concluindo, **património** é uma construção social e histórica que está em constante evolução, refletindo as mudanças nos costumes, valores e ideias que constituem uma identidade e memória características de um tempo.

ii) Organizações de Proteção e Classificação do Património

Existem várias organizações que se dedicam a proteger o património cultural e arquitetónico, tais como a UNESCO ou o ICOMOS¹⁵ cuja função é a definição de regras/recomendações de intervenção em património (através de tratados e cartas) e a classificação do mesmo.

Em Portugal existe a DGPC¹⁶, entre outras, responsável pela gestão do património cultural em Portugal continental.

“As suas atribuições passam, entre muitos outros campos de atividade, pelo estudo, investigação e divulgação do Património imóvel, móvel e imaterial, pela gestão do património edificado arquitetónico e arqueológico (...)”¹⁷

A DGPC também é responsável pela classificação do património, isto é, em relação à sua vertente histórica, cultural, estética, social, técnica e científica. Os

¹⁴ Publituris. (2023) “Turismo e património cultural em debate na Portucalense”, *Publituris*. Consultar em: <https://www.publituris.pt/2023/03/27/turismo-e-patrimonio-cultural-em-debate-na-portucalense>

¹⁵ International Council on Monuments and Sites. É uma organização não -governamental mundial associada à UNESCO. É a única organização deste género, que se dedica a promover a teoria, a metodologia e a tecnologia aplicada à conservação, protecção e valorização dos monumentos, conjuntos e sítios.” (ICOMOS PORTUGAL, 2017)

¹⁶ Direção Geral do Património Cultural

¹⁷ DGPC. (2023) “Quem Somos?”. Consultar em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/>

imóveis podem, por isso, ter as seguintes classificações: Monumento Nacional, Imóvel de Interesse Público e Imóvel de Interesse Municipal.¹⁸

A Quinta do Senhor da Serra, como já foi mencionado, trata-se de um Imóvel de Interesse Público.

Segundo o Diário da República Eletrónico, a definição de Imóvel de Interesse Público é a seguinte:

“Um bem considera-se de interesse público quando a respetiva proteção e valorização represente ainda um valor cultural de importância nacional, mas para o qual o regime de proteção inerente à classificação como de interesse nacional se mostre desproporcional (...)”¹⁹

iii) Recomendações de intervenção em património

Foi produzido pelo ICOMOS um documento de “Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitectónico” (traduzido por Paulo Lourenço e Daniel Oliveira), sob o qual se podem identificar várias “linhas-guia” que o projeto de intervenção sob património deve seguir. São referidos “critérios gerais” tais como (Lourenço e Oliveira, 2004):

- “O valor e autenticidade do património arquitetónico não podem ser baseados em critérios fixos (...)”. Ou seja, cada espaço está associado a uma cultura, com herança física que deve ser abordada dentro do contexto cultural a que esta pertence;
- “O valor de cada construção histórica não está apenas na aparência de elementos isolados, mas também na integridade de todos os seus componentes como um produto único da tecnologia de construção específica do seu tempo e do seu local. Desta forma, a remoção das estruturas internas mantendo apenas as fachadas não se adequa aos critérios de conservação.”
- “Uma possível alteração de uso deve tomar em consideração todas as exigências de conservação e de segurança.” Em projetos de atribuição de um novo uso/função, deve-se respeitar todas as exigências de conservação, de forma a respeitar a memória do edifício.

¹⁸ Wikipédia. (2023) “Classificação do património em Portugal”. Consultar em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Classifica%C3%A7%C3%A3o_do_patrim%C3%B3nio_em_Portugal

¹⁹ Diário da República Eletrónico. (2023) “Bem de interesse público (bem cultural)”. Consultar em: <https://dre.pt/dre/lexionario/termo/bem-interesse-publico-bem-cultural>

Estas e outras recomendações têm de ser tomadas em conta na conceção do projeto, cujo objetivo, já referido, é o de respeitar a autenticidade, identidade e memória do património arquitetónico através da adição de novas funcionalidades.

iv) Arquitetura e Património Industrial

A arquitetura e o património industrial são duas áreas interligadas que abordam a preservação e valorização dos edifícios e estruturas relacionados à atividade industrial. Esta forma de património arquitetónico construído ganhou destaque devido à importância histórica, cultural e social.

A arquitetura industrial refere-se aos projetos e estilos arquitetónicos associados a edifícios industriais, como fábricas, armazéns, instalações de produção e outros espaços relacionados à indústria. Esses edifícios são caracterizados por elementos arquitetónicos específicos, como estruturas de aço, telhados altos, janelas amplas, espaços amplos e funcionais, entre outros.

Segundo a TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage), "O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação."²⁰

O património industrial, por sua vez, engloba o conjunto de edifícios, estruturas e instalações industriais que possuem valor histórico, cultural, arquitetónico e tecnológico. Esses locais são considerados testemunhos do desenvolvimento industrial e são preservados como parte da memória coletiva de uma comunidade ou sociedade.

A preservação do património industrial envolve a conservação, restauração e reutilização adaptativa desses edifícios e estruturas, permitindo a sua reintegração no contexto urbano e para que possam assumir novas funções.

Em Portugal, o reaproveitamento da Central Tejo foi dos casos com maior sucesso de reuso do património industrial com adaptação a um novo uso.

²⁰ TICCIH, 2003. Carta de NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL.

2.3 RUÍNA

Segundo o dicionário Infopédia, ruína são os “restos ou destroços de um edifício degradado”.²¹

A presença das ruínas sempre fez parte do quotidiano humano, resultado dos “restos ou destroços” das construções. Elas representam o impacto dominante do tempo e da natureza sobre o edificado. A ruína, na sua essência, é um elemento singular e original, que preserva vestígios do que um dia foi. A sua forma evoca uma ideia arquitetónica do passado, revelando fragmentos da história e memória do lugar, transportando-nos para a época em que foi erguida. No livro *Vocabulaire D'Esthétique*²², Étienne Souriau oferece uma definição de ruína, explorando as causas que levam uma arquitetura a esse estado. Neste livro, é abordada a forma como os agentes naturais podem gerar uma nova morfologia a partir das ruínas, destacando os elementos estruturais mais fortes e revelando uma forma mais simples. A influência da natureza sobre as construções humanas evidencia a ausência do homem e da sua mão nesse local.

Desde os tempos remotos, as ruínas despertam curiosidade e sensibilidade. No entanto, as intervenções nas ruínas têm sido motivo de discordância.

Por um lado, existem os que têm vontade de preservar as ruínas na sua totalidade, como defendiam John Ruskin²³ e William Gilpin²⁴, que as consideravam obras sagradas da natureza.

Por outro lado, os Românticos tinham uma visão oposta, denominando as ruínas como algo desagradável que expunha a fragilidade do país e causava desconforto em relação às novas construções. Para eles, as ruínas representavam a degradação dos valores clássicos, da ideia de perfeição e a perda da funcionalidade arquitetónica.

As perspetivas opostas revelam a complexidade das intervenções em ruínas e como a preservação e a interpretação das mesmas são influenciadas por visões e conceitos distintos. Cabe a cada pessoa avaliar o significado e o valor das ruínas, considerando seu contexto histórico, cultural e estético, a fim de encontrar um equilíbrio entre a preservação da memória e a criação de uma nova forma de apreciação desses vestígios do passado.

²¹ Infopédia. (2023) Consulta em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ruína>

²² SOURIAU, E. (1990) *Vocabulaire D'Esthétique*, Paris, Presses Universitaires de France

²³ Escritor inglês

²⁴ Artista inglês

2.4 HABITAR

O programa "Housing First", originado nos Estados Unidos há mais de 20 anos, tem como objetivo reintegrar pessoas em situação de sem-abrigo na sociedade, proporcionando-lhes habitação, emprego, apoio psicológico e físico. Em Portugal, existem quatro entidades responsáveis por esse projeto:

Em Portugal existem quatro entidades responsáveis pelo projeto:

AEIPS - Associação para o Estudo e Integração Psicossocial;

CRESCER - Associação de Intervenção Comunitária;

GAT - Grupo de Ativistas em Tratamentos;

VITAE – Associação de Solidariedade e Desenvolvimento Internacional.

O habitar é moldado pelas pessoas para quem este é concebido. Neste caso, as habitações são concebidas para pessoas sem-abrigo, com necessidades de reintrodução na sociedade. São pessoas que costumam, na maioria dos casos, viver em isolamento e que por isso é importante que o novo meio para o qual estas serão deslocadas ofereça condições tanto de isolamento como de vivência em comunidade.

O Cohousing e o seu entendimento surgem como peças fundamentais na construção de um tipo de habitar essencial para a vivência em comunidade.

Originado na Dinamarca nos anos 70, com o nome "bofaelleskab"²⁵, traduzido para "comunidade viva", surgiu como resposta a problemas da sociedade pós-industrial. Nos anos 80 difundiu-se para outros países no Norte da Europa e nos anos 90 chegou aos Estados Unidos da América, Canadá e Austrália.

O prefixo "-co" pode aludir a vários termos, como "comunal", "colaborativo" e "coletivo". No entanto, de acordo com Vestbro ²⁶, o objetivo do prefixo era simplesmente o de diferenciar o cohousing do modelo tradicional de habitação. Segundo o autor, o cohousing é uma proposta de habitação que combina espaços comuns e serviços com unidades habitacionais privadas. Com esses elementos em conjunto, é possível criar uma comunidade colaborativa, baseada no espírito de compartilhamento, apoio mútuo e colaboração entre os residentes.

²⁵ Wikipédia. (2023) "Cohousing".

Consultar em:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Cohousing#:~:text=The%20Danish%20term%20bofaelleskab%20\(living,wrote%20a%20book%20about%20it.](https://en.wikipedia.org/wiki/Cohousing#:~:text=The%20Danish%20term%20bofaelleskab%20(living,wrote%20a%20book%20about%20it.)

²⁶ Vestbro, D U. (2014) Cohousing in Sweden, history and present situation.

A variedade de definições para o cohousing levou a interpretações equivocadas do conceito. Vestbro acrescenta que o cohousing está inserido num panorama heterogéneo, muitas vezes inconsciente, não apenas devido à dificuldade de estabelecer limites em relação a outras formas de habitação, mas também devido à falta de um modelo pré-definido. O cohousing pode variar de acordo com diversos fatores, como quem habita, os requisitos impostos por eles, a disposição dos edifícios. Para alguns, o foco pode estar na valorização da componente de compartilhamento, enquanto para outros pode ser a vertente económica ou ecológica ou até mesmo a busca pela solução mais prática para as necessidades diárias. Estes elementos contribuem para o entendimento do habitar dentro do modelo cohousing.

No entanto, é importante destacar que o cohousing é sempre entendido como uma alternativa às habitações convencionais.

“Cohousing é um movimento que cresceu diretamente da insatisfação das pessoas perante as escolhas existentes de habitação e inspira-se nas pequenas cidades e vilas tradicionais onde há um ambiente mais conectado entre pessoas e cujos interesses se baseiam em recursos partilhados e no bem comum.”²⁷

Embora o termo "cohousing" muitas vezes remeta à observação física dos elementos que o compõem, caracterizando e dando forma aos espaços comuns e privados, Durrett ²⁸argumenta que há algo mais por detrás do conceito. Para o autor, o cohousing está relacionado com uma forma muito específica de partilhar espaços e serviços, funções e infraestruturas dentro do mesmo ambiente doméstico. Não se trata apenas da convivência em espaços comuns, mas sim da participação no uso, envolvendo a partilha de momentos parciais da vida quotidiana e doméstica de cada indivíduo.

O cohousing é uma forma de vivência em comunidade, que consegue manter a privacidade de cada habitante e consegue atribuir um sentido de comunidade e partilha entre habitantes que o sistema habitacional normal não tem. O processo ocorre de forma voluntária, participativa e independente. ²⁹

²⁷ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. (2011) – Creating Cohousing: Building Sustainable Communities. Canada: New Society, p.8.

²⁸ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. (2011) – Creating Cohousing: Building Sustainable Communities. Canada: New Society.

²⁹ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. (2011) – Creating Cohousing: Building Sustainable Communities. Canada: New Society.

2.5 REUSO

A Europa está repleta de construções, incluindo edifícios protegidos pelo património histórico e aqueles com valor arquitetónico e histórico moderado ou limitado. Durante anos, a abordagem comum em relação ao tecido construído foi o de conservar a aparência original dos monumentos protegidos o máximo possível e substituir outros edifícios por novas construções quando se tornassem inúteis, estruturalmente instáveis ou antiquados.³⁰

“By separating heritage from development, Europe is in danger of becoming a museum frozen in the past and losing its potential for development and innovation.”³¹

No entanto, na última década, essa abordagem tem vindo a mudar. O reuso de todos os tipos de edifícios e locais está-se a tornar cada vez mais importante como estratégia urbana, arquitetónica e de conservação. As razões para essa mudança de abordagem são múltiplas.

Por um lado, a crescente densidade do tecido construído limita as oportunidades para novas construções; e os edifícios que poderiam sofrer alterações encontram-se protegidos pelas cada vez mais restritas regras de proteção de património, sendo as únicas intervenções possíveis a de restauro ou conservação.

Por outro lado, a necessidade atual de padrões de desenvolvimento sustentável rejeita demolições em larga escala em favor da transformação do que já está presente, garantindo assim um tecido construído mais sustentável em termos ecológicos e socioculturais.

O reuso adaptativo baseia-se nas palavras "adaptação" e "reutilização". O termo refere-se explicitamente a mudanças que envolvem uma componente funcional e física.

Segundo a Carta de Burra, “Adaptação significa a modificação de um sítio para cumprir com o uso existente ou com um uso proposto”³²

Reuso adaptativo representa o processo de conservação através do restauro e da adaptação a um novo uso de um edifício ou sítio que, despromovido da sua função original, é suscetível a abandono ou demolição.

³⁰ Plevoets, B., & Van Cleempoel, K. (2019). Adaptive Reuse of the Built Heritage: Concepts and Cases of an Emerging Discipline (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315161440>

³¹ Plevoets, B., & Van Cleempoel, K. (2019). Adaptive Reuse of the Built Heritage: Concepts and Cases of an Emerging Discipline (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315161440>, p.1

³² ICOMOS, 1999, Carta de Burra. Consultar em: http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/BURRA_CHARTER.pdf

Articulado a este conceito, surge o conceito de uso compatível

“Uso compatível significa um uso que respeita o significado cultural de um sítio. Esse uso implica nenhum impacto, ou um impacto mínimo sobre o significado cultural.”³³

Segundo a Carta de Burra, significado cultural é “o valor estético, histórico, científico, social ou espiritual para as gerações passadas, atual ou futuras” e sítio como “o lugar, área, terreno, paisagem, edifício e outras obras, grupo de edifícios ou de outras obras, e pode incluir componentes, conteúdos, espaços e vistas”

O uso compatível é por isso, uma abordagem que visa uma maior preservação do caráter histórico dos edifícios. O uso compatível refere-se à utilização de um edifício existente de maneira que este seja compatível com a sua função original, preservando a sua integridade e caráter do edifício.

Em ambos os casos, o reuso pode ocorrer de duas formas, segundo um estudo realizado por Peter Love e Peter Bullen.

Uma em que o espaço interior necessita de ser completamente reorganizado e reconstruído para acomodar as necessidades e exigências atuais.

Ou pode existir uma intervenção mínima, onde simplesmente se dá a mudança de função do edifício.³⁴

“Adaptive reuse involves converting a building to undertake a change of use required by new or existing owners.”³⁵

Para além disso o reuso traz vantagens relacionadas com o reuso dos materiais (diminui-se o desperdício de materiais e há menos poluição por se evitar uma fase de construção mais prolongada) e redução de custos de construção.

³³ ICOMOS, 1999, Carta de Burra. Consultar em: http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/BURRA_CHARTER.pdf

³⁴ Bullen e Love, 2011, “*Adaptive reuse of heritage buildings*”, p.412. Consultar em: <https://www.emerald.com/insight/publication/issn/0263-080X>

³⁵ Bullen e Love, 2011, “*Adaptive reuse of heritage buildings*”, p.412 Consultar em: <https://www.emerald.com/insight/publication/issn/0263-080X>

Sinopse

A proposta insere sobre um complexo considerado imóvel de interesse público, pelo que, o estudo destes conceitos é essencial. É preciso assumir a memória e o património como dois conceitos interligados e em constante evolução, essenciais na arquitetura. A preservação da memória e do património construído garantem uma compreensão e valorização de espaços que nos permite conectar ao passado. Esses espaços podem tanto ser edificados como ruínas, que são restos de edifícios degradados que representam vestígios do passado. Uma das formas de intervenção que tem vindo a ganhar força nos últimos anos é o reuso, que se caracteriza por adaptar um novo edifício a um novo uso, promovendo a sustentabilidade e preservação do património histórico e arquitetónico.

Esta intervenção tem como objetivo a introdução de habitação para pessoas sem abrigo, que necessitam de cuidados especiais, seguindo o modo de habitação Cohousing, definido pelo tipo de vivência em comunidade, onde cada pessoa tem uma habitação própria, com a partilha de espaços de confeção, lavandaria, etc.

Definidos assim os conceitos pertinentes para a investigação, é preciso ver estes conceitos postos em ação, através da análise de casos de estudo que refletem os valores atrás mencionados.

3

CASOS DE ESTUDO

- 3.1** Casa em Azeitão- Habitação adaptada a Património não classificado
- 3.2** Convento das Bernardas-Habitação adaptada a Património classificado
- 3.3** La Borda- Habitação em Comunidade/Cohousing

3.1 CASA EM AZEITÃO- HABITAÇÃO FAMILIAR ADAPTADA A PATRIMÓNIO NÃO CLASSIFICADO

Data de construção: Desconhecida

Data de intervenção: 2003

Localização: Azeitão, Portugal

Arquitetos: Aires Mateus

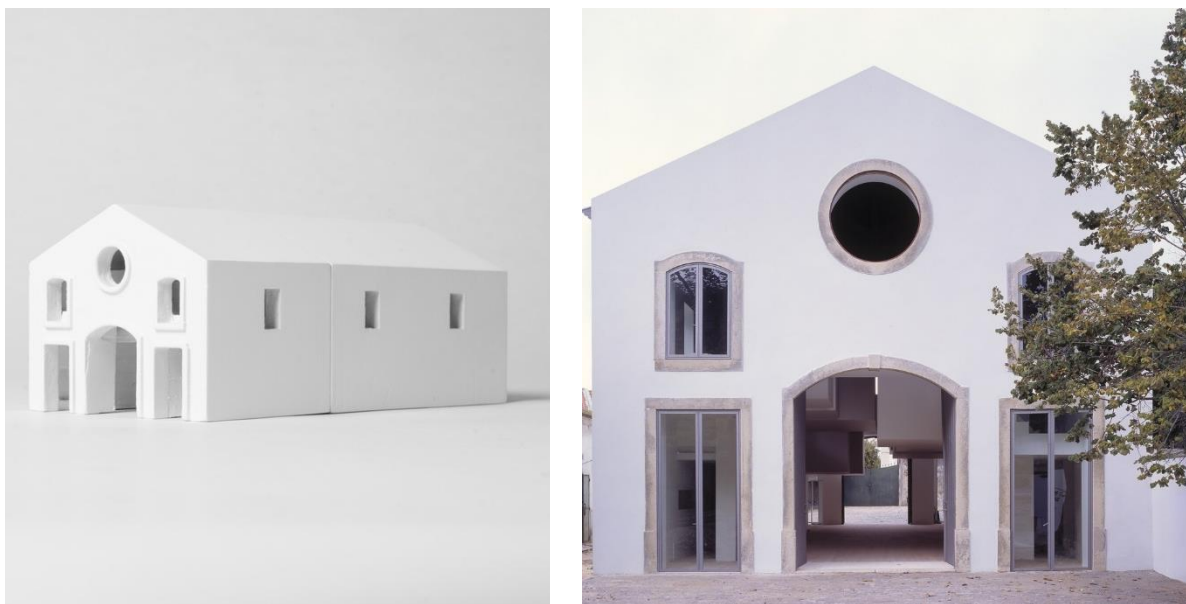


Figura 1- Maquete e fachada principal do edifício (Daniel Malhão) Consultar em: <https://www.archdaily.com.br/br/794435/house-in-azeitao-aires-mateus>

Com o intuito de recuperar um antigo armazém de vinhos, o projeto propõe um programa que introduz habitação sem se perder a memória e valores do espaço. A leitura global do edifício é mantida, sendo os vãos, as paredes espessas e o espaço os principais valores denominados pelos arquitetos.

A casa é composta por três volumes retangulares de diferentes tamanhos, interligados por pátios e passarelas. O interior da casa é marcado por espaços amplos e abertos, com paredes brancas e piso em madeira clara. Os grandes vãos pré-existentes permitem entrada de luz e marcam uma relação com o exterior já existente. Segundo os arquitetos, "a introdução de volumes neste interior relaciona-se com a luz e pretende "modular" o espaço principal da sala enfatizando as suas características originais".³⁶

³⁶ Aires Mateus, 2016

Os espaços mais privados, quarto, instalações sanitárias e escritórios encontram-se dispostos dentro dos volumes, enquanto a sala/circulação se encontram definidos pelos limites dos volumes, no piso térreo.

Em termos de materialidade, os três volumes são de estrutura metálica revestidos por uma camada uniforme de gesso branco.

Concluindo, há uma clara preocupação para se manter “viva” a memória do edifício, tendo sido apontados aspetos marcantes na definição da identidade do armazém (vãos, paredes espessas e espaço). Os materiais escolhidos para a intervenção enaltecem as características do pré-existente. Houve um reaproveitamento da estrutura original dentro da nova proposta, servindo como um elemento marcante do projeto e como um testemunho do passado, nunca alterando assim a leitura geral do edifício.



Figura 2- Interior da habitação (Daniel Malhão) Consultar em: <https://www.archdaily.com.br/br/794435/house-in-azeitao-aires-mateus>

3.2 CONVENTO DAS BERNARDAS- HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR ADAPTADA A PATRIMÓNIO CLASSIFICADO

Data de construção: 1509

Data de intervenção: 2006

Localização: Tavira, Portugal

Arquitetos: Eduardo Souto de Moura



Figura 3- Convento das Bernardas atualmente. (Luís Ferreira Alves, 2012) Consultar em: <https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura>

Mandado construir por D.Manuel I em 1509 na cidade de Tavira, o Convento das Bernardas representa um projeto importante e “singular em todo o Algarve”³⁷

Já foi um Mosteiro, uma fábrica e hoje serve de habitação. A intervenção projetada pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura pretende “fugir” às intervenções que normalmente se associam a estes espaços, como pousadas, hotéis, museus, decidindo incorporar habitação.

“Geralmente associa-se estas pedras a programas como pousadas, hotéis, museus, centros culturais...; mas não há cultura que chegue para tanto Património.

Desta vez fomos diferentes..., e porque não fazermos casas?”³⁸

O projeto está dividido em dois tipos de intervenção, de construção nova e de intervenção/recuperação do edificado existente. As novas edificações (21 casas) estão dispostas em “L” ao longo do trecho leste de terra entre o convento e as salinas. Aproveitando-se o desnível entre estas duas plataformas, colocam-se habitações unifamiliares geminadas com terraços, no que antes era o pomar do Convento. Em termos de materialidade, foi escolhida estrutura metálica com móveis revestidos em madeira. Existe uma clara intenção de se conjugar o existente com o construído.

Dentro do Convento, são definidas 57 habitações distribuídas pelas alas do edifício. Na torre, as infraestruturas do convento são mantidas (paredes de pedra, pavimentos de pedra ou tijolo e abóbadas de tijolo). Existe um grande pátio que é dividido em duas áreas: a Norte, uma praça pavimentada com quatro árvores como lembrança aos antigos claustros e a Sul, uma piscina que se inspira nos tanques também localizados a Sul. A intervenção para criação de habitações é minimalista, sem grandes mudanças na estrutura dos espaços, com tons brancos e madeira clara a dominar. Cada habitação tem diversos armários de apoio, um espaço de estar comum, um privado e uma de higiene. É de notar que existe uma ideia de efemeridade na escolha dos materiais e na forma como a intervenção é planeada.

Concluindo, a nova adição ao projeto não entra em conflito com o pré-existente, pelo contrário, é fruto de um estudo aprofundado do edifício que resulta numa adição equilibrada entre o Convento e a envolvente. Mais, a memória esteve sempre presente na conceção do projeto. Por exemplo, as árvores do pátio como lembrança dos antigos claustros ou a piscina inspirada nos tanques pré-existentes. A intervenção minimalista nas habitações e conseqüente escolha de

³⁷ Espaço Arquitetura. (2020) Consultar em: <https://espacodearquitetura.com/projetos/convento-das-bernardas/>

³⁸ Archdaily. (2015) Convento das Bernardas/ Eduardo Souto de Moura. Consultar em: <https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura>

móveis e tons de cor simples servem como marcadores de uma nova intervenção que não se impõe ao existente, mas que trabalha com o mesmo.

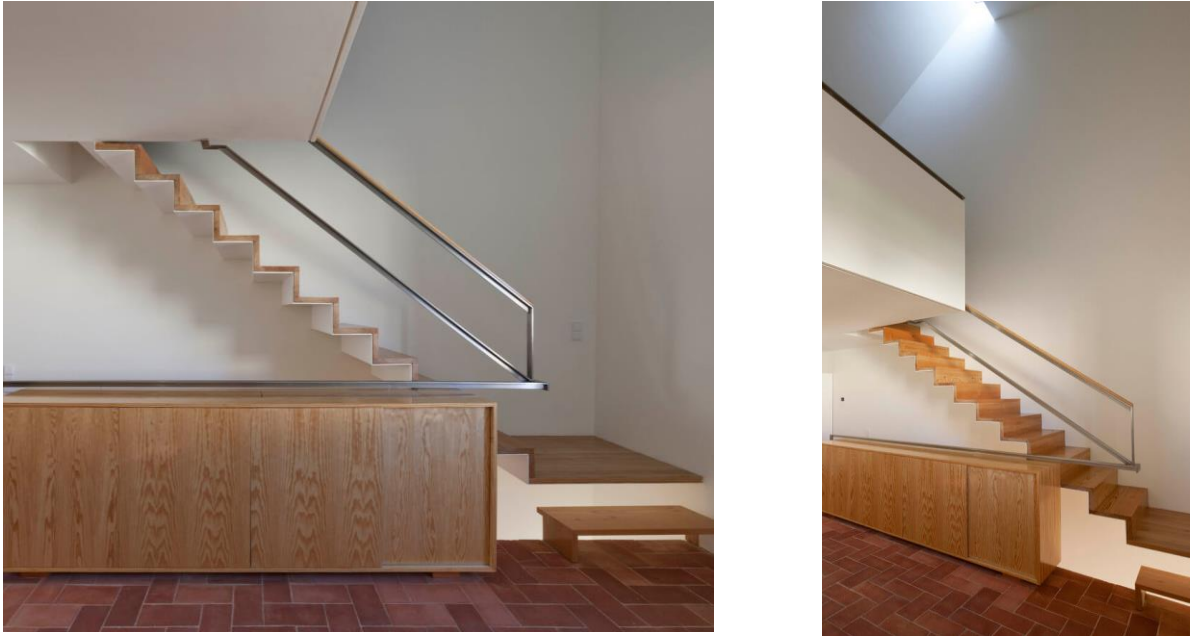


Figura 4- Interior da habitação. (Luís Ferreira Alves, 2012) Consultar em: <https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura>

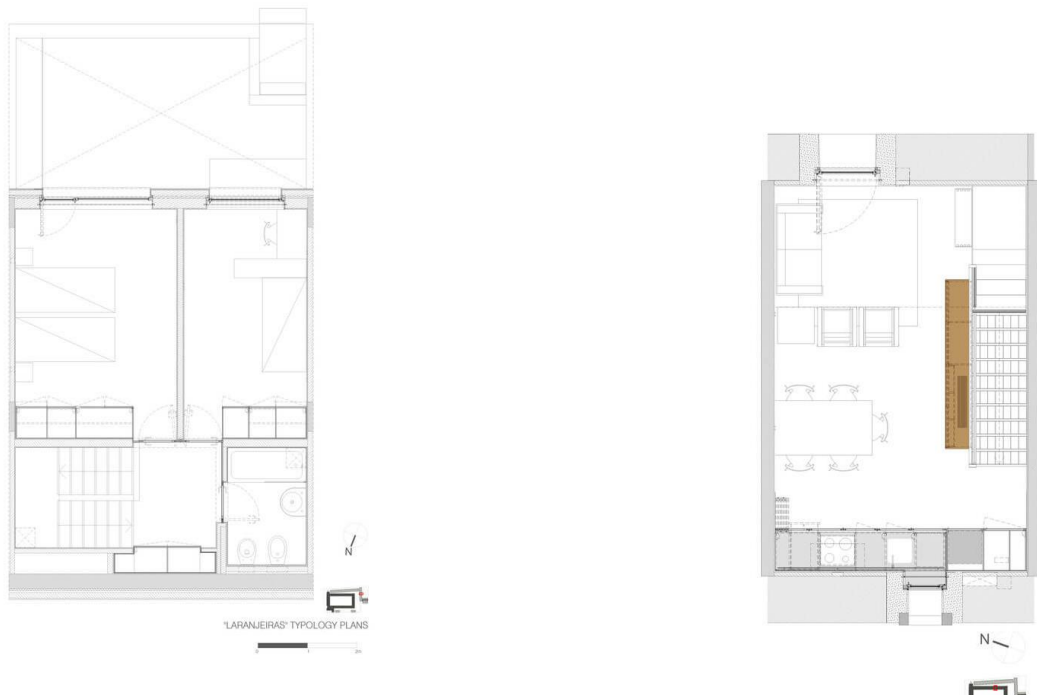


Figura 5- Plantas de habitação. Consultar em: <https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura>

3.3 LA BORDA- HABITAÇÃO EM COMUNIDADE/COHOUSING

Data de construção: 2012

Localização: Barcelona, Espanha

Arquitetos: Lacol



Figura 6- La Borda. (LLUC MIRALLES) Consultar em: <https://www.archdaily.com/922184/la-borda-lacol>

O processo de conceção do La Borda começou em 2012, numa iniciativa de recuperar o terreno abandonado de Can Batlló, onde um grupo de vizinhos decidiu resolver coletivamente a necessidade de acesso à moradia. Este pequeno grupo iniciou a implementação de uma cooperativa habitacional baseada no direito de uso. O atelier de arquitetos Lacol esteve envolvido desde o início do processo, impulsionados pela motivação de construir uma alternativa num contexto de grave crise habitacional em Barcelona. O projeto surge como uma oportunidade de repensar a produção de habitações com a participação dos futuros usuários.

O compromisso da La Borda como um modelo comunitário, oposto aos modelos mais tradicionais, públicos ou privados, possibilitou superar algumas limitações das propostas convencionais. Foram definidas cinco características principais para o sucesso deste modelo: autopromoção, direito de uso, vida comunitária, sustentabilidade e acessibilidade.

A vivência em comunidade é o ponto central deste projeto, sendo cerca de 25% do espaço construído dedicado ao mesmo. Existem cozinhas comunitárias, espaços multiusos, duas salas para convidados, lavanderia, um espaço de circulação central e terraços.

Os espaços comunitários exercem três funções. Por um lado, fornecem ao prédio espaços de encontro onde a relação entre os usuários é estabelecida. Economizam recursos, evitando que certas infraestruturas sejam multiplicadas por 28 residências, mas que possam ser centralizadas, melhorando a sustentabilidade econômica e ambiental. Por último, permite aumentar a área que pode ser utilizada por todos os membros.

Ao contrário de um prédio de habitação convencional, que resulta da soma de várias unidades habitacionais, o projeto entende o prédio como uma grande habitação partilhada onde a fronteira entre o espaço partilhado e privado se torna difusa.

Composta por 28 unidades habitacionais de dimensões variadas (40,60 e 75 m²), este projeto representa um tipo de habitar em comunidade composto por espaços comuns e privados ditados pelas necessidades de quem os habita.



Figura 7- Habitações. (LLUC MIRALLES) Consultar em: <https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura>

Sinopse

Com os conceitos estudados e definidos, juntamente com os casos de estudo que assentam sobre esses conceitos, está criada uma base de dados teórica e visual dos conceitos e de como estes são aplicados em projeto. No entanto, independentemente da intenção de projeto inicial, que neste caso é a de adaptar património construído ao habitar, é necessário ter um entender do espaço sobre o qual se insere o projeto. Para isso, serve o próximo capítulo, de estudo geral das Quintas de Recreio em Portugal, seguido de uma leitura territorial e, por fim, uma análise da evolução histórica da Quinta do Senhor da Serra complementada pelo estado de conservação atual da Quinta advindo da visita ao local.

4

QUINTA DO SENHOR DA SERRA

- 4.1** A Quinta de Recreio
- 4.2** Enquadramento Territorial e Histórico
- 4.3** Estado de Conservação

4.1 A QUINTA DE RECREIO

i) Passado

O historiador e arquiteto português Amílcar Gil Pires escreveu diversos livros sobre património histórico cultural de Portugal, incluindo sobre Quintas de Recreio. De acordo com os seus estudos, as Quintas de Recreio surgiram em Portugal no século XVIII, importadas do modelo italiano de *villa* suburbana, como forma de lazer para a nobreza e a burguesia. Este movimento foi influenciado pelo Romantismo, que valorizava a natureza e a vida no campo.

No livro "A Quinta de Recreio em Portugal", o arquiteto afirma que as Quintas de Recreio eram propriedades rurais de grandes extensões, onde os proprietários podem desfrutar de atividades como caça, pesca e passeios a cavalo. As propriedades estavam geralmente decoradas com jardins, fontes e outros elementos decorativos que demonstravam o poder e riqueza dos donos.³⁹

Muitas das Quintas de Recreio em Portugal surgem da adaptação de edifícios pré-existentes de épocas anteriores, como são exemplo as estruturas existentes, tanto de torres que foram erguidas com função de defesa (Quinta do Senhor da Serra), como de paços medievais. No entanto, apesar de grande parte das quintas surgirem da adaptação de edifícios pré-existentes, algumas delas são construídas de raiz, sem qualquer adaptação a pré-existências.

Próxima das grandes cidades, a Quinta de Recreio destinava-se a habitação secundária de nobres ou reis, sendo também consideradas um bom refúgio para a fuga a epidemias citadinas.

Para além da sua proximidade com a cidade, a zona de implantação era escolhida também consoante os acessos, terreno, clima, recursos hídricos e a envolvente paisagista, isto com o intuito de criar um ambiente favorável para as atividades de recreio dos nobres (passeios, caçadas, ETC) e para a agricultura. Não sendo uma característica predominante nas quintas, a existência de ribeiras, quer sejam contíguas ao terreno da quinta ou o atravessem, permitem a construção de um sistema hídrico que abasteça os edifícios da quinta e que sirva para a agricultura.

O local de implantação das Quintas de Recreio é crucial para a realização de todas as atividades de recreio e de agricultura, criando assim um espaço autossustentável.

Apesar de estar associada ao pretexto de recreio e descanso dos nobres, as Quintas de Recreio serviam também como forma de ostento da riqueza da

³⁹ Pires, A.G. (2014) *A QUINTA DE RECREIO EM PORTUGAL*. Caleidoscópio. pp. 15-18

nobreza, não só pelos vastos terrenos e vegetação, mas também pelos edifícios constituintes, sendo o edifício principal (paços, palácios) sempre dotado de diversas intervenções ao longo do tempo.

ii) Presente

“Como todas as coisas da vida, as construções da arquitectura – as obras de arte, em suma – também definham, envelhecem e, a menos que existam condições de restauro, vontade política e medidas cautelares de preservação, tendem a desaparecer.”⁴⁰

Segundo Gastão de Brito da Silva, fotógrafo e autor do livro *“Portugal em Ruínas”*, as principais razões para o abandono de património construído são:

A desvalorização do estilo arquitetónico e perda das funções para que foram originalmente construídos, bem como a evolução constante do espaço envolvente, que acentua ainda mais a discrepância entre o “tempo atual” e o “tempo do património”. O património passa a ser simplesmente uma memória das vivências de um passado que não convive com o presente.

Isto leva a que muitos destes espaços entrem em estado de degradação elevado e, conseqüentemente, a uma perda de autenticidade e identidade, pois o edificado deixa de estar em sintonia com a envolvente.

No entanto, razões exteriores à falta de consciência da sociedade para preservação do património, sendo também guerras e catástrofes naturais causadores do desaparecimento do património.

Testemunhos de uma identidade e vivências de um tempo, as quintas de recreio representam um exemplo de património destruído/abandonado. Apesar de existirem algumas em bom estado de conservação.

iii) Futuro

Por isso, da mesma forma que algumas Quintas de Recreio surgiram através do reaproveitamento de estruturas pré-existentes, também a solução para manter estes espaços vivos passa pela atribuição de um novo uso.⁴¹

⁴⁰ E SILVA, Gastão de Brito. (2014) *Portugal em ruínas*. Portugal (Lisboa): Fundação Francisco Manuel dos Santos, p. 11

⁴¹ Carapinha, A. (2008) “A QUINTA DE RECREIO”, *Diário de Notícias*
Consultar em: <https://www.dn.pt/arquivo/2008/a-quinta-de-recreio-998218.html>

A introdução de novas estratégias que promovem a vivência dos espaços e oferecem sustentabilidade económica e física de modo a preservar e salvaguardar os espaços é essencial para os manter vivos.

A estratégia de atribuir um novo uso é bastante comum nas intervenções às Quintas de Recreio, mais especificamente, nos palácios ou “casas”, que costumam estar associados a funções de cultura, ensino, turismo ou hotelaria.

Casos como a Quinta de Cima do Marquês de Pombal, que se encontra aberta para visitas periodicamente e que acolhe espontaneamente algumas exposições ou o Palácio da Quinta da Bacalhôa que também se encontra aberta a visitas guiadas e onde se encontra o Museu da Bacalhôa.

4.2 ENQUADRAMENTO TERRITORIAL E HISTÓRICO

i) Belas

Não se sabe exatamente a data de origem da freguesia de “Sancte Marie de Bellis”. Segundo a União das Freguesias de Queluz-Belas, existem dois documentos escritos, de 1173 e 1190, onde Belas é mencionada como fazendo parte do termo de Lisboa. Sabe-se apenas que os limites de Belas já se encontravam definidos por volta do século XIII.⁴²

“No contexto geográfico da região envolvente de Lisboa, a Vila de Belas e, sobretudo, o seu território, apresentam características que naturalmente determinaram a evolução do tipo de povoamento.”⁴³

Apesar de Belas se situar a pequena altitude, o sistema orográfico da Carregueira delimita o espaço isolado, que faz fronteira com o vale do Tejo, a Poente de Lisboa. Este sistema orográfico, dominado pela Serra da Carregueira e completado pelos Montes Abraão e Suímo⁴⁴, define uma zona acidentada, entrecortada de vales com linhas de água que fazem com que sejam bastante férteis. As linhas de água e o vale facilitam a definição do traçado das vias de comunicação e a divisão do território.⁴⁵

⁴² União das Freguesias de Queluz -Belas. (2023) “História da Freguesia”

Consultar em: <https://ufqueluzbelas.pt/freguesia-historia>

⁴³ União das Freguesias de Queluz -Belas. (2023) “História da Freguesia”

Consultar em: <https://ufqueluzbelas.pt/freguesia-historia>

⁴⁴ (...) é uma pequena colina de forma arredondada e constitui o maior relevo do conjunto de elevações da Carregueira (...) A sua localização privilegiada permite uma visão de quase 360 graus dos arredores, com vistas para Lisboa, o estuário do Tejo (...) Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.120

⁴⁵ Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.19

Por se encontrar numa zona de vale, existem, naturalmente, zonas mais baixas e zonas mais elevadas. Nas zonas mais baixas e nos vales desenvolvem-se pequenos núcleos urbanos, rurais, com vias de comunicação, enquanto as áreas mais elevadas /acidentadas, normalmente com grande abundância de vegetação, são usadas para propriedades de maior dimensão, escondidas entre os sopés dos montes. Estas áreas são ocupadas pelas pessoas de Lisboa com maior poder económico, para retiros de lazer e caça. Assim, entre Lisboa e Sintra, numa encruzilhada de vales e com as principais vias de comunicação que ligavam Lisboa à região ocidental, Belas começa a crescer.

Como já foi mencionado, as linhas de água são determinantes na arrumação do povoamento e definição das vias principais de comunicação. As duas principais ribeiras são a de Carenque e a de Jarda, que servem como linhas delimitadoras do concelho da Belas. Estas duas ribeiras definem os limites do esquema hidrográfico da Carregueira, completado pela Ribeira do Jamor, que juntamente com a Ribeira de Belas, nascida também na Carregueira, se fundem junto a Queluz com a Ribeira do Carenque, originando o Rio Jamor.⁴⁶

Com características naturais bastante favoráveis, como linhas de água, bons acessos e proteção dos ventos por estar rodeada de montes, Belas, tornou-se um local favorável a ser povoado, existindo testemunhos arqueológicos de presença humana desde o Paleolítico Médio como artefactos líticos talhados em sílex, quartzo e quartzito atribuíveis, encontrados principalmente nos terrenos basálticos que faziam parte do termo da Freguesia de Belas.

Dos períodos Neolítico, Calcolítico e Megalítico, não existem registos históricos de presença humana, só voltando a existir no período luso-romano vestígios de alguma densidade populacional significativa. Diversos troços de caminhos, vestígios construtivos em torno da Serra da Carregueira. Durante o período romano, surgem vestígios relacionados à exploração mineira do Suíno. Existem vestígios da construção da "represa nas Águas Livres, destinada a fornecer água por aqueduto a Olisipo (Lisboa), a cidade romana mais importante de então toda a Costa Atlântica Ocidental".⁴⁷ Existem troços de uma via romana junto ao atual sítio dos Machados que ligava a cidade de Olisipo a Torres Vedras pelo litoral. Atualmente, a mesma via romana, vinda da Amadora, entra em Belas pela rua Bica da Costa, delimitando a Quinta do Senhor da Serra.

⁴⁶ Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.19

⁴⁷ Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.27



Figura 8- Carta de Belas, 1803 (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, Direção de Infraestruturas do Exército) Consultar em: <https://www.exercito.pt/pt/biblioteca-digital-do-exercito>

Atualmente as linhas de água continuam a ter grande importância, mais em específico, o rio Jamor, rio que como já foi mencionado, atravessa Belas e a Quinta do Senhor da Serra. O "Eixo Verde e Azul do Jamor" é um corredor verde e azul que percorre o rio Jamor. Visa assim criar um corredor natural e recreativo, conectando diversos espaços verdes, parques e percursos de água.⁴⁸

O eixo incorpora uma série de trilhos, percursos pedestres e ciclovias, permitindo às pessoas desfrutar de atividades ao ar livre, como caminhadas, corridas, ciclismo e piqueniques, promovendo um estilo de vida saudável e sustentável e proporcionando oportunidades para exercícios físicos e contacto com a natureza.

Este eixo também enfatiza a preservação e valorização do património natural e cultural da região, promovendo a proteção da biodiversidade, o restauro dos ecossistemas e consequentemente a educação e consciencialização ambiental.

Fazem parte deste eixo o Palácio Nacional de Queluz, o Parque da Serra da Carregueira, o Complexo Desportivo do Jamor, entre outros.

No geral, o "Eixo Verde e Azul do Jamor" é um recurso valioso para a comunidade local, proporcionando um espaço verde e azul onde as pessoas possam conviver com a natureza, praticar atividades físicas e desfrutar do ar livre.



Figura 9- Esquema do eixo Verde e Azul. Consultar em: <https://sintranoticias.pt/2019/02/27/oeiras-junta-se-a-sintra-na-construcao-do-eixo-verde-e-azul/>

⁴⁸ Oeiras Valley. (2023) Projeto Eixo Verde e Azul. Consultar em: <https://www.oeiras.pt/conheca-o-projeto-do-eixo-verde-e-azul>

ii) Quinta do Senhor da Serra

“A Quinta do Senhor da Serra é fruto do desenvolvimento progressivo em torno da residência dos senhores locais. A vila de Belas estava estruturalmente dependente desta realidade”.⁴⁹ O eixo principal que divide a vila de Belas é a antiga estrada Lisboa-Sintra, separando hoje duas zonas de povoamento. A Poente encontra-se a Quinta do Senhor da Serra, acompanhada por um muro que a resguarda. Quando a estrada passa pelo antigo “Pomar da Xara” (ver figura 10), a Poente localiza-se a antiga “Rua Fria” (ver figura xx), hoje a Avenida da Marinha Portuguesa, que do seu lado Norte dão para um terreno hoje urbanizado, que já pertenceu à Quinta, denominado de “Quintinha”. Do lado Sul desta rua encontra-se a Quinta e se se continuar a percorrer a rua, esta acaba numa praça.

Como já foi mencionado, a primeira ocupação dos terrenos e consequente edificação deu-se no século XVI, com a construção da torre por D.Lopo Fernandes Pacheco.⁵⁰ Antes desta ocupação, a praça encontrava-se “bastante desafogada”, simplesmente murada.

O território dividiu-se assim, em duas zonas: uma zona privada, dos Senhores, constituída pelo Paço, terreiro e jardins. Uma zona “semiprivada”, para a população conviver e realizar o comércio, constituída pelo Rossio, espaço definido pelos muros e edificado em redor com duas portas de acesso (ver figura xx). As duas entradas eram a Porta Pequena (de Baixo) e a Porta Grande (de Cima), são ainda hoje perceptíveis através do estreitamento das vias que dão acesso à praça.⁵¹

Segundo a investigação realizada a partir de levantamentos cartográficos por Rui Rodrigues, a praça, ou anteriormente o “Rossio” apresentava em termos construtivos e funcionais uma relação simbiótica com o Paço Senhorial de Belas.

Com o decorrer do tempo edifícios foram-se adoçando de acordo com as necessidades da população. Atualmente a antiga praça ou “Rossio”, hoje denominada de praça de 5 outubro, representa um núcleo de funções e de lazer com importante valor sócio económico. Rodeada por edifícios importantes como o Edifício Multiusos Cultural de Belas e a Casa de Saúde do Senhor da Serra. No entanto, a relação da praça com o Paço Real de Belas mudou ao longo dos anos, sendo o único acesso da Quinta que dá para a praça, o mais a Oeste, usado somente para entradas e saídas de viaturas para os eventos/casamentos.

⁴⁹ Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.30

⁵⁰ Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.72

⁵¹ Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.30

A Este da Quinta passa a estrada N117, antigamente importante via romana que ligava Olissipo a Torres Vedras. Encontra-se parcialmente murada, apresentando tanto zonas planas como zonas de grande declive e de planalto. Dentro da propriedade existem diversas construções, espaços verdes e uma mata densa. Junto ao aglomerado urbano, no ponto de cota mais elevada desta “zona plana” localizam -se o palácio e os diversos jardins em seu redor.

Numa zona plana, afastada do Palácio e com saída para a vila, localiza -se o centro equestre e um conjunto de construções remodeladas e adaptadas à realização de eventos sociais e desportivos. Existem caminhos pedonais que passam junto à ribeira que dão acesso aos campos agrícolas, à mata e a um obelisco (que de momento se encontra debaixo do viaduto da CREL, construído em 1994).

Um destes caminhos conduz a uma clareira com uma mina de água onde se inicia a Via Sacra, numa escadaria de pedra.

Quase no topo da colina encontra - se a Ermida do Senhor da Serra, num grave estado de degradação. No cimo do planalto, de onde se obtém uma vista global sobre o vale, situa -se a Anta da Pedra de Mouros.

Por fim, a Sul da Quinta, encontram-se umas fábricas, pedreira e britadeira, cuja exata data de construção não se conhece. Através da análise de documentos cartográficos é possível concluir, no entanto, que as fábricas apareceram entre 1830 e 1940.

1830



Figura 10- Planta da Quinta com base na Carta Militar 1830, do Instituto Geográfico Português.
Autoria própria

1940

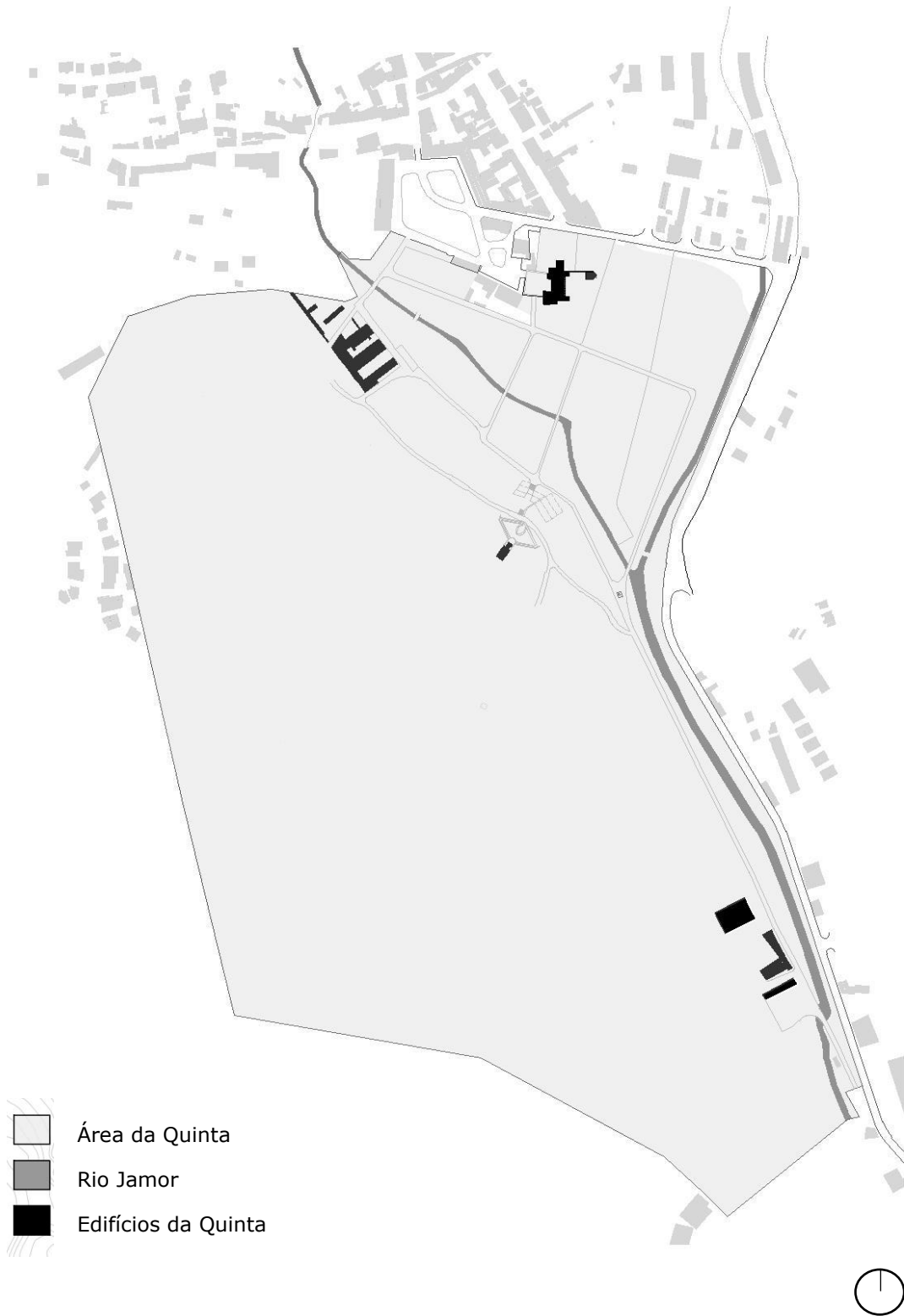


Figura 11- Planta da Quinta em 1940 com base nos registos históricos. Autoria própria

2023

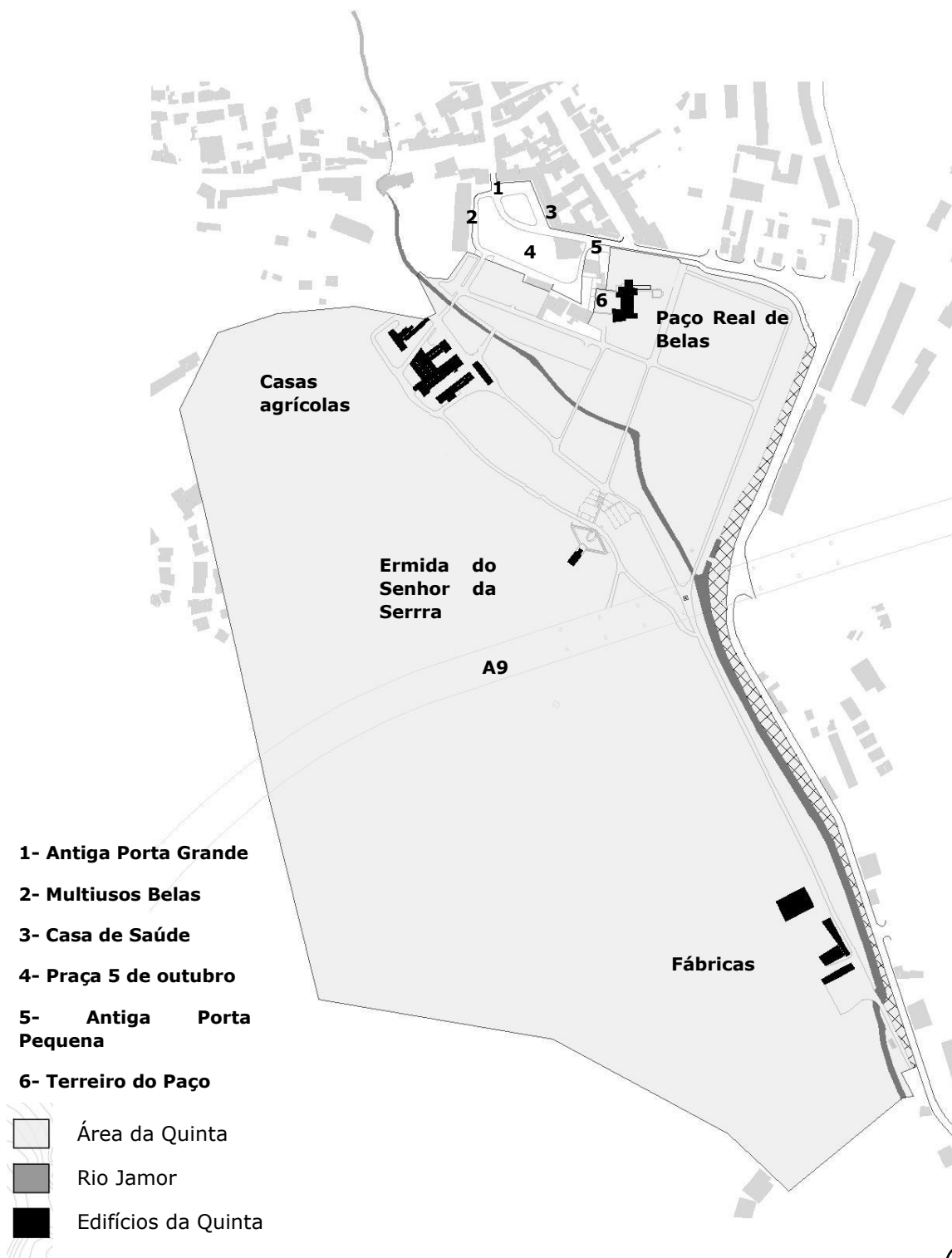


Figura 12- Planta atual da Quinta. Autoria própria

iii) Paço Real de Belas

1147: Reconquista de Lisboa e Origem da Quinta do Senhor da Serra

Após a reconquista de Lisboa, diversas terras são distribuídas pelo rei a nobres ou a ordens religiosas.

Segundo a União das Freguesias de Queluz-Belas, existe documentação escrita que aponta várias famílias como os “Hospitalários / O. de Malta e S. Vicente de Fora” como os primeiros proprietários de terrenos em Belas após a reconquista de Lisboa. No entanto, apenas uma dessas herdades serviria como testemunho da história de Belas.

Trata-se da Quinta do Senhor da Serra ou dos Condes de Pombeiro e Marqueses de Belas, ou como era conhecida na altura, por “Quinta Grande”.⁵²

A sua origem remonta para duas honras senhoriais: uma pertencente a D. Soeiro Paes e outra a Ruy Capam, cavaleiro de D. Afonso Henriques. O casamento de Gonçalo Paes Taveira e D. Maria Rodrigues Capão unifica estas duas honras.⁵³

Em 1316, Gonçalo Eanes Robertes morre sem descendência direta, deixando a quinta ao mosteiro de Santos e em 1334, esta passa para a posse de Lopo Fernandes Pacheco, primeira pessoa a mandar edificar no terreno.

1334- 1364: Edificação da torre/ Primeira construção torreada

A primeira construção torreada foi mandada erigir por D. Lopo Fernandes Pacheco. Constituída por blocos de pedra semelhantes aos que se podem ver em cunhais e com uma técnica construtiva própria dos séculos XIII e XIV, e cantaria aparelhada (isódomo)⁵⁴, com as paredes de fiadas iguais e regulares.

No alçado Norte, em direção à Igreja de Santa Maria de Belas existe uma janela e a Nascente também existe uma janela, em direção à Estrada Real.

A torre só tem dois pisos, sendo o piso inferior para guardar e conservar os alimentos e o piso superior para repouso e lazer dos proprietários. Esta torre não foi edificada para habitação principal de Lopo Fernandes Pacheco, mas sim para quem fosse tomar conta do terreno da Quinta, e também para marcar a importância do proprietário.

⁵² Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.49

⁵³ Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.49

⁵⁴ Chama-se aparelho isódomo (do grego *ισόδομος* formado por *ισός* “igual” e *δομος* “construção”), aparelho regular ou aparelho rectangular isódomo a um tipo de montagem de um muro no que os silhares são de igual altura, a mesma que a das fiadas. Deste modo o muro adquire uma forma completamente regular.

Wikipédia. (2022) “Aparelho isódomo”.

Consultar em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aparelho_isódomo

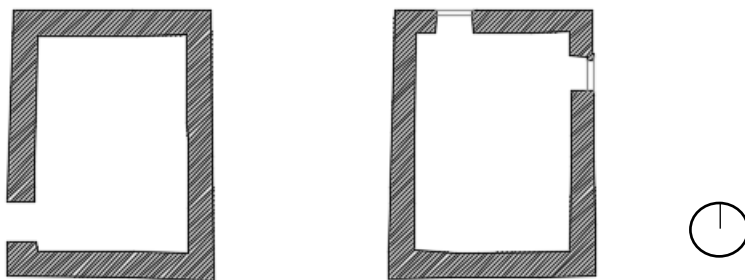


Figura 13- Desenho da casa-torre, com base nos registos históricos. Piso térreo à esquerda e piso superior à direita. Autoria própria

1364-Século XV: Expansão e restauro da casa-torre e construção da arcaria joanina

Segundo o SIPA⁵⁵, é pensado que D.Pedro I tenha ordenado a reconstrução e ampliação do espaço com a implantação de uma sala onde se recebem convidados e se exerce a atividade política. A torre continua assim com a função de habitação e passando a denominar-se o complexo edificado por Palácio (Paço).

No século XV, são mandados construir os arcos, por Infante D.João, circundado o piso térreo, de forma a servir de circulação com exterior. Esta galeria tem cobertura de telha.⁵⁶ A Quinta durante vários anos é cedida a diversos proprietários, acabando por ser da filha de D.João I (Infanta D.Beatriz), após a sua morte.

1442-início do século XVI: Obras de Remodelação

Dá-se a adição de mais um piso na torre e conseqüente redefinição dos pisos. No último piso dá-se a adição de duas janelas de estilo tardo-gótico, nos alçados poente e norte. Acrescento em altura do corpo a Sul, inicialmente mandado erguer por D.Pedro I. Houve um reforço no piso térreo da torre Norte de um arco abatido e no corpo central de quatro arcos abatidos.⁵⁷ Também se ergue a Capela de Nossa Senhora da Misericórdia.⁵⁸

⁵⁵ Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Consultar em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SitePageContents.aspx?id=08a335ea-db85-4fdd-862b-fe6e623e44a8

⁵⁶ Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.64

⁵⁷ Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.68

⁵⁸ SIPA. (2011) Paço Real de Belas.

Consultar em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6102

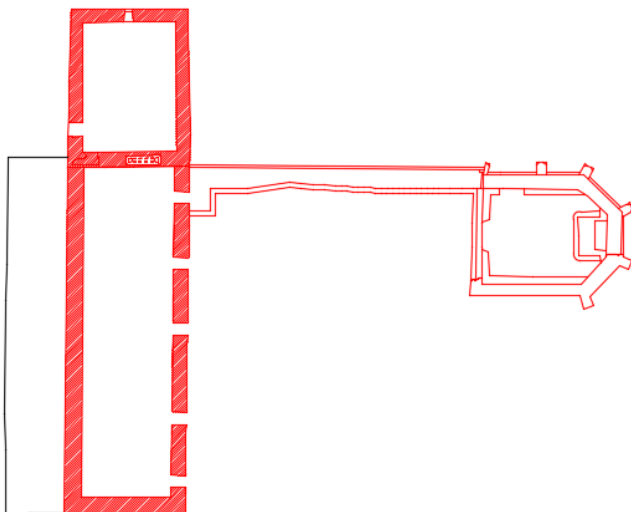
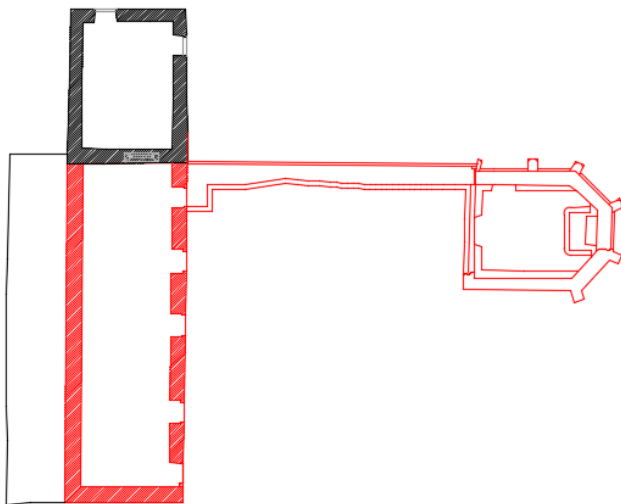
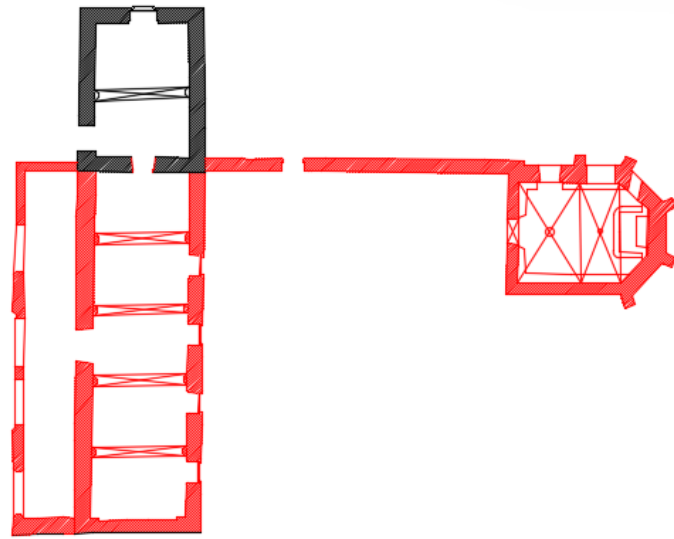


Figura 14- Plantas dos pisos térreo, 1 e 2, respetivamente, do Paço. A vermelho, a nova adição. Autoria própria

Início do século XVI: Definição do pátio interior

D.Rodrigo Afonso de Atougua ordena a realização de obras de “engrandecimento” do Paço. Começa por definir um pátio interior a Poente do Paço, cujas muralhas tinham um percurso pedonal e varandim. As guardas laterais estão decoradas “com motivos do chamado estilo manuelino, ostentando vários escudetes, com as armas dos Atougua”⁵⁹ São abertas “duas portas carrais de acesso” na muralha que circundam o novo pátio interior.

Também é ordenada a construção de uma arcada com teto de abóbada nervurada, com a função de receber passageiros e o próprio Senhor. Do lado oposto é construída uma área de abrigo de carruagens, cuja cobertura serve como terraço ligado aos passadiços das muralhas.

Da mesma época, existe um tanque, exterior, adoçado ao lado Noroeste da muralha. “A água jorrava, enchendo o tanque, por uma bica sobre-elevada no topo de uma coluna toscana que ostenta a principal pedra de armas dos Atougua”.⁶⁰

Outra obra de remodelação importante desta época é a substituição da varanda da galeria a poente pelo prolongamento da cobertura do corpo edificado. Quatro janelas típicas do século XVI são abertas na nova parede. O primeiro piso fica assim, com um novo corredor e duas novas portas, uma de acesso às escadas e outra de acesso ao terraço. Por fim, são abertas duas janelas na torre, uma virada a Norte e outra a Nascente.



Figura 15- Foto panorâmica da muralha do pátio interior. Autoria própria

59 Rodrigues, R. Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, 2012, p.70

60 Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.72

Segunda metade do século XVII

Estando a Quinta na posse da família Castelo Branco da Cunha Correia Menezes, mais uma vez, são realizadas obras de remodelação/melhoramento no Paço.

Dá-se a construção de uma torre a Sul e é acrescentado mais um piso à torre Norte. Há o acréscimo de uma área serviçal a Sul que comunica com o corpo central através da construção de um módulo, obrigando à construção de um quinto arco, adicionando aos quatro construídos no tempo de D. Beatriz. É construída uma porta de comunicação com exterior para a área serviçal. Por fim, é colocado no jardim Norte uma fonte octogonal.

1735- 1755: Construção da via-sacra e edificação da Ermida do Senhor da Serra

Na década de 40 do século XVIII, dá-se também a edificação da Ermida do Senhor da Serra pelo 4º conde de Pombeiro, D. Luís de Castelo Branco.⁶¹ Trata-se de uma ermida de planta retangular, com nave de teto em arco de volta perfeita. Como acesso, é construída uma via, composta por duas vias simétricas, denominada de via-sacra.⁶²

Pós-terramoto de 1755: Obras de remodelação da Quinta

A Quinta sofre obras de remodelação dentro do estilo de “Quinta de Recreio”. Os acessos à Quinta são redesenhados, sendo uma das entradas principais feita agora a Sul. Com a mudança da entrada principal, veio também, obviamente, a mudança da fachada principal, sendo o primeiro contacto visual dos visitantes com o Paço agora a fachada Nascente, nova fachada principal.

Deu-se o acréscimo de dois blocos nas extremidades do corpo central, tornando a planta do edifício em “U”. É colocada também uma estrutura do estilo neogótico de arcos quebrados à frente da nova fachada principal. Por cima desta estrutura forma-se um varandim.

Em 1793, D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha casa com D. José Luís de Vasconcelos e Sousa, tornando-se os primeiros marqueses de Belas. São realizados substanciais melhoramentos na propriedade (pintura de alguns tetos).

É a partir desta época que a romaria que se realiza anualmente à Capela do Nosso Senhor da Serra ganha importância, passando a Quinta a ser conhecida como Quinta do Senhor da Serra.

⁶¹ SIPA. (2011) Paço Real de Belas.

Consultar em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6102

⁶² SIPA. (2011) Paço Real de Belas.

Consultar em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6102

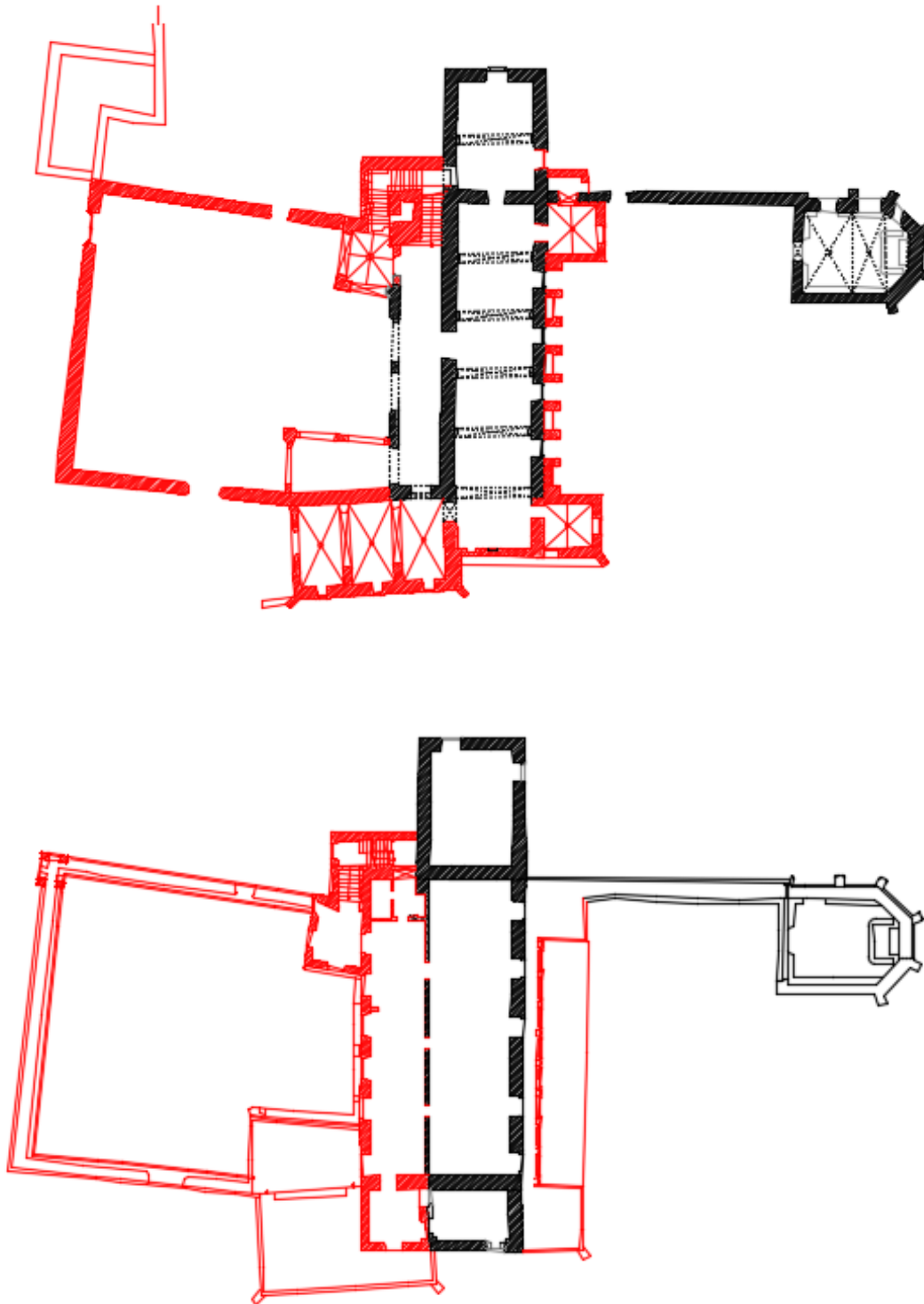


Figura 16- Plantas dos pisos térreo e 1, respetivamente, do Paço. A vermelho, a nova adição.
Autoria própria



Figura 17- Registos fotográficos da Romaria ao Senhor da Serra, nos finais do século XIX. (Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa). Consultar em: <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>

1942: Remodelação no palácio sob orientação do arquiteto Raul Lino

Neste ano a Quinta é vendida a D. Virgínia Ferreira de Almeida, posteriormente adquirida pelo industrial José Borges de Almeida em 1942, promovendo a sua remodelação sob orientação do arquiteto Raul Lino.

Constrói-se uma escada exterior de acesso à torre Norte e removeu-se o corredor de acesso à Capela. O salão do piso 1 é compartimentado, com a intenção de se colocar habitação. Por fim, é adicionada uma escada de acesso aos pisos superiores das novas habitações no salão.

1943- 1985: O conjunto foi classificado com Imóvel de Interesse Público

Em 1943 o conjunto é classificado como Imóvel de Interesse Público, seguidos de estudos de recuperação de todos os espaços e edifícios. Procede-se também à reconversão das instalações agrícolas, e reforçam-se os espaços de atividades recreativas com a adição de centro equestre, campo e centro de ténis, salas para eventos e criação de espaços florestados e ajardinados.⁶³

Década de 90: Últimas obras realizadas no Paço e na Quinta e construção da Autoestrada A9

O proprietário da Quinta, Arquiteto José Vitorino e o seu colega, Arquiteto João Rito Afonso realizam um trabalho de recuperação e preservação, tendo encontrado e deixado a descoberto, diversos elementos construtivos de cantaria.

Para além disso, entre 1994 e 1995, é construída a autoestrada A9, que passa sobre a Quinta

⁶³ Rodrigues, R. (2012) Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial, p.72

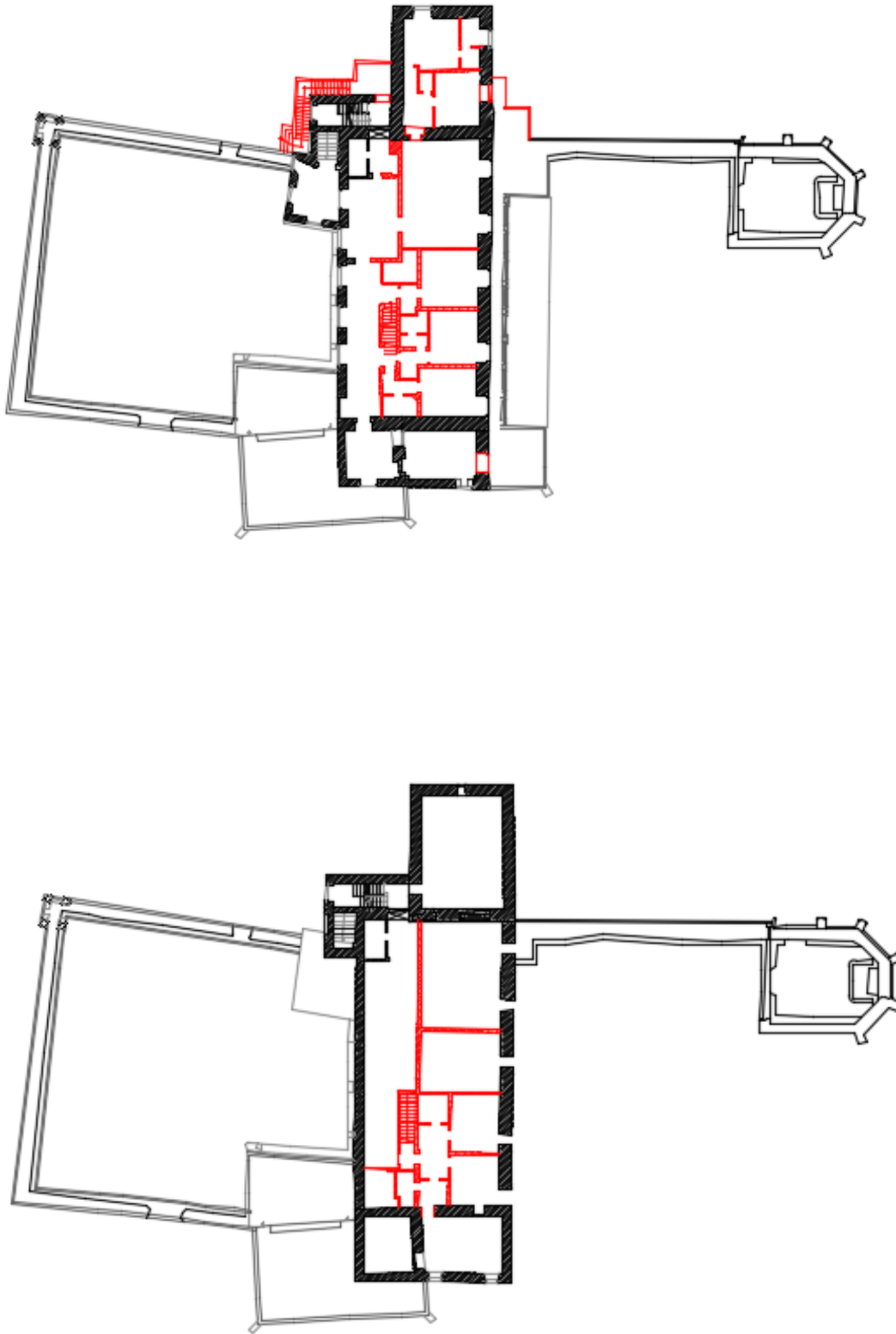


Figura 18- Plantas dos pisos térreo e 1, respetivamente do Paço. A vermelho, a nova adição.
Autoria própria

4.3 ESTADO DE CONSERVAÇÃO

O estado de conservação do Paço reflete o seu uso atualmente, ou seja, apenas o piso térreo se encontra em bom estado de conservação, usado como apoio para os casamentos/eventos. Os restantes pisos encontram-se em estado de degradação elevado. Foram realizadas obras de manutenção e preservação da integridade estrutural no piso 1. De acordo com os registos fotográficos (Figura 21) é possível verificar-se o estado de degradação dos pisos superiores.

Na Ermida, as escadas de acesso encontram-se em bom estado de conservação. No entanto são necessárias obras de melhoramento de acessibilidade, dado que o caminho, embora em bom estado, encontra-se coberto de vegetação que dificulta o acesso à Ermida. A Ermida está em estado de ruína, com uma abertura na cobertura e com vegetação dentro do edifício.

As Fábricas, situadas na zona mais a Sul, encontram-se em estado de ruína. Existem 5 edifícios. Não existindo nenhuma informação documentada sobre os mesmos, sabe-se que o edifício maior, localizado mais a norte, era uma pedreira e o edifício mais a sul paralelo ao anterior, era uma britadeira. Os restantes edifícios, de carácter desconhecido, estão num estado total de degradação e cobertos com vegetação.

As casas agrícolas, de todos os edifícios são o que se encontra em melhor estado de conservação, dado que servem para realização de eventos/casamentos e para habitação dos empregados que tratam da manutenção da Quinta. No entanto, existem certos espaços abandonados como as cavalariças e o picadeiro.

Os jardins e restantes espaços verdes estão em boas condições.



Figura 19- Registos fotográficos do piso 1 do Paço. Autoria própria



Figura 20- Registos fotográficos da Ermida (Rui Rodrigues). Consultar em: http://revistatritao.cm-sintra.pt/images/ebooks/ruirodrigues/PacoBelas_web.pdf



Figura 21- Registos fotográficos das Fábricas. Autoria própria



Figura 22- Registos fotográficos das casas agrícolas. Autoria própria

Sinopse

As Quintas de Recreio, incluindo a Quinta do Senhor da Serra, fazem parte de um património que está em constante renovação.

O Paço sofreu alterações físicas e funcionais ao longo dos anos de acordo com as necessidades de quem habita a Quinta. Por isso, da mesma forma que é possível identificar diferentes fases ou períodos de desenvolvimento do Paço, o projeto proposto deve ser encarado como uma nova etapa que visa prolongar e preservar a vida da Quinta do Senhor da Serra.

Chega-se à conclusão de que a Quinta possui um grande potencial e qualidades significativas, como recursos naturais abundantes, como o Rio Jamor, boa exposição solar, vasta e diversificada vegetação e localização privilegiada, que devem ser integrados no plano geral de intervenção.

5

PROPOSTA

- 5.1** Estratégia Inicial
- 5.2** Programa
- 5.3** Proposta Arquitetónica

5.1 ESTRATÉGIA INICIAL

A área de intervenção abrange não apenas os edifícios mencionados no capítulo introdutório, as fábricas e o Paço, mas também os espaços verdes e as ribeiras pertencentes ao complexo.

A estratégia inicial consiste em adaptar as ruínas das fábricas para abrigar uma comunidade habitacional, seguindo o programa "Housing First". Isto requer a criação de habitações que permitam o isolamento dos moradores, bem como espaços comuns, como cozinhas comunitárias, lavandarias e salas de reunião/trabalho. Além disso, devido às necessidades especiais dos residentes, são propostos espaços para fisioterapia, psicologia e enfermaria. O tipo de habitação nas fábricas terá um impacto no projeto como um todo, pelo que a conceção da habitação no Paço tem de ser igual à das fábricas.

Enquanto as fábricas abrigam espaços de apoio e reabilitação para pessoas sem-abrigo, as habitações no Paço são destinadas àqueles que não necessitam desse tipo de suporte. No Paço, além das habitações, são propostos espaços comuns para os moradores, bem como lojas que servem tanto os visitantes da Quinta como os residentes, proporcionando oportunidades de trabalho.

A ligação entre os espaços é feita por meio de um percurso pedonal existente. No entanto, ao analisar um desenho do percurso da água no Paço, elaborado por Rui Rodrigues, surgiu a ideia de alinhar o percurso pedonal público com o trajeto da água. O percurso da água passa sobre o muro da Quinta por meio de um aqueduto, o que inspirou a ideia de elevar o percurso público, ocorrendo nos pisos superiores em vez do térreo convencional. Isto implica a inversão funcional dos pisos, com os pisos superiores a passar a estar associados a funções mais públicas e o térreo destinado a funções privadas.

Esse conceito não afeta apenas o Paço, mas abrange todo o projeto, servindo não apenas como uma forma de conectar o percurso pedonal ao percurso da água, mas também como um catalisador para novos acessos na Quinta.

Inicialmente, é apresentada uma planta do plano geral de intervenção que delimita os percursos pedonais e aéreos. Em seguida, são fornecidas propostas mais detalhadas para os dois edifícios que foram alvo de intervenção, com foco especial nas fábricas. São apresentados cortes e plantas que ilustram as propostas gerais para cada espaço das fábricas, juntamente com plantas detalhadas das habitações e a definição dos módulos habitacionais, que constituem o objetivo principal do projeto: criar um tipo e habitar que possa ser implementado em património construído. Esse tipo de habitar é posteriormente aplicado à proposta para o Paço.

5.2 PROGRAMA

O programa, é assim definido: O reuso da Quinta do Senhor da Serra, considerada património classificado, em que é implementada habitação para pessoas sem abrigo, dentro das ruínas de umas fábricas abandonadas, no seguimento do programa "Housing First". Este programa, para além da habitação, prevê a inclusão de espaços comuns (cozinhas comunitárias, lavandarias, salas de reunião, salas de trabalho) e equipamentos como fisiatra, psicólogo e enfermaria. O tipo de habitar praticado nas fábricas tem de ser igual ao do Paço. Dentro do Paço Real, existe habitação e também existem espaços comuns, no entanto, não existem os equipamentos de apoio como fisiatra, psicólogo e enfermaria, pelo que as habitações no Paço são direcionadas a pessoas que já não precisam desses apoios. Por último, o projeto no Paço prevê a adição de lojas e espaços onde os visitantes da Quinta possam descansar e os moradores da Quinta possam trabalhar. O projeto está ligado por dois percursos, um térreo e um aéreo que se conectam com todos os espaços principais de intervenção como o Paço, a Ermida e asa fábricas.

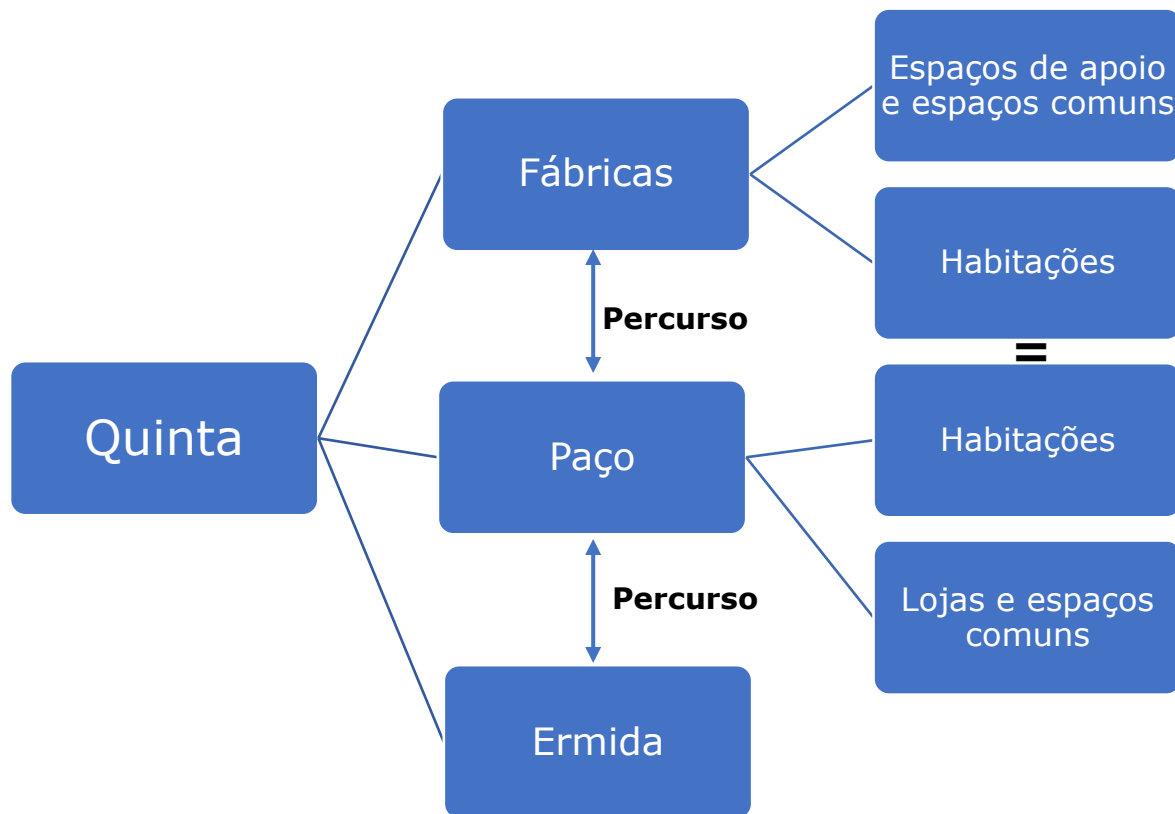


Figura 23- Diagrama de Funções de cada edifício da Quinta. Autoria própria

5.3 PROPOSTA ARQUITETÓNICA

i) O percurso pedonal

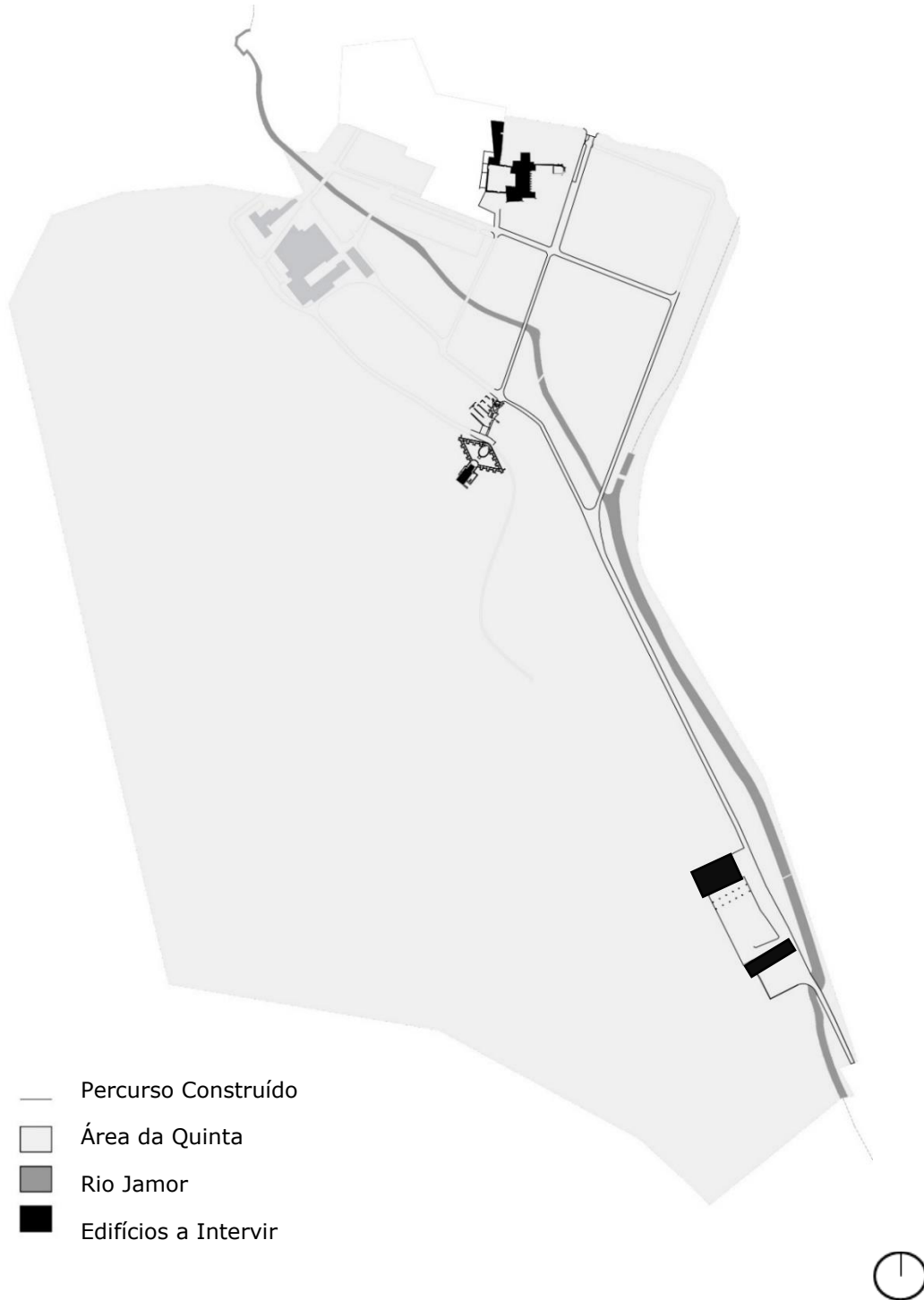


Figura 24- Planta síntese do percurso térreo. Autoria própria

ii) O percurso aéreo

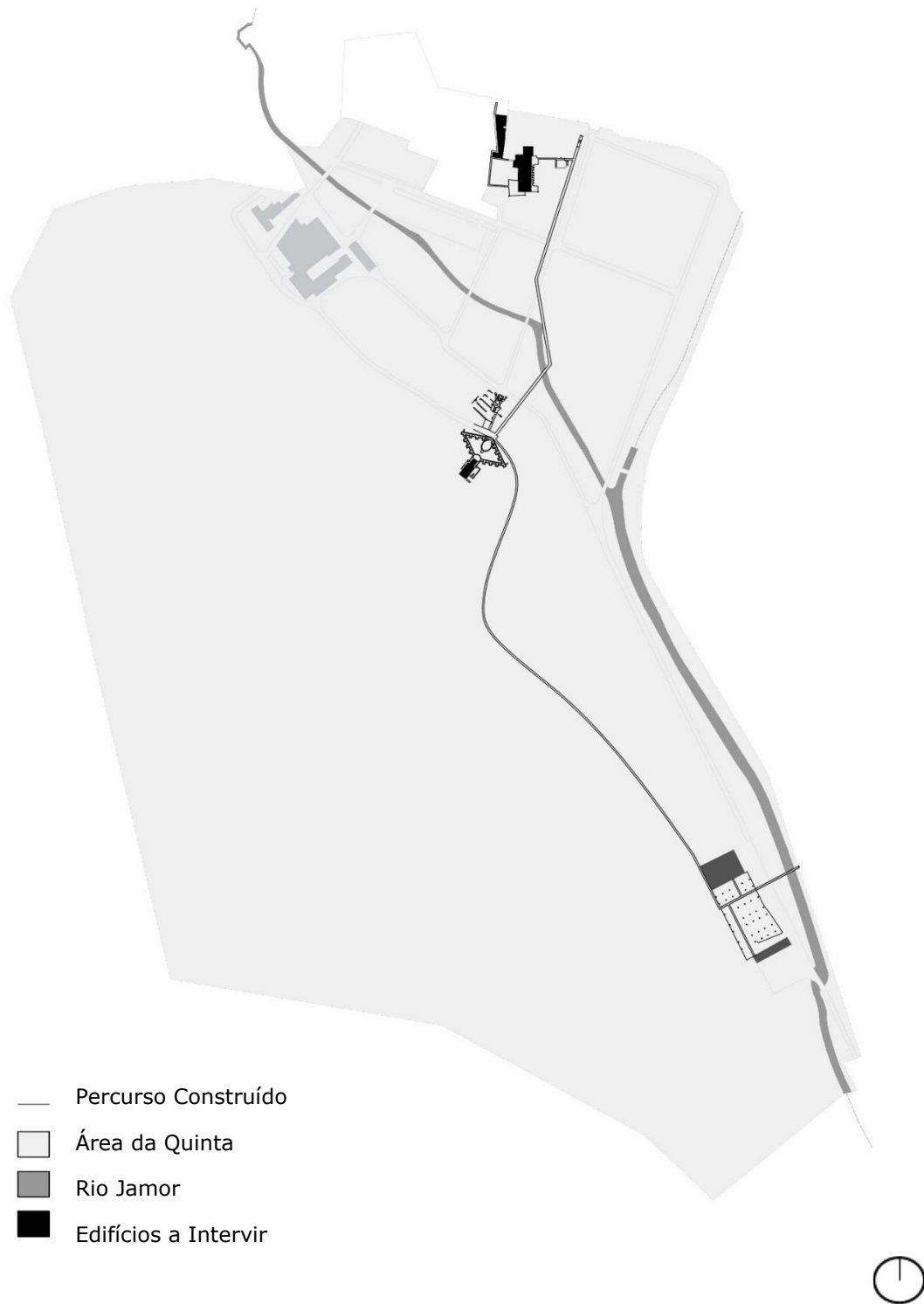


Figura 25- Planta síntese do percurso aéreo. Autoria própria

iii) Fábricas

Como primeira medida, após a análise do estado de conservação dos edifícios nesta área, é proposta a remoção dos três edifícios geminados localizados entre os dois edifícios principais das fábricas. Os edifícios preservados são a pedreira, a Norte, e a britadeira, a Sul.

Entre esses edifícios, junto à pedreira, encontram-se implantados pilares de alvenaria.

Propõe-se dar continuidade à malha definida pelos pilares, que parece ter sido interrompida. Para além disso, o limite do terreno entre os edifícios é redesenhado.

Após definir as intenções iniciais do projeto, é estabelecida a função de cada edifício. A pedreira abriga as habitações, enquanto a britadeira abriga os equipamentos associados a elas. Nos pisos superiores, embora haja habitação, também existe uma componente comum e os pisos inferiores servem somente quem habita a Quinta.

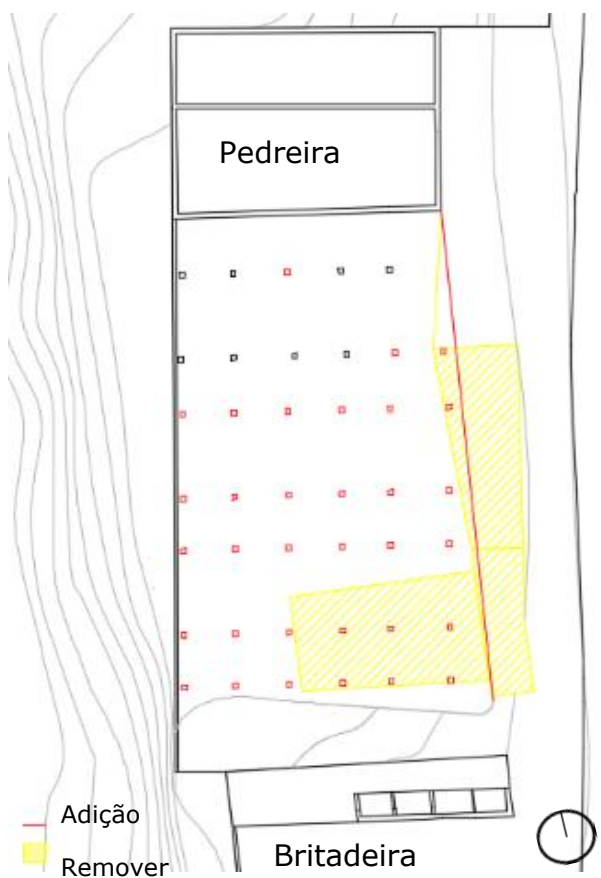


Figura 26- Implantação das fábricas. Autoria própria



Figura 27- Registos fotográficos das fábricas. Autoria própria

Propõe-se o uso de contentores de mercadorias para as habitações e espaços de lazer. Dois tamanhos de contentores são utilizados: com 5,9 metros de comprimento e com 8,85 metros de comprimento. Ambos têm 2,40 metros de altura e largura. Os contentores maiores são destinados às habitações, enquanto os de tamanho menor são destinados aos espaços comuns. Portanto, a proposta visa organizar os contentores de mercadorias dentro dos edifícios das fábricas, seguindo os princípios de organização extraídos do estudo das vilas operárias.

A pedreira e a britadeira estão conectadas por um percurso, o mesmo percurso construído proposto anteriormente. Como mencionado no subcapítulo anterior, esse percurso construído tem conexões com a envolvente, ultrapassando os limites da Quinta. O percurso está apoiado sobre os pilares entre os edifícios.

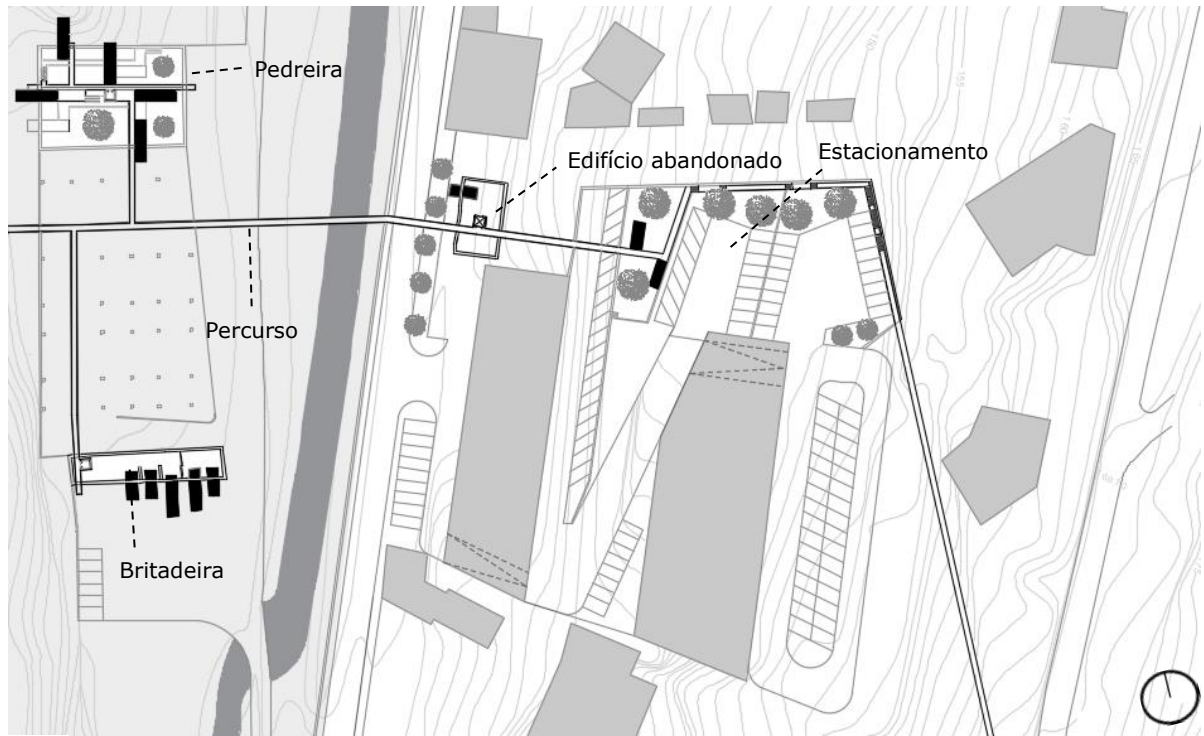
Assim, o percurso atravessa um edifício abandonado e um parque de estacionamento onde assenta. Dentro do edifício abandonado, há um elevador que proporciona a conexão com o percurso, e um contentor que serve como espaço de controlo de acessos ao local. O parque de estacionamento é redesenhado, com a redefinição dos lugares de estacionamento e a adição de novos acessos. Também são inseridos dois contentores de apoio e controlo de entradas e saídas.

Considerando que os edifícios são do tipo de "arquitetura industrial", tirando proveito do estudo sobre a arquitetura industrial, foi realizado um estudo sobre a organização das vilas operárias e o seu funcionamento, a fim de extrair pontos-chave que possam ser aplicados na organização do espaço nas fábricas.

Existem diversas formas de organizar uma vila operária, mas em suma, todas as vilas operárias apresentam as seguintes características:

- Aproveitamento eficiente do espaço de implantação;
- Espaços comuns e vivência em comunidade;
- Percursos e acessos exteriores, normalmente em estrutura metálica;
- Praça central formada pelas habitações.

A proposta é definida assim pelo "empilhamento" dos contentores de modo a criar uma proposta que tenha habitações individuais distribuídas pelos 3 pisos, ligadas por percursos metálicos com espaços comuns no piso térreo, como lavandarias, cozinhas comunitárias e espaços de trabalho/reunião. Em termos de materialidade, como já foi afirmado, a estrutura metálica domina os contentores e os percursos. Assentes sobre uma laje de betão como fundação, similar ao projeto "Village Underground", projeto usado como referência para organização e escolha dos materiais.






-  Área da Quinta
-  Rio Jamor
-  Contentores

Figura 28- Planta do projeto geral de intervenção nas fábricas. Autoria própria

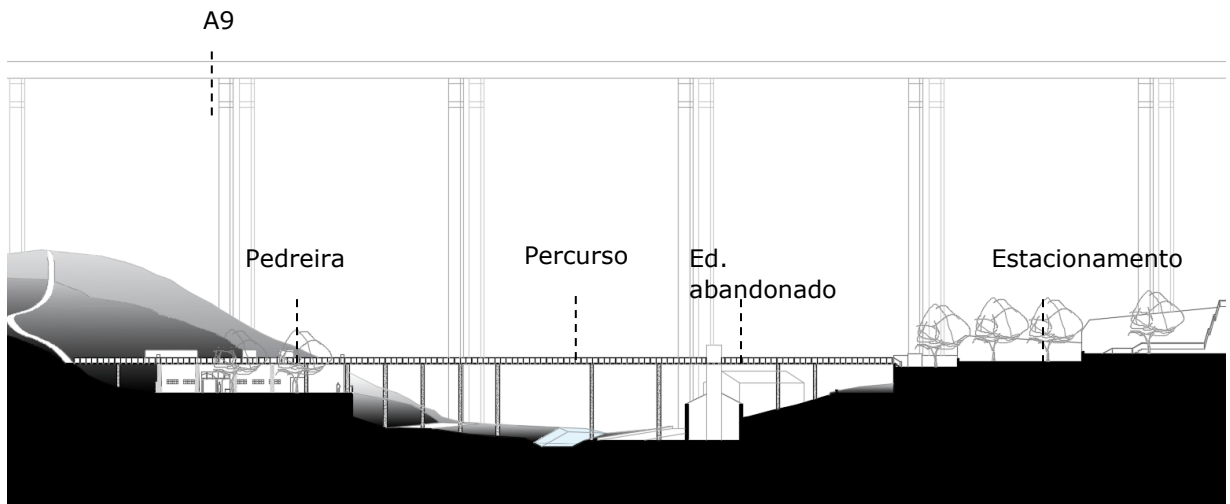
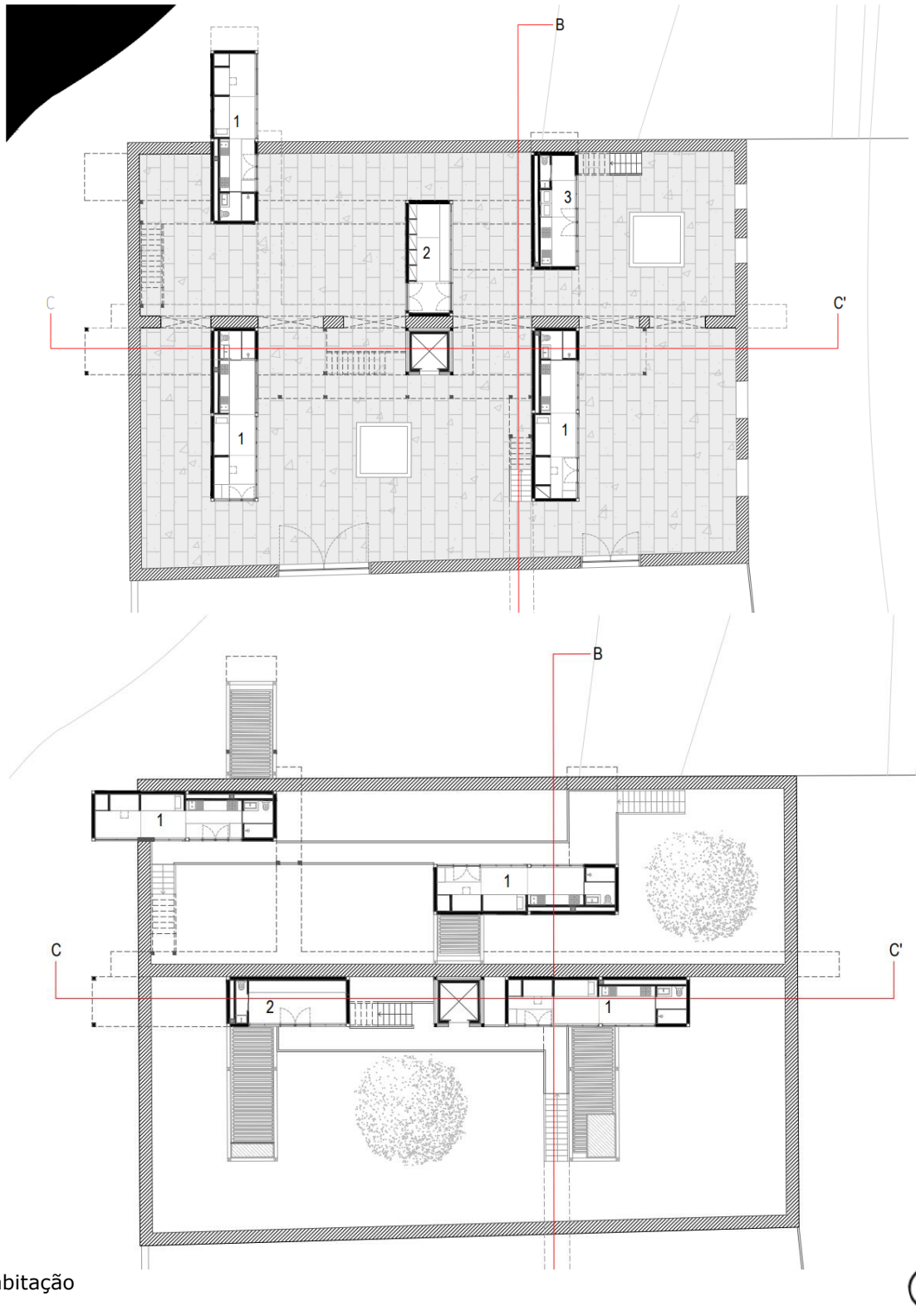
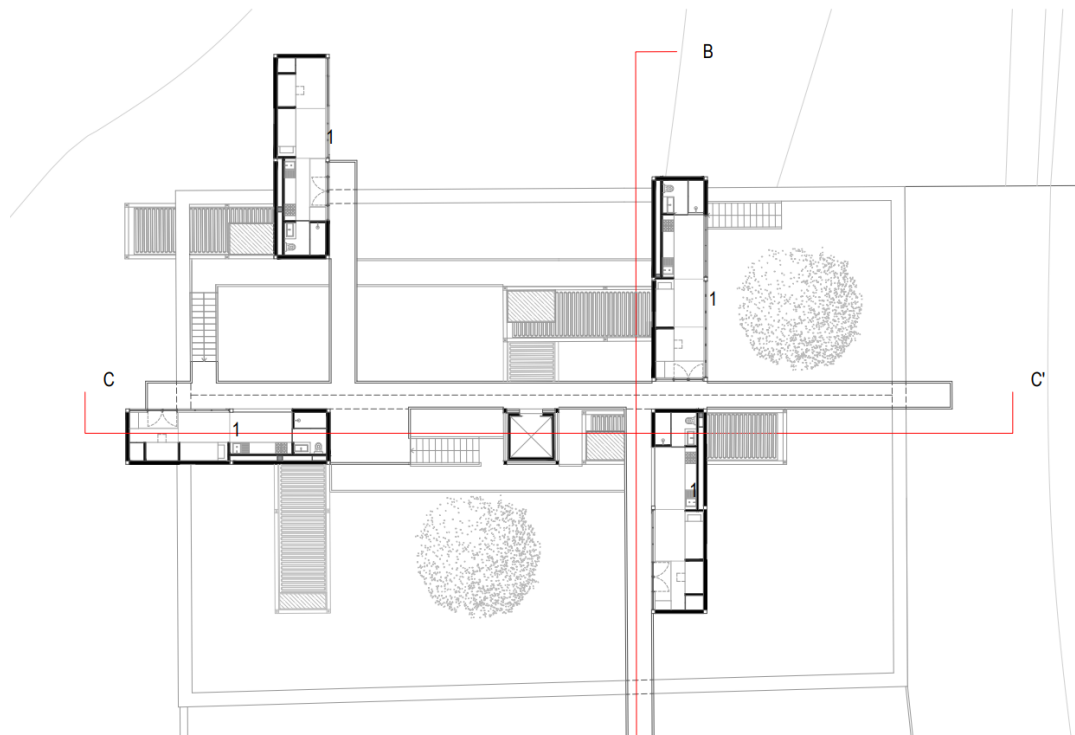


Figura 29- Corte longitudinal do percurso. Autoria própria



- 1-Habitação
- 2-Espaço Comum
- 3- Espaço de confeção

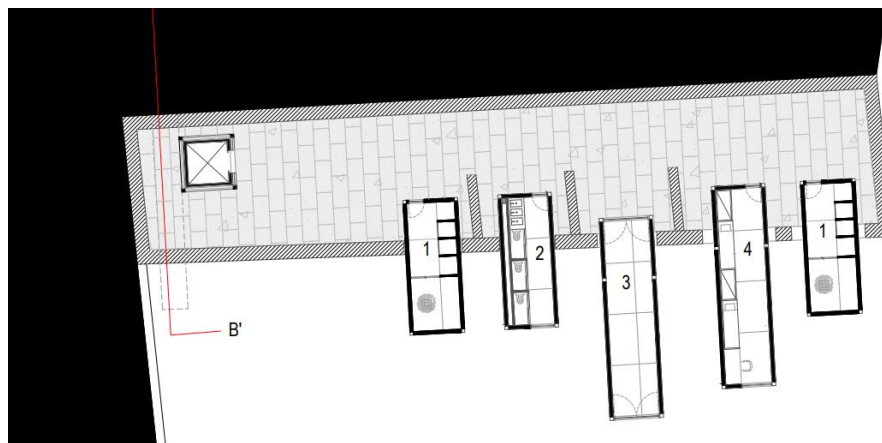
Figura 30- Plantas da pedraira dos pisos 0 e 1, respetivamente. Autoria própria



1-Habituação



Figura 31- Planta da pedreira do piso 2. Autoria própria



1- Psicólogo

2- Instalações Sanitárias

3- Entrada

4- Fisioterapeuta e Enfermaria



Figura 32- Planta da britadeira do piso 0. Autoria própria

Habitar

Com o plano geral definido e com as dimensões dos contentores definidas, são definidos módulos habitacionais inspirados na ideologia "Active Band" ou "Le Band Actif" do arquiteto francês Yves Lion em 1987. Esta abordagem visa criar uma fachada dinâmica, incorporando funções relacionadas com higiene e confeção de alimentos dentro destes armários, resultando num espaço aberto e flexível. O conceito busca promover uma integração entre diferentes áreas da residência, permitindo uma fluidez maior entre os espaços. Ao adotar esta abordagem, procura-se proporcionar uma experiência de habitação mais dinâmica e adaptável, incentivando a interação e a liberdade de uso e definição dos espaços. ⁶⁴

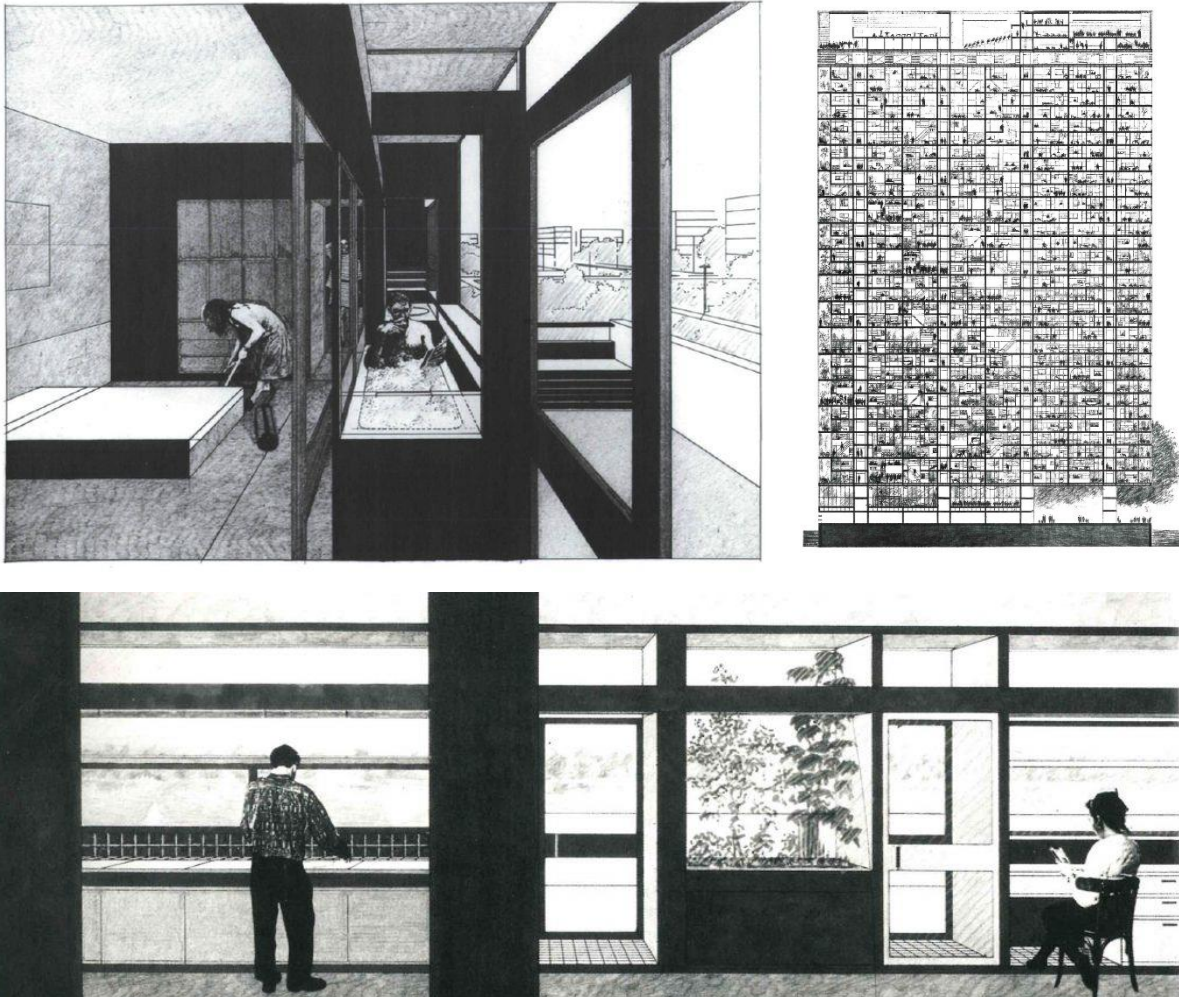


Figura 33- Imagens conceituais do conceito "Le Band Actif".

Consultar em <http://hiddenarchitecture.net/domus-demain/>

⁶⁴ Hidden Architecture. (2017) "Domus Demain". Consultar em <http://hiddenarchitecture.net/domus-demain/>

Módulos

Os módulos são definidos de acordo com as necessidades de habitação das pessoas sem-abrigo. Sendo pessoas que vivem normalmente em isolamento, conclui-se que as habitações têm de ser individuais, ou pelo menos com espaços de possível isolamento. São definidos 4 tipos de espaço essenciais ao habitar que têm de ser respondidos com estes módulos. Os espaços são: Chegar, Dormir, Comer, Higiene.

É então definido um módulo de chegada, inspirado no sistema japonês *Genkan*⁶⁵, serve como uma área de entrada e de purificação antes de se entrar na residência. Geralmente estas áreas possuem um banco para o morador/visitante se descalçar e um armário para guardar os pertences. Estas zonas de entrada são construídas num nível inferior ao piso principal da habitação, criando um desnível. Embora não esteja dentro de um armário, este módulo usa a mesma métrica dos armários dos módulos seguintes.

Os seguintes três módulos incorporam todas as suas funções dentro de armários. O módulo de dormir, integrado dentro de um armário, é composto por uma cama e armários integrados, de forma a aproveitar ao máximo o espaço. O módulo de higiene, composto por um chuveiro, uma sanita e um lavatório. O módulo de Confeção contém um lavatório, fogão e arrumos.

São definidas duas variantes de habitação dentro dos contentores. Para além dos módulos definidos, foram adicionados módulos de arrumação que não estão no subcapítulo anterior, por se tratar de módulos cujas dimensões podem variar.

Por detrás das zonas de higiene e confeção existe uma área técnica para os ductos necessários para o bom funcionamento destes espaços. Em relação aos vãos, o objetivo é o de abrir o maior número de vãos possível, de modo a maximizar as entradas de luz, devido às dimensões do contentor. A posição destes vãos pode variar de acordo com a posição dos contentores na parede.

Os contentores são de estrutura metálica. Deste modo, a estrutura das paredes interiores, dos armários, é também de metal. O revestimento das paredes e dos armários é laminado de madeira e o pavimento é constituído por placas de Viroc Preto NG, de 8 mm de espessura, 2600x1250 mm. ⁶⁶

⁶⁵ Genkan (玄関) are traditional Japanese entryway areas for a house, apartment, or building, a combination of a porch and a doormat.[1] It is usually located inside the building directly in front of the door. The primary function of genkan is for the removal of shoes before entering the main part of the house or building.

Wikipedia. (2023) "Genkan" Consultar em:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Genkan#:~:text=Genkan%20\(玄関\)%20are%20traditional%20Japanese,in%20front%20of%20the%20door.](https://en.wikipedia.org/wiki/Genkan#:~:text=Genkan%20(玄関)%20are%20traditional%20Japanese,in%20front%20of%20the%20door.)

⁶⁶ Investwood. (2023) Consultar em: <https://www.investwood.pt/viroc/>

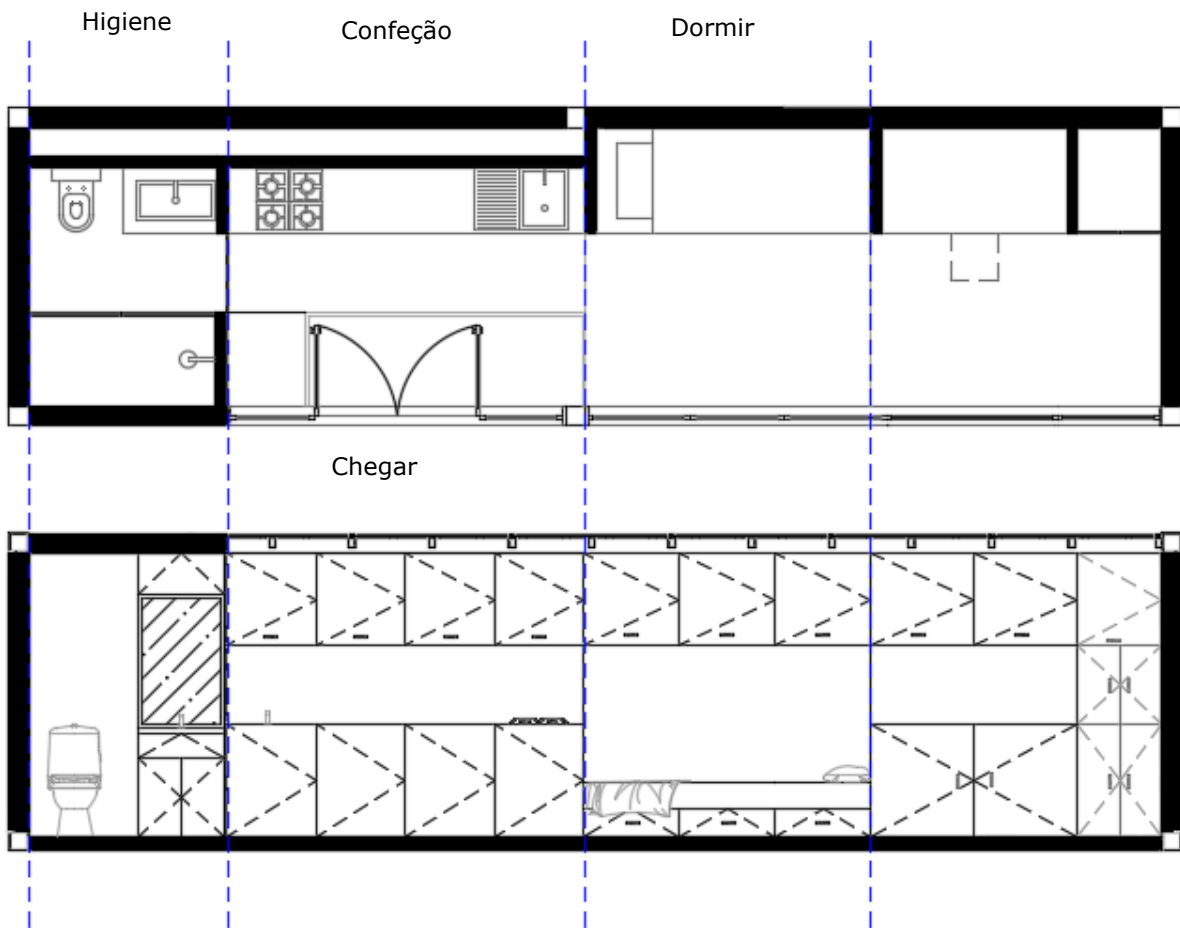


Figura 34- Planta e corte de um contentor de habitação. Autoria própria

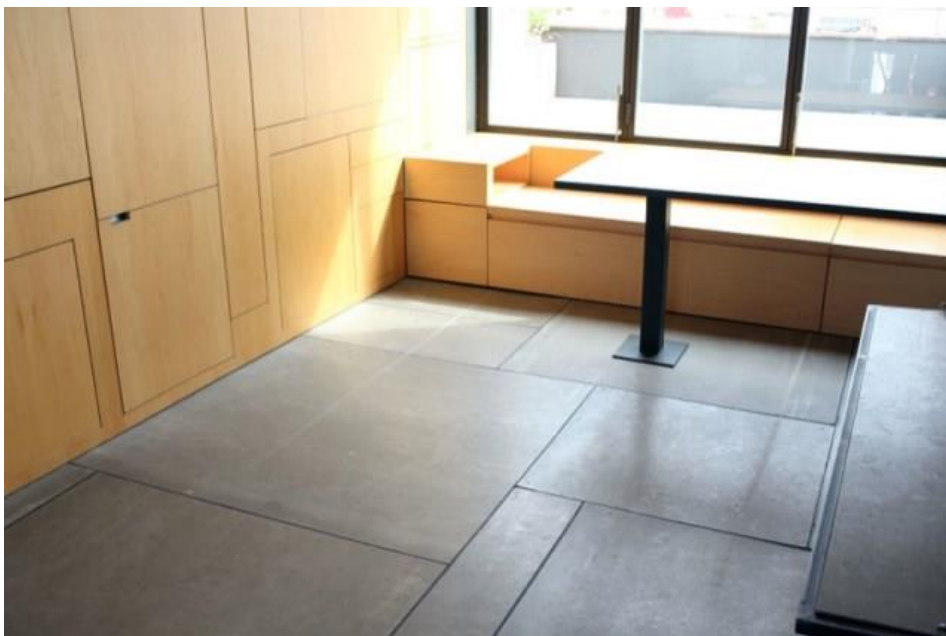
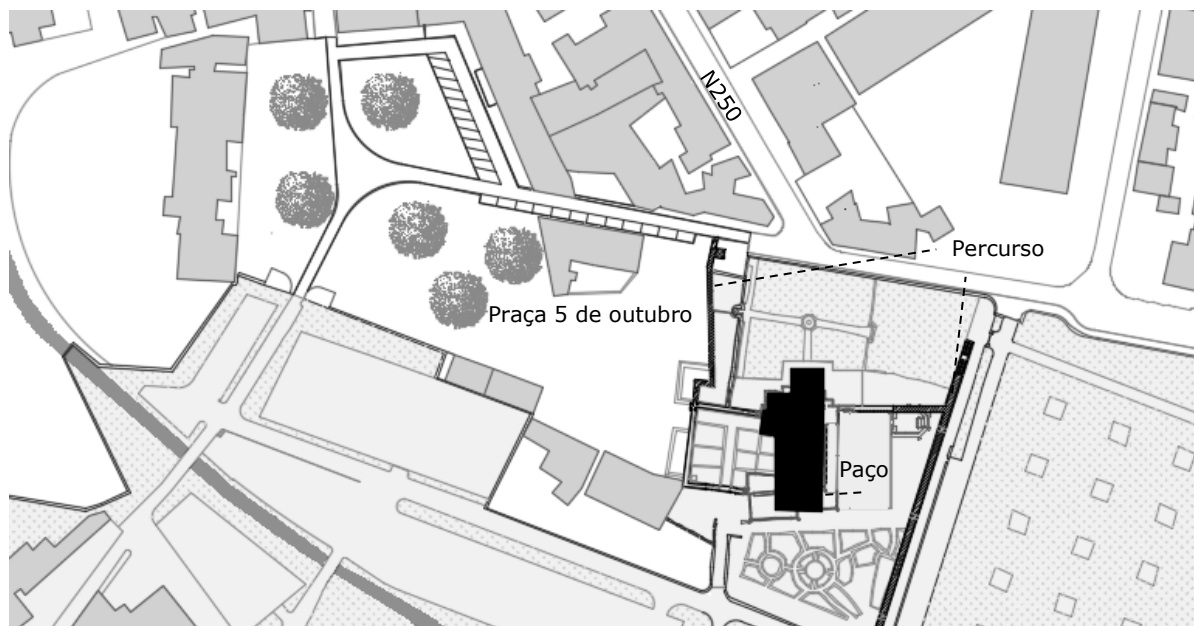


Figura 35- Exemplo do interior com os mesmos materiais propostos para a habitação. Consultar em <https://www.a-martins.pt/viroc>

iv) Paço Real de Belas

Como primeira medida, é proposta a reabertura dos arcos em cantaria na fachada Oeste do piso térreo, e a remoção das paredes divisórias do salão e das escadas adjacentes ao salão e consequente redefinição da parede divisória entre o salão e o corredor de circulação

Como parte do plano geral de intervenção, as torres do paço são destinadas à habitação e o salão é projetado para acomodar funções públicas. O piso térreo é reservado para atender aos habitantes da Quinta, com espaços de trabalho, lavandaria e cozinha comunitária, seguindo uma abordagem semelhante à das fábricas. Os espaços seguem a matriz definida no subcapítulo anterior, da inversão dos espaços públicos e privados. Nos pisos superiores, embora haja habitação, também existe uma componente pública e os pisos inferiores servem somente quem habita a Quinta. O percurso construído surge de forma fragmentada, começando no extremo do muro da Quinta, mais a Norte. Este percurso liga ao percurso existente que circunda o pátio interior da Quinta. O percurso é interrompido pelo Paço, continuando depois na fachada Nascente, por cima da ruína da Capela, percurso que se conecta à Ermida do Senhor da Serra. A praça 5 de outubro é redesenhada, encurtando as vias automóveis e restringido o acesso automóvel para quem frequenta os espaços constituintes da Praça. A via automóvel principal passa a ser a N250.






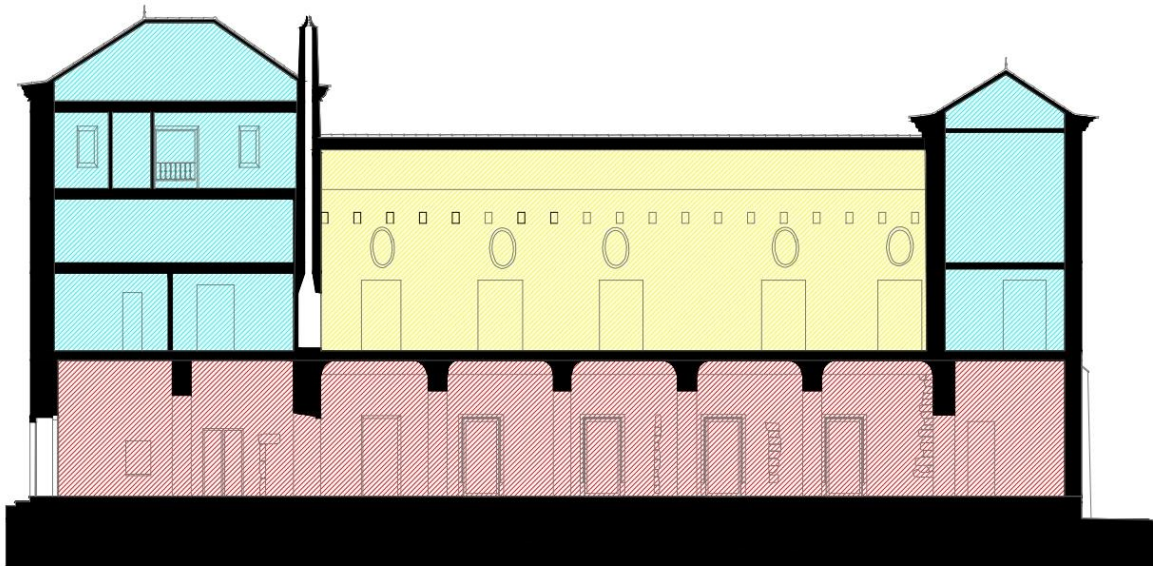
-  Área da Quinta
-  Rio Jamor
-  Paço Real de Belas



Figura 36- Plano geral de intervenção. Autoria própria



- Salão/Zona Pública
- Torres/ Habitação
- Piso térreo/ Zona de apoio aos habitantes

Figura 37- Corte esquemático das funções dos espaços do Paço. Autoria própria

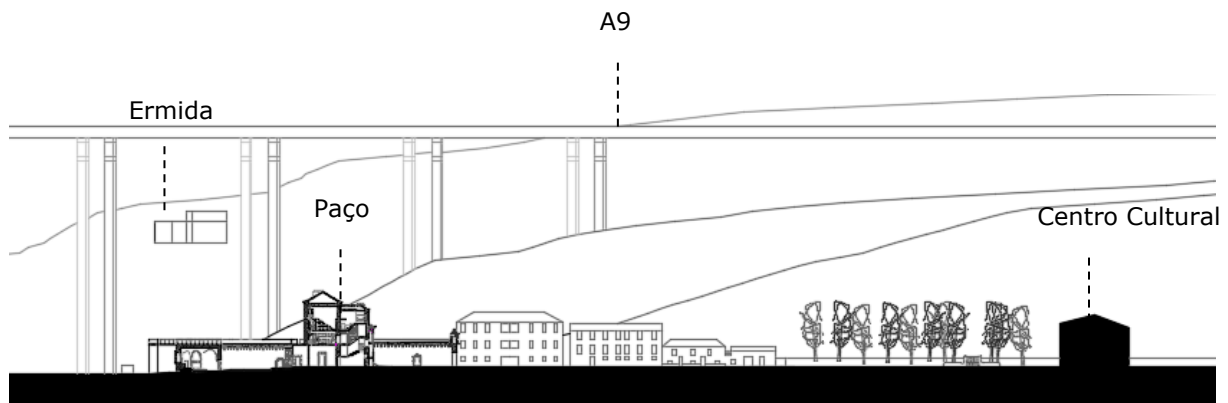


Figura 38- Corte transversal do Paço e da praça 5 de outubro. Autoria própria

São usados os mesmos módulos definidos no subcapítulo anterior, de modo a tornar a proposta coerente. O tipo de habitar nas fábricas é o mesmo tipo de habitar no Paço.

A ideia dos módulos/armários é usada não só nas habitações, como também para as lojas e espaços comuns.

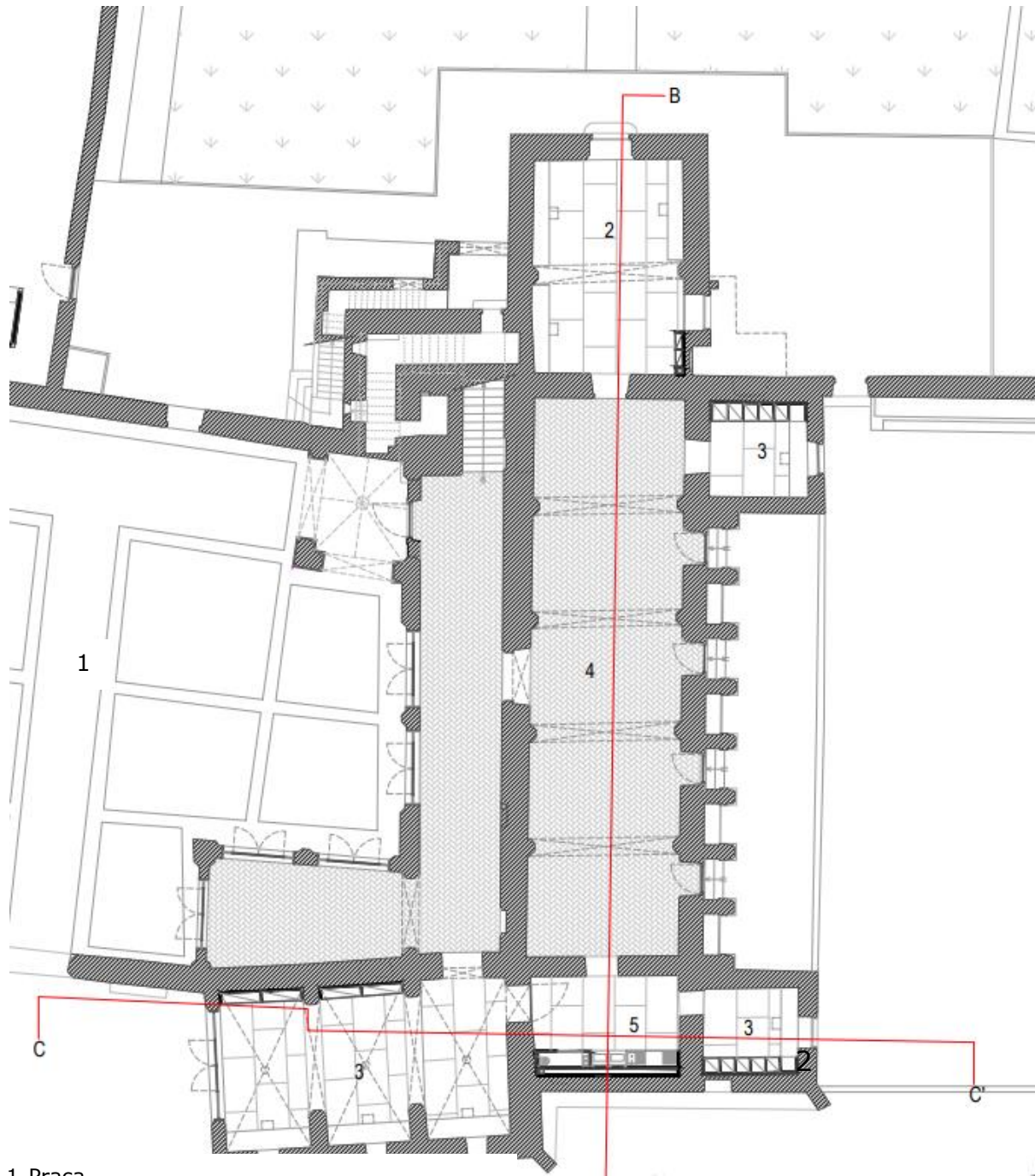
No piso térreo, propõem-se espaços de trabalho, confeção e lavandaria para atender às necessidades dos moradores. São delimitadas áreas específicas para essas funções, buscando uma intervenção que seja o menos intrusiva possível, tomando em consideração o bom estado de conservação do edifício e o valor que este piso representa para a leitura global do Paço. A sala dos frescos e a sala localizada mais ao sul são definidas como espaços de trabalho. O grande salão com arcos é utilizado como área de circulação, sendo que uma parte dele é reaproveitada para acomodar as funções de confeção e lavandaria.

No piso 1, define-se uma praça dentro do salão, com lojas a circundar a mesma. Na torre Norte implementa-se habitação para duas pessoas. No entanto, mantendo a ideologia de habitação das habitações fábricas, são propostos espaços onde cada habitante pode ficar em isolamento. Por isso, neste caso, o módulo "Dormir" é alargado, de modo a poder ser aberto e fechado, através de uma cortina. Os restantes módulos mantêm-se. A habitação da Torre Sul é em duplex, com o acesso ao piso superior realizado por escadas dentro da habitação. Neste piso encontram-se funções associadas a um habitar mais público, de convívio como espaço de confeção, espaços de estar.

Nos pisos 2 e 3 das torres, a ocupação é exclusivamente residencial. Na torre Norte, há uma habitação disposta em duplex, entre os pisos 2 e 3, uma vez que o piso 2 possui apenas um vão pequeno. Já na torre Sul, a habitação também é em duplex, entre os pisos 1 e o 2.

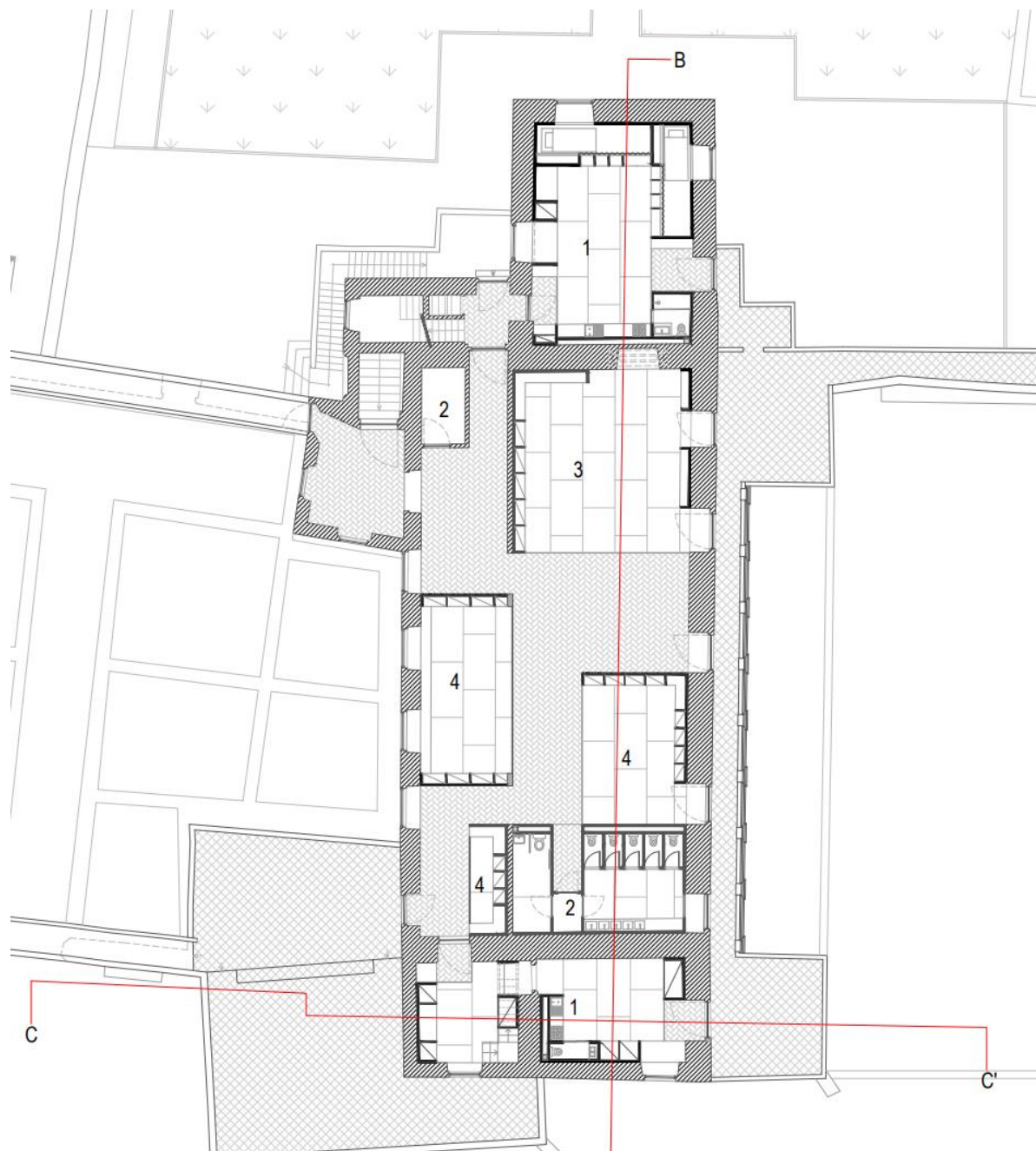
O pavimento nos espaços edificados continua a ser o Viroc preto. Nos espaços não edificados mantêm-se o pavimento original.

Os diferentes tipos de pavimento são usados como forma de distinção clara entre o existente e o novo.



- 1- Praça
- 2- Sala dos Frescos/ Sala de Reunião
- 3- Escritórios/Espaços de trabalho
- 4- Espaço de trabalho
- 5- Zona de confecção/Lavandaria

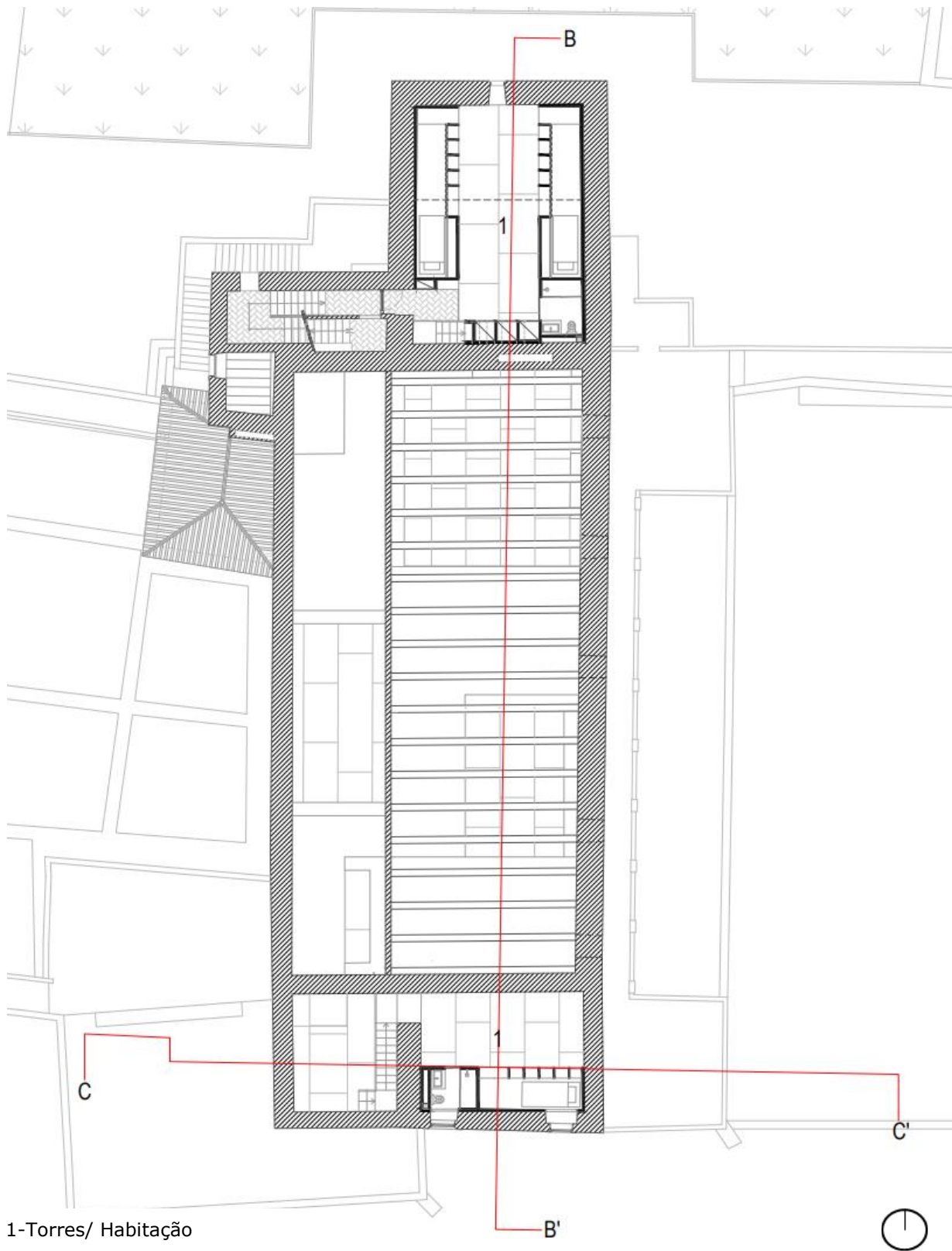
Figura 39- Planta piso 0. Autoria própria



- 1-Torres/ Habitação
- 2- Instalações Sanitárias
- 3-Espaço de leitura
- 4- Lojas



Figura 40- Planta piso 1. Autoria própria



1-Torres/ Habitação

Figura 41- Planta piso 2. Autoria própria

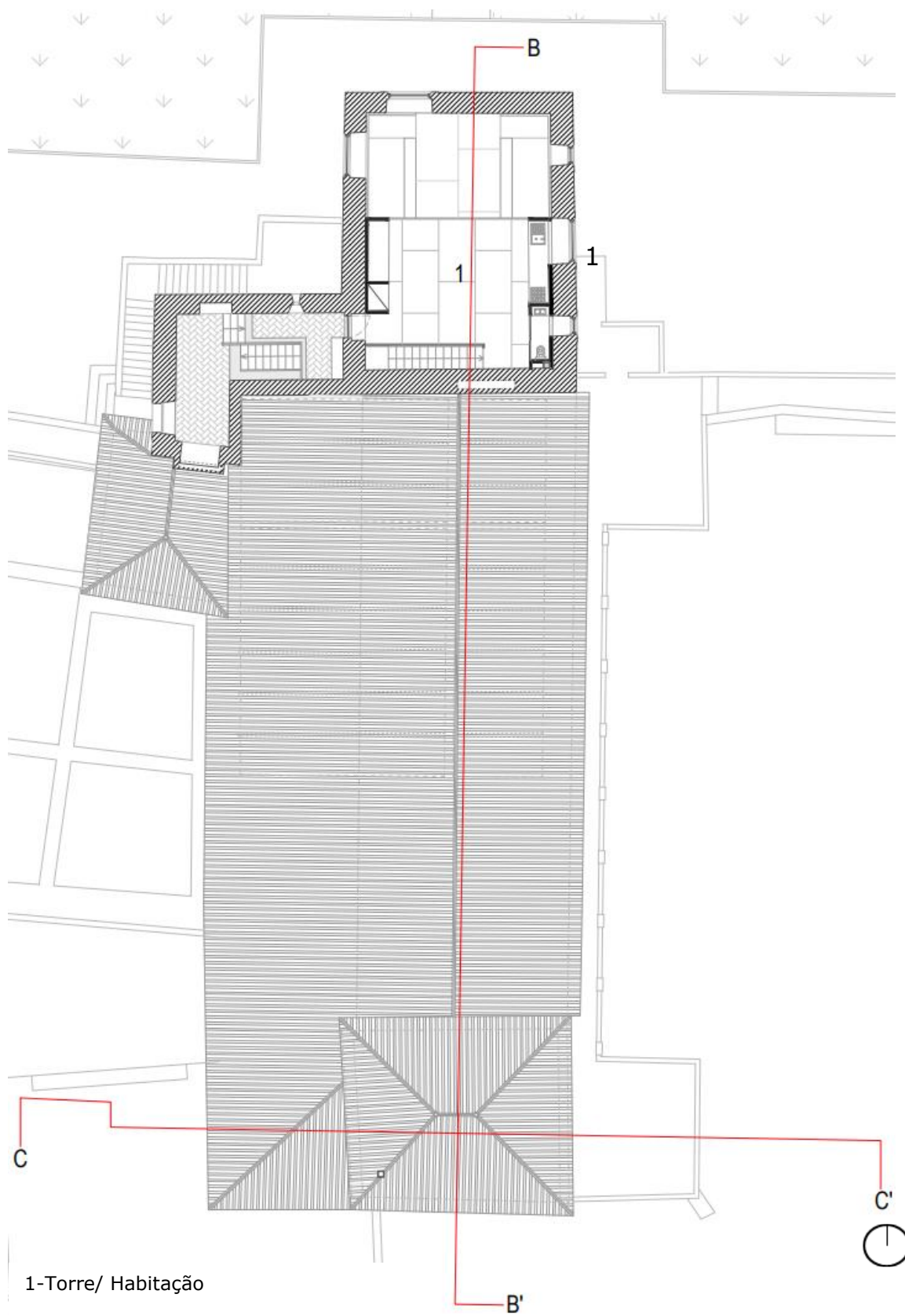


Figura 42- Planta piso 3. Autoria própria

6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento de um trabalho sobre um tema tão extenso e complexo como o da adaptação de habitar a património construído, fica a ideia de que este tema é impossível de se dar por concluído. Durante o processo de investigação e conceção de projeto, foi definido um tipo de habitar que pudesse ser facilmente aplicável dentro do contexto da Quinta do Senhor da Serra, particularmente nas ruínas das fábricas antigas e subsequentemente no Paço Real.

É importante notar que não existe uma maneira de abordar a intervenção em património construído superlativamente correta que reina sobre as outras, pelo que a concretização de uma proposta tem sempre valores associados ao lugar e a quem se destinam.

O trabalho e projeto de habitação foram concebidos para a Quinta do Senhor da Serra e não para outro espaço. A forma como um projeto de reuso é abordado depende sempre do objeto de estudo sob o qual se realizará o exercício de projeto. E este projeto só terá sucesso se for realizada uma pesquisa exaustiva sobre a história do lugar e os conceitos principais que se pretendem abordar, bem como o estudo em detalhe do tipo de habitação que se pretende implementar, e quem o vai habitar.

BIBLIOGRAFIA

Publicações

Arquitetura Viva. (2011) *SOUTO DE MOURA*. Espanha (Madrid): Arquitectura Viva SL.

Choay, F. (2010), *ALEGORIA DO PATRIMÓNIO*. Edições 70.

DURRETT, C. e MACCARMANT, K. (2011) - *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, p.8.

E SILVA, Gastão de Brito. (2014) *Portugal em ruínas*. Portugal (Lisboa): Fundação Francisco Manuel dos Santos, p. 11

GRACIA, F. (1992) - *Construir en lo construído - La arquitectura como modificacion*; Madrid: Nerea

Lopes, F. e Correia, M. (2014) *Património Cultural, critérios e normas internacionais de proteção*. Casal de Cambra: Editora Caleidoscópio, pp. 319-323.

Norberg-Schulz, C. (1979) *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Rizzoli, pp. 6-8

PALLASMAA, J. (1996), "The Geometry of Felling, A Look at the Fenomenology of Architecture", In, Kate Nesbitt, *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory: 196-1995*, New York, Ed. Princeton Architectural.

Plevoets, B., & Van Cleempoel, K. (2019). *Adaptive Reuse of the Built Heritage: Concepts and Cases of an Emerging Discipline* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315161440>

Pires, A.G. (2014) *A QUINTA DE RECREIO EM PORTUGAL*. Caleidoscópio. pp. 15-18

SARAIVA, A. (1977), *Psicologia*. Plátano Editora: Lisboa

SOURIAU, E. (1990) *Vocabulaire D'Estétique, Paris, Presses Universitaires de France*

Vestbro, D U. (2014) *Cohousing in Sweden, history and present situation*. Suécia

Publicações Académicas

Bullen, P. and Love, P. (2011) "Adaptive reuse of heritage buildings". *Department of Construction Management, School of the Built Environment, Curtin University.*

Consultar em: <https://www.emerald.com/insight/publication/issn/0263-080X>

Rodrigues, R. (2012) *Quinta do Senhor da Serra (Belas): Análise Arquitectónica e Territorial.* Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

Consultar em:

http://revistatritao.cm-sintra.pt/images/ebooks/ruirodrigues/PacoBelas_web.pdf

Fontainhas, Sara Teixeira- Lugares com identidade e memória: os pátios e vilas operárias de Lisboa como fundamento de um projeto. FA,2015. Tese de Mestrado.

Consultar em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/8911>

Webgrafia

Aguiar, J. (2018) "Arquitetura, património e projeto de reabilitação" *construcaomagazine.*

Consultar em: <http://www.construcaomagazine.pt/noticias/arquitetura-patrimonio-projeto-de-reabilitacao/>

Archdaily. (2016) "Casa em Azeitão/ Aires Mateus", *ArchDaily*, 5 de setembro de 2016.

Consultar em: <https://www.archdaily.com.br/br/794435/house-in-azeitao-aires-mateus>

Archdaily. (2015) Convento das Bernardas/ Eduardo Souto de Moura, *ArchDaily*, 25 de junho de 2015.

Consultar em: <https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura>

Auschwitz Tours. "O que é Auschwitz?"

Consultar em: <https://www.theauschwitztours.com/pt/auschwitz-concentration-camp/>

Carapinha, A. (2008) "A QUINTA DE RECREIO", *Diário de Notícias*

Consultar em: <https://www.dn.pt/arquivo/2008/a-quinta-de-recreio-998218.html>

DGPC. (2023) "Quem Somos?"

Consultar em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/>

Diário da República Eletrónico. (2023) " Bem de interesse público (bem cultural)"

Consultar em: <https://dre.pt/dre/lexionario/termo/bem-interesse-publico-bem-cultural>

Espaço Arquitetura. (2020)

Consultar em: <https://espacodearquitetura.com/projetos/convento-das-bernardas/>

Hidden Architecture. (2017) "Domus Demain", *Hidden Architecture*, 13 de dezembro de 2017.

Consultar em <http://hiddenarchitecture.net/domus-demain/>

ICOMOS (2017) "O que é o ICOMOS", *ICOMOS PORTUGAL*.

Consultar em: <https://www.icomos.pt/o-que-e-o-icomos>

Investwood. (2023)

Consultar em: <https://www.investwood.pt/viroc/>

Oeiras Valley. (2023) Projeto Eixo Verde e Azul.

Consultar em: <https://www.oeiras.pt/conheça-o-projeto-do-eixo-verde-e-azul>

Publituris. (2023) "Turismo e património cultural em debate na Portucalense", *Publituris*.

Consultar em: <https://www.publituris.pt/2023/03/27/turismo-e-patrimonio-cultural-em-debate-na-portucalense>

SIPA. (2011) Paço Real de Belas.

Consultar em:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6102

TICCIH, 2003. Carta de NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL.

Consultar em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>

União das Freguesias de Queluz -Belas. (2023) "História da Freguesia"

Consultar em: <https://ufqueluzbelas.pt/freguesia-historia>

Wikipédia. (2022) "Aparelho isódomo".

Consultar em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aparelho_isódomo

Wikipédia. (2022) "Belas (Portugal)"

Consultar em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Belas_\(Portugal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Belas_(Portugal))

Wikipédia. (2023) "Classificação do património em Portugal"

Consultar em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Classifica%C3%A7%C3%A3o_do_patrim%C3%B3nio_em_Portugal

Wikipedia. (2023) "Genkan"

Consultar em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Genkan#:~:text=Genkan%20\(玄関\)%20are%20traditional%20Japanese,in%20front%20of%20the%20door.](https://en.wikipedia.org/wiki/Genkan#:~:text=Genkan%20(玄関)%20are%20traditional%20Japanese,in%20front%20of%20the%20door.)

Documentos/Tratados/Cartas

Conselho da Europa, Carta Europeia do Património Arquitectónico, França (Estrasburgo), 1975. (Traduzido).

Consultar em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CARTAEUROPEIADOPATRIMONIOARQUITECTONICO.pdf>

ICOMOS Australia (1999) *The Burra Charter, The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance*, Austrália (Burra).

Consultar em:

http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/BURRA_CHARTER.pdf

UNESCO, Carta de Cracóvia 2000: Princípios para conservação e o restauro do património construído. Polónia (Cracóvia), 2000. (Traduzido).

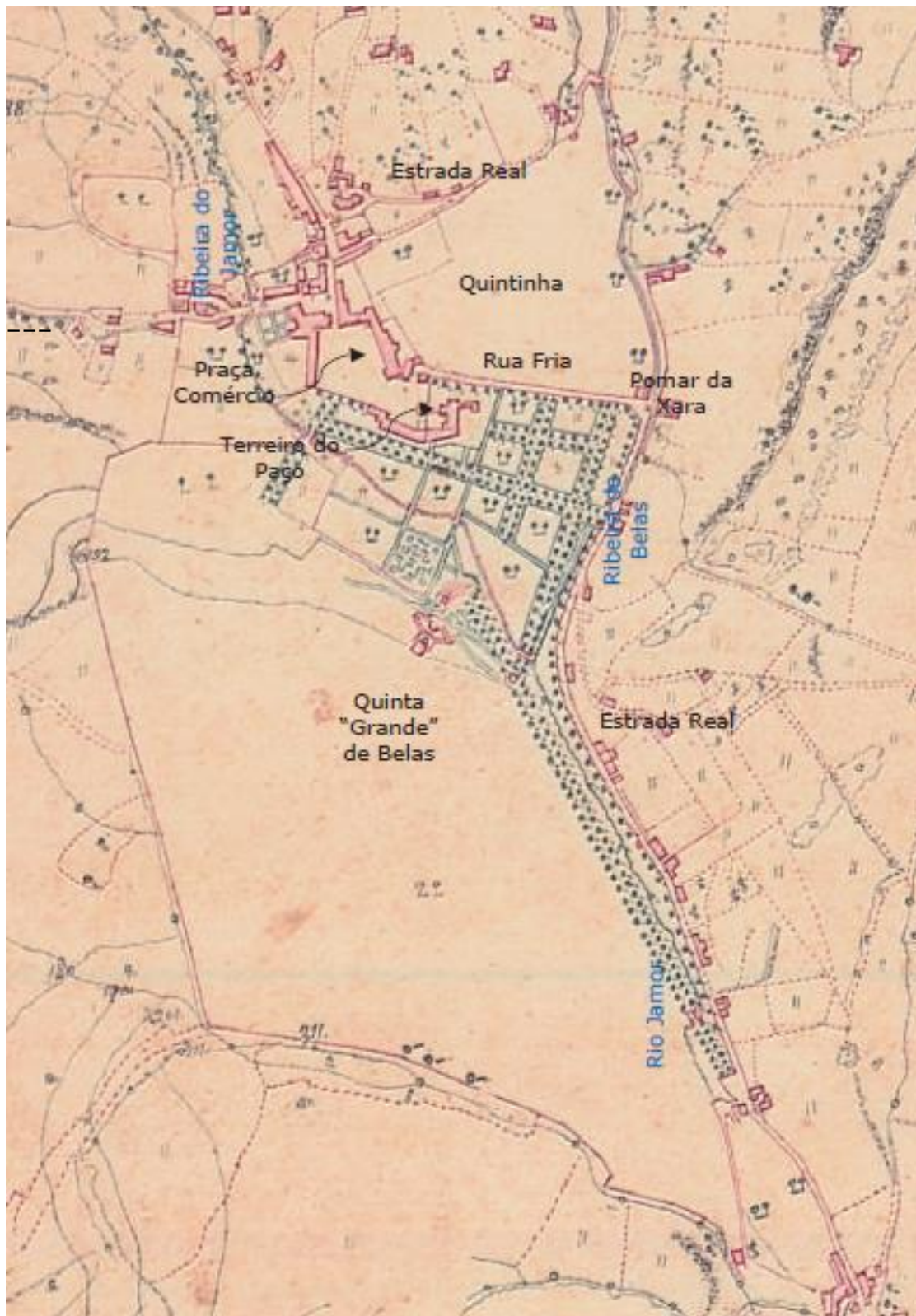
Consultar em:

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

ANEXOS

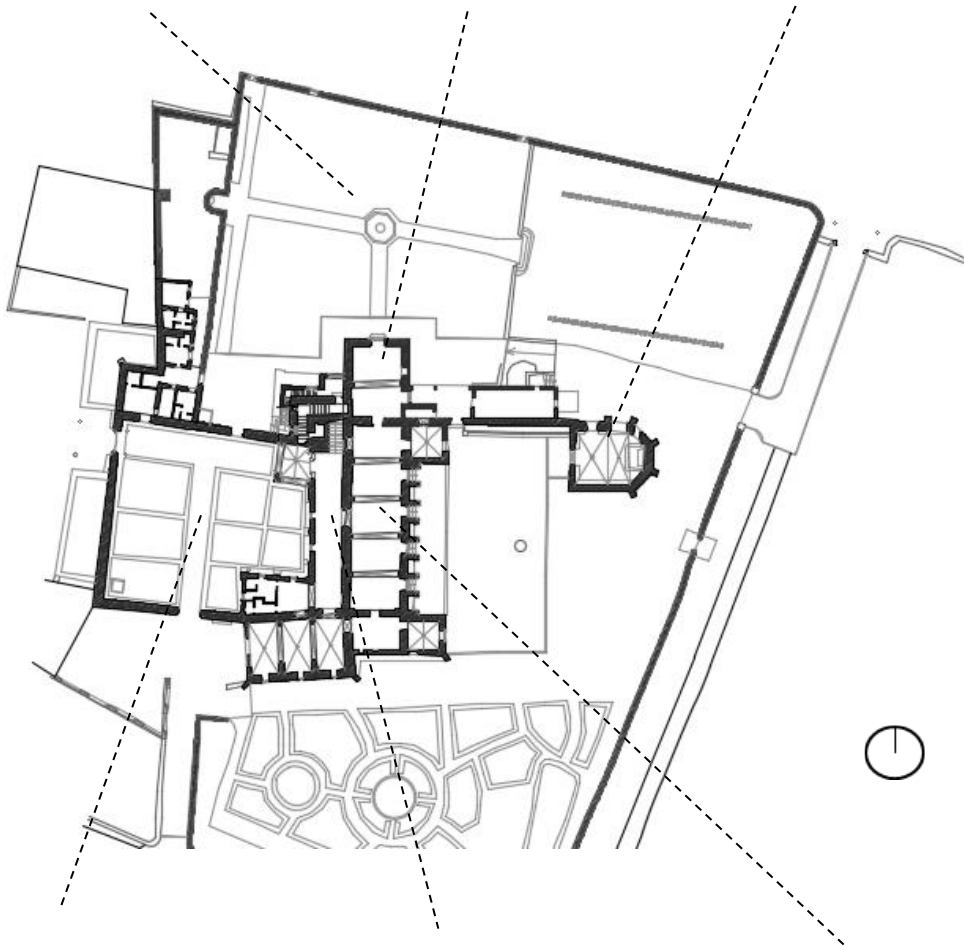
ANEXOS I. DOCUMENTAÇÃO/ REGISTOS HISTÓRICOS

Carta Militar 1830 (Instituto Geográfico Português)



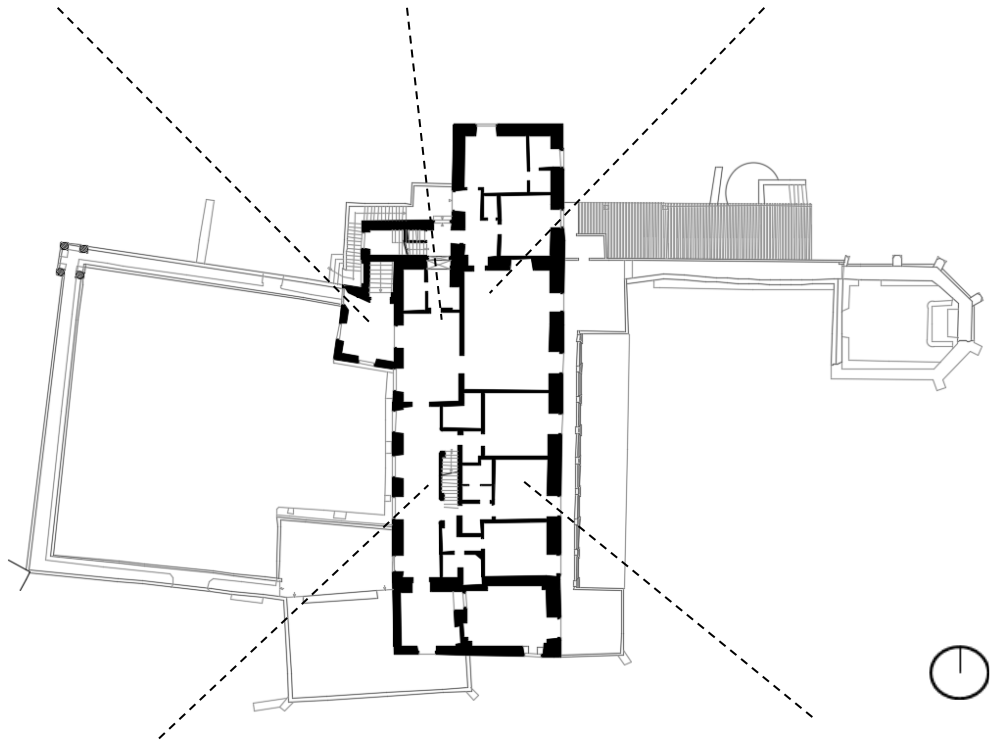
ANEXOS II. REGISTOS FOTOGRÁFICOS

Paço Real de Belas – Piso 0

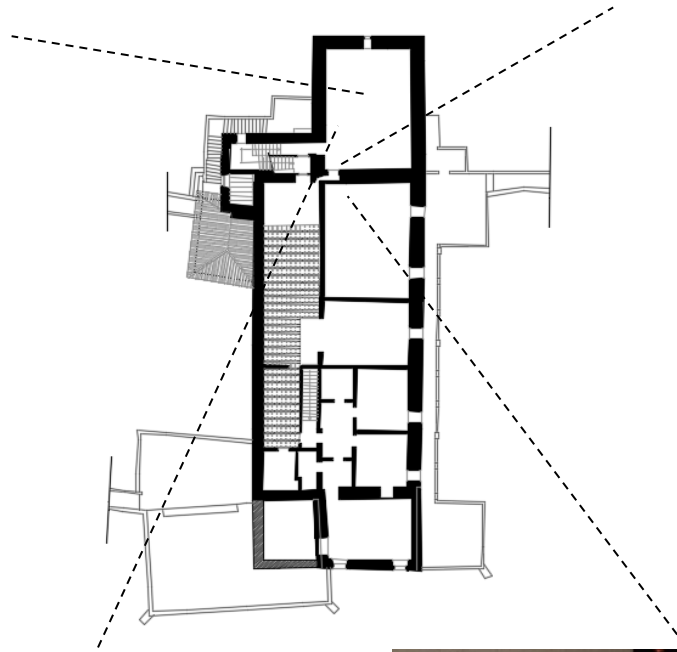


Paço Real de Belas – Piso 1

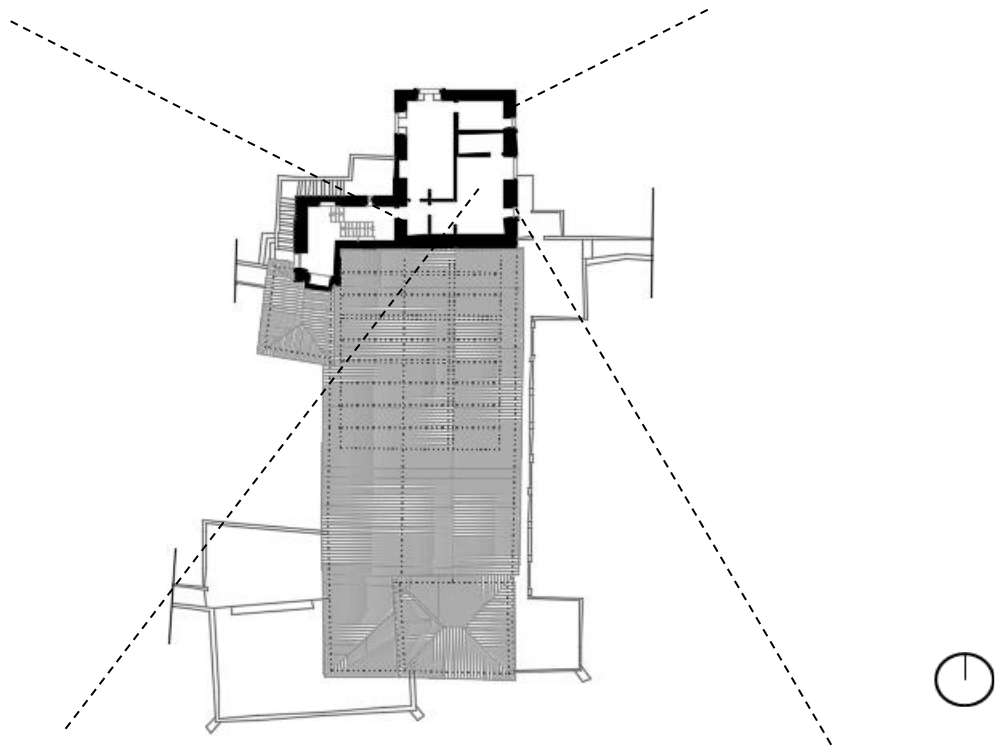
86



Paço Real de Belas – Piso 2



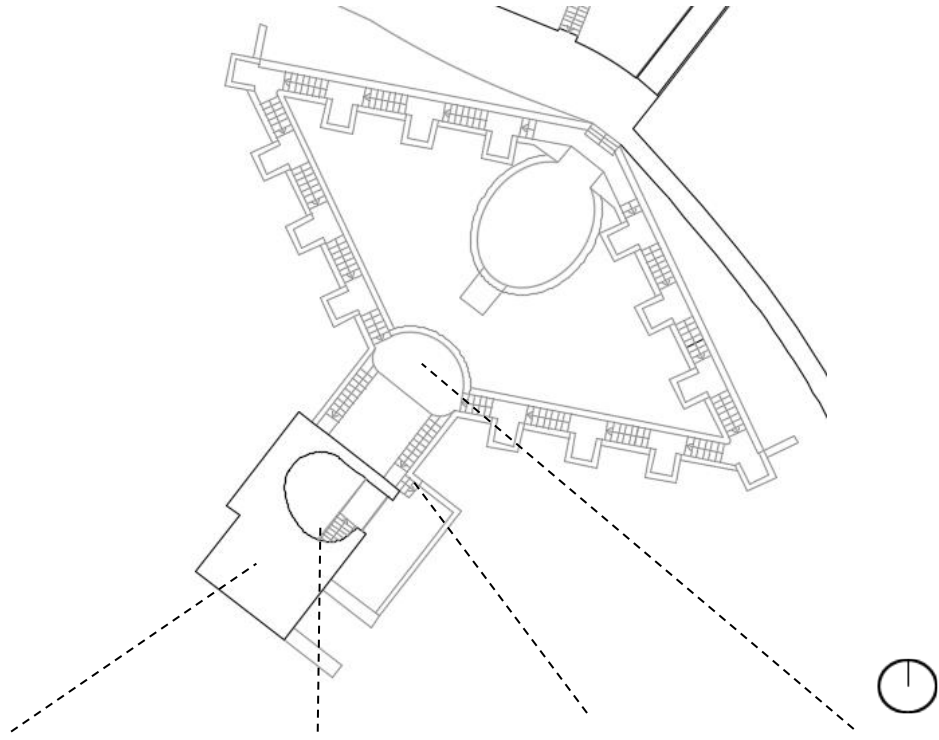
Paço Real de Belas – Piso 3



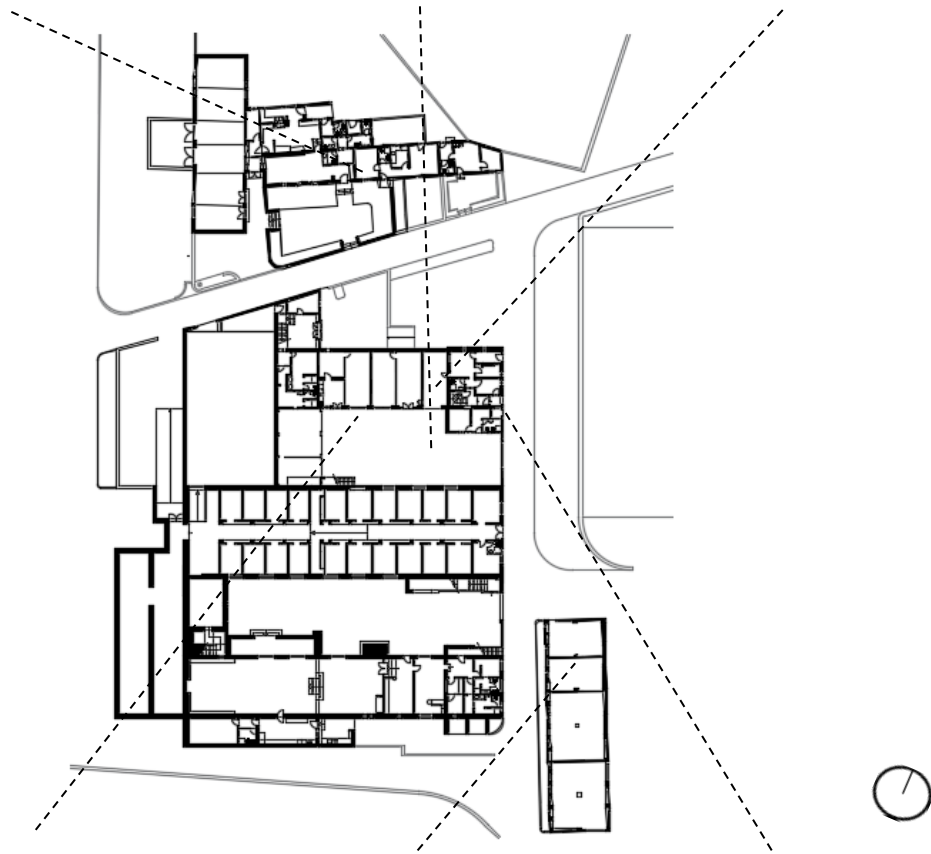
Ermida do Senhor da Serra



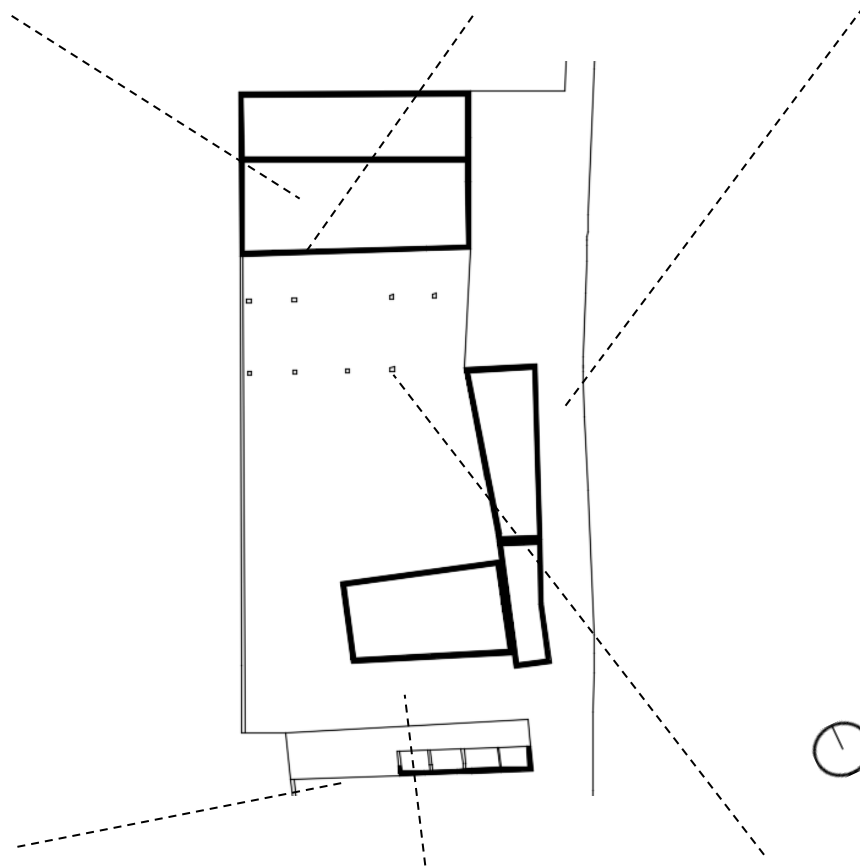
Figura 239- Registos fotográficos da Ermida do Senhor da Serra, em 1994. (Rui Rodrigues)



Casas Agrícolas



Fábricas



ANEOSOS III. MAQUETES E DESENHOS DE ESTUDO

Maquete território

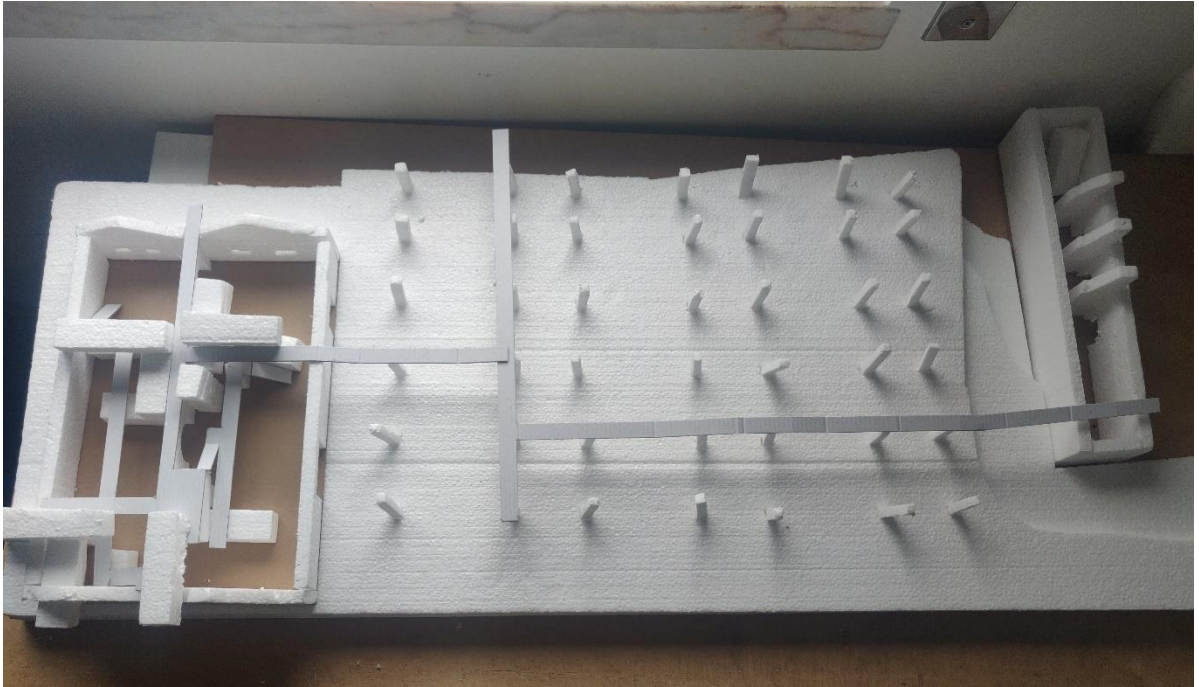


REUTILIZAÇÃO ADAPTATIVA DO PATRIMÓNIO

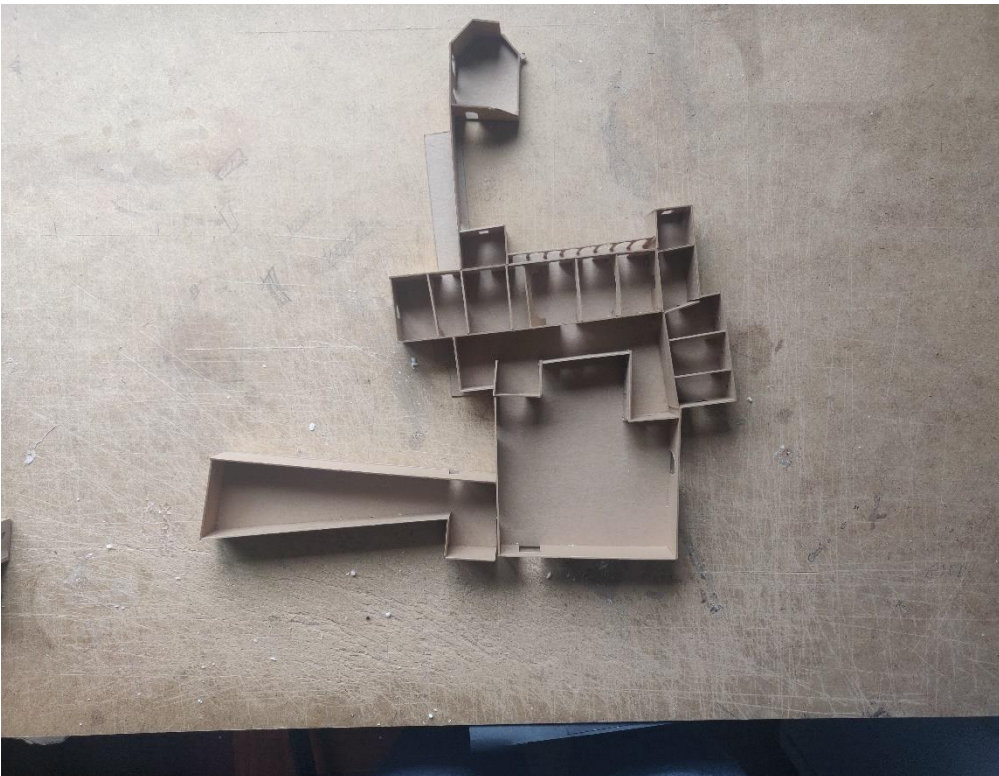
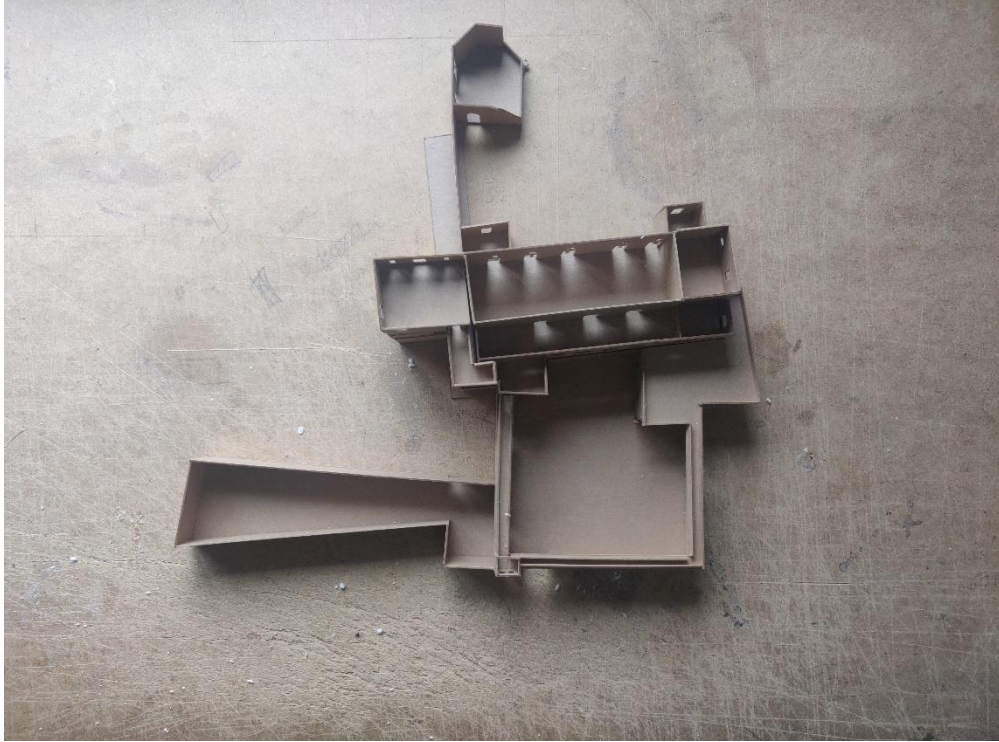
Proposta de introdução de habitação na Quinta do Senhor da Serra em Belas, Sintra



Maquete das fábricas

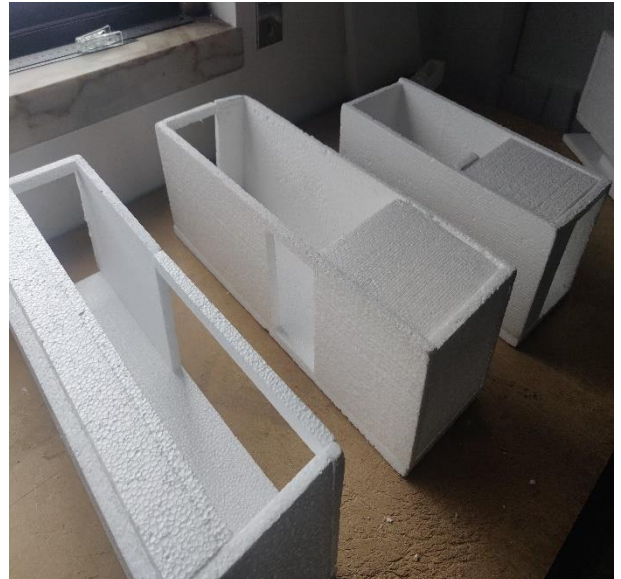
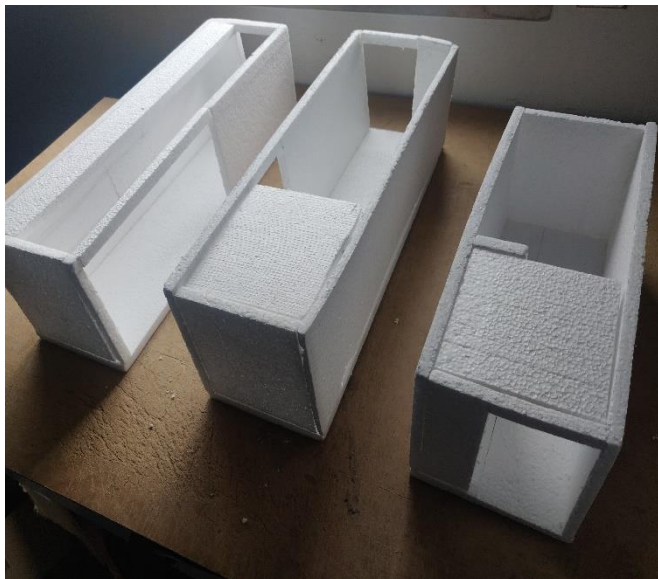
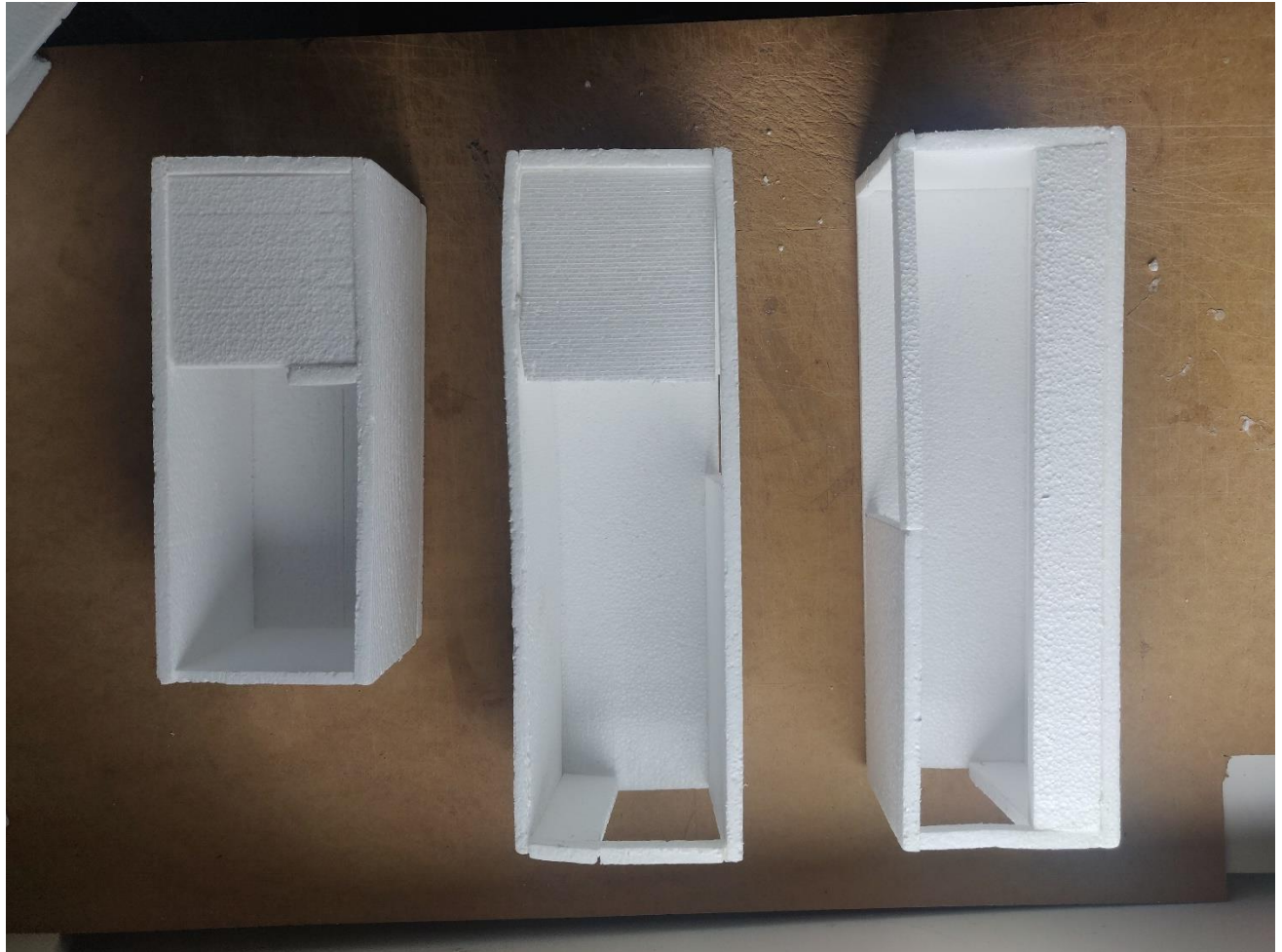


Maquete do Paço

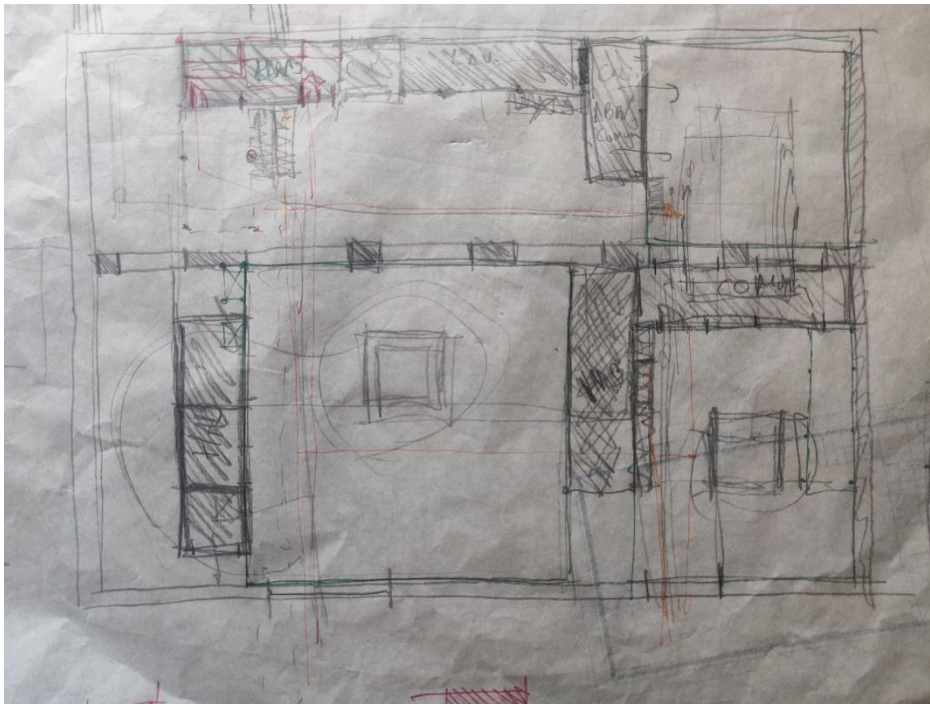
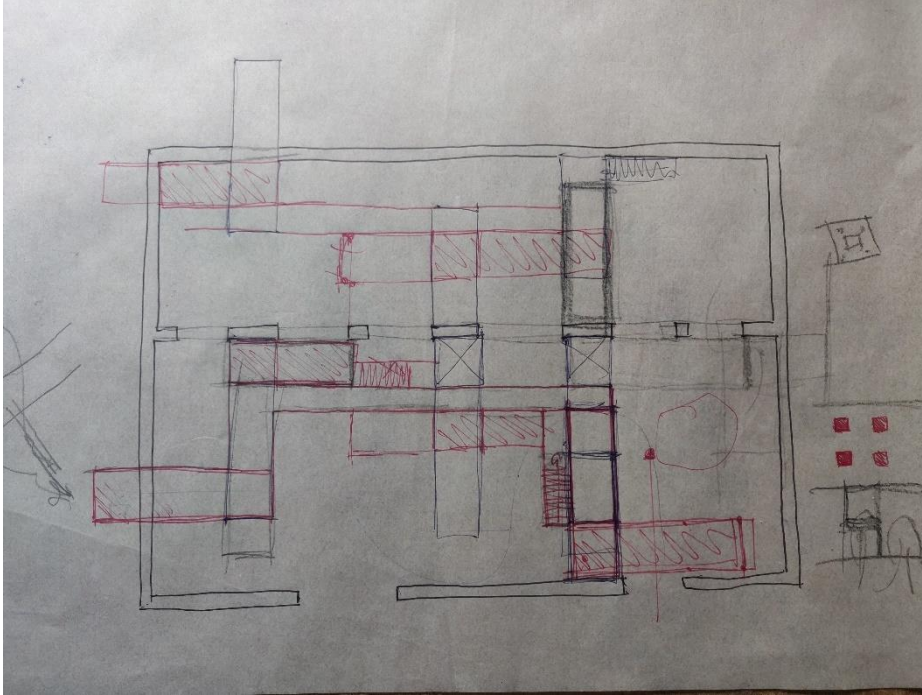


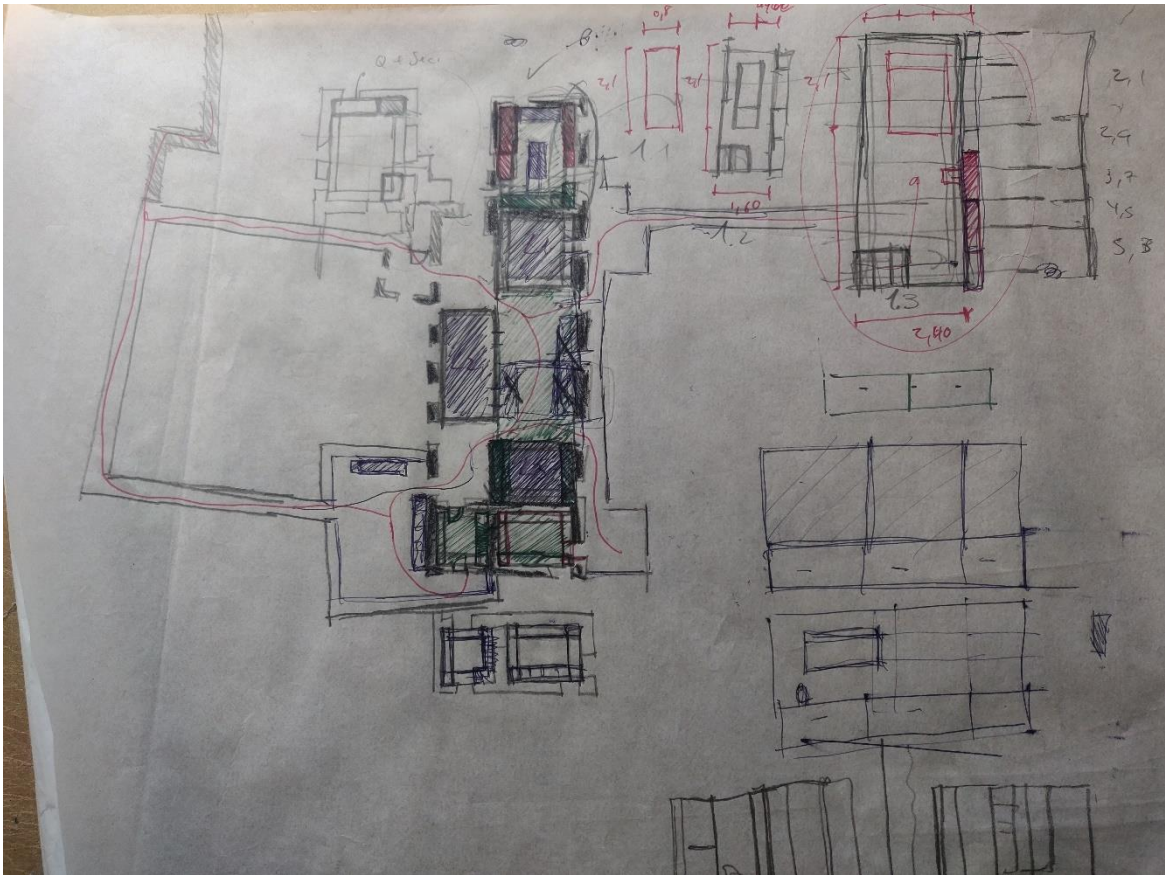
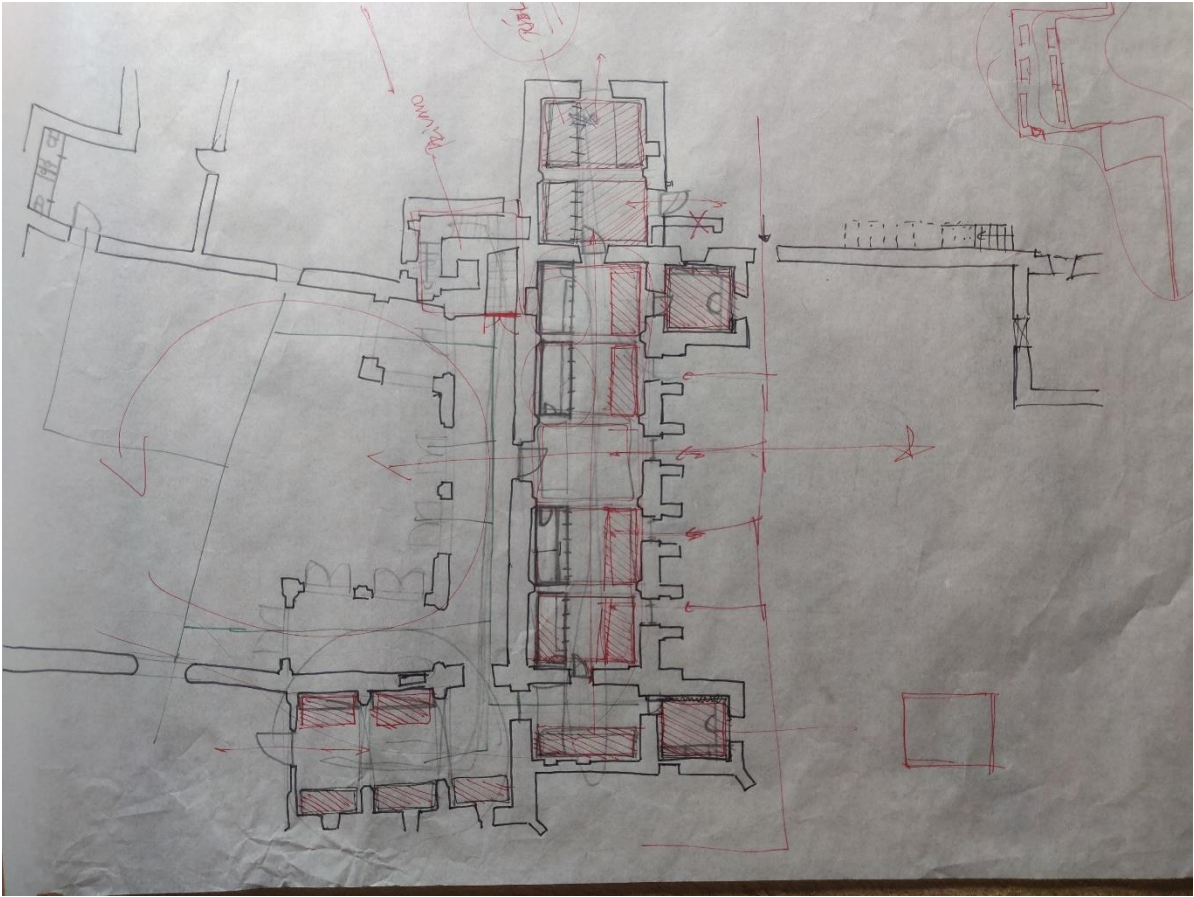


Maquetes dos cheios e vazios dos contentores



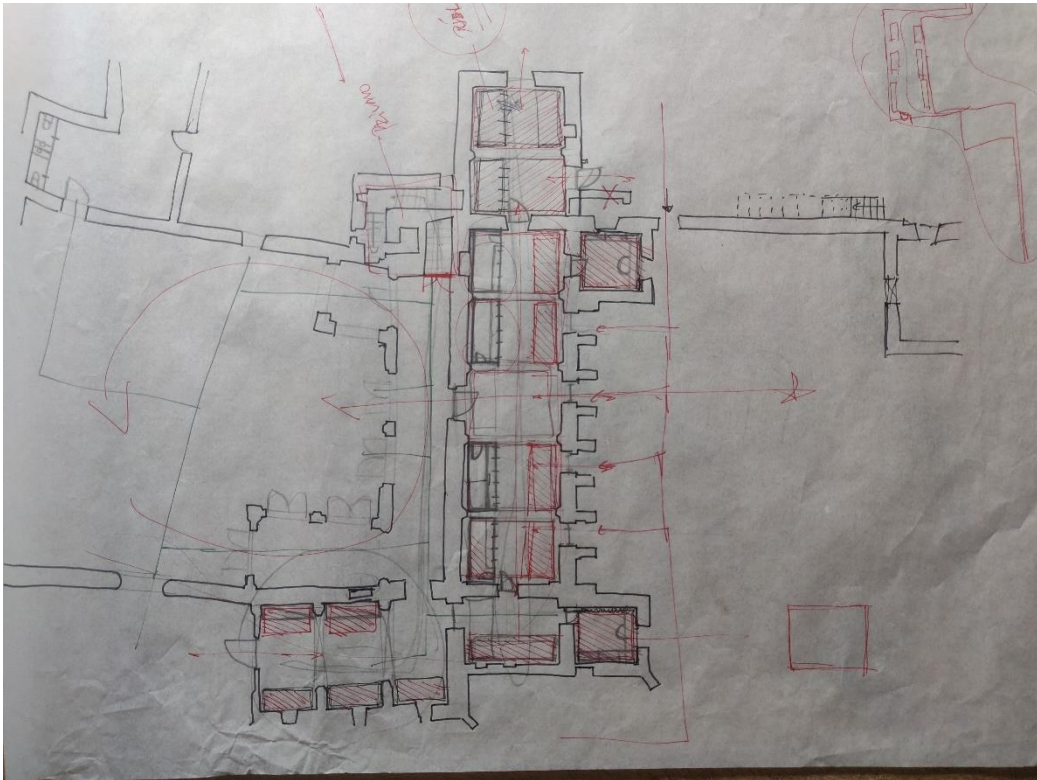
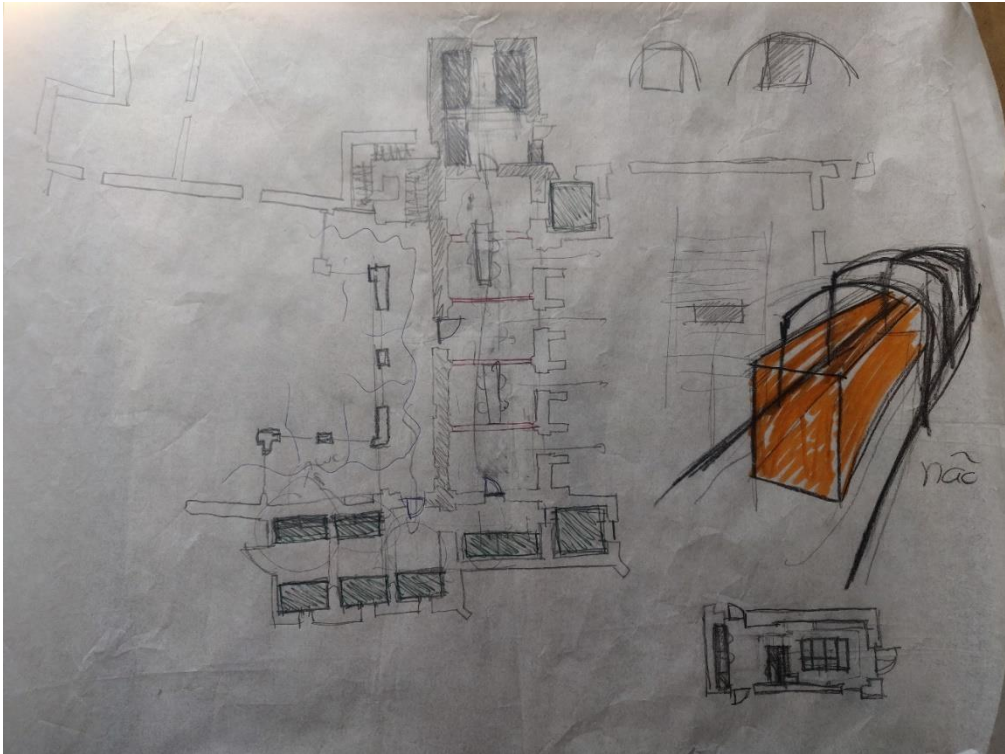
Esquissos





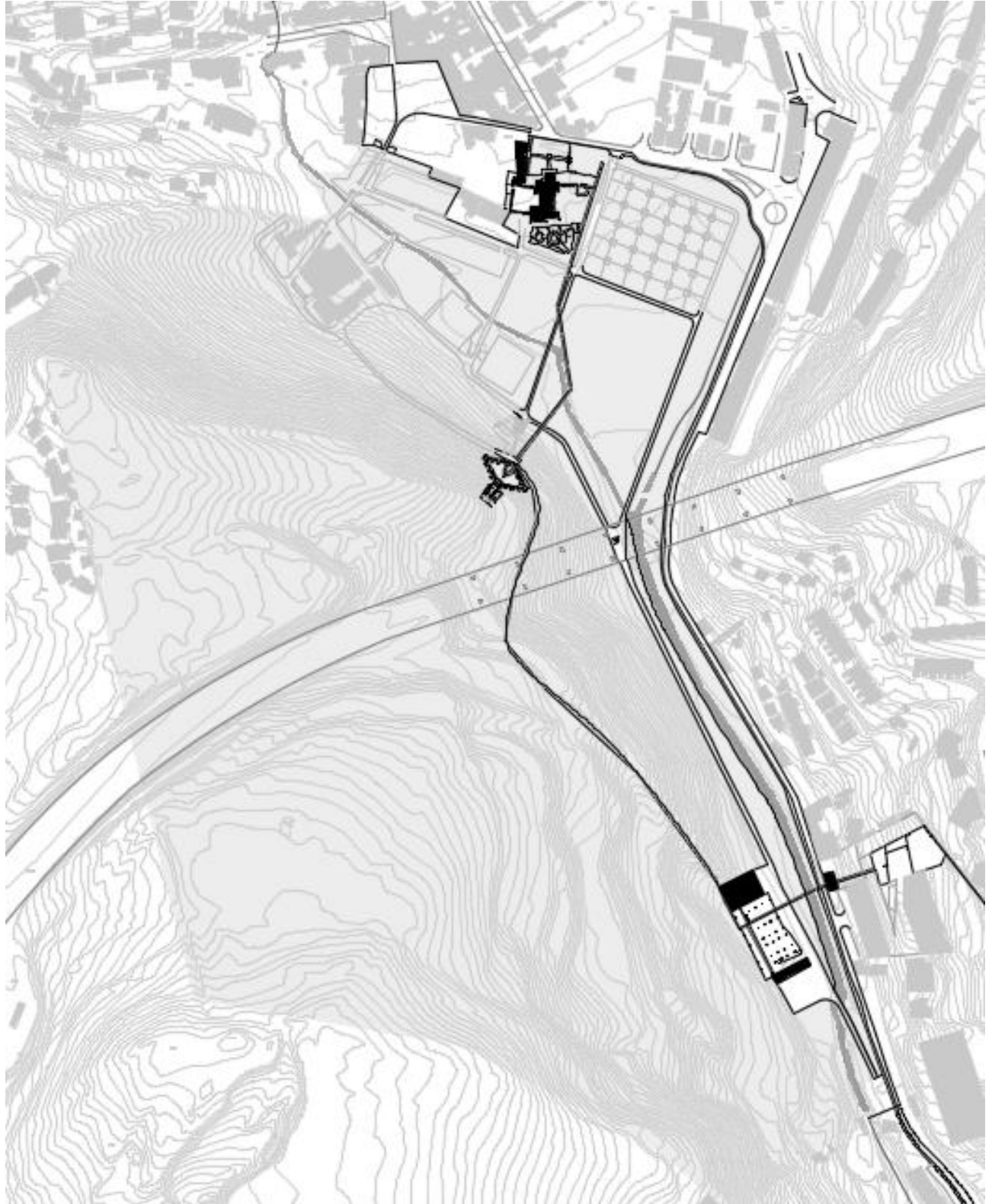
REUTILIZAÇÃO ADAPTATIVA DO PATRIMÓNIO

Proposta de introdução de habitação na Quinta do Senhor da Serra em Belas, Sintra

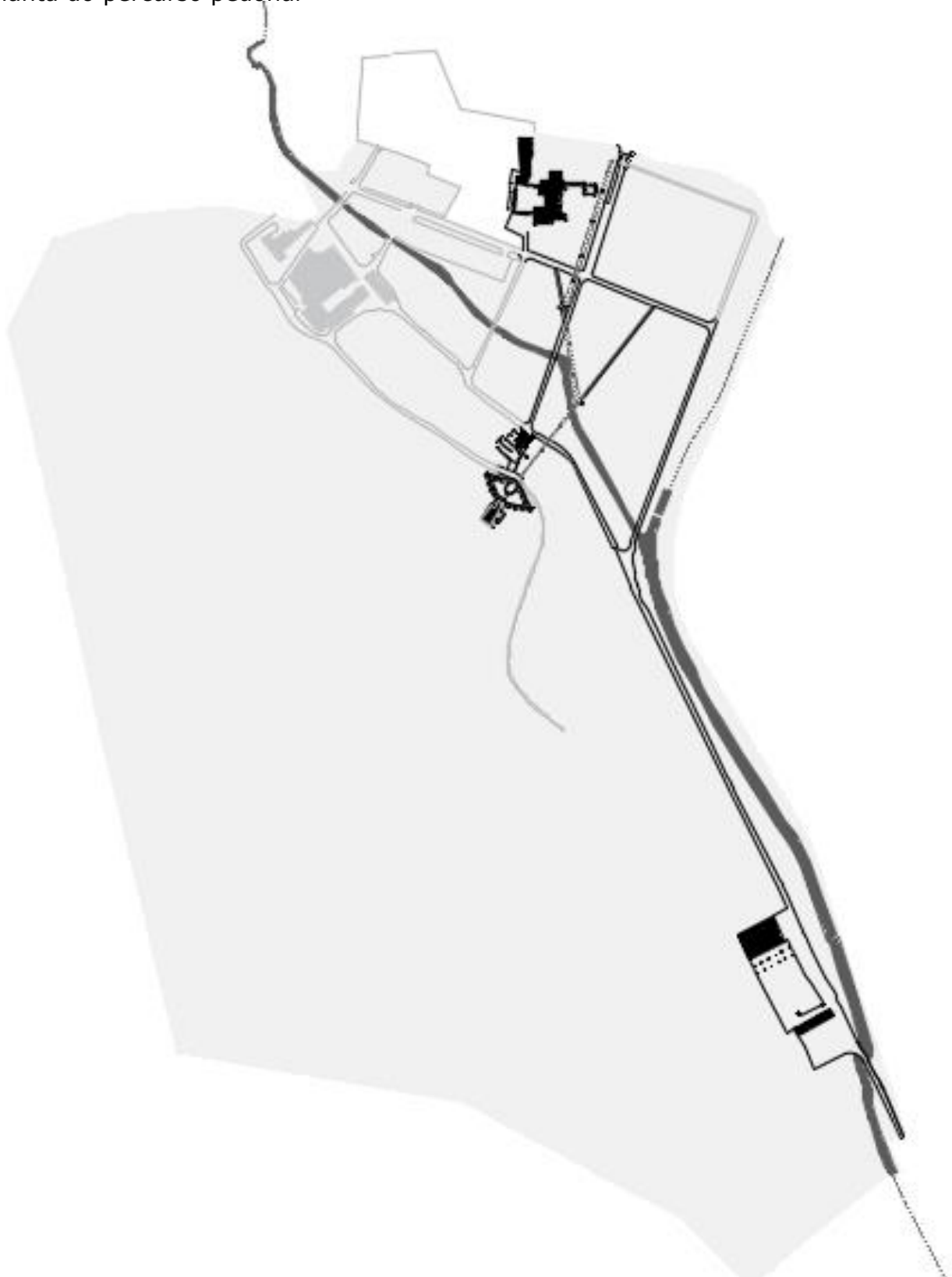


ANEXOS IV. DESENHOS DA PROPOSTA

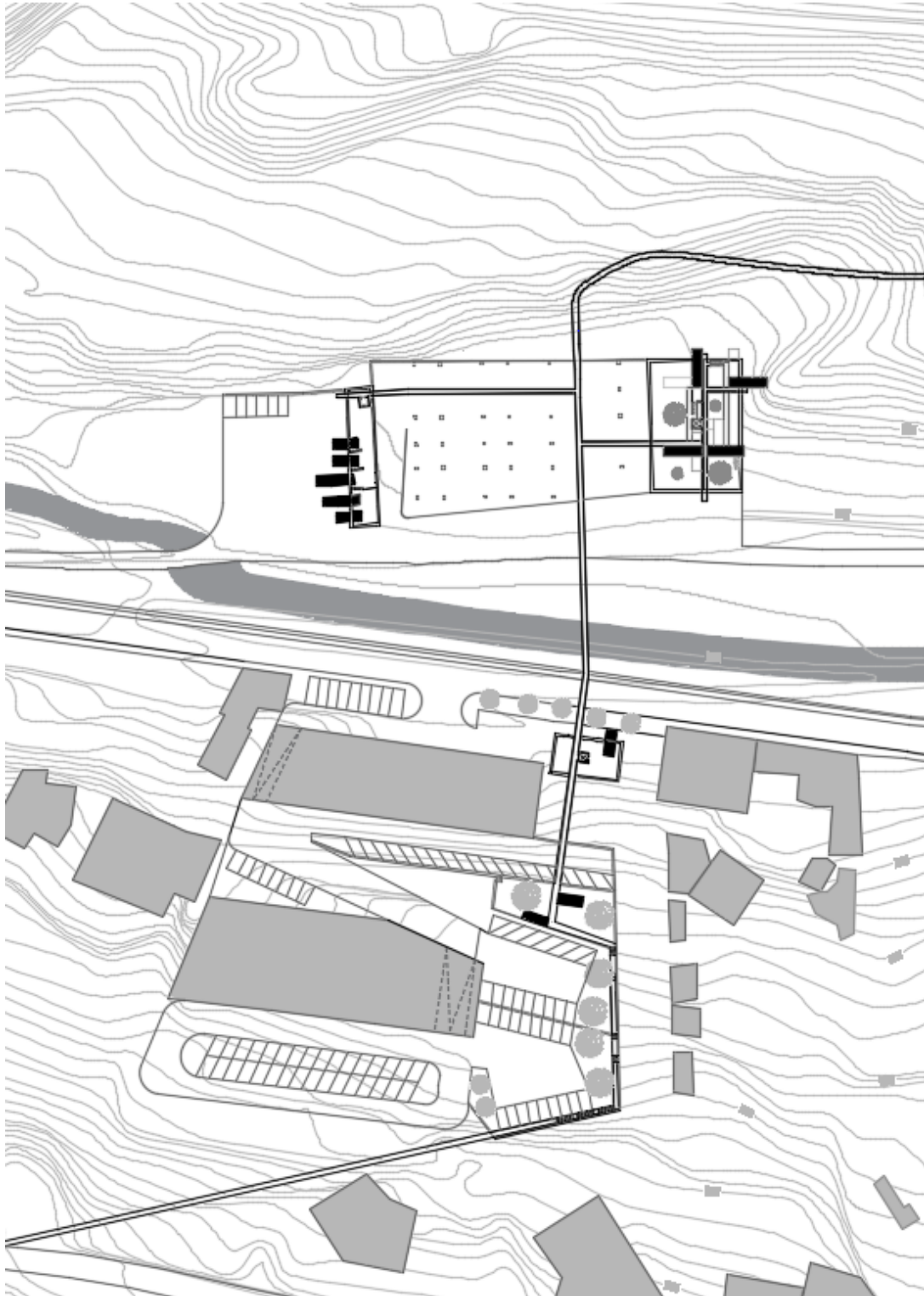
Planta Geral de Intervenção



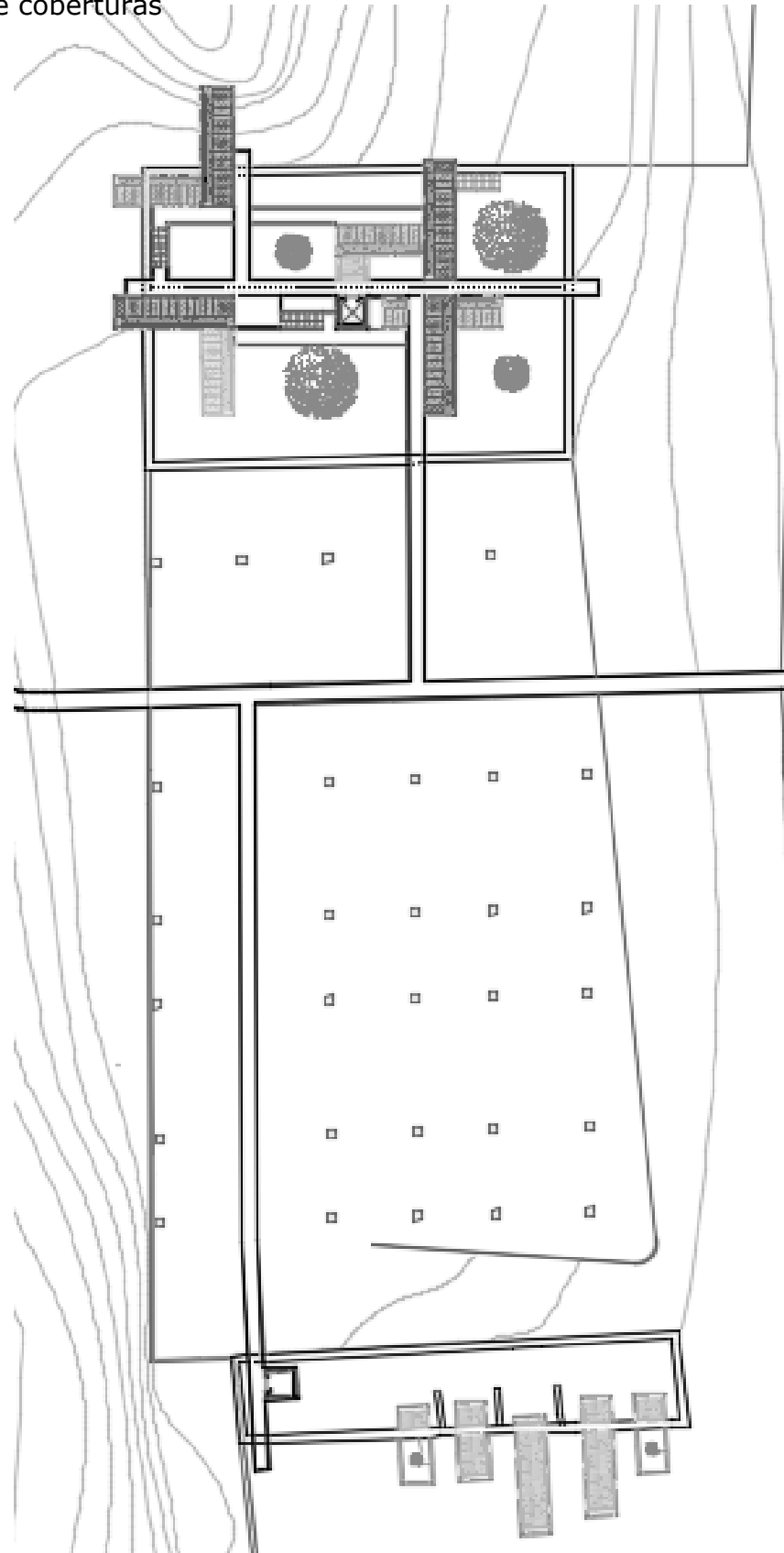
Planta do percurso pedonal



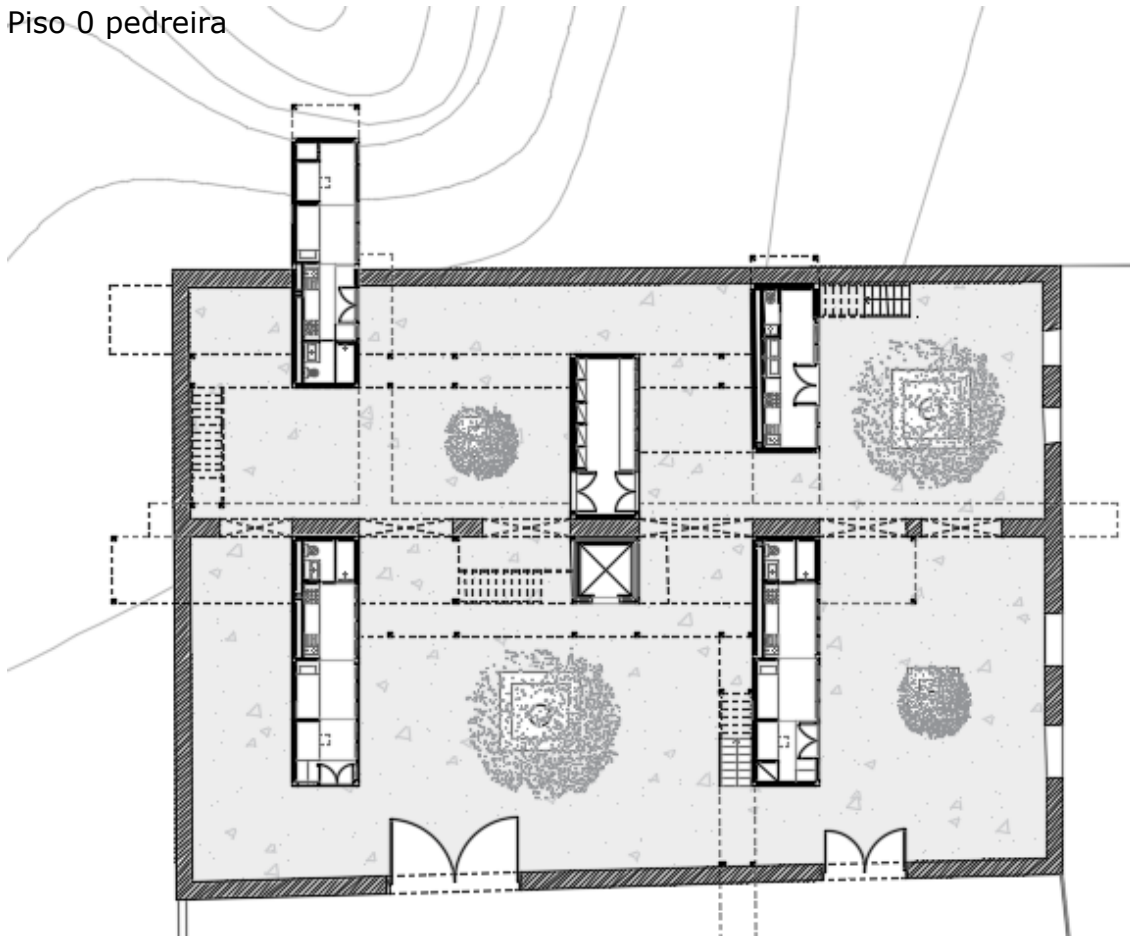
Planta Geral de Intervenção nas Fábricas



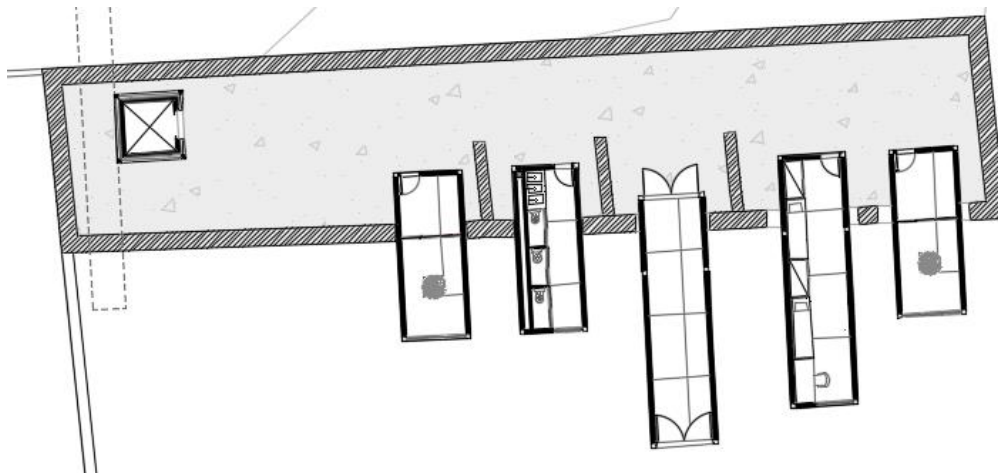
Planta de coberturas



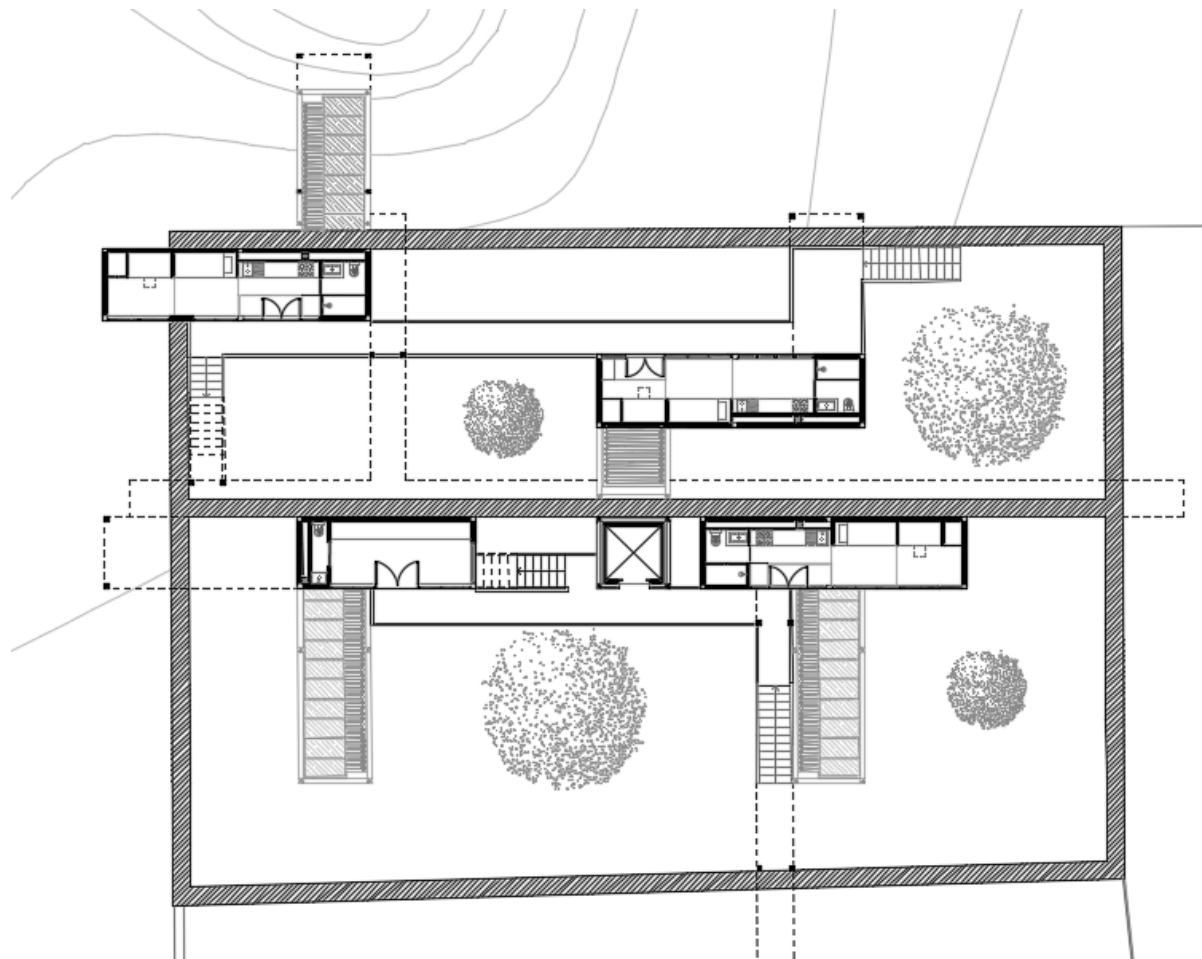
Piso 0 pedreira



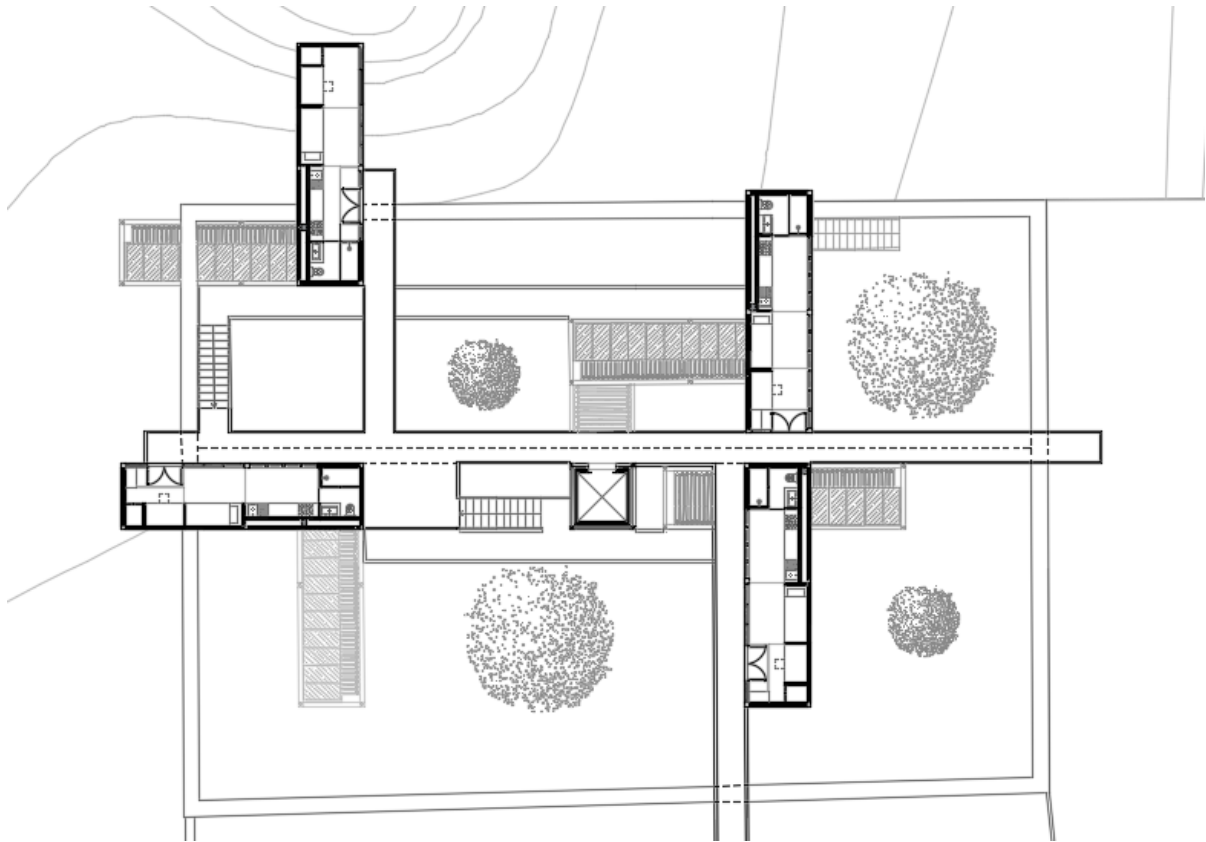
Piso 0 britadeira

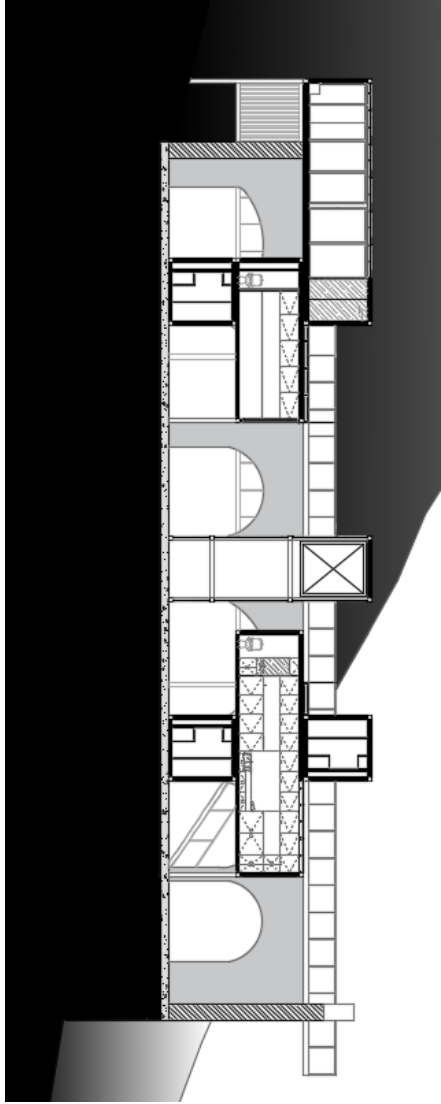
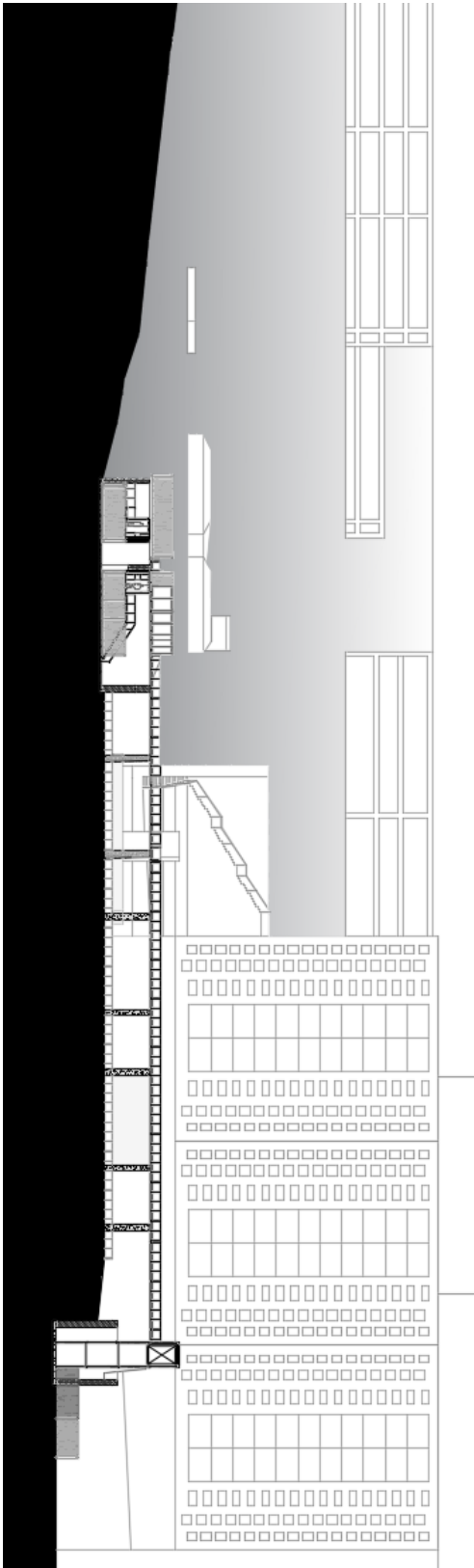


Piso 1 Pedreira

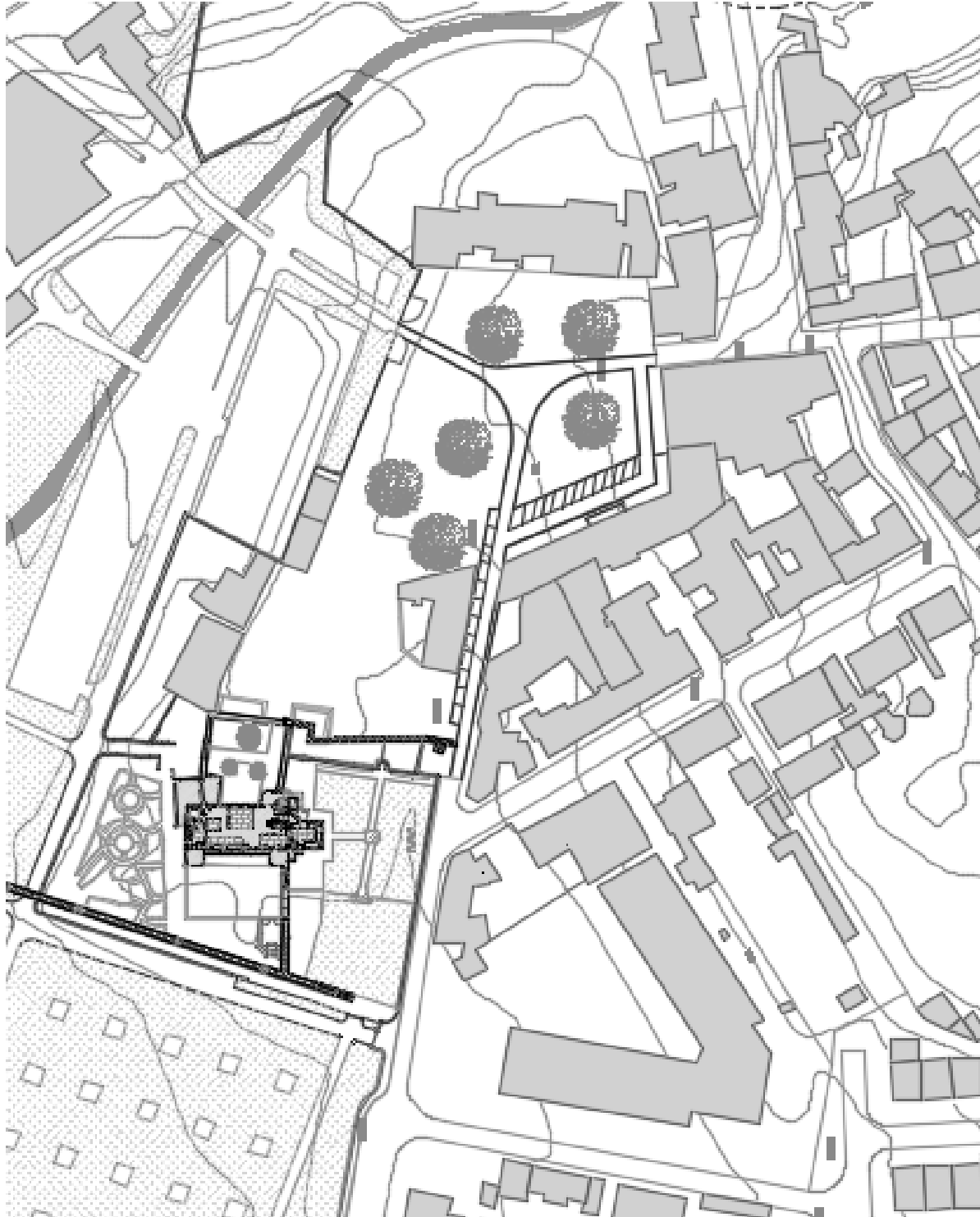


Piso 2 Pedreira

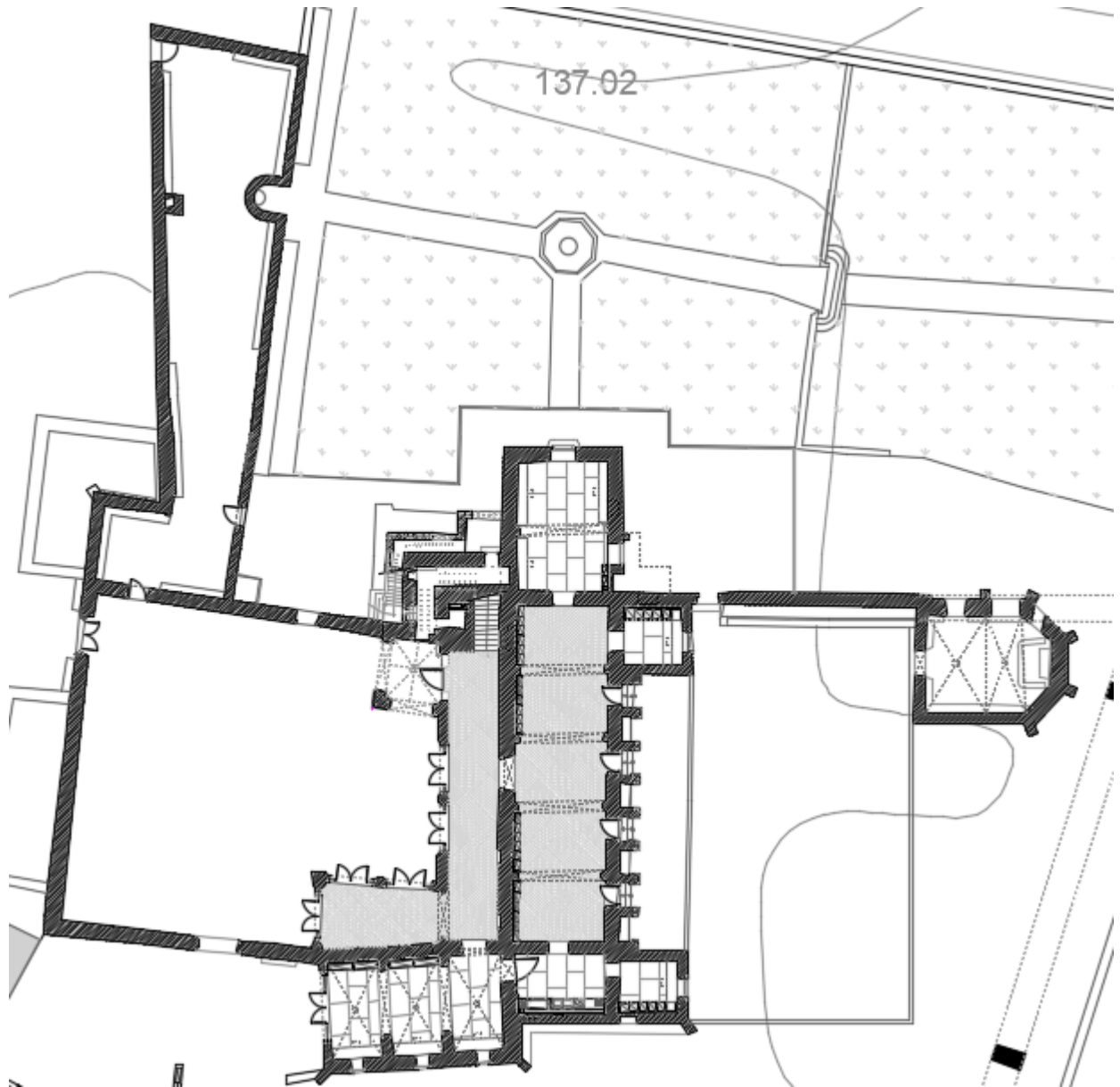




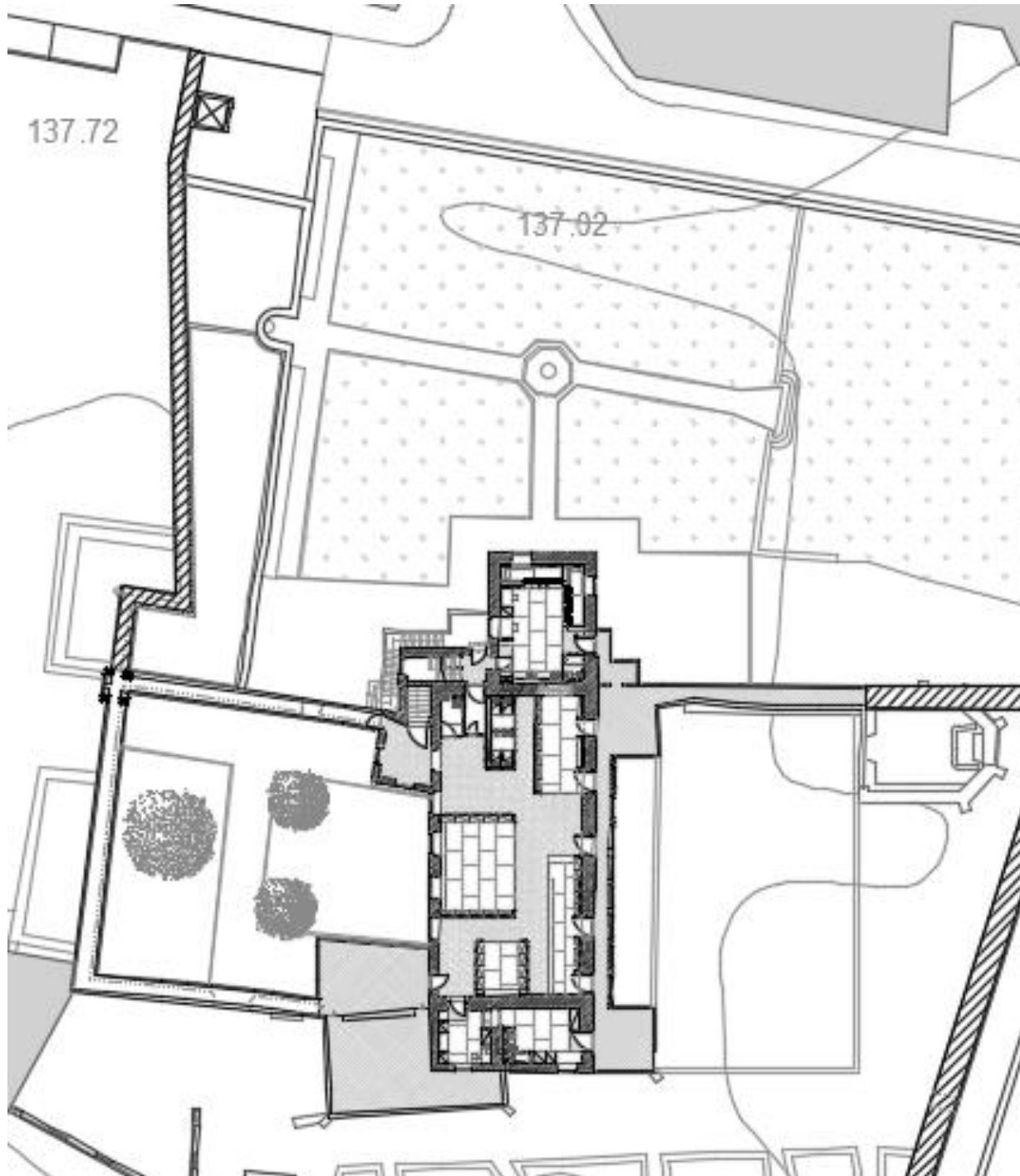
Planta Geral de Intervenção no Paço



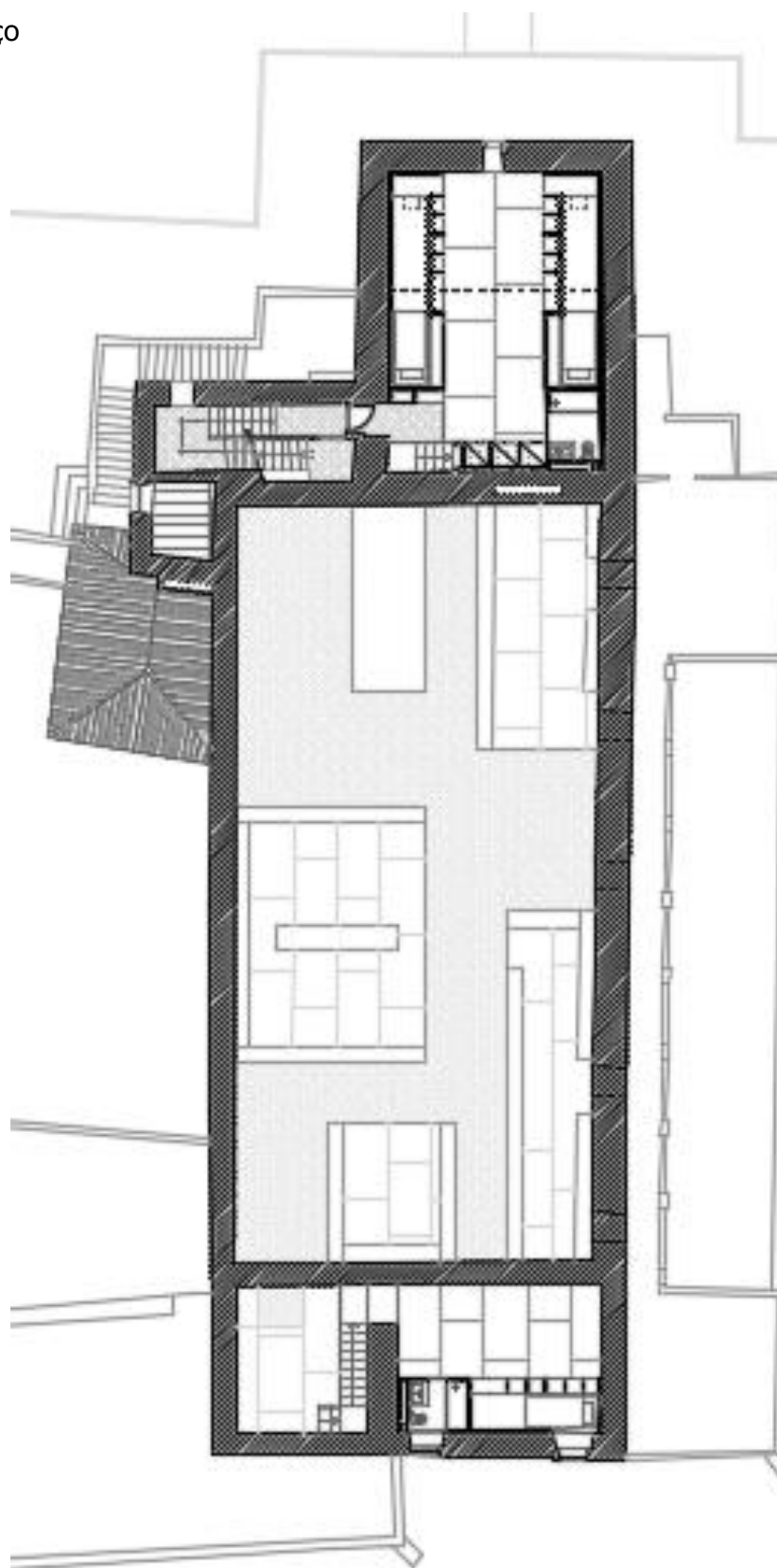
Piso 0 Paço



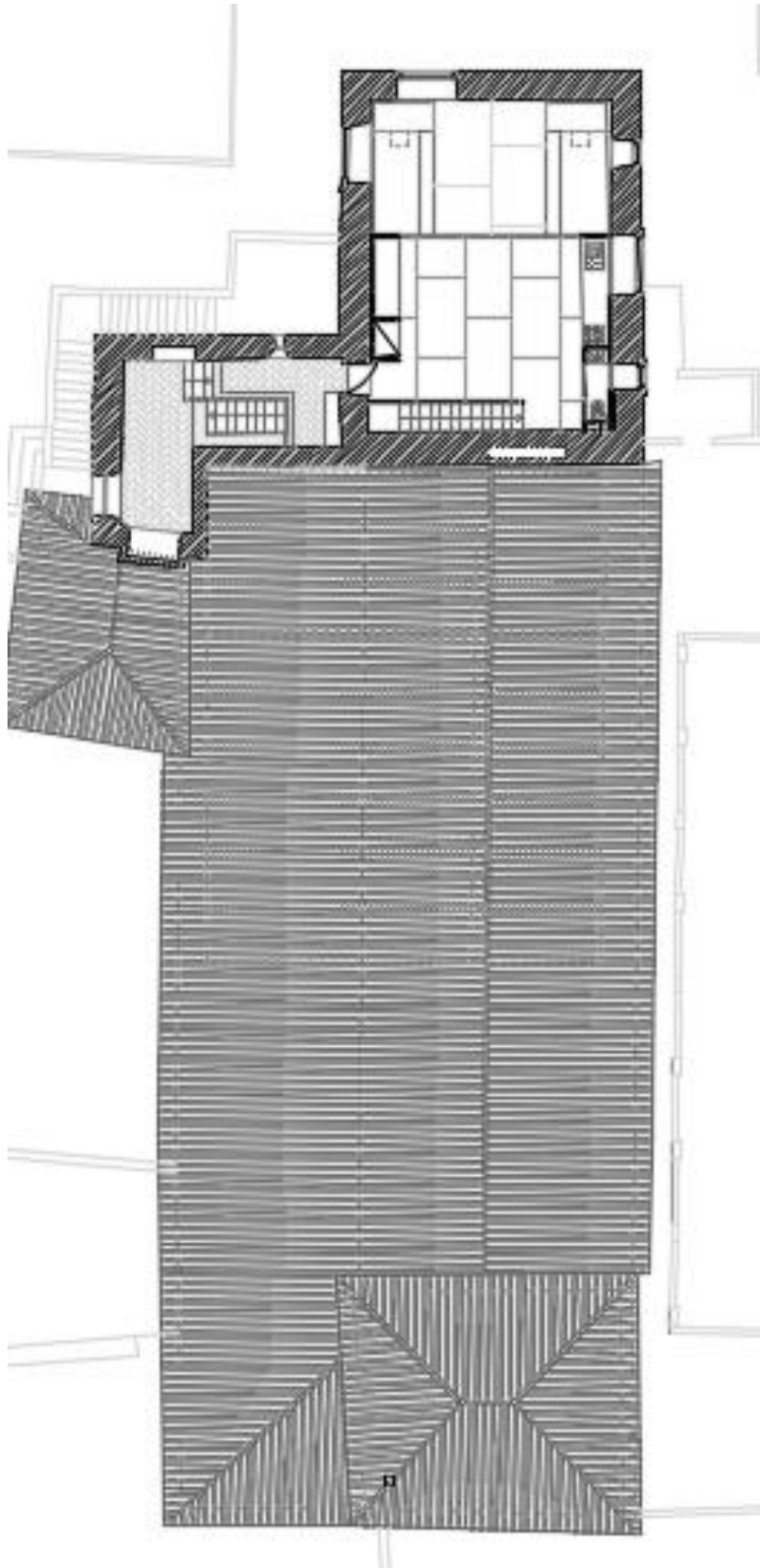
Piso 1 Paço

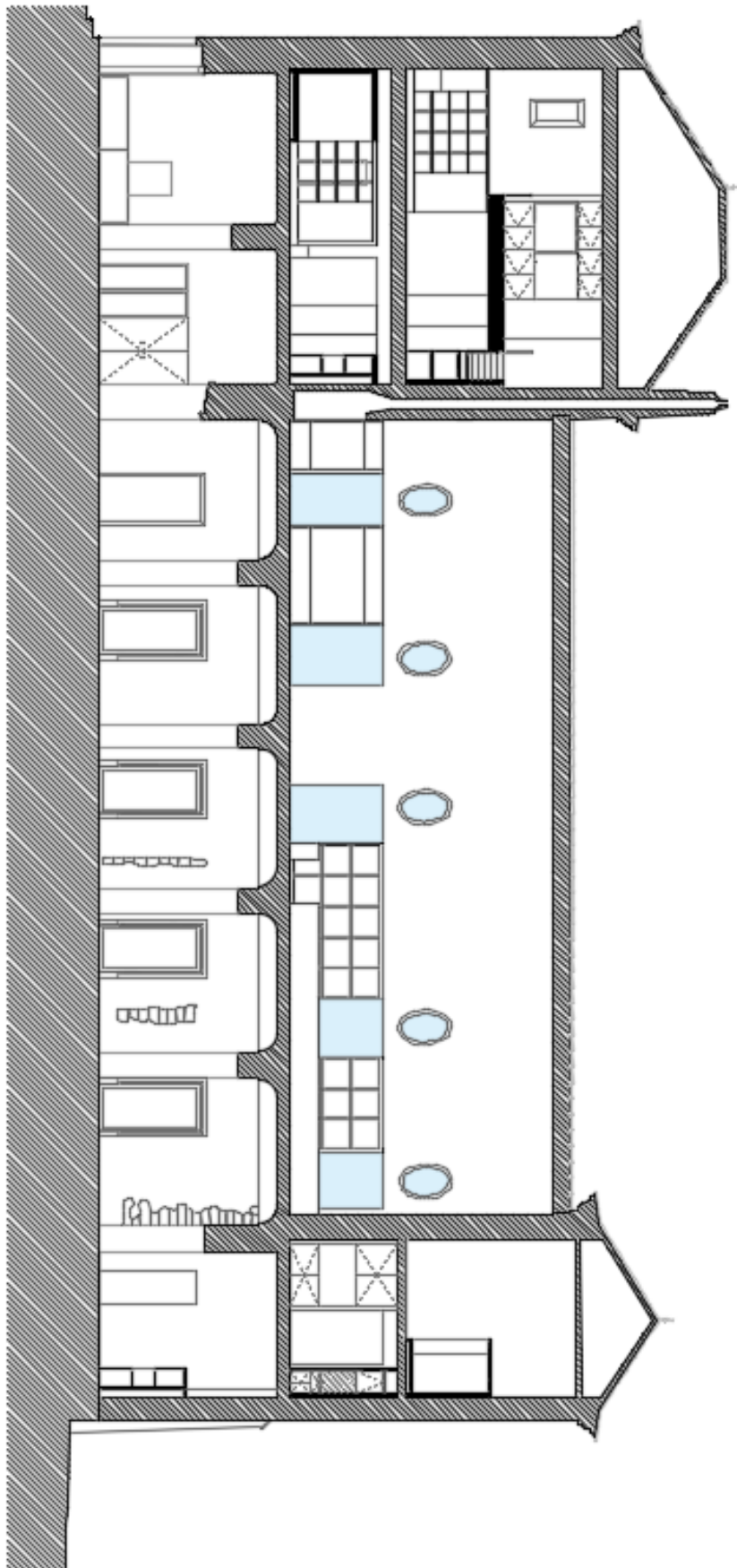


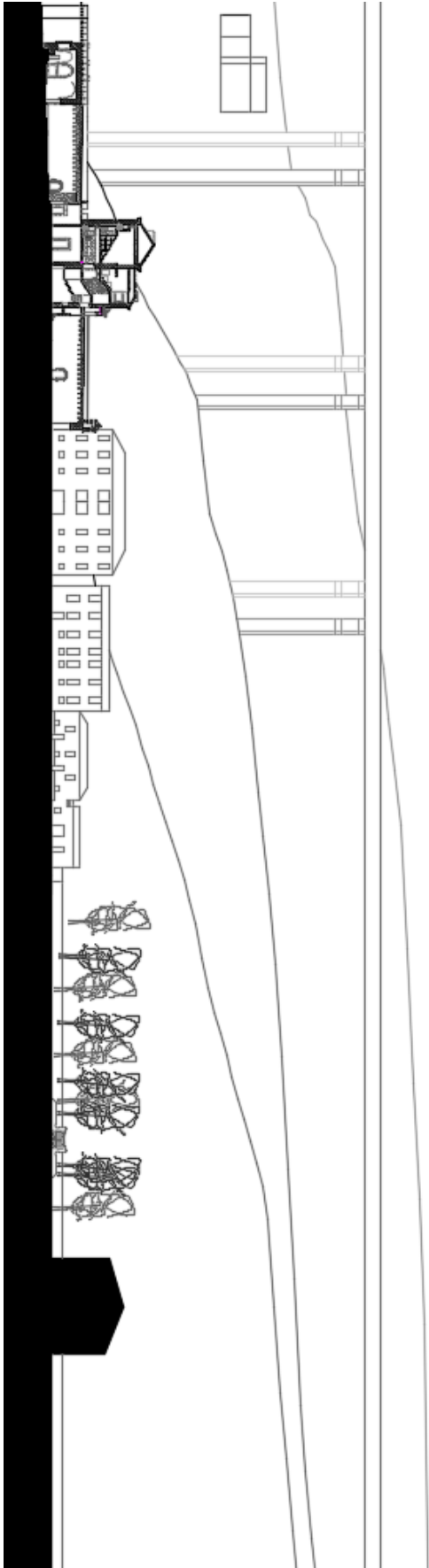
Piso 2 Paço



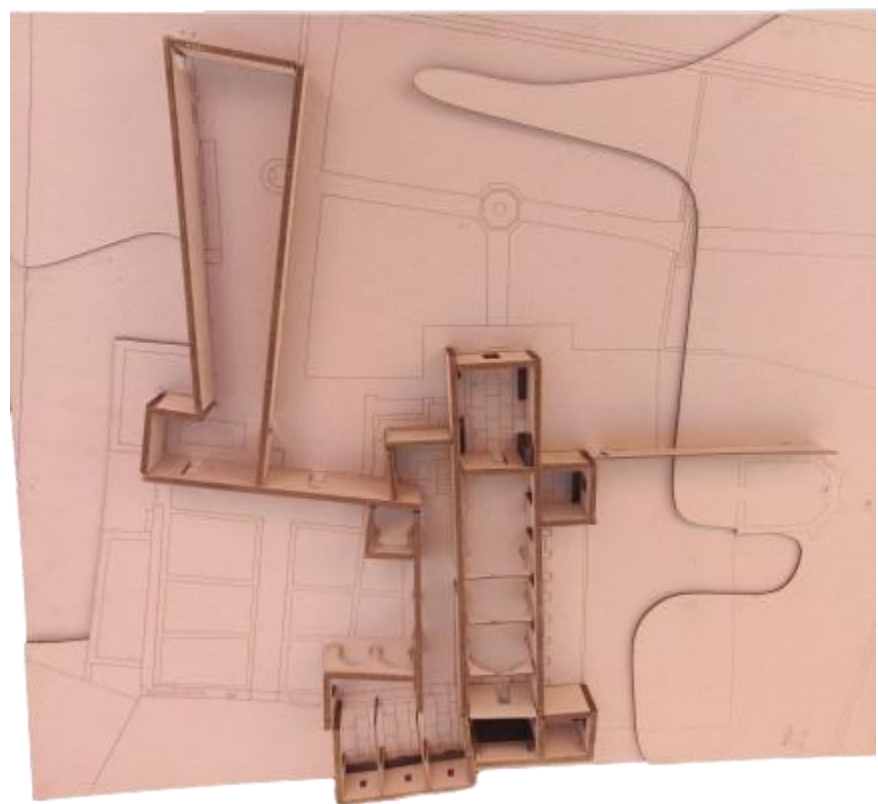
Piso 3 Paço

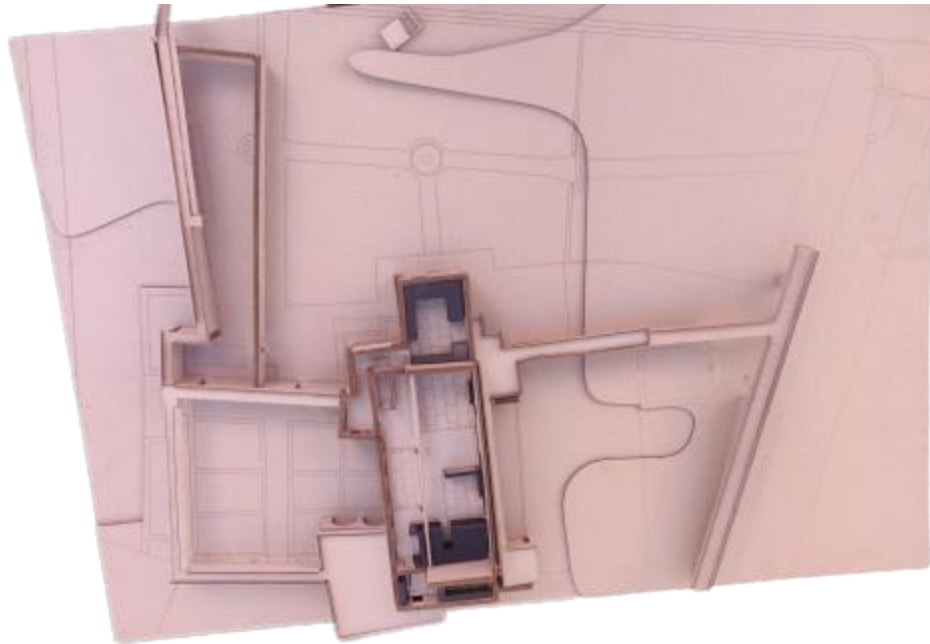


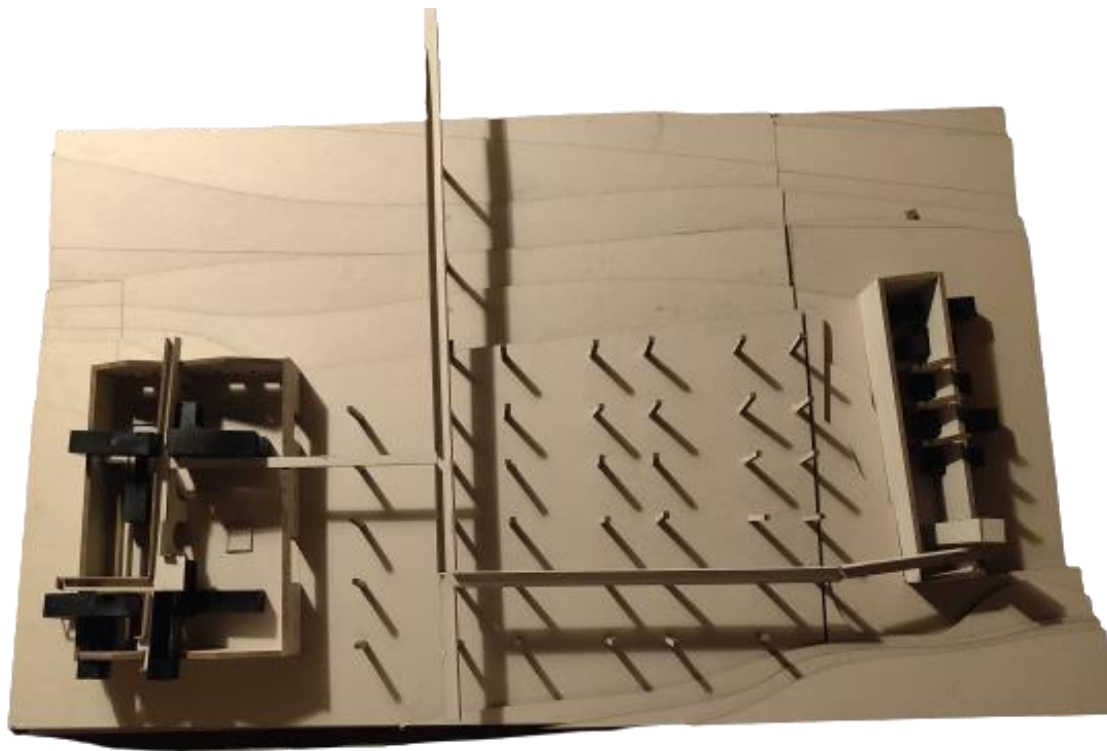




ANEXOS V. MAQUETES FINAIS







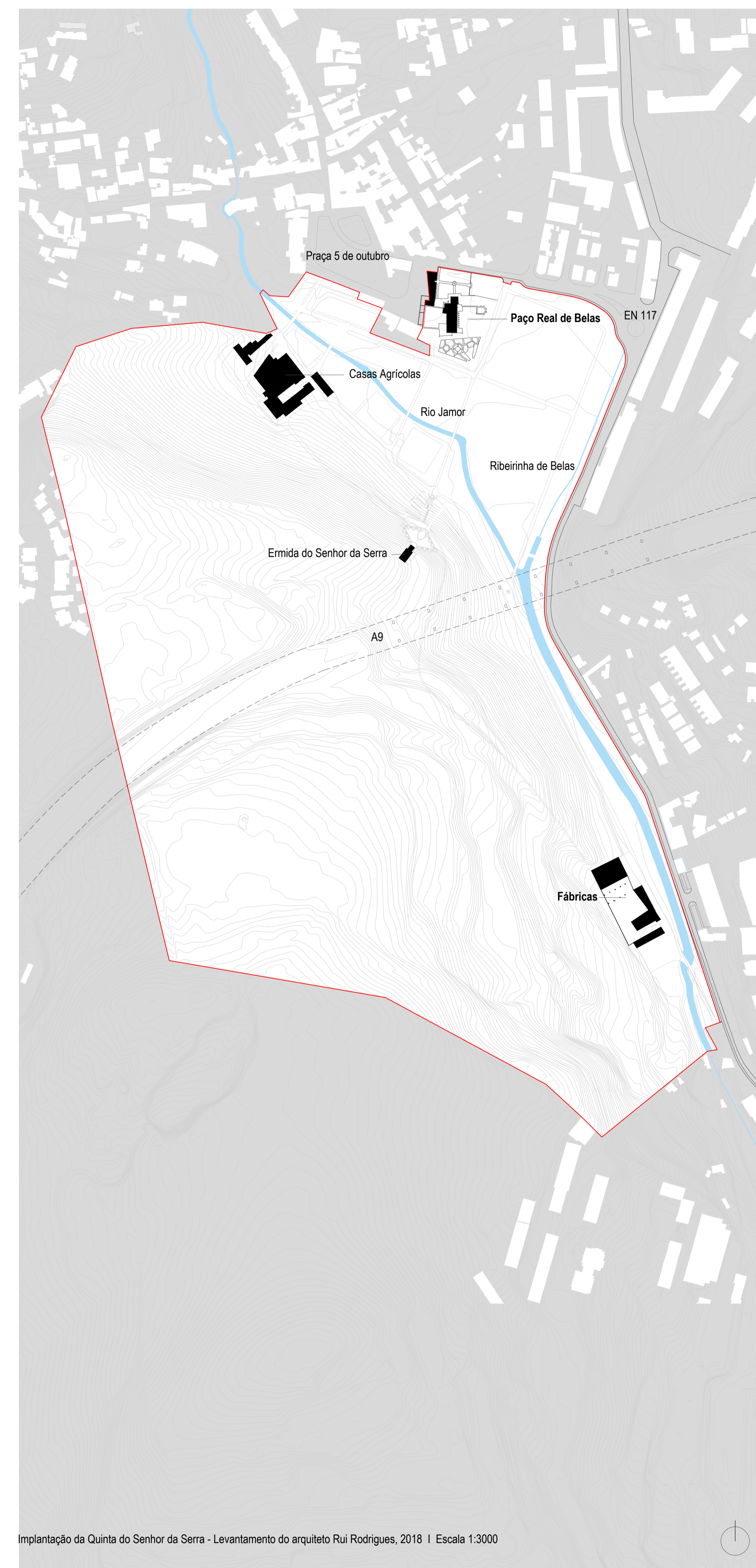
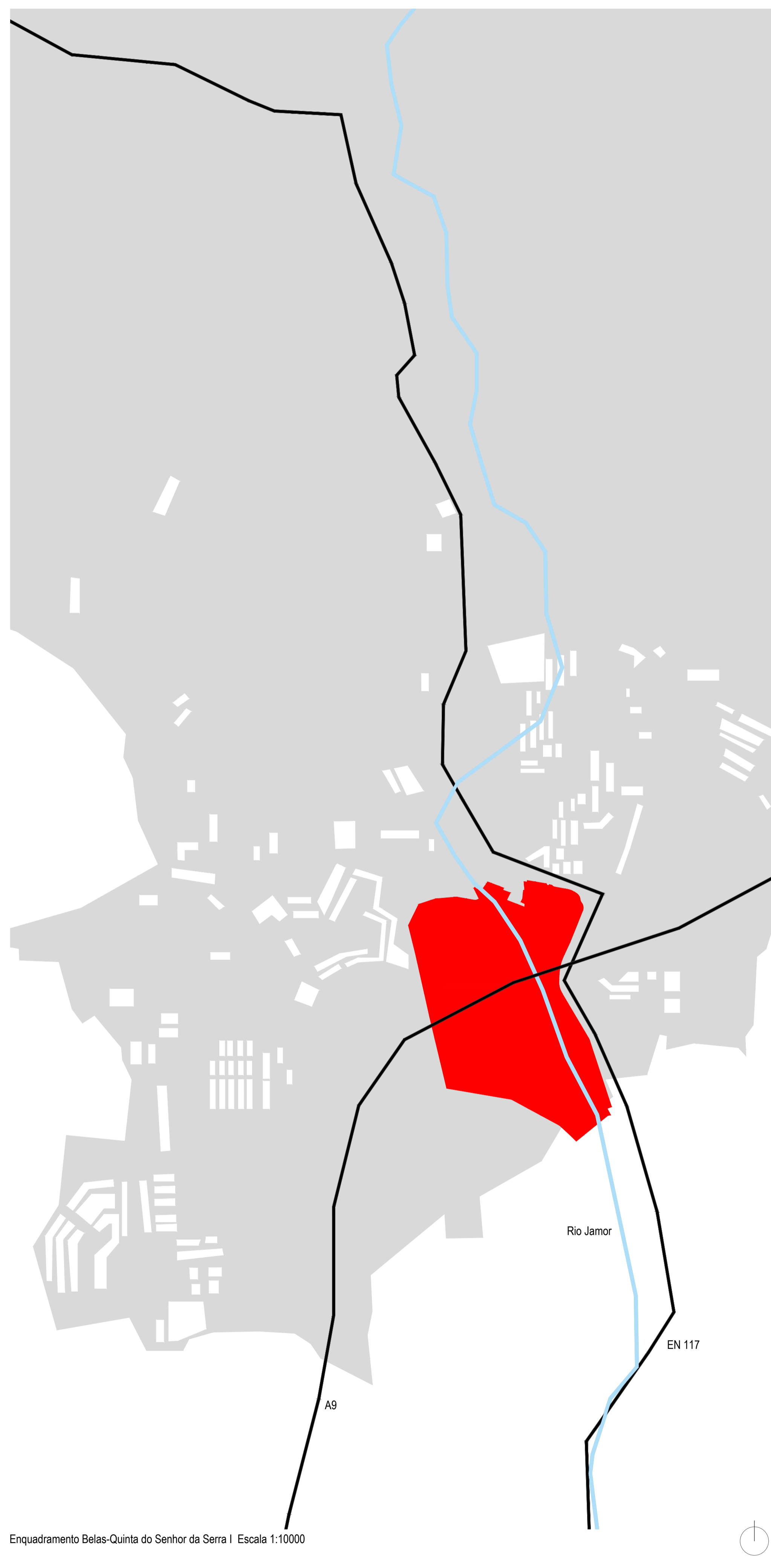
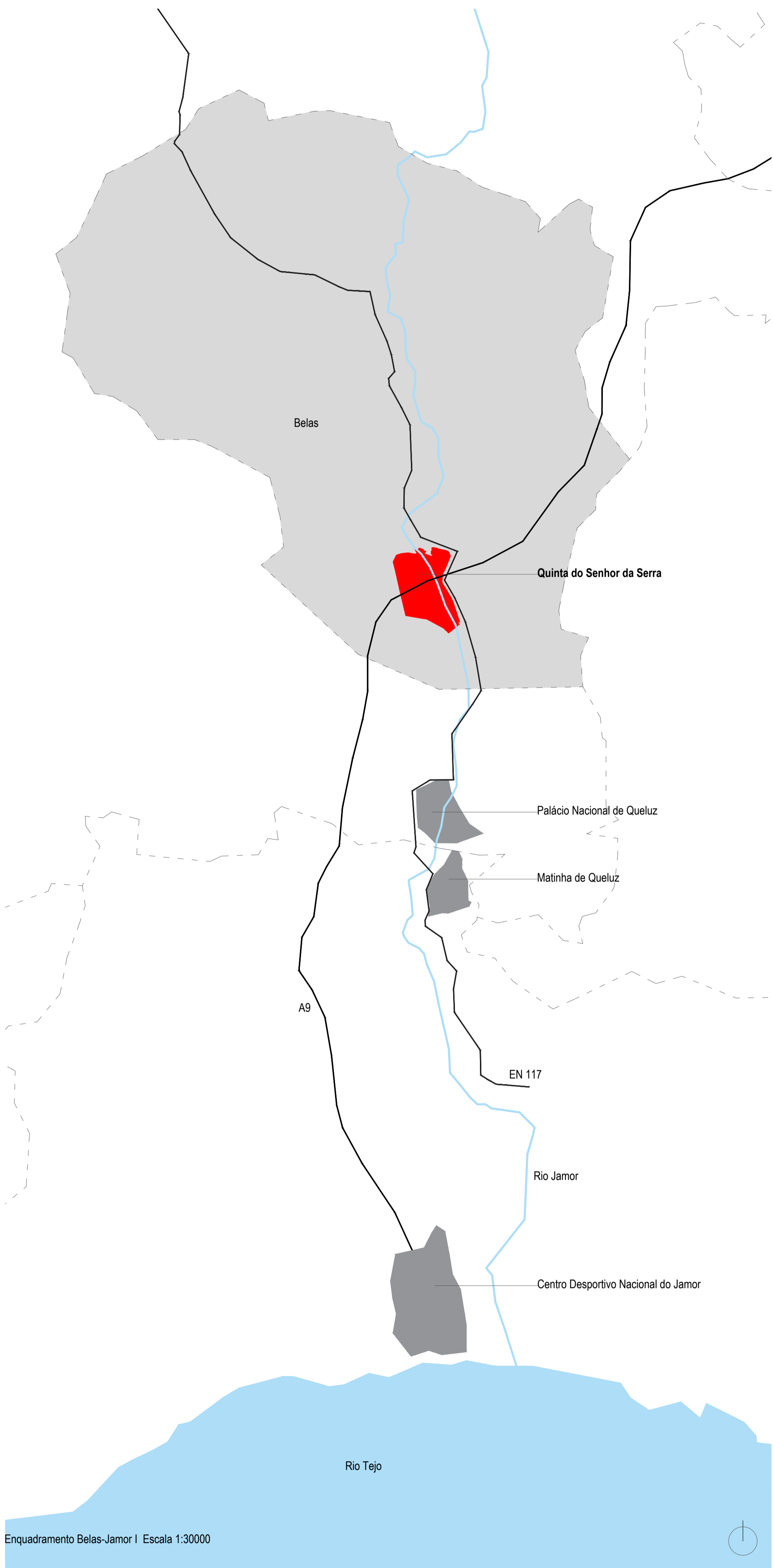


Apresentação

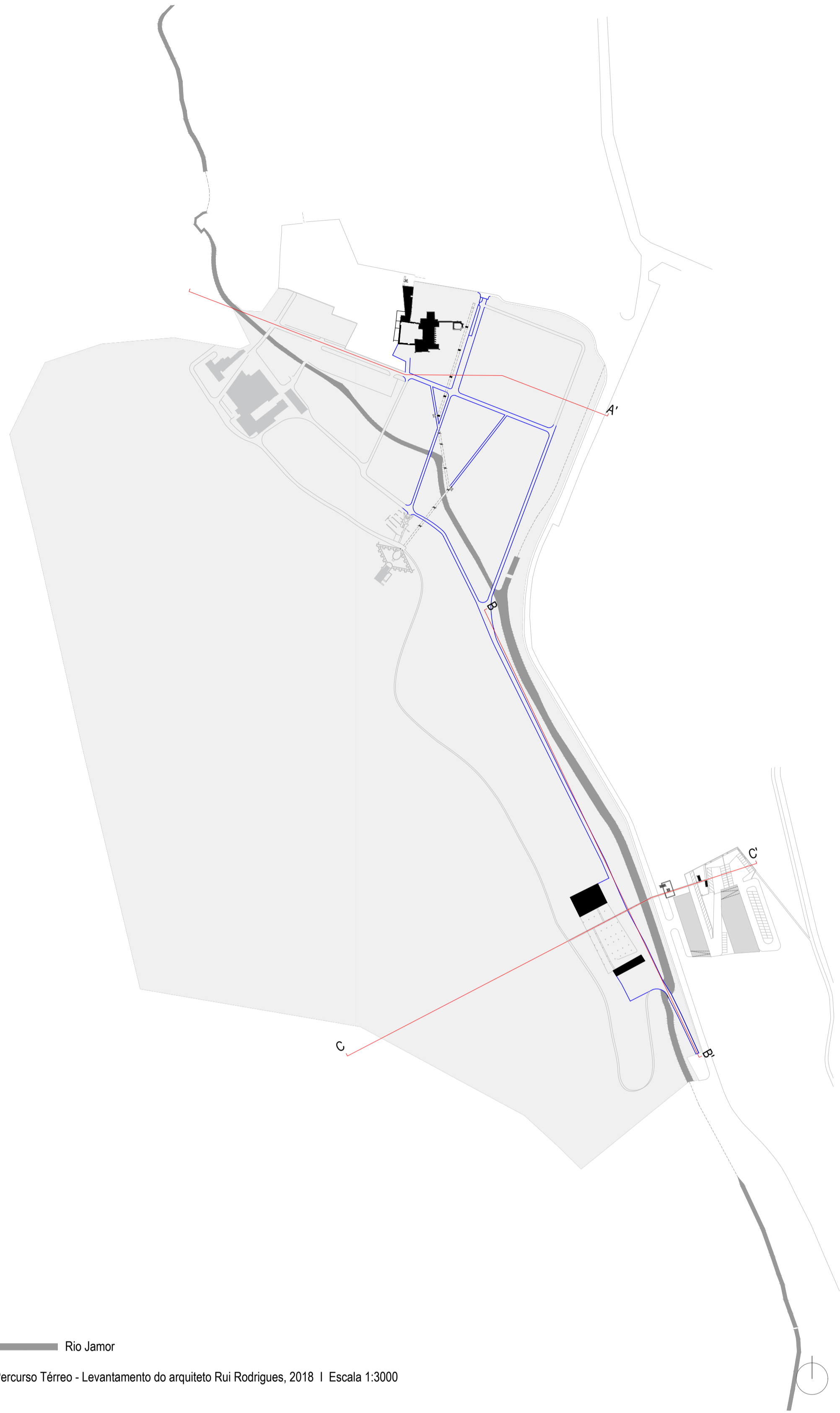
122



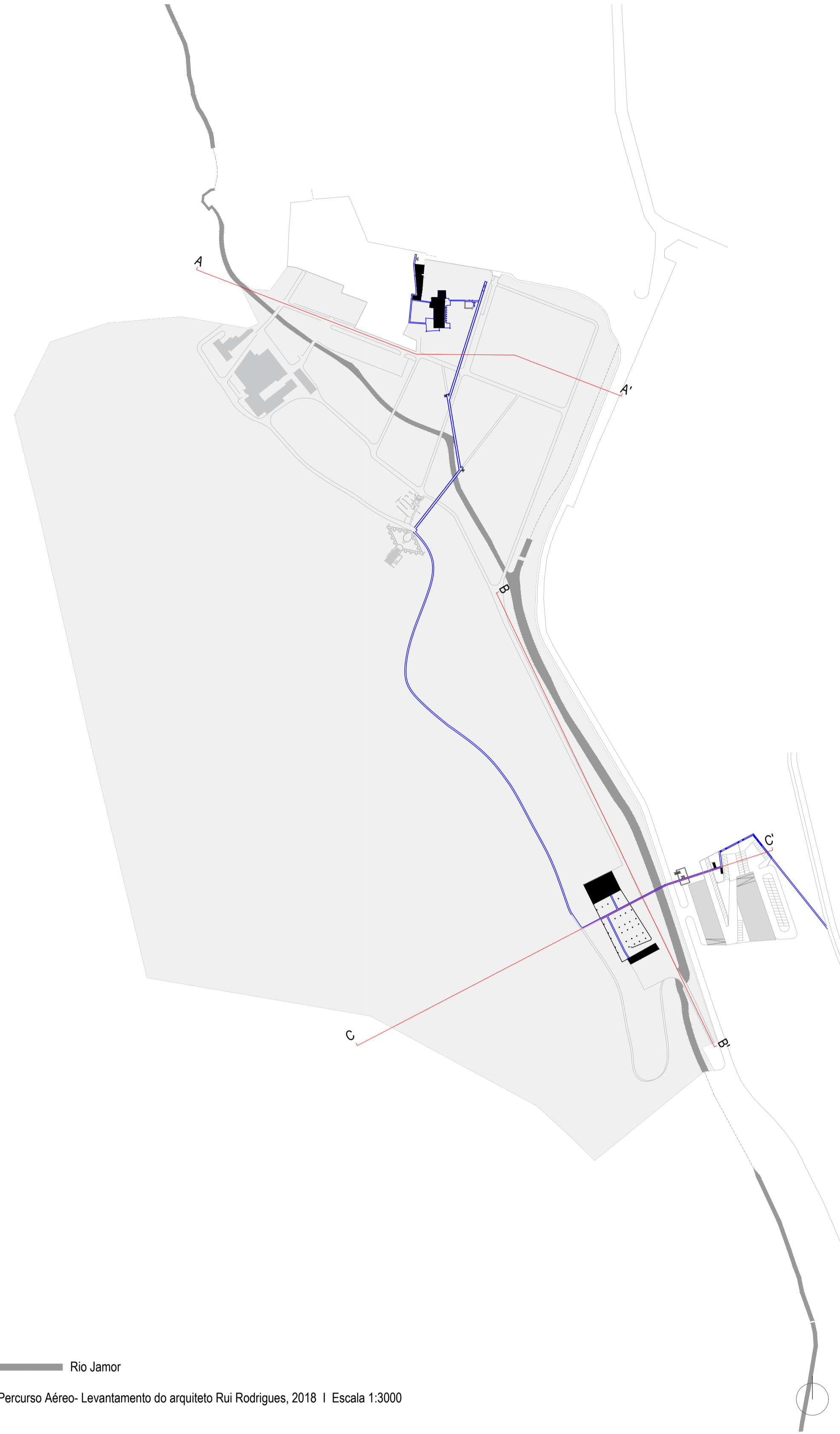
ANEXOS VI. PAINÉIS FINAIS







Rio Jamor
 Percurso Téreo - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:3000



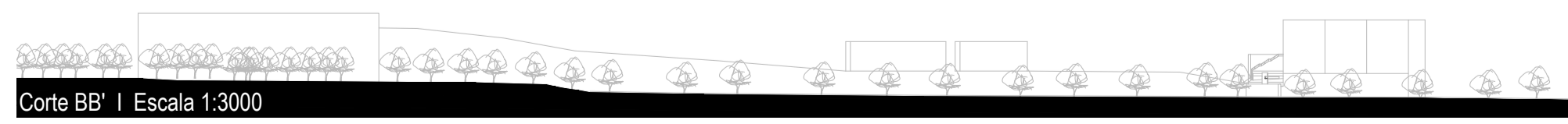
Rio Jamor
 Percurso Aéreo - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:3000



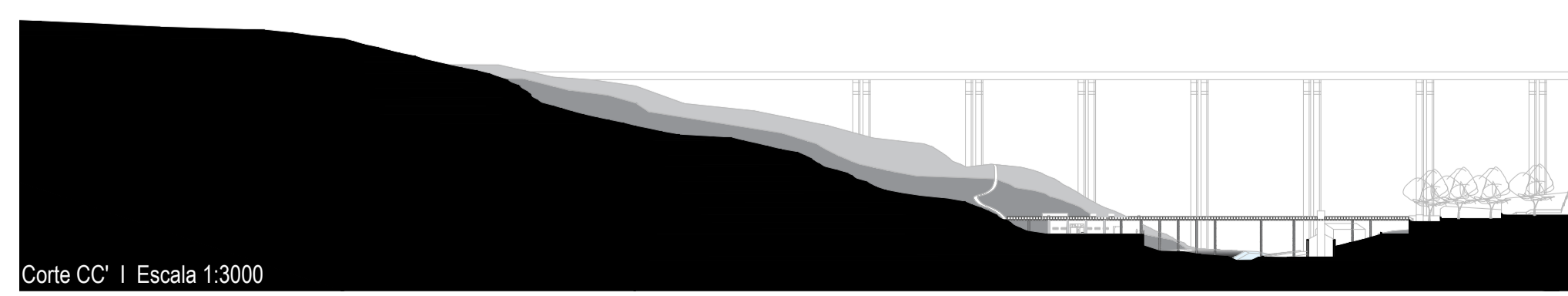
Rio Jamor
 Planta de Implantação - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:3000



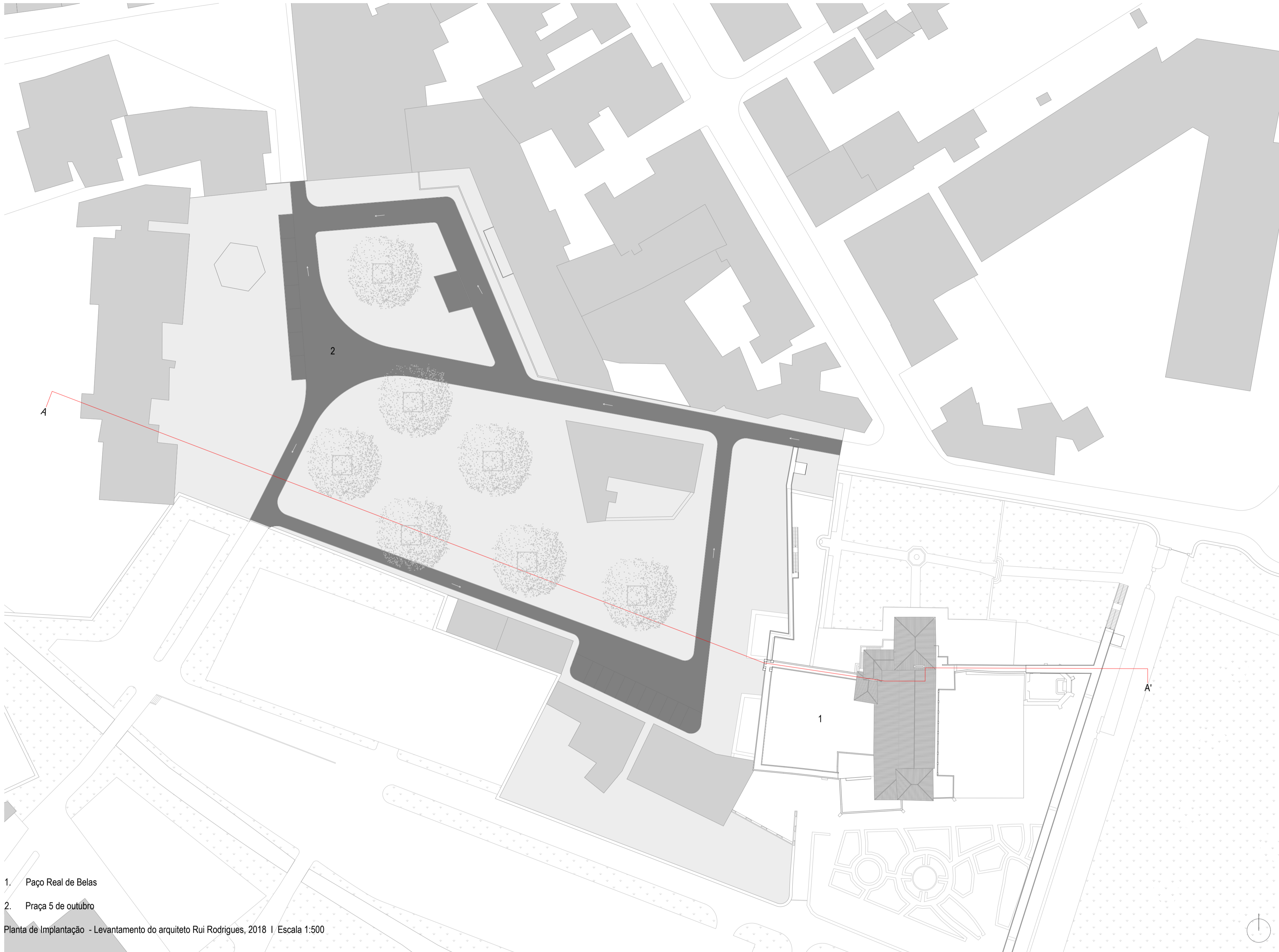
Corte AA' | Escala 1:3000



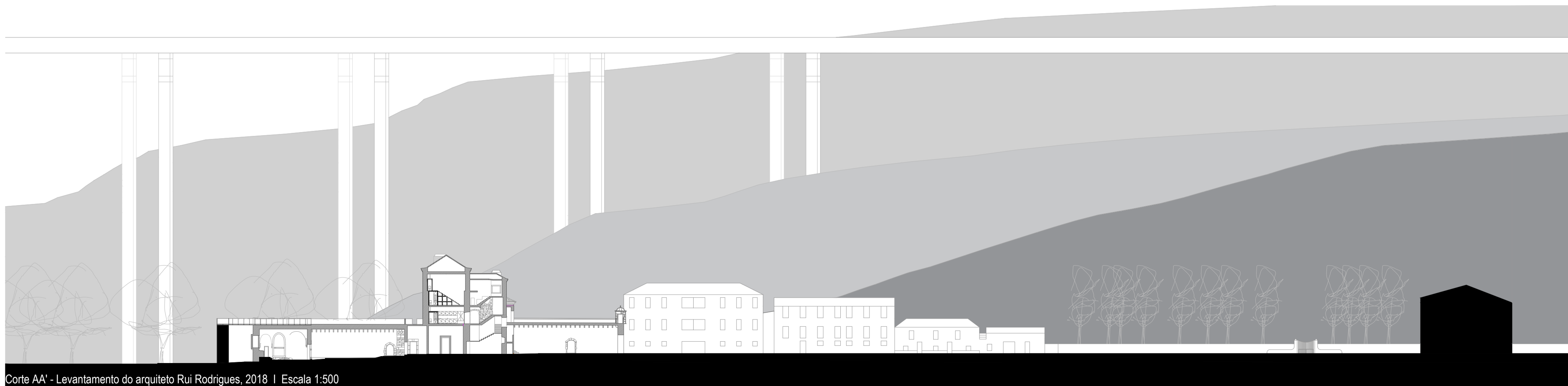
Corte BB' | Escala 1:3000



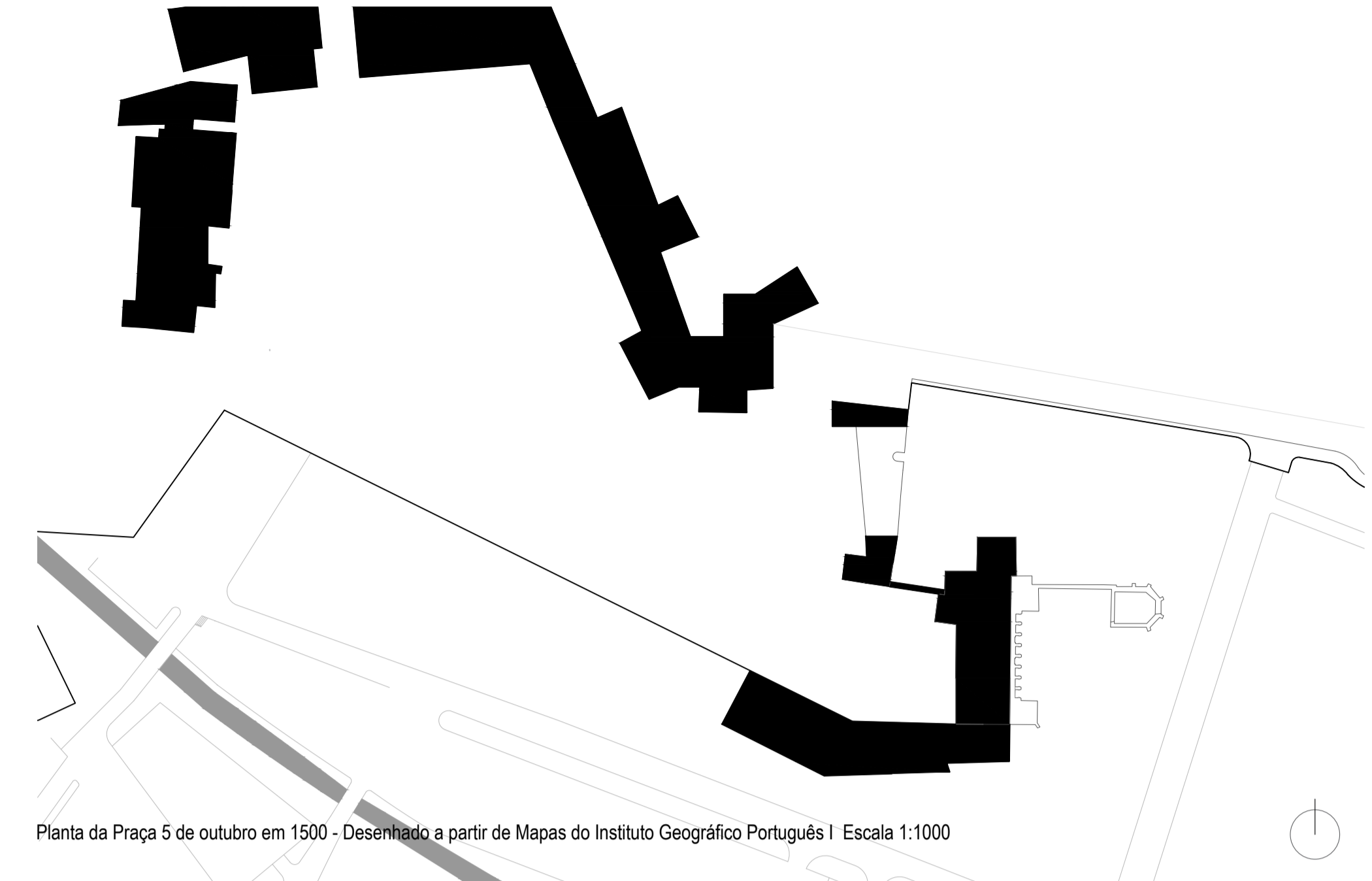
Corte CC' | Escala 1:3000



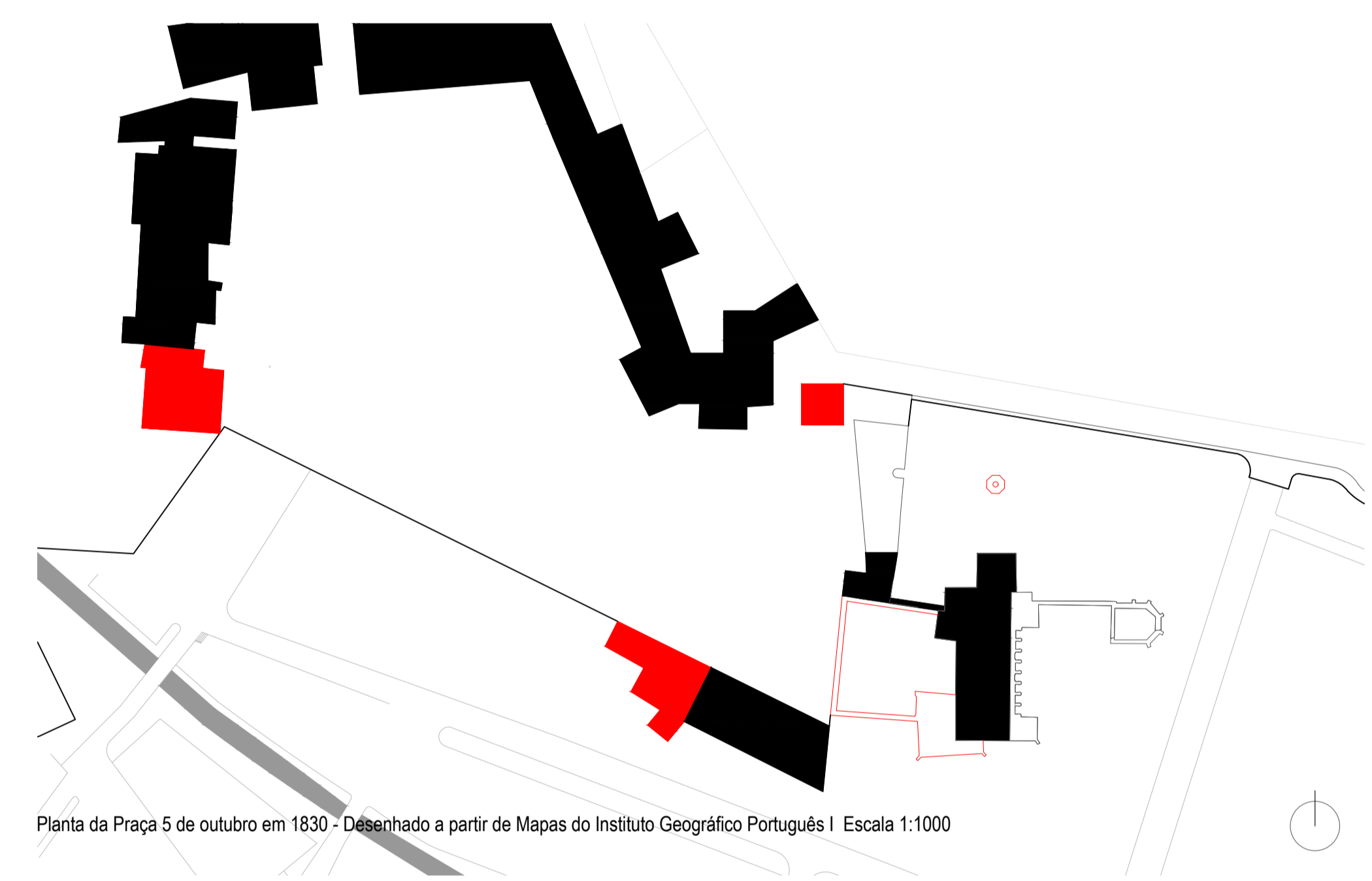
1. Paço Real de Belas
 2. Praça 5 de outubro
 Planta de Implantação - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:500



Corte AA' - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:500



Planta da Praça 5 de outubro em 1500 - Desenhado a partir de Mapas do Instituto Geográfico Português | Escala 1:1000



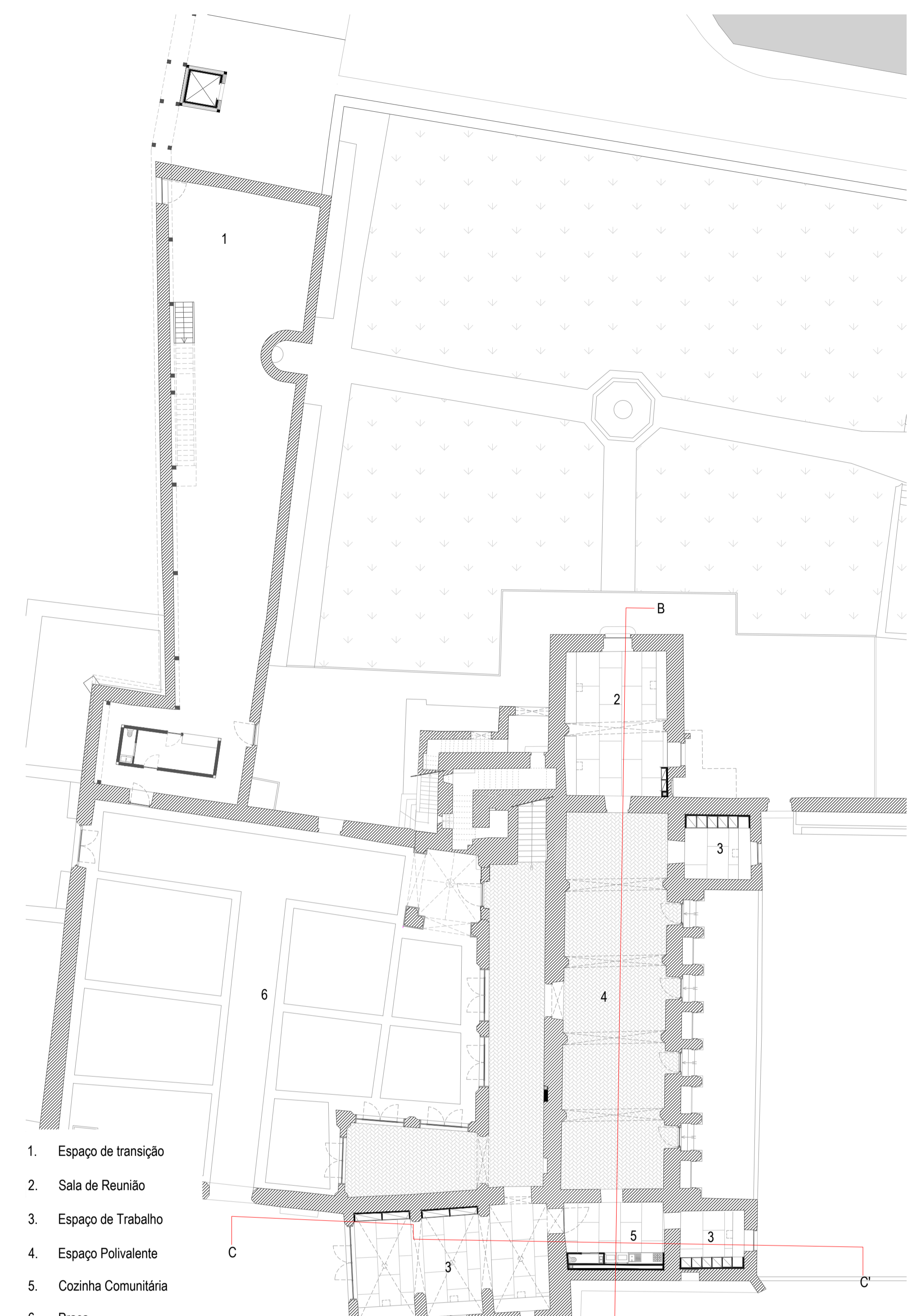
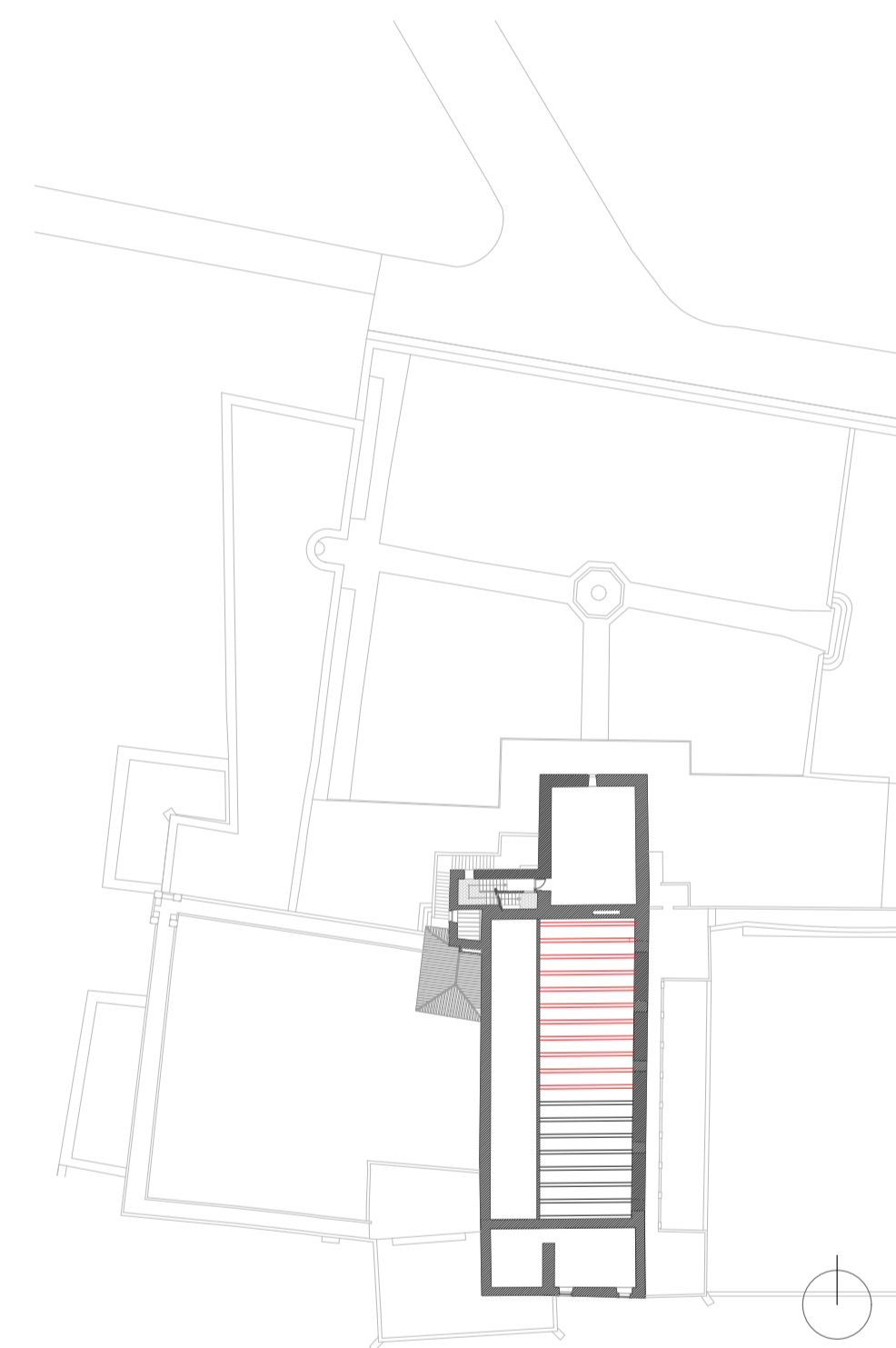
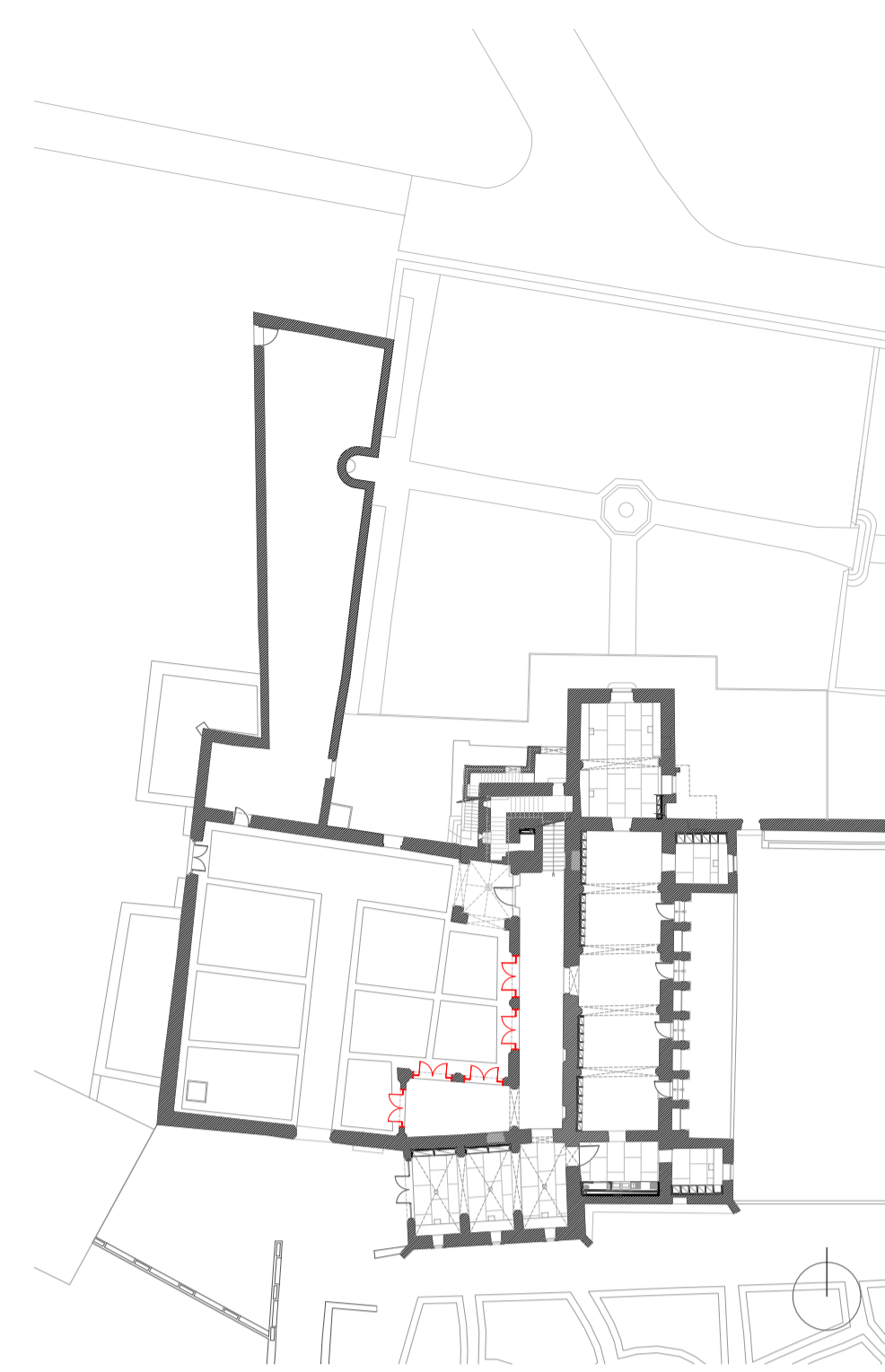
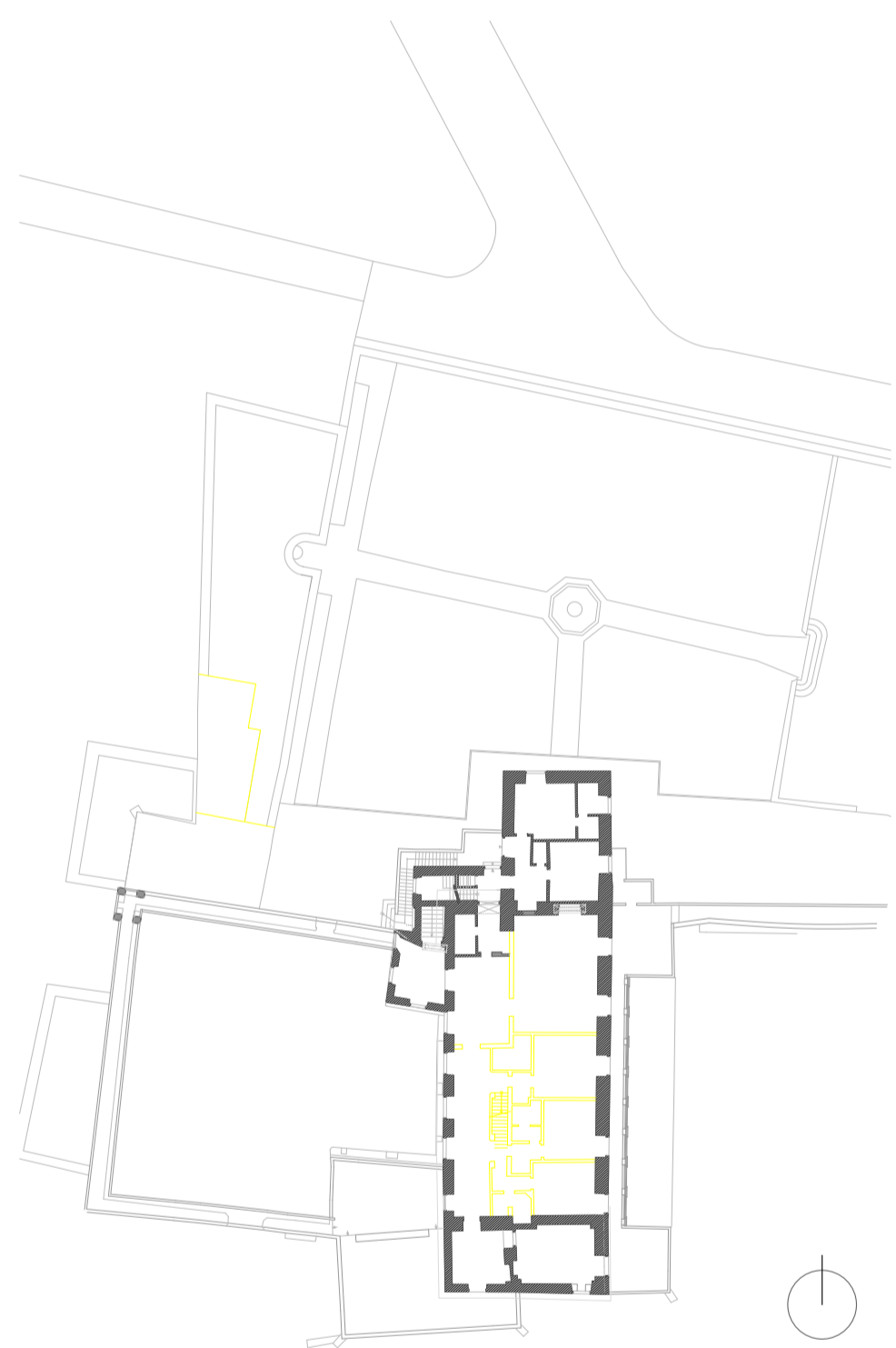
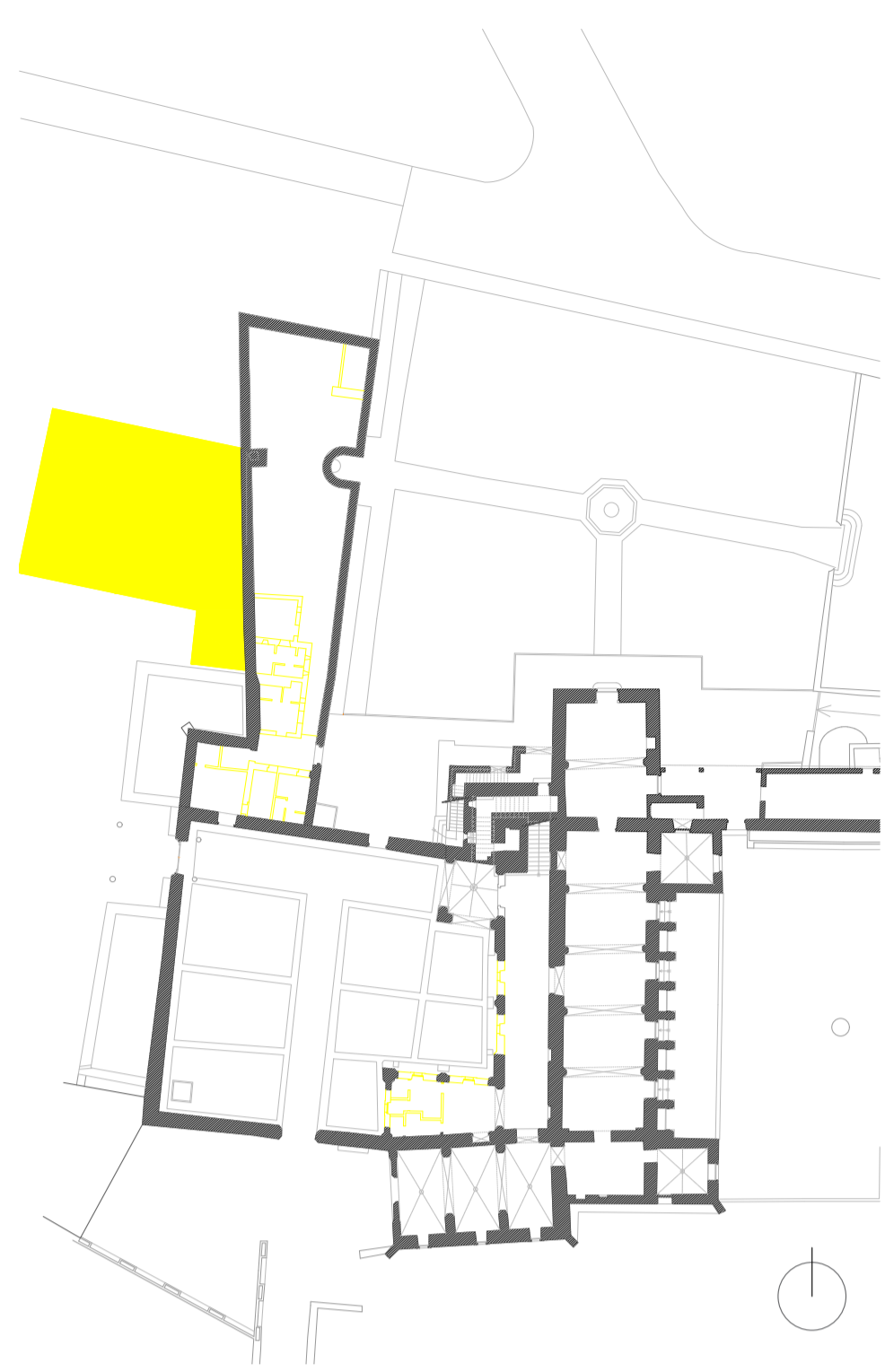
Planta da Praça 5 de outubro em 1830 - Desenhado a partir de Mapas do Instituto Geográfico Português | Escala 1:1000



Planta da Praça 5 de outubro atual - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:1000

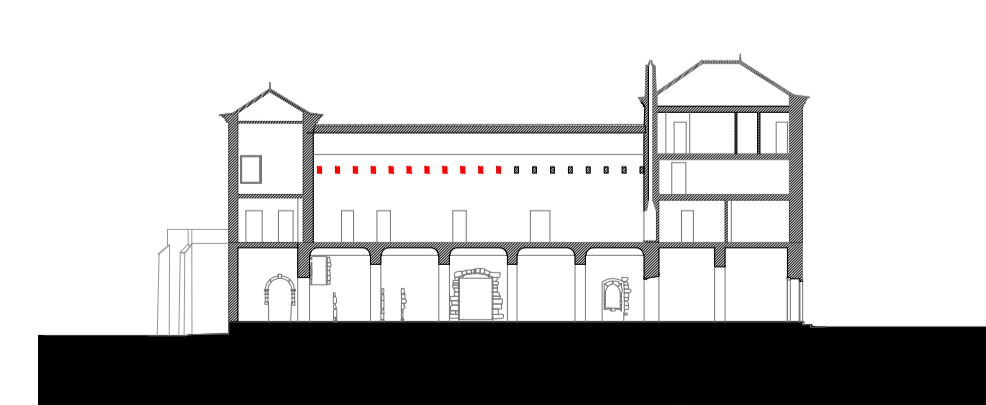
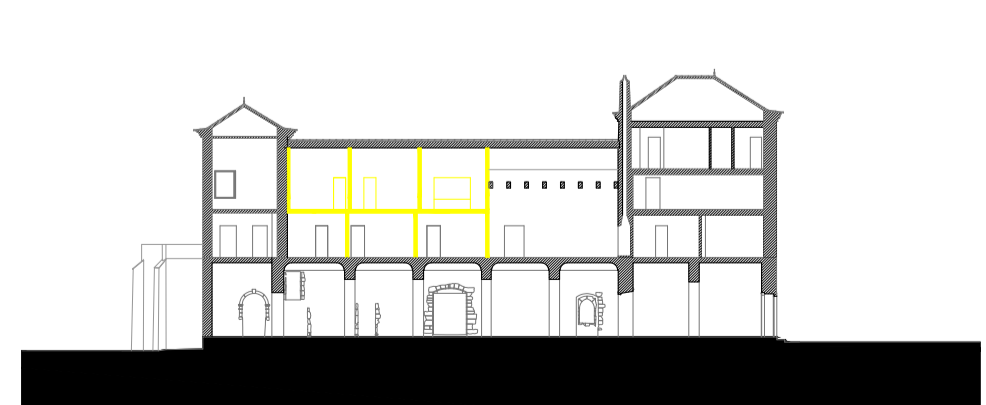
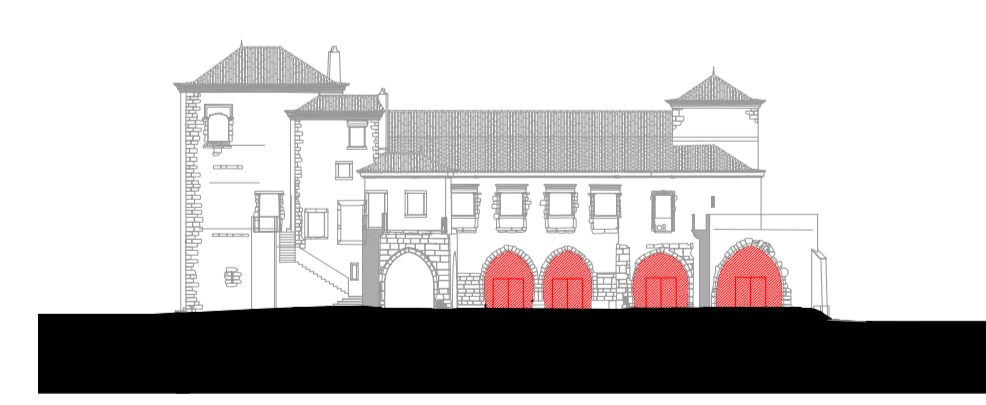
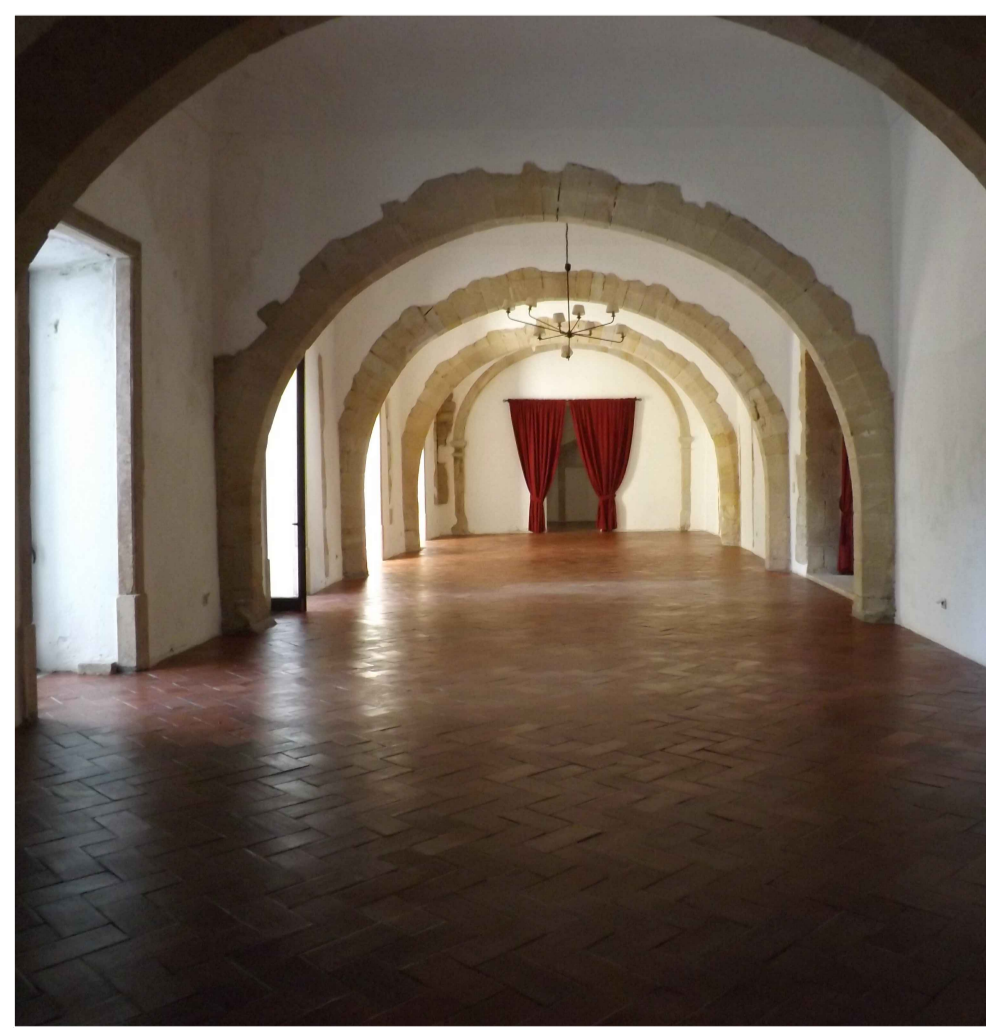


Planta Piso Térreo Atual - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:200

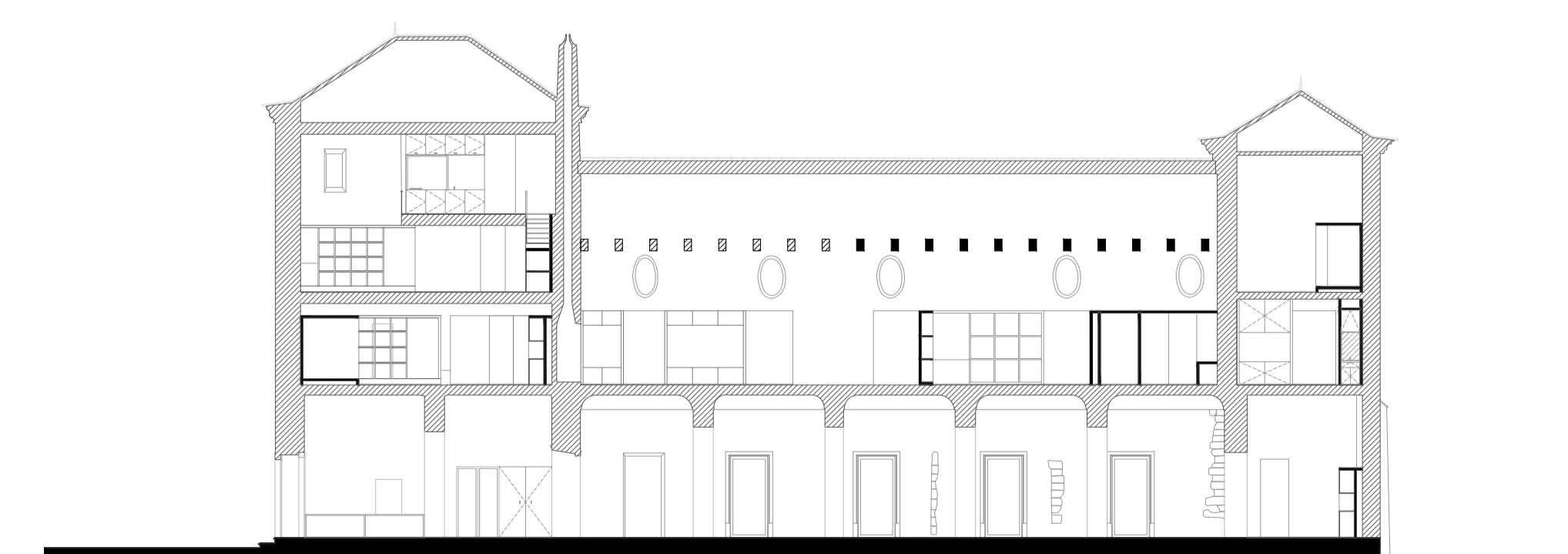


- 1. Espaço de transição
- 2. Sala de Reunião
- 3. Espaço de Trabalho
- 4. Espaço Polivalente
- 5. Cozinha Comunitária
- 6. Praça

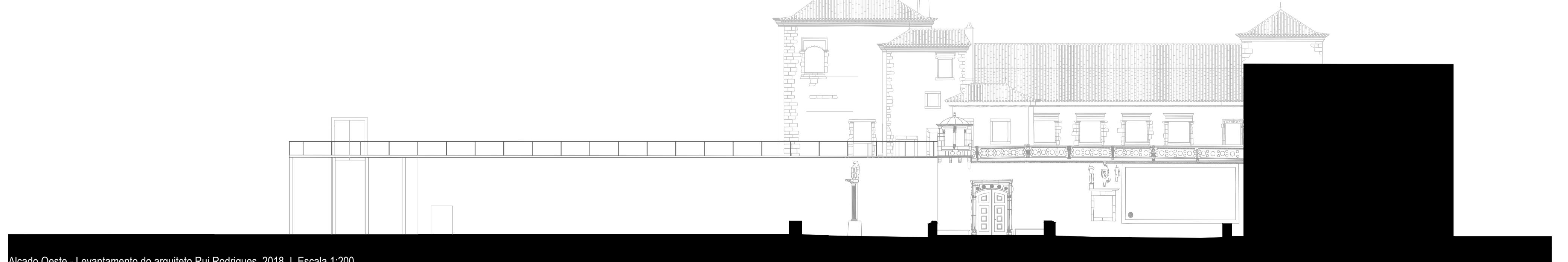
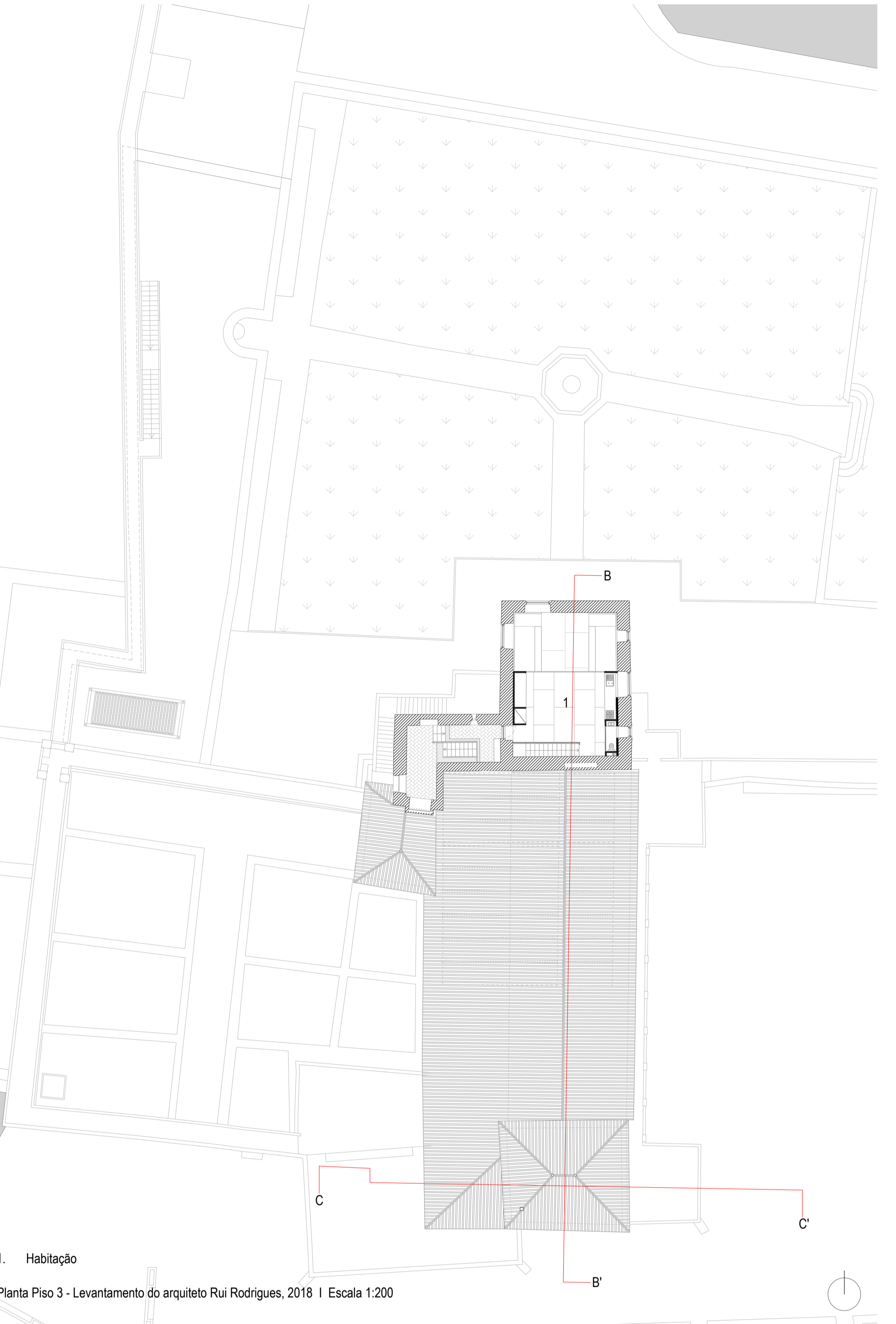
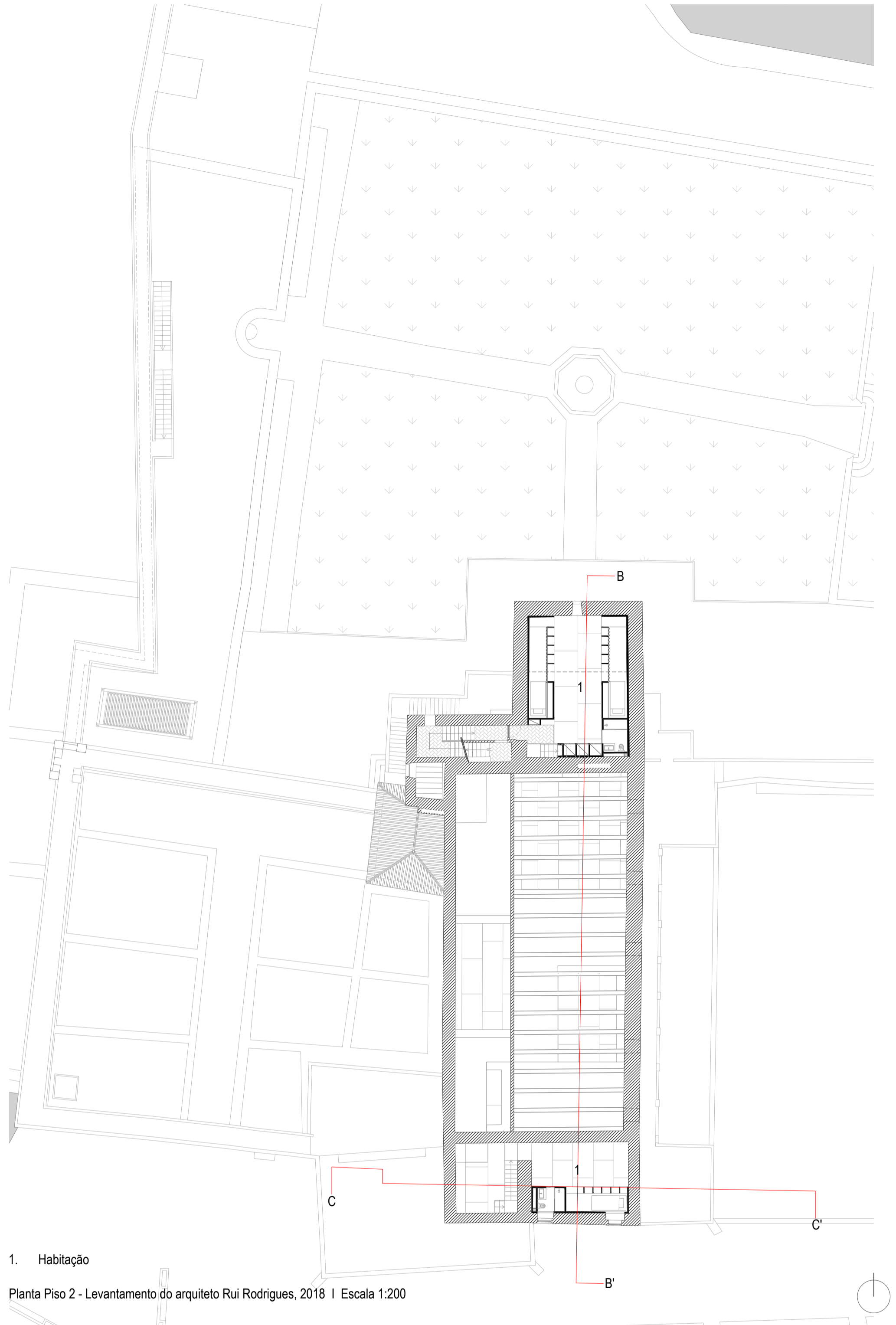
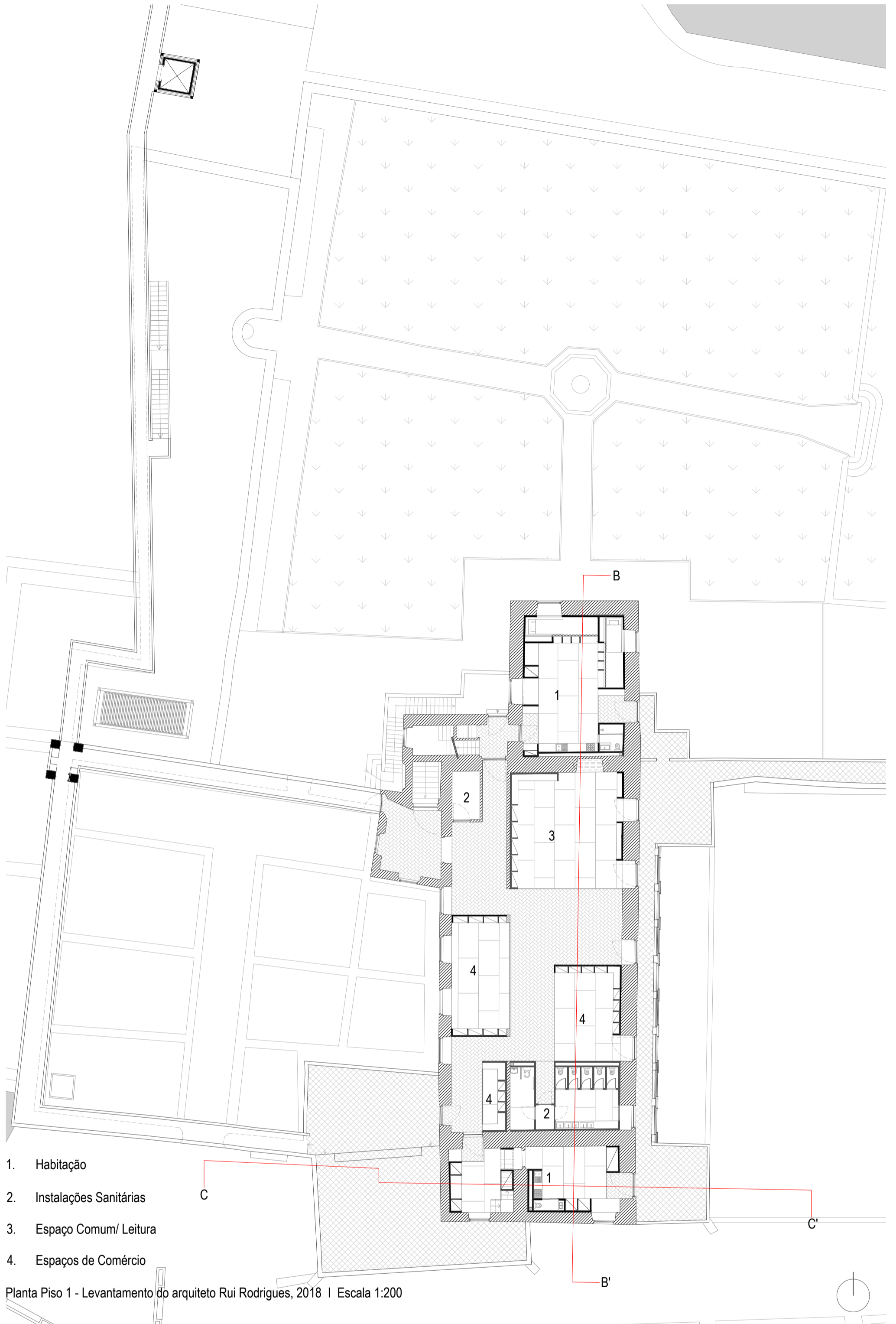
Planta Piso Térreo - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:200

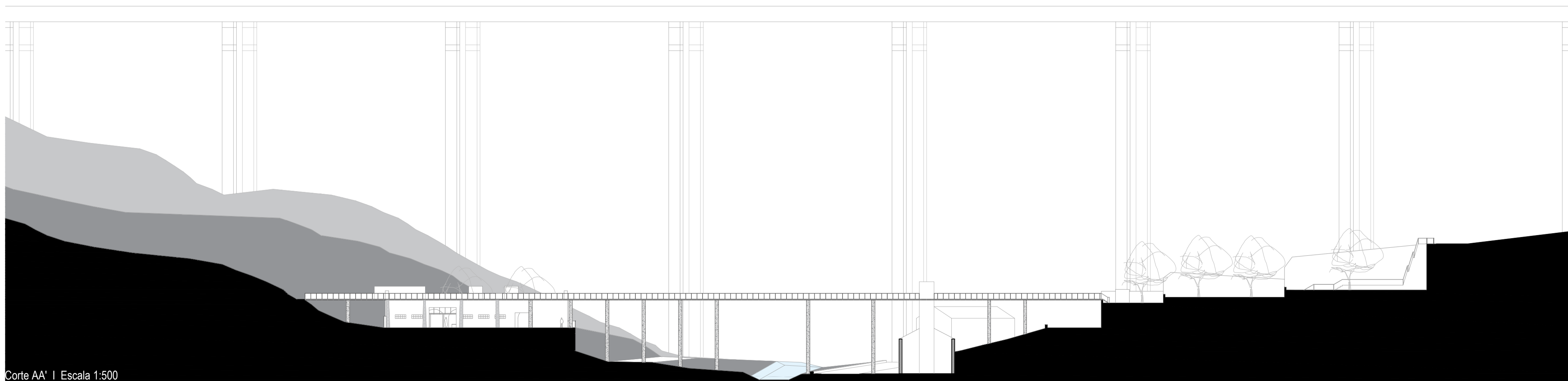
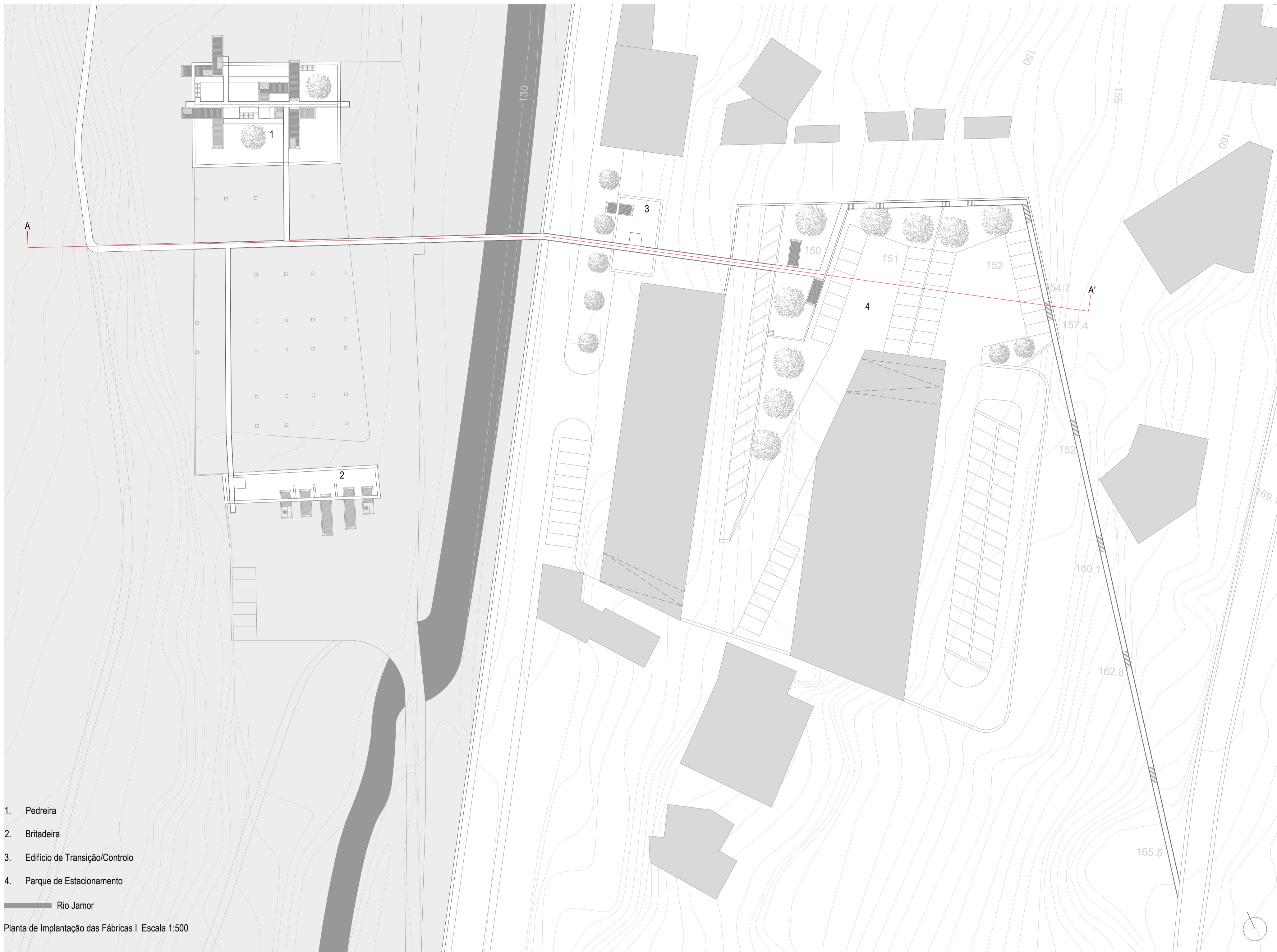


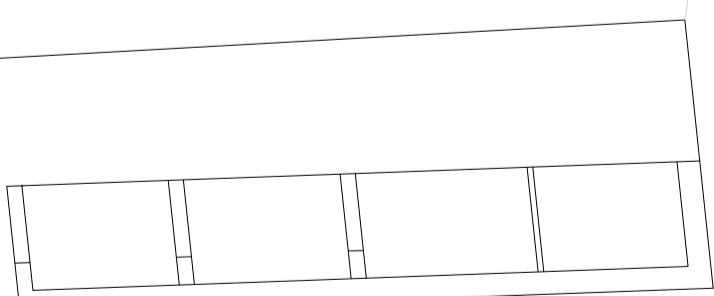
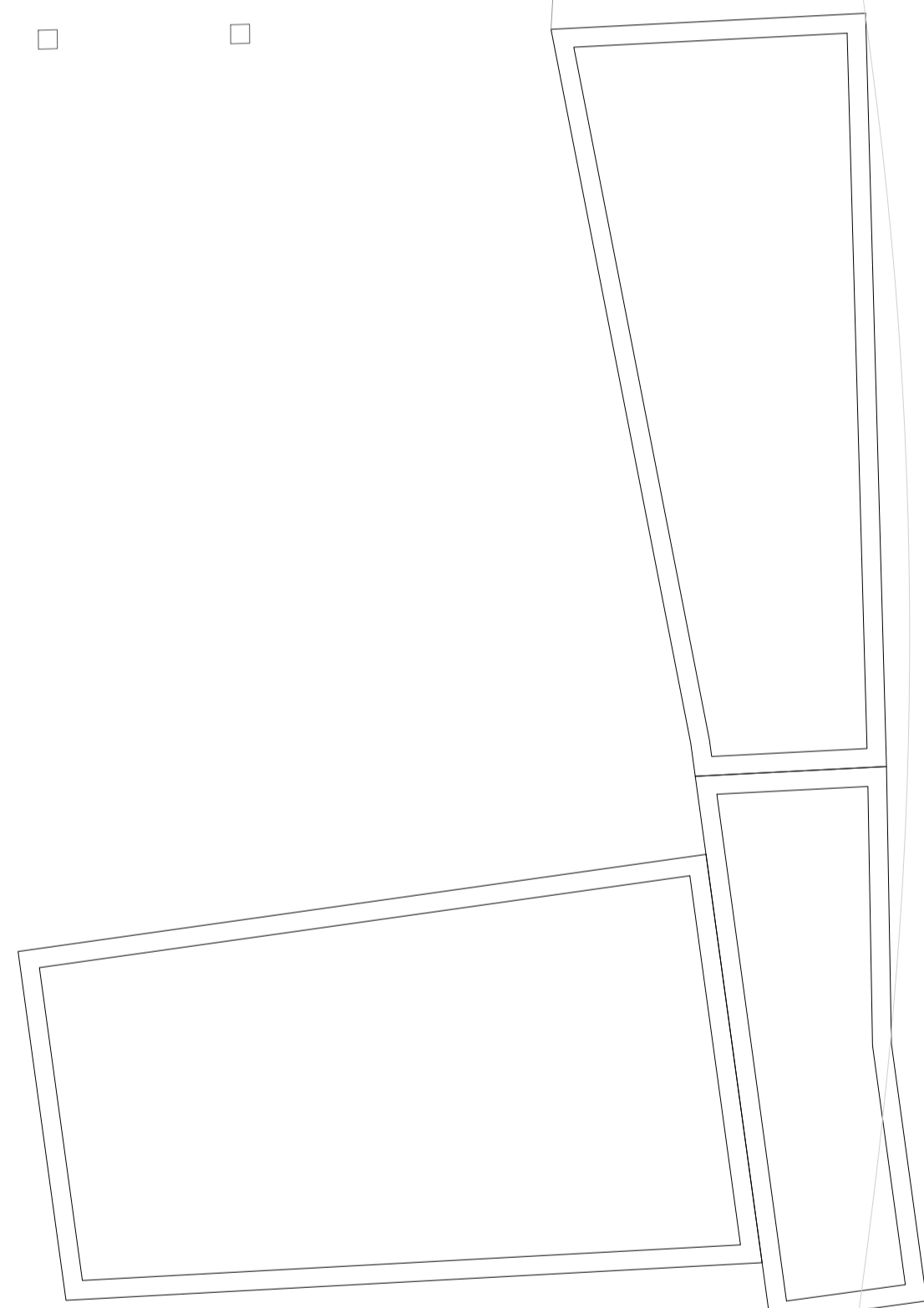
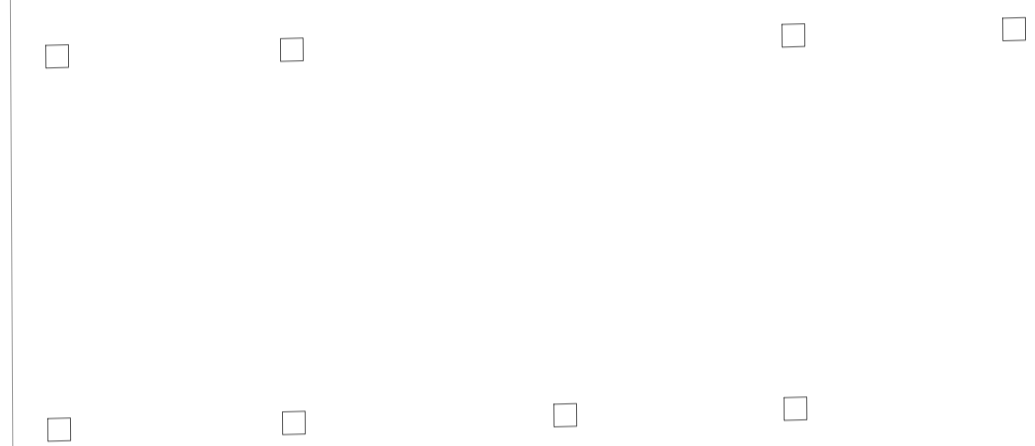
Plantas e Cortes Cores Convencionais - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:500



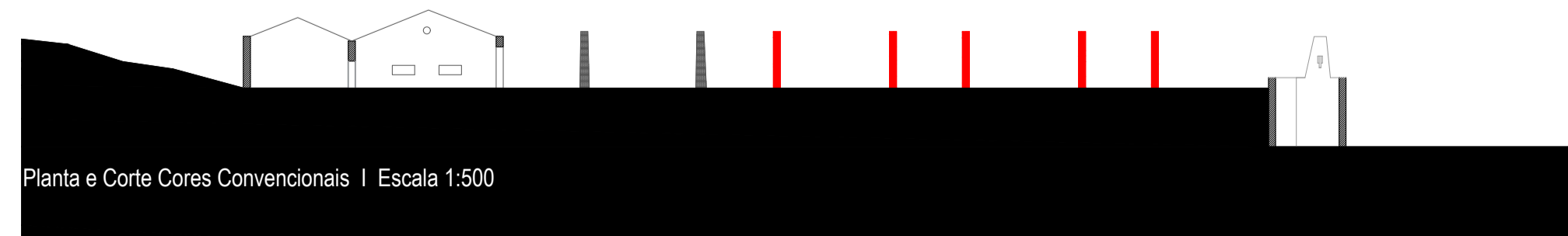
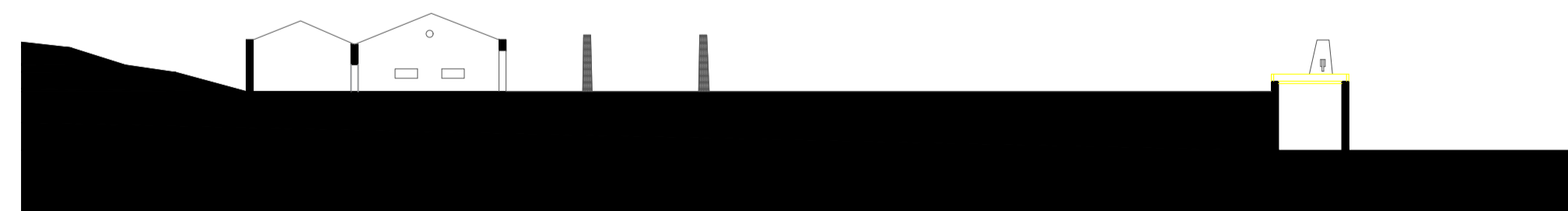
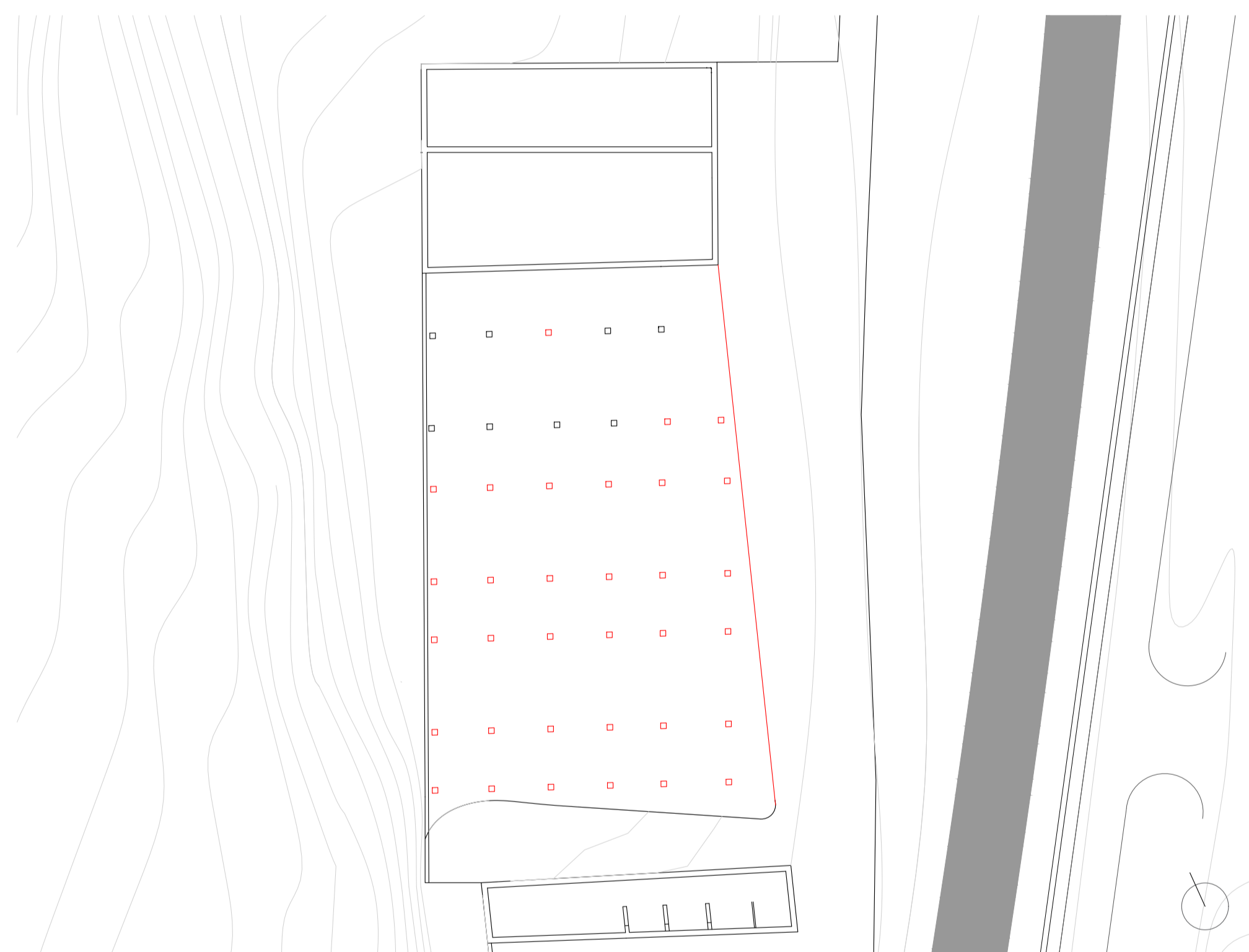
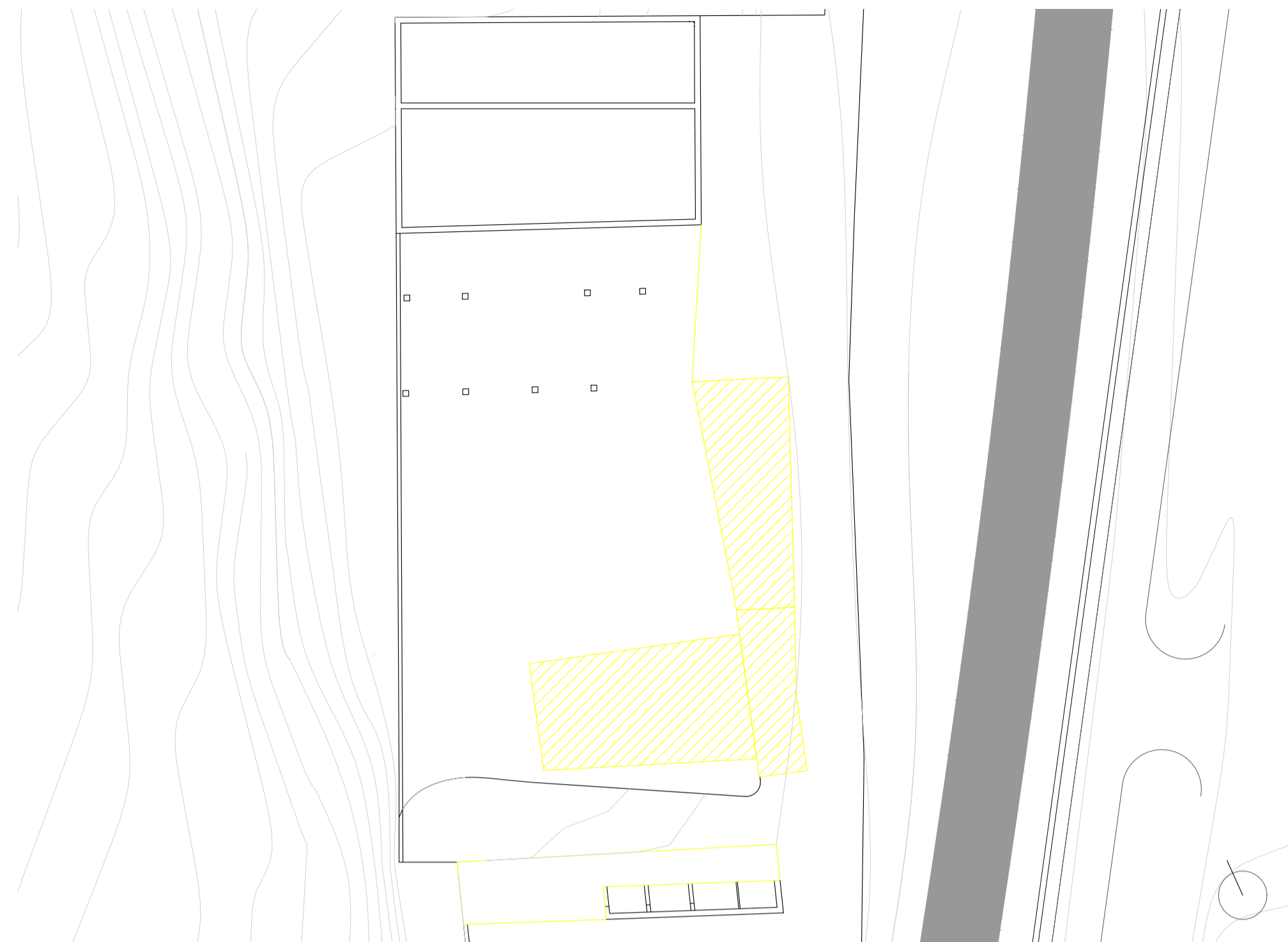
Corte BB' - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:200



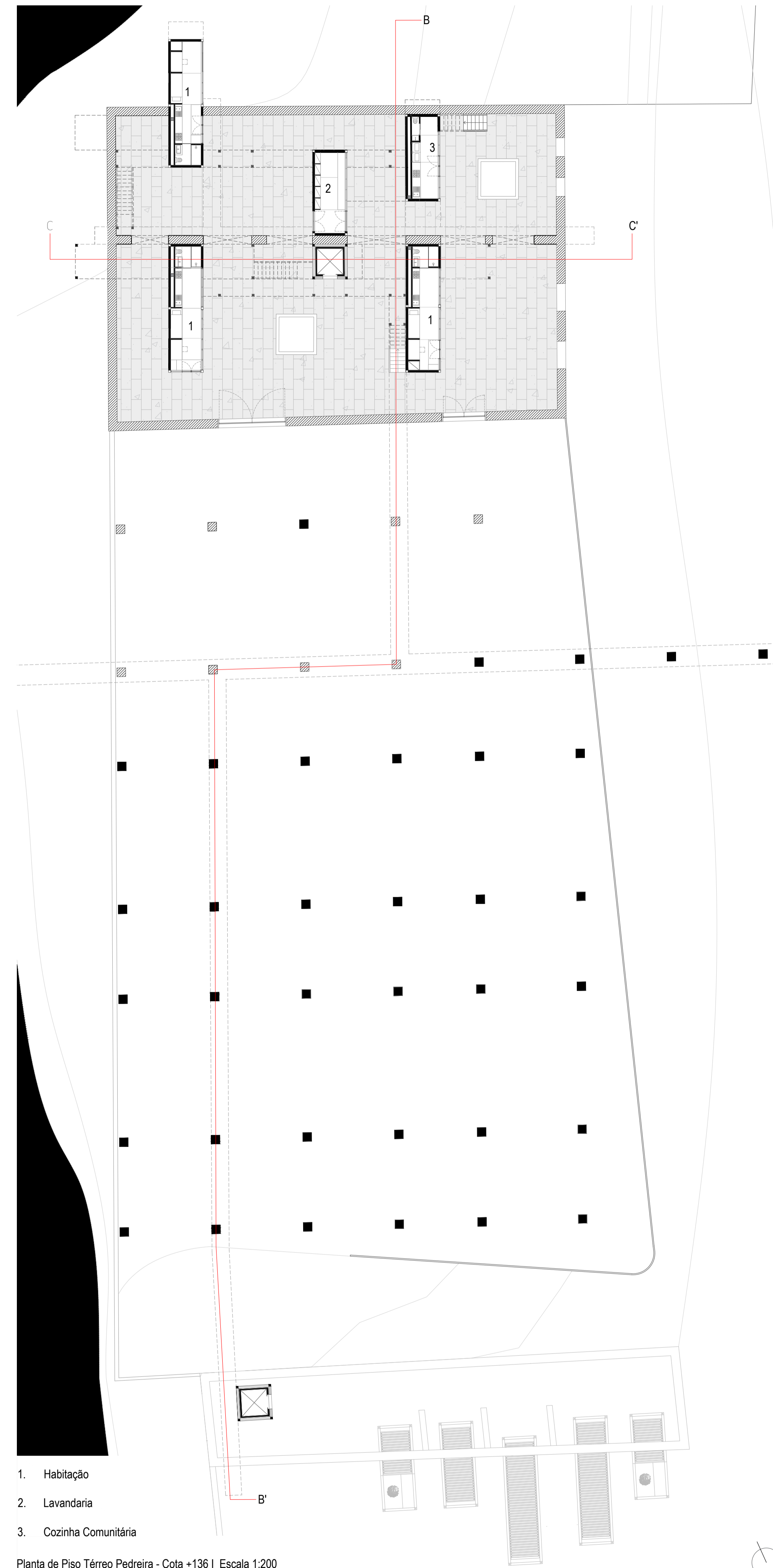




Planta de Implantação atual | Escala 1:200

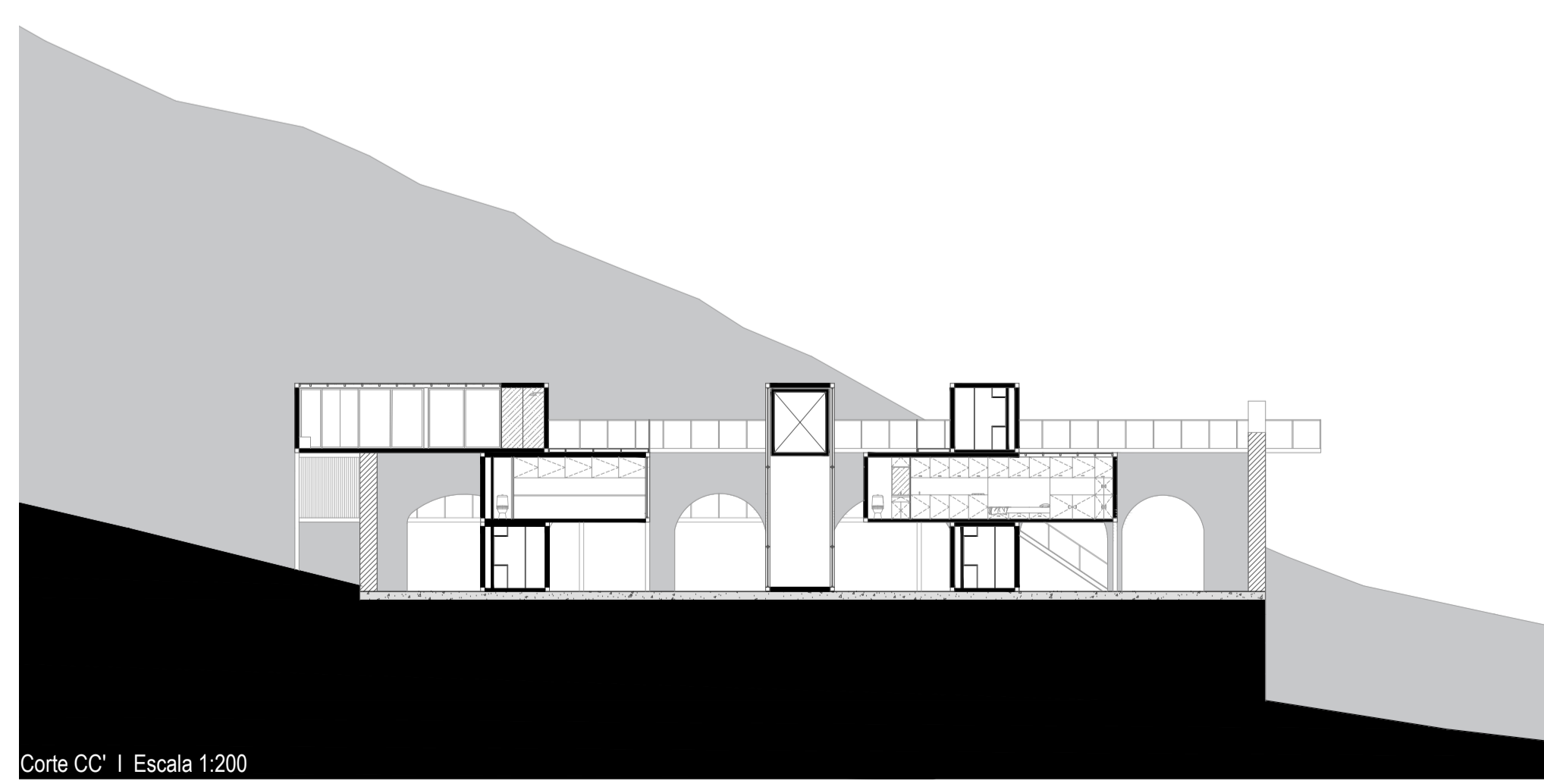
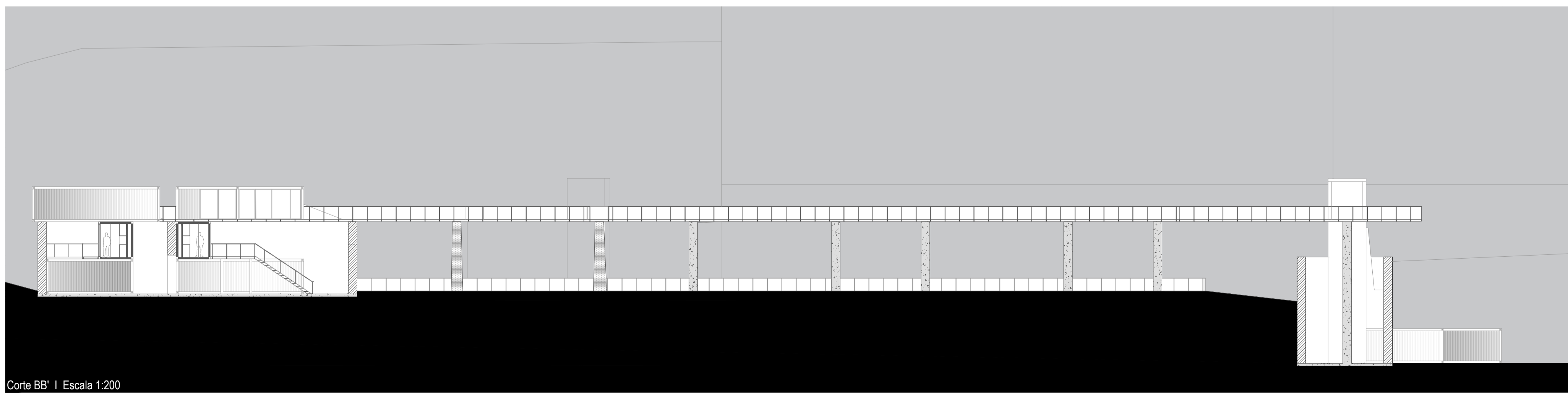
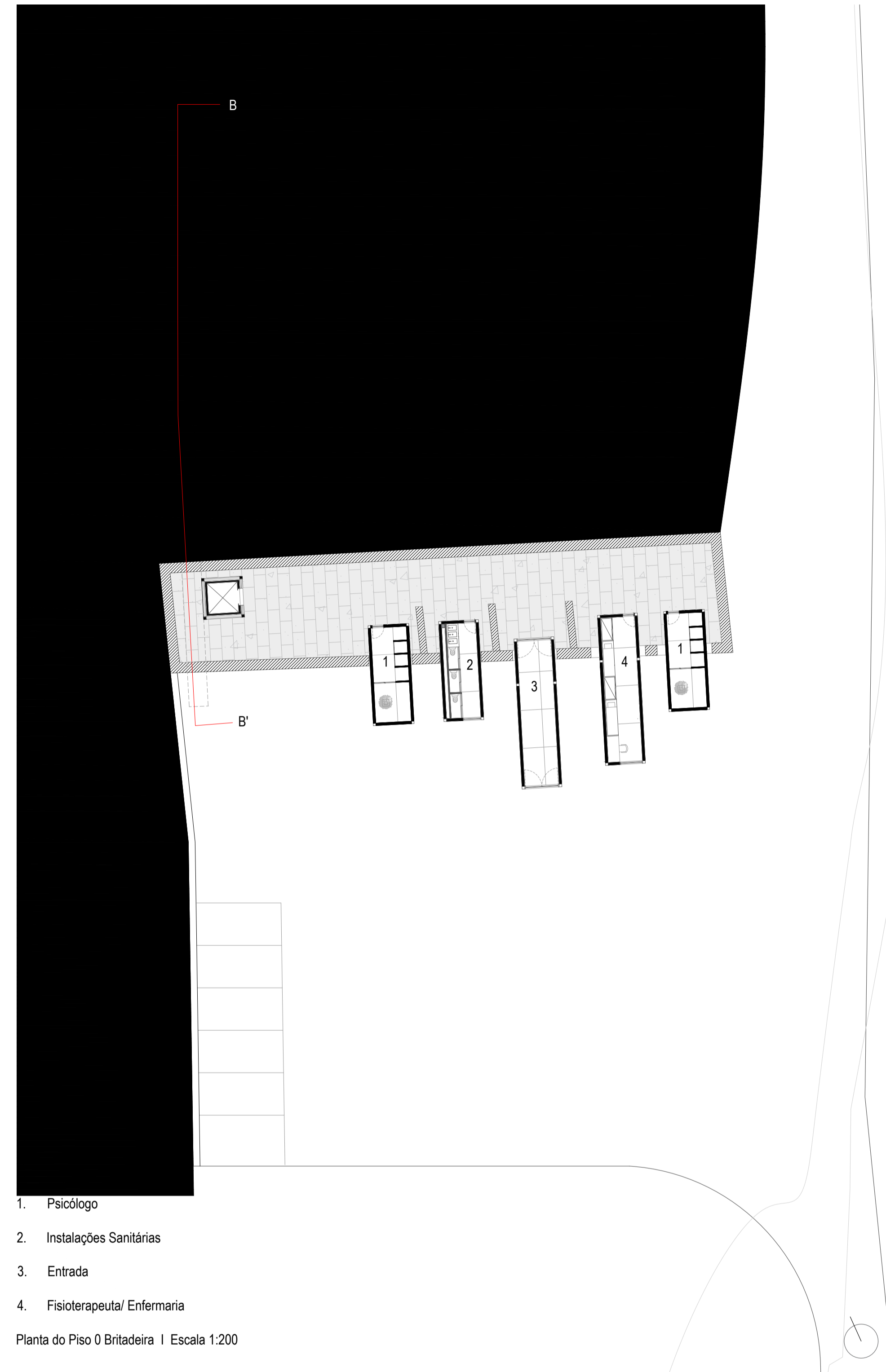
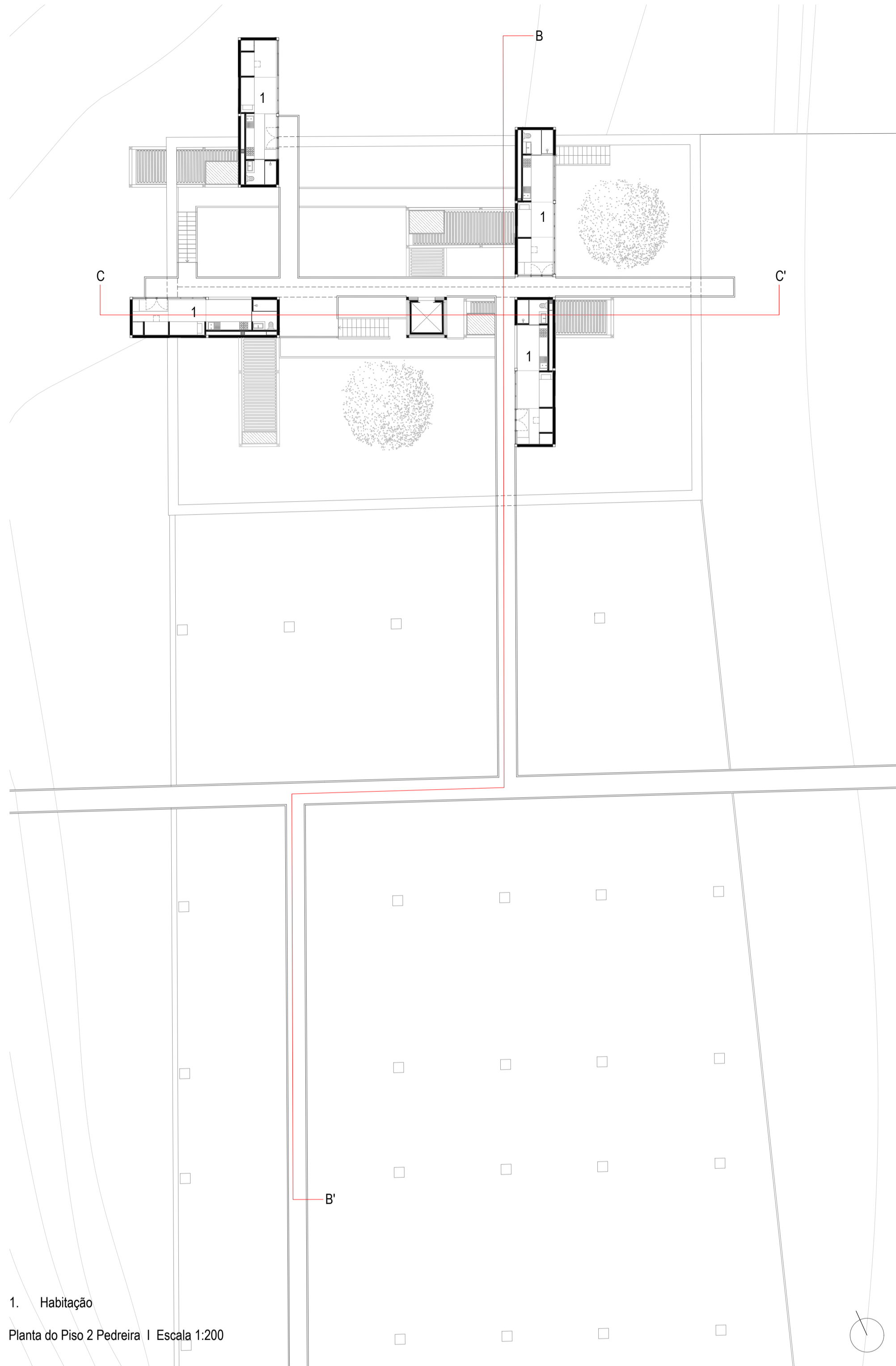
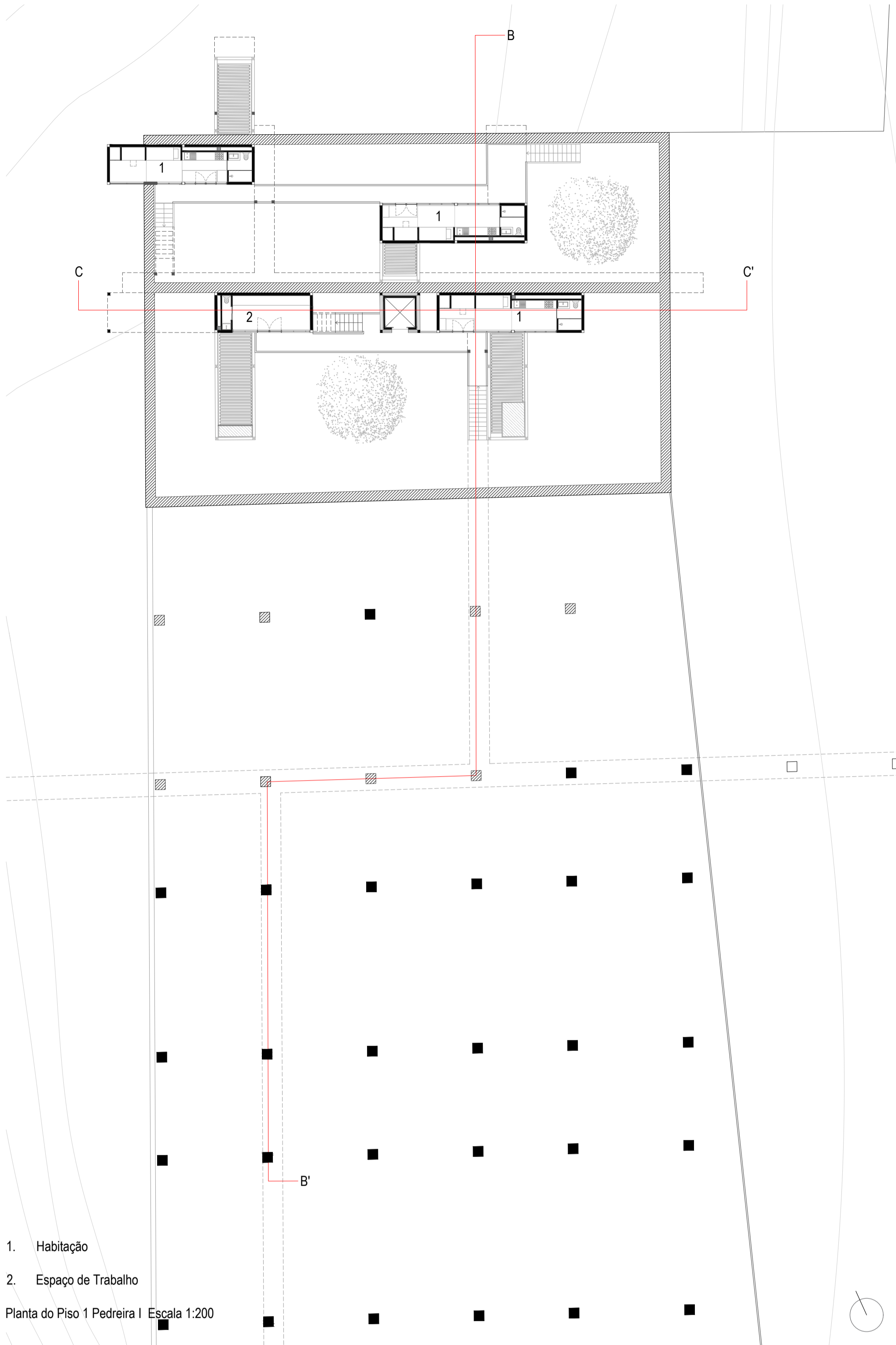


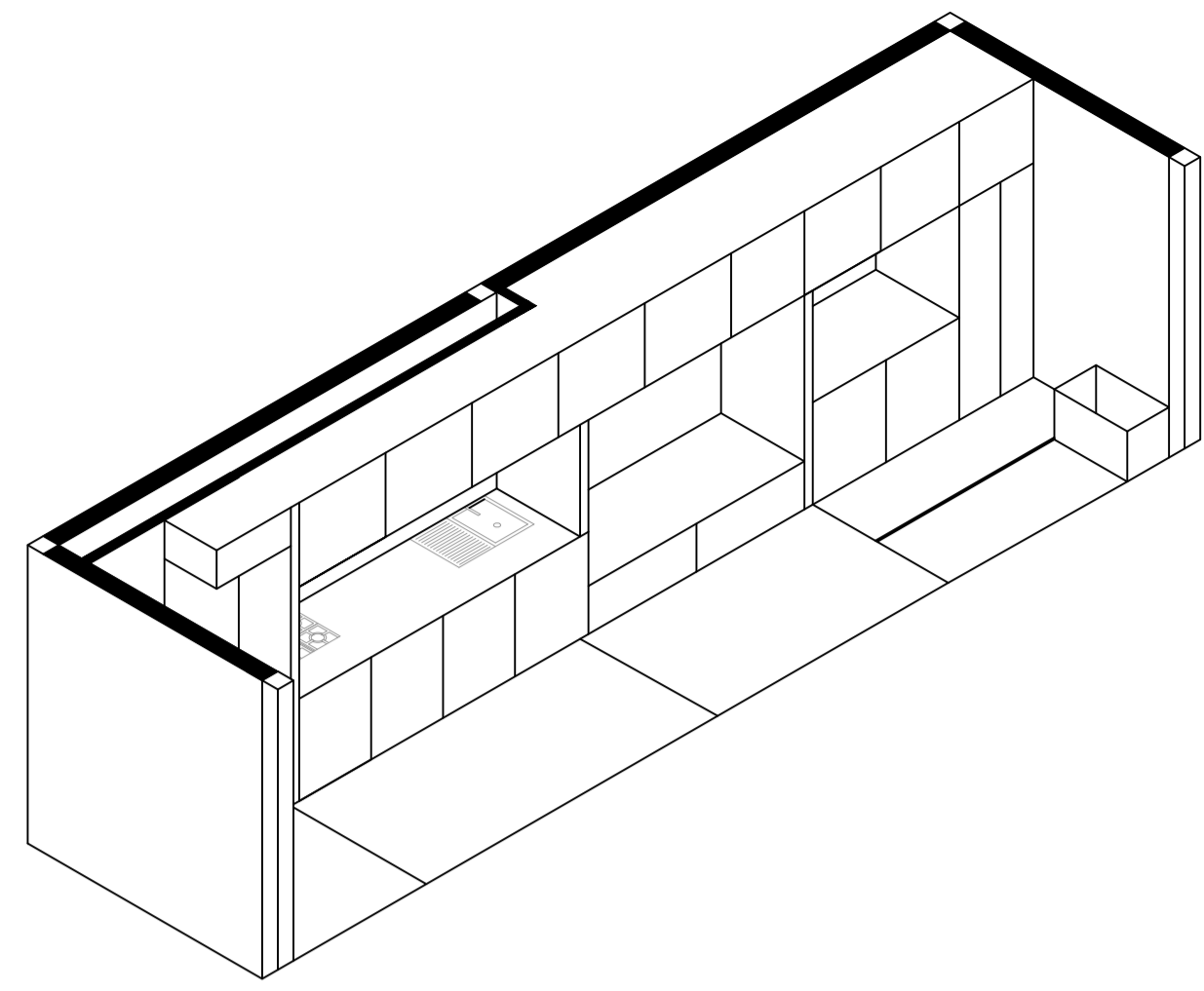
Planta e Corte Cores Convencionais | Escala 1:500



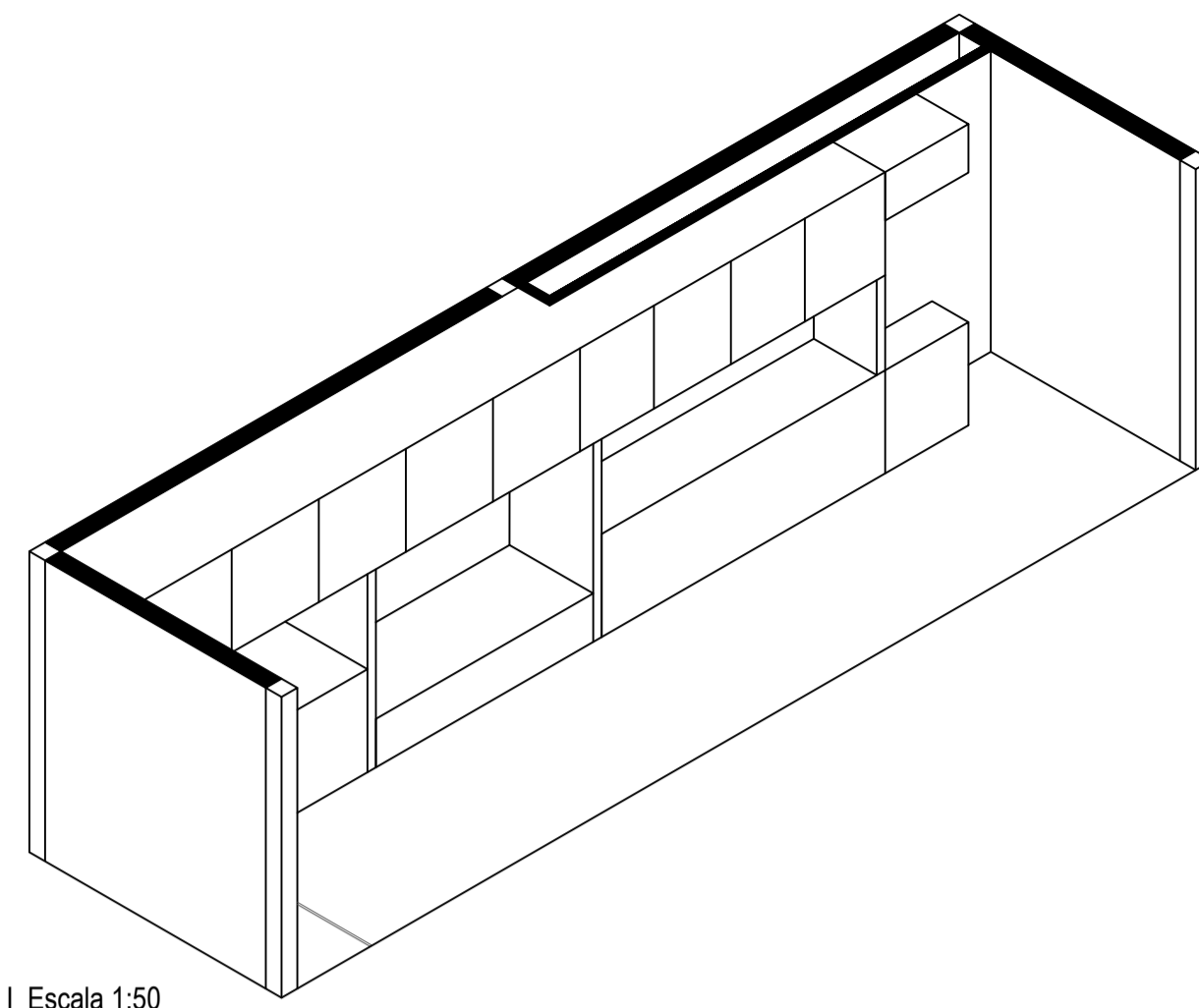
- 1. Habitação
- 2. Lavandaria
- 3. Cozinha Comunitária

Planta de Piso Térreo Pedreira - Cota +136 | Escala 1:200

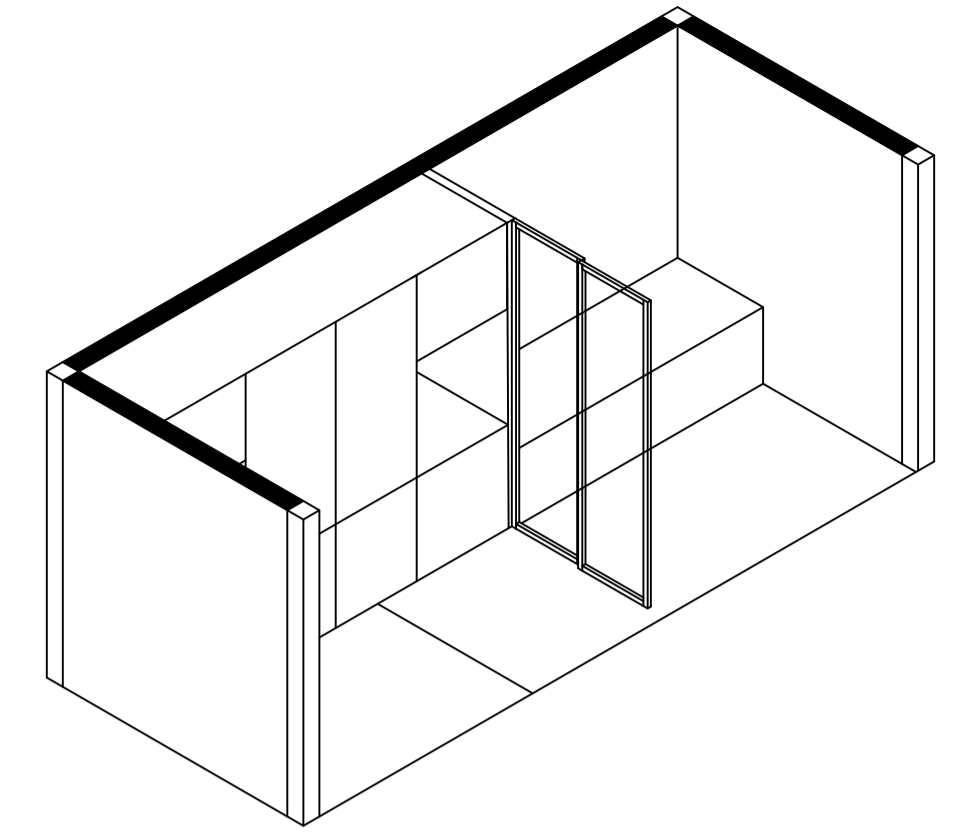




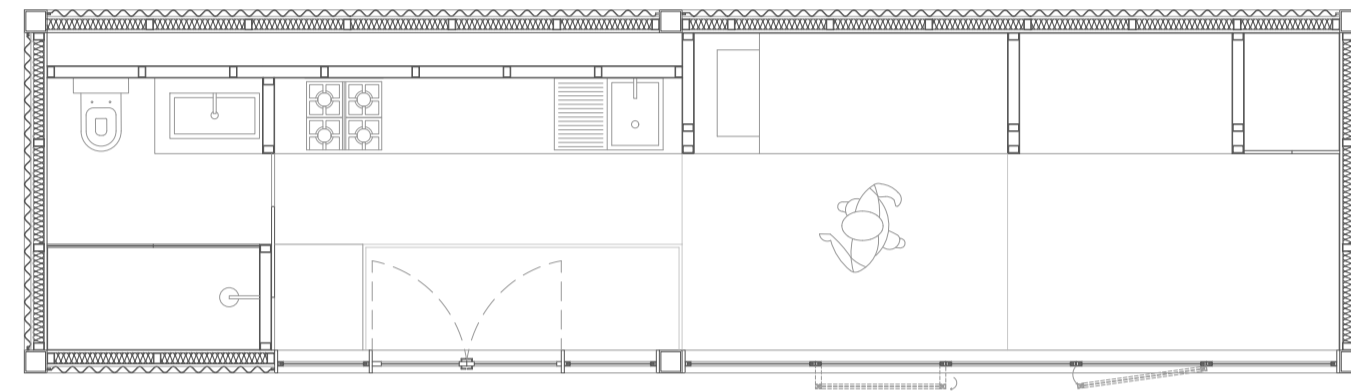
Axonometria Contentor 1 | Escala 1:50



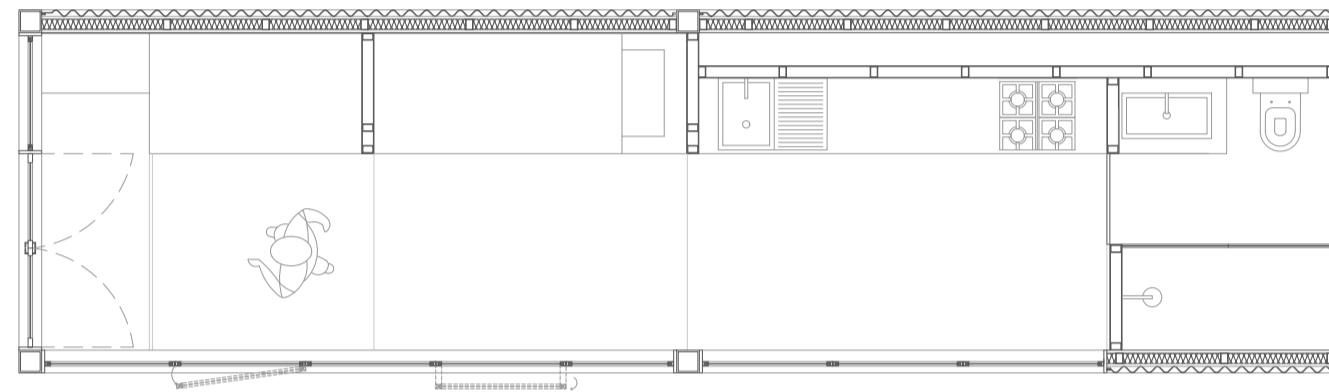
Axonometria Contentor 2 | Escala 1:50



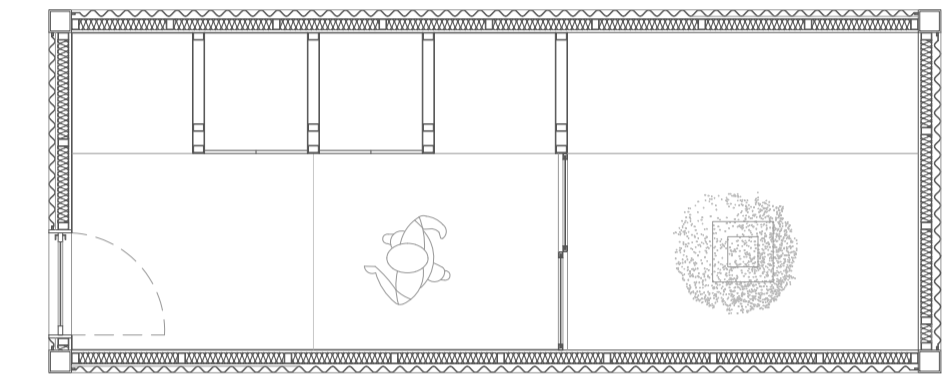
Axonometria Contentor 3 | Escala 1:50



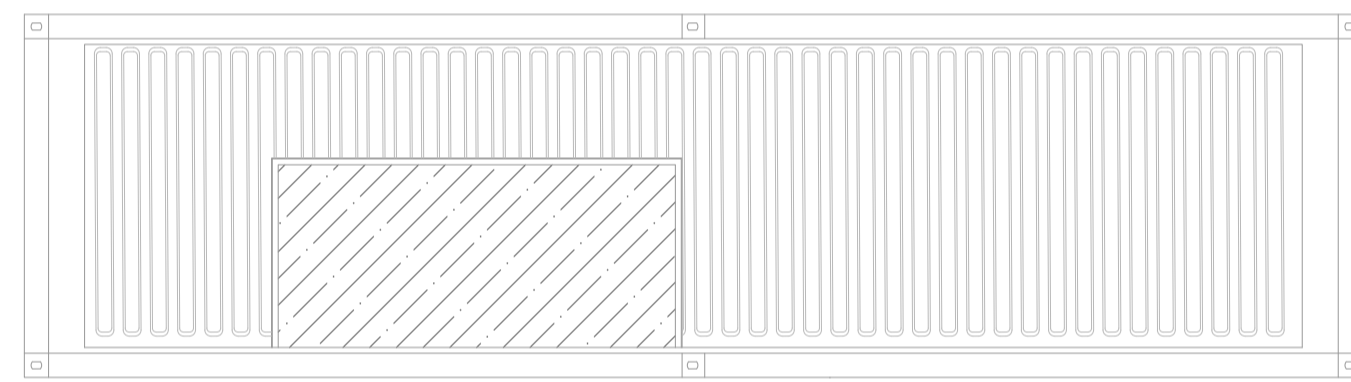
Planta Contentor 1 | Escala 1:50



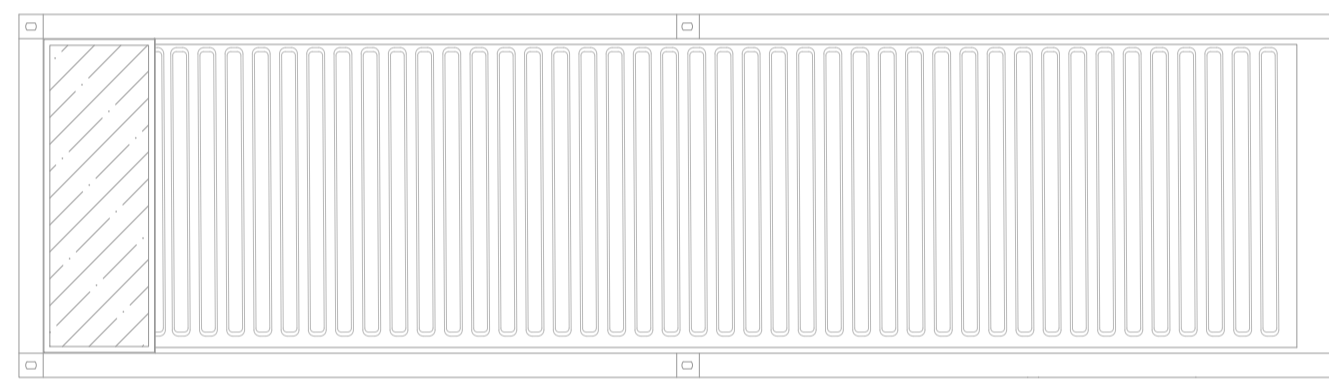
Planta Contentor 2 | Escala 1:50



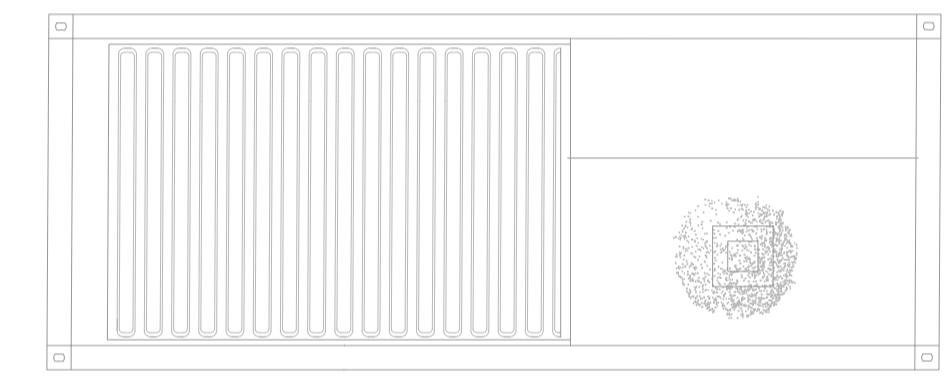
Planta Contentor 3 | Escala 1:50



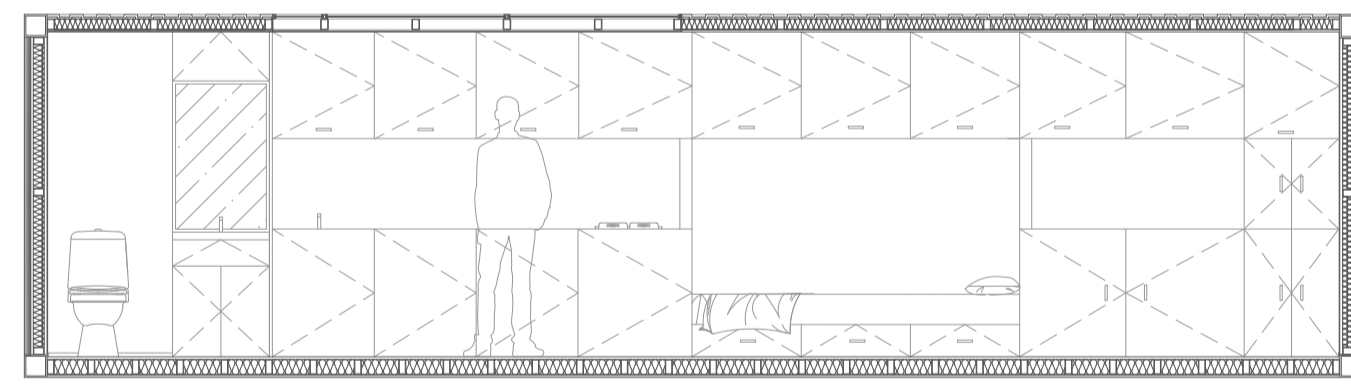
Planta de Cobertura Contentor 1 | Escala 1:50



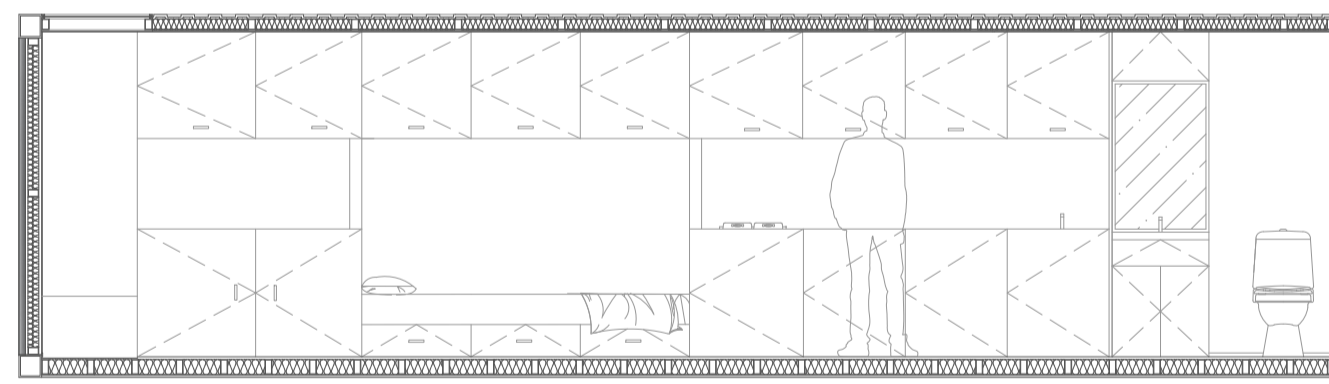
Planta de Cobertura Contentor 2 | Escala 1:50



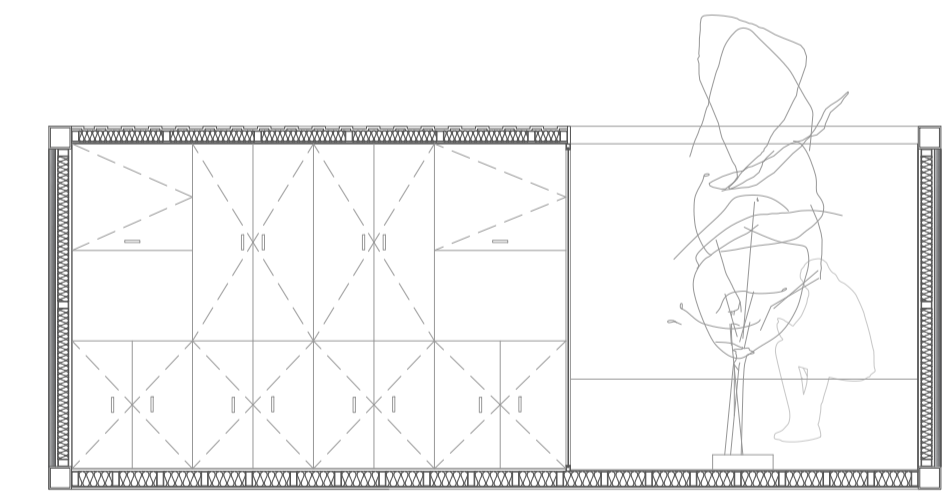
Planta de Cobertura Contentor 3 | Escala 1:50



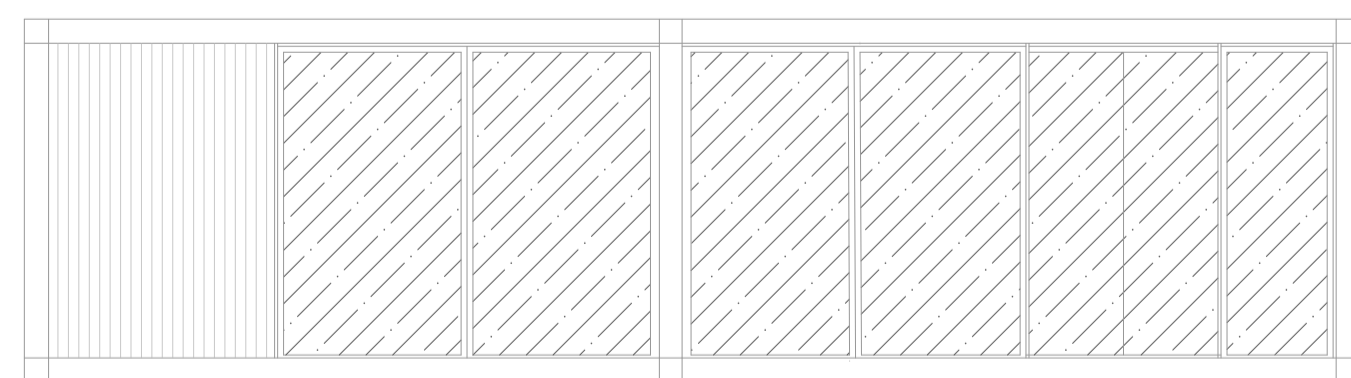
Corte Transversal Contentor 1 | Escala 1:50



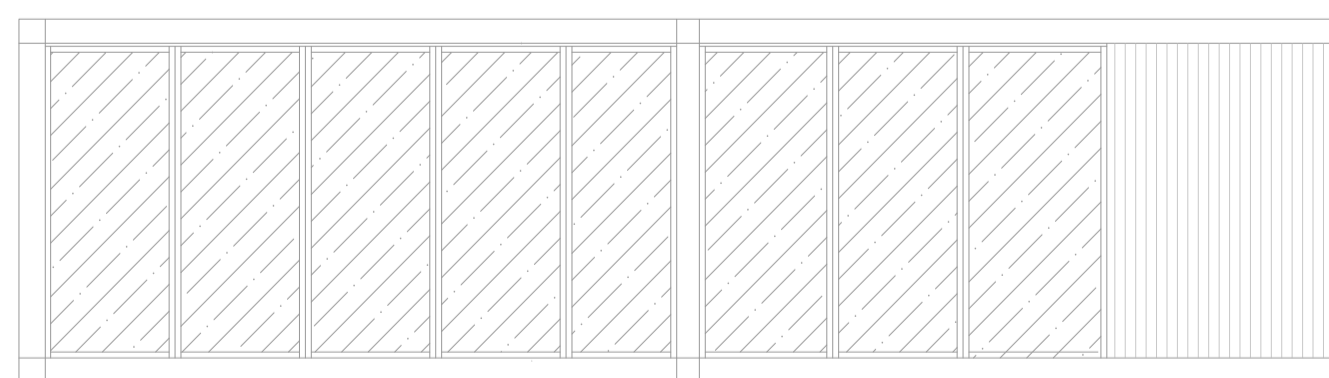
Corte Transversal Contentor 2 | Escala 1:50



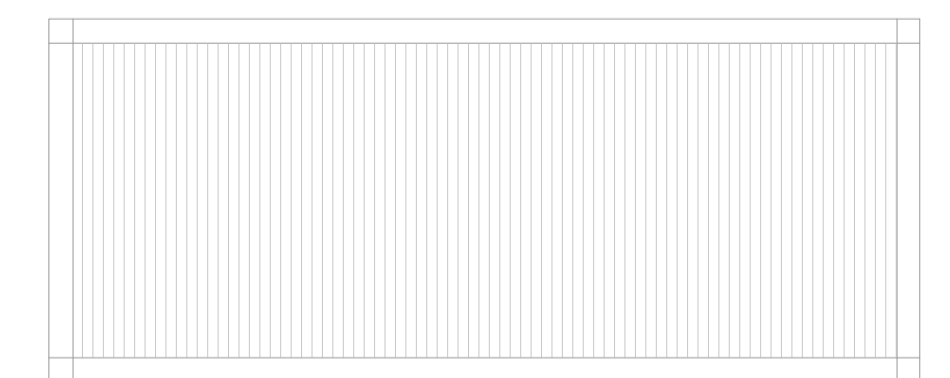
Corte Transversal Contentor 3 | Escala 1:50



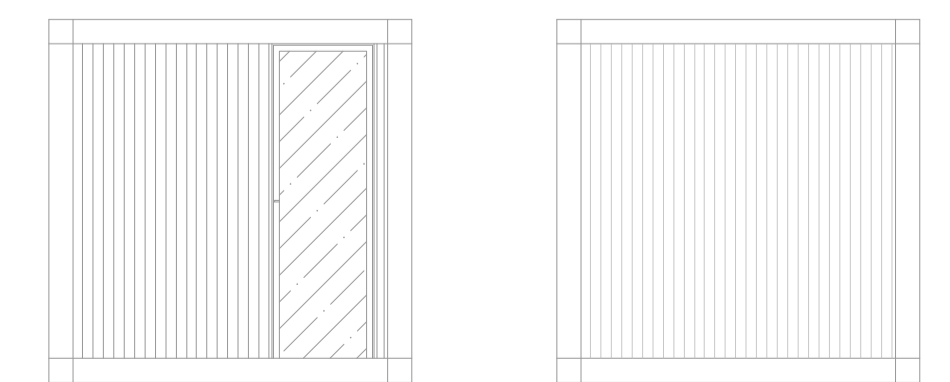
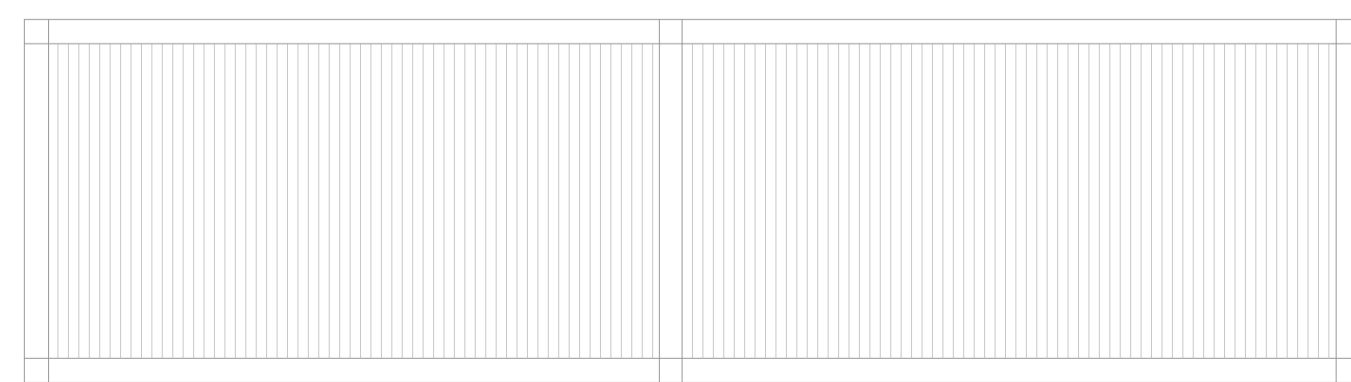
Alçados Contentor 1 | Escala 1:50

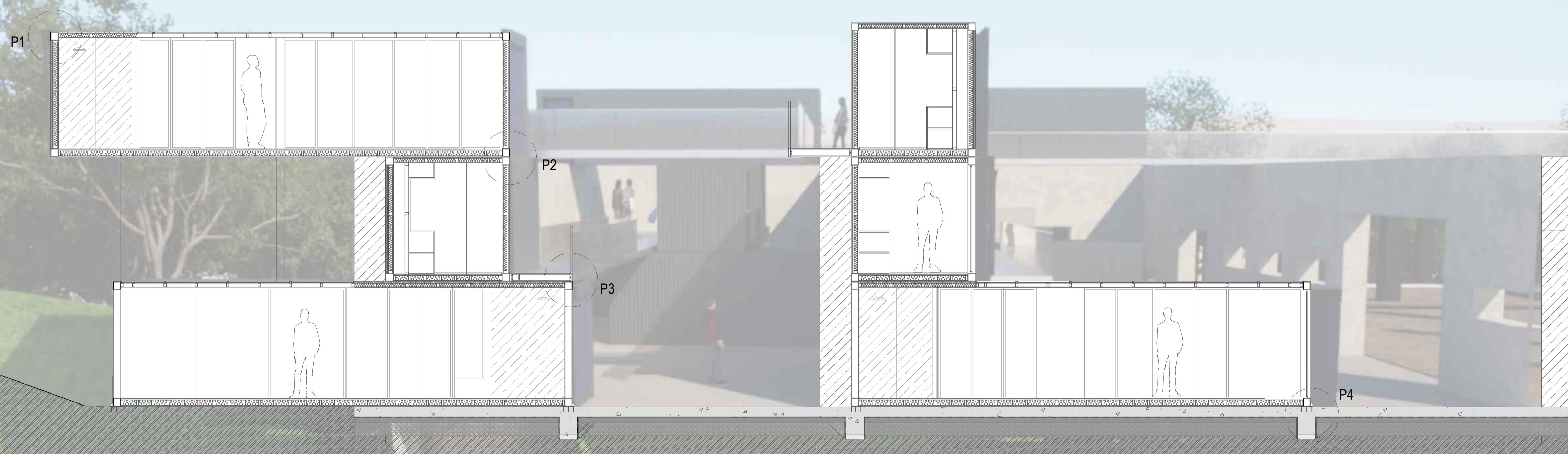
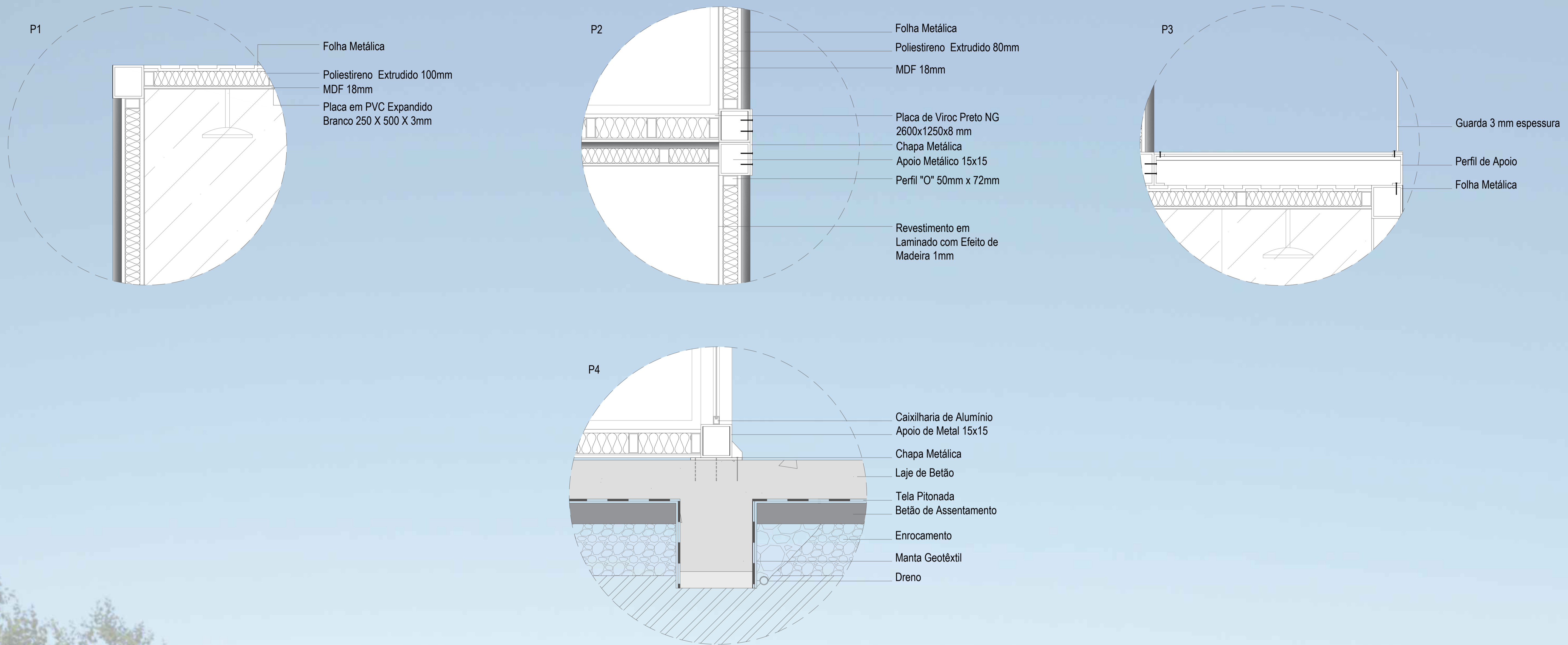


Alçados Contentor 2 | Escala 1:50



Alçados Contentor 3 | Escala 1:50





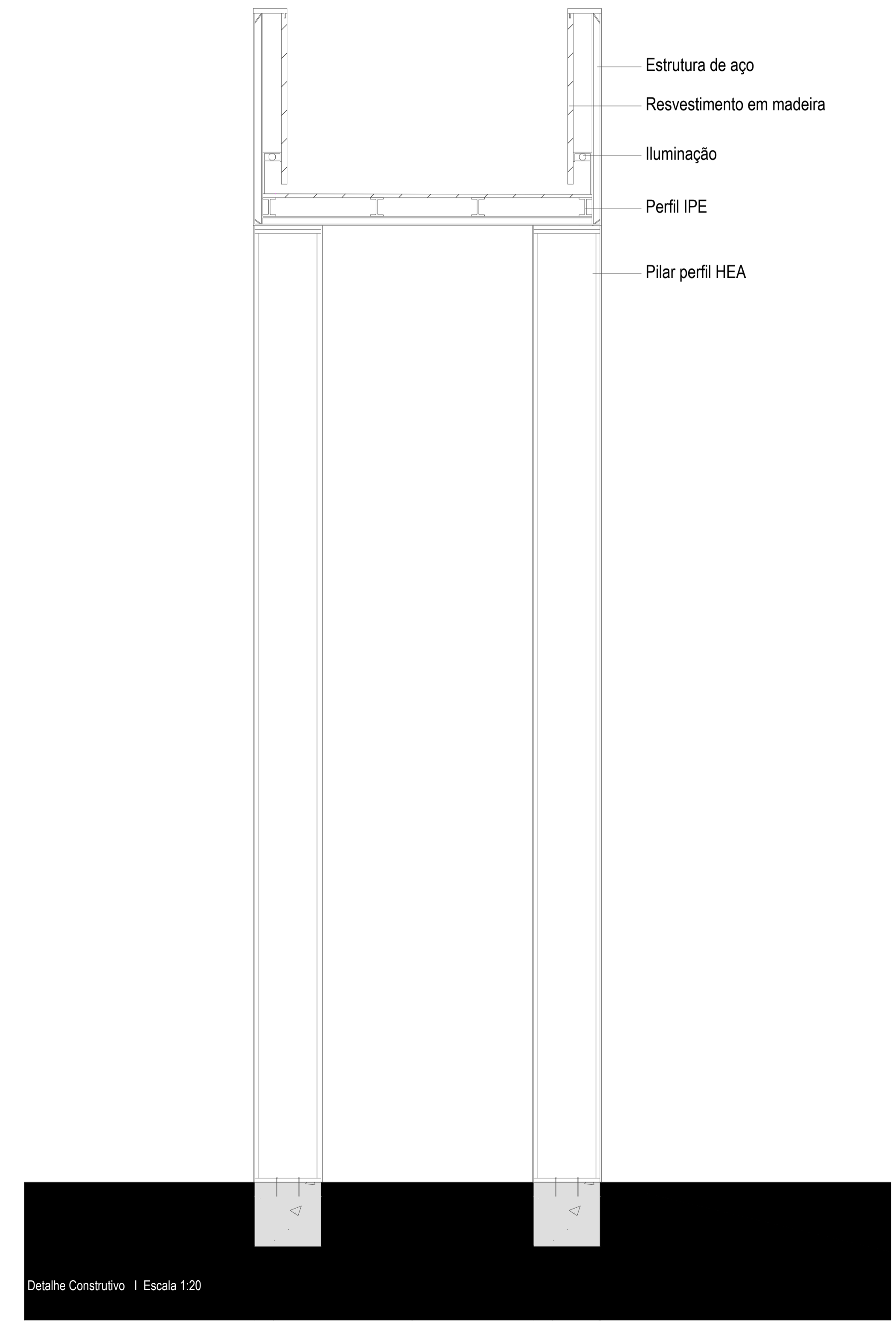
Corte Transversal | Escala 1:50 | Detalhes | Escala 1:10



Percurso Têreo - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:500



Percurso Aéreo - Levantamento do arquiteto Rui Rodrigues, 2018 | Escala 1:500



Detalhe Construtivo | Escala 1:20